

# Corpos, poderes e processos de subjetivação: discursos e práticas na cultura contemporânea

Ana Lúcia de Castro e  
Maria Inês Landa (Org.)



CULTURA  
ACADÊMICA   
*Editora*

**Corpos, poderes e processos de  
subjetivação: discursos e práticas  
na cultura contemporânea**

Ana Lúcia de Castro e Maria Inés Landa  
(Org.)

*Faculdade de Ciências e Letras, UNESP – Univ Estadual Paulista, Campus Araraquara*

Reitor: Sandro Roberto Valentini

Vice-reitor: Sergio Roberto Nobre

Diretor: Cláudio César de Paiva

Vice-diretora: Rosa Fátima de Souza Chaloba

SÉRIE TEMAS EM SOCIOLOGIA Nº 10

*Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais*

Coordenadora: Profa. Dra. Ana Lúcia de Castro

Vice-Coordenadora: Profa. Dra. Eliana Maria de Melo Souza

*Conselho Editorial do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais*

Prof. Dr. Edgar Teodoro da Cunha;

Prof. Dr. Marcelo Santos;

Profª Drª Maria Aparecida Chaves Jardim

*Pré-normalização e revisão gramatical dos textos em português*

Juan de Lima

*Revisão gramatical dos textos em espanhol*

Belisario Zalazar

*Normalização*

Biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras

*Editoração eletrônica*

Eron Pedroso Januskevictz

*Capa*

Maurício Salera

# TEMAS EM SOCIOLOGIA

CORPOS, PODERES E PROCESSOS DE  
SUBJETIVAÇÃO: DISCURSOS E PRÁTICAS  
NA CULTURA CONTEMPORÂNEA

*Ana Lúcia de Castro e Maria Inés Landa*

*(Org.)*

**CULTURA**  
**ACADÊMICA**   

---

*Editora*

Copyright © 2017 by Laboratório Editorial da FCL  
Direitos de publicação reservados a:  
Laboratório Editorial da FCL

Rod. Araraquara-Jaú, km 1  
14800-901 – Araraquara – SP  
Tel.: (16) 3334-6275

E-mail: [laboratorioeditorial@fclar.unesp.br](mailto:laboratorioeditorial@fclar.unesp.br)  
Site: <http://www.fclar.unesp.br/laboratorioeditorial>

Obra disponível em formato impresso e eletrônico  
(consultar endereço acima).

Corpos, poderes e processos de subjetivação: discursos e  
práticas na cultura contemporânea / Organizado por: Ana Lúcia de  
Castro; Maria Inés Landa. –

São Paulo, SP : Cultura Acadêmica, 2017.  
C817 302 p. ; 21 cm. – (Temas em Sociologia, 10)

ISBN 978-85-7983-855-2

I. Sociologia. 2. Sociologia -- Periódicos. 3. Ciências sociais.  
I. Castro, Ana Lúcia. II. Landa, Maria Inés. IV. Série.

CDD 301

## SUMÁRIO

Apresentação.....	7
Ana Lúcia de Castro e Maria Inés Landa	
Emprendedores/empendedoras: la vida activa y saludable en clave de género.....	11
María Inés Landa	
Géneros, cuerpos y jerarquías en la aviación comercial del siglo XX: el caso de las azafatas de la Varig en Brasil.....	35
Carolina Castellitti	
A gordura corporal como problema: uma reflexão sobre a literatura de autoajuda e os processos de subjetivação na contemporaneidade .....	55
Juliana Loureiro	
Militancia política y subjetividad juvenil, los “indeseables” del sistema. Un análisis de los procesos de subjetivación a través de la mirada de los medios de comunicación.....	77
Nancy Beatriz Schmitt	
A partir da roupa: a conexão entre corpo e consumo na constituição da imagem em redes sociais .....	101
Augusto Ferreira Dantas Júnior	
Moda e estilo como discursos: apropriações de símbolos globalizantes de moda por grupos de baixa renda .....	119
Beatriz Sumaya Malavasi Haddad e Ana Lucia de Castro	
Mostrar u ocultar: el desafío de relacionarse con otros. Una lectura de las experiencias de jóvenes que realizan actividades artísticas y deportivas en barrios populares de la ciudad de Buenos Aires.....	141
Silvia Alejandra Tapia	
O essencial é visível para os olhos: processos de construção de identidade por meio da tatuagem .....	167
Beatriz Patriota	
Descubrir cosas que una ni sabe que tiene. Micropolíticas de una experiencia de trabajo corporal con mujeres en El Barrio 31, Caba .....	187
Lucrecia Greco	

Las travesuras de La Reina .....	211
Jimena Inés Garrido e Ana Laura Reches	
Um olhar sobre a prescrição e o uso de Ritalina® por jovens no contemporâneo: articulações sobre corpo, liberdade, poder e subjetividade .....	229
Mário Pereira Borba	
Corporalidades não-hegemônicas em intersecção: a experiência da teoria <i>Crip</i> .....	253
Felipe Moreira	
Cómo enseñar <i>entre</i> prácticas: reflexión para pensar la educación del cuerpo y la construcción de subjetividad .....	271
Carolina Escudero e Daniela Yutzis	
La irrupción del cuerpo teatral .....	281
Nicolás Perrone	
Sobre os autores e organizadores .....	293

## APRESENTAÇÃO

A coletânea intitulada *Corpos, poderes e processos de subjetivação: discursos e práticas na cultura contemporânea* reúne artigos construídos a partir de diferentes abordagens metodológicas, envolvendo técnicas de pesquisa e recortes empíricos diversos e que tomam como temática central o corpo, em suas várias dimensões, enquanto objeto central de análise das ciências sociais.

Agradecemos aos autores pela disposição em compartilhar suas pesquisas e reflexões que, de modo geral, partem de uma mesma percepção: a de que presenciamos, na cultura contemporânea, a disseminação de um visão biológica, econômica e informacional da vida e do mundo, a qual ativa um processo de arraigamento de valores que, no plano simbólico, conferem prioridade às disposições corporais associadas ao sujeito produtivo e empreendedor, enquanto estigmatiza e/ou penaliza aquelas que se apresentam disfuncionais ao capital. Valores e parâmetros como eficiência, produtividade, normalidade, heteronormatividade impregnam os espaços cotidianos, físicos e virtuais, configurando a delimitação dos “outros” corpos como obesos, incapazes, improdutivos, perigosos, desviantes, anormais.

Paralelamente a este processo, se intensificam os traços de uma cultura de consumo, na qual os princípios mesmos que organizam e classificam o universo das mercadorias (sedução, volatilidade e efemeridade), penetram o tecido da vida social, contribuindo para a progressiva mercantilização da subjetividade. Testemunhamos, portanto, a encarnação de uma subjetividade empreendedora e mercantilizada, que paulatinamente vai se impondo como modelo.

Ao focar discursos e práticas construídos em torno dos corpos na cultura contemporânea, os artigos que compõem este livro apontam para questões que, tangenciando a temática central, atravessam todos os textos, tais como: relações de gênero; saúde; estética; processos de construção de identidade; circulação de elementos culturais globalizantes e o ethos empreendedor na elaboração de um projeto de ‘eu’.

A discussão de fundo colocada vem contribuir para análises que busquem situar-se em um terreno – sempre tenso e escorregadio – no qual a relação entre agente e estrutura é pensada como uma *via de mão dupla*. Os textos, no geral, reforçam uma perspectiva analítica que considera os atuais sofisticados processos de dominação e controle, sem, contudo, anular as

linhas de fugas ou brechas constituídas, ainda que provisoriamente. Neste sentido, ao propor o binômio *poder e processos de subjetivação* para pensar práticas e discursos relativos ao corpo, o livro reúne artigos que buscam articular, no plano analítico, a maneira como os sujeitos são, por um lado, constituídos por instituições, padrões e discursos que circulam hegemonicamente e, por outro, estabelecem negociações e relações conflituosas com tais padrões e discursos, na elaboração de seus processos de subjetivação, sempre instáveis, dinâmicos e relacionais.

O primeiro conjunto de textos, elaborados por Maria Inés Landa, Juliana Loureiro e Nancy B. Sshmitt, enfocam mais enfaticamente os processos de subjetivação e tomam como objeto de análise os discursos de veículos midiáticos, buscando contribuir para uma compreensão dos modos de configuração dos corpos e sujeitos que enfatize a desnaturalização dos discursos hegemônicos que incidem sobre os mesmos.

A contribuição de Landa constrói uma análise das edições argentinas das revistas *Women's Health* e *Men's Health*, na qual identifica e discute, na perspectiva das relações de gênero, a preconização de uma vida ativa e saudável como uma espécie de exigência para o sucesso na tarefa de tornar-se um(a) “empreendedor(a) de si mesmo”. Juliana Loureiro analisa o discurso sobre a gordura corporal presente na literatura de auto-ajuda difundida pelo discurso médico, enquanto Nancy B. Schmitt analisa o discurso que promove o *enquadramento* - como indesejável e perigoso - de um grupo de jovens militantes que difundem um projeto político associado ao ideário do Kichnerismo, por um semanário e um programa de televisão argentinos.

Os textos de Augusto F. Dantas Júnior e Beatriz Haddad & Ana Lúcia de Castro discutem a circulação de referências globalizantes de moda e a maneira como são localmente apropriadas e ressignificadas no Brasil contemporâneo. Abordando diferentes contextos sócio-culturais (classe média de uma capital nordestina e grupos de baixa renda moradores em um bairro na periferia da grande São Paulo, respectivamente), ambos os textos tomam a moda como uma espécie de discurso orientado para certa performance corporal e enfatizam as ressignificações deste discurso ao buscar mapear os diversos sentidos do consumo de referências de moda.

A visibilidade do corpo e suas performances é discutida no artigo de Silvia Tapia, sobre as experiências de jovens que participam de oficinas artísticas e esportivas em bairros populares em Buenos Aires (Argentina), bem como no de Beatriz Patriota Pereira, que analisa a prática da tatuagem e sua relação com os processos identitários, na cidade de São Carlos, estado de São Paulo. A mobilização de técnicas qualitativas de pesquisa, privilegiando a perspectiva dos atores em relação à problemática e/ou ao objeto em

estudo, também é realizada por Carolina Castellitti, quem analisa a relação entre gêneros, corpos e hierarquias a partir da história de vida das primeiras aeromoças que trabalharam na pioneira Varig, no Brasil;

Lucrecia Grecco e Jimena Garrido & Ana Laura Reches, por sua vez, realizam suas pesquisas mais inspiradas em uma perspectiva etnográfica, sendo a primeira pautada em trabalho de campo realizado a partir de uma proposta de trabalho corporal vivenciado por mulheres em uma vila de Buenos Aires, enquanto as autoras do segundo texto colocam em diálogo as duas etnografias por elas empreendidas, para analisar a trajetória biográfica de duas *mulheres trans* presentes na noite de Córdoba, Argentina.

Os textos de Mário Borba e Felipe Moreira trazem contribuições para o refinamento de discussões teóricas sobre os problemas de pesquisa aos quais se dedicam. O primeiro, partindo da prescrição e uso do medicamento Ritalina entre jovens, busca focar a articulação entre corpo, liberdade, poder e subjetividade. O artigo de Moreira, por sua vez, coloca em questão a ideia de normalidade, ao lançar luz às corporalidades não hegemônicas, apoiando-se na teoria *Crip*, enfatizando sua relação com a teoria *Queer*.

Por fim, os dois últimos artigos buscam situar as discussões em torno do corpo no marco de disciplinas específicas. Carolina Escudero & Daniela Yutiz, partindo da educação física, como área do saber, questionam os pressupostos epistemológicos e repertórios conceituais e técnicos supostamente necessários para uma *educação dos corpos*, enquanto Nicolás Perrone levanta questões, também de fundo epistemológico, para reflexão sobre a natureza do teatro e o lugar/papel do corpo na performatividade teatral.

Enfim, como se percebe, os textos aqui reunidos, além de colocar em pauta os diversos jogos de verdade e poder implicados nos dispositivos e agenciamentos do corpo na contemporaneidade, também lançam luz para as apropriações e ressignificações operadas pelos agentes, cotidianamente, frente a esses discursos e práticas. Esperamos, com esta coletânea, contribuir para a reflexão daqueles que se aventurarem por caminhar por esta trilha escorregadia e incerta, que busca articular a relação agência e estrutura nos interstícios da cultura contemporânea.

Ana Lúcia de Castro e Maria Inés Landa



# EMPRENDEDORES/EMPRENDEDORAS: LA VIDA ACTIVA Y SALUDABLE EN CLAVE DE GÉNERO

María Inés LANDA

## Introducción

Con la promulgación de la Constitución de la Organización Mundial de la Salud en 1946, el concepto de salud se redefine como un estado que no remite solamente a la condición de un organismo sin enfermedad, sino que supone además una experiencia de bienestar integral al que cualquier individuo debería aspirar (OMS, 2006).

La ampliación de las esferas de acción de este concepto vital para la gubernamentalidad de los Estados-Nación extiende el dominio de la salud de una esfera reactiva a otra proactiva. La esfera reactiva comprende toda acción relacionada con la cura, tratamiento y prevención de la enfermedad, mientras que la proactiva incorpora acciones, actitudes, prácticas y saberes orientados a mejorar la salud, incrementar la calidad de vida y optimizar los niveles de bienestar de una persona y población (ZIGURAS, 2005).

El componente positivo que porta el signifiante bienestar tiene un efecto directo en el modo en que el sujeto se coloca ante las vicisitudes de su propia existencia. Emerge allí, como advierte Rose (2001), un sujeto con **voluntad de salud**, y con derecho a reclamarla, que se asume libre y por ende responsable de los estilos de vida que elige.

En el marco de una creciente mundialización de los bienes culturales, circulantes por las estelas del **consumo conspicuo**, el semblante saludable deviene en una condición subjetiva rentable para los **ciudadanos biológicos** que invierten en sí mismos como capital (VEBLEN, 2006; ROSE, 2007). A través de su cuerpo, el acreedor de salud, confiesa su valor.

La encarnación de un cuerpo muscularmente tonificado, resistente, flexible y vital remite, por ende, a una gestión eficiente de sí. Los *mass media* devienen locus estratégicos para la diseminación de este cuerpo y estado idealizado. Prolifera, así, una inquietud generalizada por la propia condición de salud conjuntamente con la oferta de tecnologías de modulación somática y subjetiva orientadas a satisfacer las demandas de un público ávido

por consumir productos que optimicen sus rendimientos sanitario-estéticos o, en su defecto, enmienden los achaques físicos y mentales de su precaria existencia (LANDA, 2014).

Textos científicos, revistas de salud y fitness, novelas y series televisivas, *reality shows*, posters publicitarios, páginas web de empresas diversas y organismos sin fines de lucro se convierten en plataformas comunicativas que, a través de la propagación de imágenes espectaculares, nos recuerdan los beneficios que obtendremos si performamos esta **vida activa** (FRAGA, 2008).

No obstante, dada la centralidad que se le otorga a la asignación sexual para la conformación de sujetos-as en la cultura occidental, el cuerpo activo siempre textualiza una condición de género. En consecuencia, el presente artículo indaga cómo se presenta este cuerpo que remite a un estado idealizado de salud y bienestar, en articulación con las categorías dominantes de género y de sexo que prevalecen en nuestra actualidad.

Para ello, analiza una revista de salud – *Women's Health* y *Men's Health* –, de circulación masiva, que posee la particularidad de ofrecer un producto en versión masculina y femenina.

### **Mejorá tu vida: las revistas *Women's* y *Men's Health***

*Women's Health* y *Men's Health* son publicaciones hermanas editadas por la misma empresa, *Rodale Inc.*,<sup>1</sup> con una recepción masiva a nivel mundial.<sup>2</sup> Ambas derivan de una misma línea de producto que ofrece un cambio positivo para los individuos que se implican en la adquisición y manutención de un estilo de vida activo y saludable.

Dado el enfoque común y el grado de accesibilidad de ambas revistas, éstas ofrecen un enclave estratégico donde comparar cómo la salud, en tanto

---

<sup>1</sup> *Rodale Inc.* es una empresa líder en el área de salud y bienestar, productora de medios gráficos, digitales y visuales, con propiedades en el *e-commerce*, al alcance de millones de clientes en todo el mundo. Produce algunas de las marcas exitosas en el área de la salud y el bienestar, además de las revistas que aquí analizo. Menciono algunas a continuación: *Prevention*, *Runner's World*, *Running Times*, *Bicycling* y *Rodale's Organic Life* (RODALE, 2015).

<sup>2</sup> *Men's Health* fue inicialmente editada en Emmaus, Pennsylvania, Estados Unidos, en el año 1987. Luego se expandió al mercado internacional. Las ediciones internacionales representan más del 80% del volumen de comercio de la revista. En el presente la revista se publica en 39 países. Algunos de ellos son: Australia, Inglaterra, Brasil, China, España, Alemania, India etc. *Women's Health*, también se editó primero en Emmaus, Pennsylvania, Estados Unidos, en el año 2005. En el presente la revista se publica en 14 países. Algunos de ellos son: Argentina, Australia, Brasil, China, Alemania, India etc. (RODALE, 2015).

forma idealizada de vida que remite a una forma corporal específica, (re) produce normas de género que regulan y prescriben cómo cuidar, gestionar, presentar, transformar, embellecer y optimizar los cuerpos en función del sexo atribuido.

Si bien el público femenino constituye el *target* privilegiado de la mayoría de las revistas de salud (DOEL; SEGROT, 2003), en el caso de las revistas analizadas, *Men's Health* fue la primera en lanzarse al mercado estadounidense, en el año 1987.

Posiblemente su creación y lanzamiento respondan a una estrategia de posicionamiento por parte de *Rodale Inc.* ante su competencia; sobre todo, si tomamos en consideración que esta empresa ya comercializaba revistas del tenor de *Prevention* desde 1950 (RODALE, 2015).<sup>3</sup> *Men's Health* en ese momento se presenta como un producto distintivo cuyo contenido e información se dirige exclusivamente a fomentar y atender las demandas de un estilo de vida activo y saludable por parte de una audiencia masculina. Público, que tempranamente fue refractario al consumo de tecnologías de cuidado y embellecimiento del cuerpo. No obstante, sucumbe a los encantos de estos productos, tras la emergencia de la figura del metrosexual a fines del siglo XX, momento en que se dispara la producción y consumo masculino de cosméticos y servicios varios ofertados desde las industria del fitness y el bienestar (CESARO, 2013).<sup>4</sup>

A principios del 2005, periodo de apogeo de la revista *Men's Health*, *Rodale Inc.* lanza al mercado como su opuesto complementario la revista

---

<sup>3</sup> *Prevention* es una revista de estilo de vida saludable, lanzada al mercado por *Rodale Inc.* en Estados Unidos en el año 1950. El rango de temas que aborda incluye: nutrición, ejercicio físico, belleza y cocina. Actualmente, *Prevention* se erige en una marca líder, con diversos medios gráficos y digitales, orientados a promover una vida saludable.

<sup>4</sup> El primer número de *Men's Health* fue editado en Brasil en mayo del 2006, siendo la primer revista masculina en exponer cuerpos semidesnudos en sus tapas. Césaró (2013) menciona otras revistas masculinas orientadas hacia un público masculino *gay*, que circularon por Brasil entre 1995 y 2000, que también exhibieron cuerpos masculinos semidesnudos; pero el autor enfatiza el hecho que estas publicaciones no fueron consideradas por el mercado brasileño como masculinas. Sin embargo, Dworkin y Wachs (2009) en un estudio sobre las revistas de salud y fitness en Estados Unidos, identifican que algunas revistas enmarcadas en el dispositivo de la heterosexualidad utilizan, como estrategia para incrementar sus ventas, la exhibición de específicos cuerpos masculinos que pueden ser potencialmente atractivos para el consumo de un público *gay*. Con el término *gay vague*, Dworkin y Wachs (2009) aluden a todas aquellas imágenes que, presentadas en un espacio textualizado como heterosexual, realizan desde la ironía un guiño (a través de específicos marcadores identitarios y culturales) a aquellos potenciales consumidores que pueden identificar en ellas su impronta *homo*. Es posible que en el marco de las revistas aquí analizadas, también se utilice este recurso; cuestión que debe ser profundizada en futuros escritos.

*Women's Health*, una publicación exclusivamente dirigida a aquellas mujeres que desean estar en forma y saludables; sin embargo, cuestionan y se distancian del cuerpo estilizado y delgadísimo de las modelos-maniquí, exhibido en gran parte de las revistas femeninas de moda y estilos de vida.<sup>5</sup>

*Women's Health reaches a new generation of women who don't like the way most women's magazines make them feel.*

*Women's Health is for the woman who wants to reach a healthy, attractive weight but doesn't equate that with having thighs the size of toothpicks. We know that exercising and eating well will make you happier and stronger [...] That looking and feeling good have very little to do with cosmetics and high heels (though they can help you feel glamorous on a Saturday night).*

*Most of all, WH focuses on what you can do, right now, to improve your life* (WOMEN'S HEALTH, 2015).<sup>6</sup>

Con el mantra “*improve your life*”, enunciado en la última frase de la presentación de la revista *Women's Health* en su sitio web, *Rodale Inc.* imprime el sello de la marca donde convergen todos sus productos. El mismo se encuentra publicado en primer plano en la página de la empresa, a través del siguiente *slogan*: “*To inspire and enable people improve their lives and world around them.*” (RODALE, 2015), sobre un trasfondo donde se proyectan de forma alternada imágenes que remiten a cada uno de los productos de la compañía.

De este modo, la empresa pone en circulación una ética de la autosuperación que procura generar identificaciones en el público-meta mediante la producción de un efecto de empoderamiento en el espectador, que se activa cuando se ensambla a la creencia generalizada: “si quieres, tú puedes”.

---

<sup>5</sup> Al estilo de *Vogue*, *Glamour*, *Elle*, entre otras.

<sup>6</sup> “*Women's Health* alcanza a una nueva generación de mujeres a quienes no les gusta el modo en que la mayoría de las revistas femeninas las hace sentir. *Women's Health* es para la mujer que quiere llegar a un peso saludable y atractivo, que no equivale a tener muslos del tamaño de palillos de dientes. Sabemos que hacer ejercicio y comer bien te hará más feliz y más fuerte [...] Que verse y sentirse bien tienen muy poco que ver con el uso de cosméticos y tacones (aunque pueden ayudarte a sentirte glamorosa en un sábado por la noche). Sobre todo, *WH* se centra en lo que puedes hacer, ahora mismo, para mejorar tu vida” (WOMEN'S HEALTH, 2015, traducción propia).

*Rodale grew into the strong, positive force it is today, spreading the message 'You can do it' across the pages of numerous books and magazines, all reflecting the philosophy that people really can take charge of their own lives* (RODALE, 2015).<sup>7</sup>

Propiciar que cada quien obtenga lo mejor de sí remite al imaginario de una vida de disfrute sin límites. Autosuperarse es sobreponerse a los obstáculos del pasado y afrontar los desafíos del presente con optimismo. *Rodale Inc.* (re)produce en su discurso al gestor de sí que invierte en su vida y en su cuerpo como un empresario lo haría en relación a su propia empresa (LANDA; MARENGO, 2010). La forma subjetiva emergente de dicha operación porta en sus bases los principios del neoliberalismo y la lógica de acumulación indefinida del capital, que caracteriza a dicha racionalidad política (FOUCAULT, 2007).

Como señala Vázquez García la gubernamentalidad neoliberal, “[...] es sobre todo un gobierno por subjetivación, que se apoya en las prácticas habilitadas por los propios individuos para formarse a sí mismos como sujetos de conducta moral.” (GARCÍA, 2005, p.97).

Voluntad de salud y bienestar, en términos de Rose (2001, p.6), en la que se inscribe un modo de pensar y actuar en relación a la propia libertad, entendida como autonomía responsable.

En este sentido, las revistas, objetos de este análisis, no solo constituyen plataformas interesantes donde analizar cómo se hace género en el discurso de la salud y de la vida activa, sino que también se ofrecen como materiales estratégicos donde indagar los procesos de diferenciación sexual y de género que atraviesan a la configuración de una subjetividad emprendedora y al cuerpo que la representa.

## **Del corpus**

El presente análisis es resultado de la revisión de 17 revistas: 8 *Men's Health* y 9 *Women's Health*, editadas durante los años 2008 y 2009 respectivamente. La selección de las ediciones fue intencional y los años escogidos son aquellos que tenía completos en mi colección particular.<sup>8</sup> La única

---

<sup>7</sup> “Rodale se convirtió en la fuerza fuerte y positiva que es hoy en día, difundiendo el mensaje “Puedes hacerlo” a través de las páginas de numerosos libros y revistas, todos reflejando la filosofía que la gente realmente puede hacerse cargo de sus propias vidas” (RODALE, 2015, traducción propia).

<sup>8</sup> Tanto *Men's Health* como *Women's Health* tiene una circulación mensual.

decisión respecto de la conformación del *corpus* a destacar es que todas las revistas que lo componen fueron adquiridas en Argentina.

El interés por investigar, desde una perspectiva de género el modelo de cuerpo activo y saludable puesto en circulación por estos dispositivos gráficos en el contexto específico de mi país, se debe a que en la revisión de antecedentes advertí una notable ausencia de estudios locales sobre estas revistas.<sup>9</sup>

Si bien estas publicaciones presentan una marcada uniformidad, tanto en su formato como en el contenido, resulta inevitable preguntarse por las especificidades que las mismas pueden llegar a presentar según la región en la que se encuentran ofertadas.

### **El contexto de la oferta de las revistas *Men's y Women's Health* en Argentina**

En Argentina la revista *Men's Health* se oferta como una edición dirigida a la comunidad de habla castellana,<sup>10</sup> mientras la revista *Women's Health* produce una edición específica para el público femenino argentino.<sup>11</sup> Mientras que la versión masculina de la publicación posiblemente haya ingresado a Buenos Aires en el año 1993, el primer número de la versión local femenina se editó en el año 2008.<sup>12</sup> Es decir, ambas publicaciones emergen en la escena local en contextos políticos e históricos diferentes. No obstante, su público se encuentra influenciado, hipotetizo, por los efectos simbólicos y materiales de los 10 años que en nuestro país duró el Plan de Convertibilidad (1991-2001) desarrollado e implementado durante la presidencia de Carlos Saúl Menem.

Dicho modelo de acumulación se estructuró en torno al desmantelamiento de la matriz social del Estado por medio de la aplicación de políticas de descolectivización de distintas esferas de la sociedad; un tramo de la

---

<sup>9</sup> Los estudios revisados analizan las ediciones norteamericanas (STIBBE, 2004; RUBIO-HERNÁNDEZ, 2010; BAZZINI et al., 2015) y brasileñas de estas revistas (CESARO, 2013).

<sup>10</sup> En las tapas de las revistas analizadas se enuncia que éstas se encuentran también a la venta en: Chile, Argentina, Paraguay, Uruguay y Bolivia.

<sup>11</sup> En la tapa de la revista *Women's Health Argentina* se enuncia que ésta también se ofrece en Uruguay.

<sup>12</sup> La indagación sobre la historia de estas revistas en Argentina se encuentra en curso. Los datos sobre *Women's Health Argentina* los obtuve del blog de la revista, disponible en: <<http://revistawh.blogspot.com.br/2010/01/whargentina-pagina-oficial-de-womens.html>>. Acceso en: 25 nov. 2016.

historia argentina que Maristella Svampa identificó como de **modernidad excluyente**:

La modernidad excluyente fue adoptando formas territoriales cada vez más radicales, ilustradas de manera emblemática por el proceso de autosegregación de las clases medias superiores, a través de las expansiones de las urbanizaciones privadas (countries, barrios privados), así como por la segregación obligada de un amplio contingente de excluidos del modelo, reflejada en la multiplicación de villas de emergencias y los asentamientos. (SVAMPA, 2005, p.49).

Procesos de segmentación social estratificaron a la población en polos opuestos: por un lado, la necesidad de exacerbar e intensificar la vida activa y el bienestar; por el otro, la minimización de los mismos al extremo de generar segregación urbana y autoeliminación (SVAMPA, 2005).

Por su parte, Patricia Aguirre (2004), en sus investigaciones sobre las políticas de seguridad alimentaria en dicho período de la historia argentina, muestra una marcada polarización entre las clases medias-altas y altas y la de los excluidos del modelo económico, que acrecientan marcadamente su proporción.

Economía y cultura se entrelazan, de este modo, en el escenario argentino haciendo prevalecer determinadas visiones de mundo, mientras subsumen en la opacidad de lo inmirable las tramas simbólicas y materiales de los abandonados por el Estado. En dicha coyuntura política, los ideales del sector **medio-innovador** y **alto** signaron el curso de las representaciones legitimadas/legitimantes (AGUIRRE, 2004).

Esta plataforma cultural influyó positivamente en la creación y desarrollo de un sector comercial tendiente a satisfacer las necesidades y exigencias de una porción minoritaria y pudiente de la población, ávida por consumir un estilo de vida sano, activo y otras *commodities* vinculadas con la producción de una belleza “natural”.

A partir de los estudios de Aguirre (2004) sabemos que las siguientes representaciones caracterizaron las visiones de los sectores medios y altos argentinos en relación con la salud, la belleza y la forma/función corporal:

Las dos enfermedades que constituyen el fantasma de los varones trabajadores, adultos de este sector son el stress y el accidente cardiovascular (ACV) ambas relacionadas con la intensa actividad laboral. Para proteger y conservar la salud en un mundo exigente de trabajo sin piedad para conseguir ingresos suficientes para gozar de la vida, la

comida se toma en su definición hipocrática (“de tus alimentos harás una medicina”), se ve como una herramienta para conseguir prevenir las enfermedades que impidan trabajar y un medio de obtener belleza. Ambas cosas se logran -en el ideario de este sector- estando delgados. Para lograr ese cuerpo delgado y sano se lo educa, se lo trabaja con ejercicios y con dietas que implican invertir energía, voluntad, tiempo y dinero. Esta inversión de voluntad para dominarse hace que el proceso sea visto como un valor moral, pero como sus beneficios se ven en el tiempo, se deben transformar en regímenes de vida. [...]

Mientras las mujeres de los sectores medios son conscientes del valor de mercado de la belleza (la “buena presencia” de los avisos de empleo) y están dispuestas a invertir dinero, energía y tiempo en lograrla sin estar seguras nunca de alcanzarla, las mujeres de los sectores de ingresos altos se saben “con estilo”. Obtienen de su cuerpo una doble seguridad: creen en el valor de la belleza y en el esfuerzo por embellecerse asociando así el valor estético al valor moral. Se sienten superiores por su “naturalidad” y por el arte puesto en hacer resaltar sus virtudes y borrar sus defectos. La belleza es doble: “una gracia” de la naturaleza y “un mérito” que se opone a la fealdad de la gordura tanto como al abandono y la dejadez, ambos identificados con la pobreza (AGUIRRE, 2004, p.25-26, nuestros resaltes).

Las empresas argentinas y multinacionales del rubro de la salud, belleza y bienestar, entre ellas las que producen las revistas *Men's* y *Women's Health*, identifican en este público afinidad por el consumo de una forma corporal que se convierte en parámetro de valoración de la (**buena** o **mala**) gestión que la persona realiza sobre su propia vida; la cual tiene efecto en su salud, en su trabajo y en la presentación de sí en el mercado de lo social.

Dicha forma corporal se adquiere mediante la práctica de un específico estilo de vida que involucra una serie de cuidados y rutinas diarias, entre ellas, una alimentación equilibrada y la práctica regular de actividad física.

## Saludablemente bellos y bellas

Figura 1 – Tapas de la revista *Men's Health* y *Women's Health*.



Fonte: *Men's Health* (2008) y *Women's Health* (2008).

Si atendemos a las imágenes de los cuerpos atléticos, y muscularmente definidos, que se exhiben en las tapas de las revistas *Men's* y *Women's Health*, vemos que éstas se inscriben en un orden simbólico regido por la heterosexualidad normativa que demanda, a la vez que posibilita, el establecimiento **nítido y seguro** del sistema binario de sexo-género; esto es, la reducción de la sexualidad a las categorías de hombre *versus* mujer o en definitiva hombre frente a todo lo que no es **suficientemente** hombre (TORRAS, 2007).<sup>13</sup>

En consecuencia, el significante salud, en el orden discursivo ofrecido por estas revistas, responde, también, a las convenciones establecidas por el dispositivo heteronormativo, el cual in-forma que un cuerpo musculoso, fornido y fuerte es signo de salud para el hombre, mientras que un cuerpo

<sup>13</sup> Las revistas presentan una gramática binaria de oposición y complementariedad, donde se jerarquiza una de las categorías del par, por ejemplo Hombre/mujer. De modo que una de las dos categorías – la hegemónica – se establece como monolítica y se garantiza pura a costa de la otra que aglutina y condensa lo múltiple, lo contaminado, lo amenazador. A través de sus páginas desfilan pares - como hombre/ mujer, heterosexual/homosexual, sano/enfermo, fuerte/débil, magro/graso, delgado/gordo, bello/feo, blanco/negro-latino-oriental, etc.- que se construyen como un afuera desde el adentro y son, por tanto, un reverso del propio miedo a la impureza que constituye traza la categoría dominante (TORRAS, 2007). Si bien cada *par* es susceptible de ser deconstruido, aquí solo tomo en cuenta el par hombre/mujer.

estilizado, armónico y delgado es signo de salud y belleza para la mujer (BAZZINI et al., 2015).

Entwistle (2002), en su libro sobre el cuerpo y la moda, advierte que algunos de los primeros emprendimientos intelectuales que se propusieron reflexionar en torno al cuerpo y la sociedad han obviado (posiblemente debido al efecto ilusionista del cuerpo natural en el pensamiento occidental) que lo cultural, en tanto entorno eminentemente **humano**, supone –como evento distintivo del ambiente **animal**– la oposición del **cuerpo desnudo** a la (con)figuración de un **cuerpo vestido**. En este sentido, “El desnudo nunca está desnudo sino ‘vestido’ con las convenciones contemporáneas del vestir. [...] Las convenciones del vestir pretenden transformar la carne en algo reconocible y significativo para una cultura.” (ENTWISTLE, 2002, p. 21-22).

Por lo tanto, con Entwistle (2002), se puede afirmar que los torsos desnudos que exhiben las revistas narran en su musculatura, forma y figura la adhesión y distinción con alguna convención cultural del vestir. Es decir, que los cuerpos se cubren de vestidos carnales que pueden ser producidos, corregidos, transformados y *aggiornados* en función del gusto y apetencia de los diversos agentes y grupos en disputa en cada **campo cultural**, así como según el sistema sexo-género dominante en el **espacio social** (BOURDIEU, 1993).

Bourdieu ha desarrollado una vasta producción intelectual donde destaca que las específicas propiedades corporales y categorías de percepción son producto de intensas batallas culturales en las que los agentes ponen en juego sus respectivos capitales (económicos, sociales, simbólicos etc.). Ello acontece en el marco de relaciones asimétricas de poder, con el objeto de imponer los modos legítimos de enunciar, representar y simbolizar aquello que denominamos cuerpo (BOURDIEU, 1986, 1991, 1999).

Respecto del caso particular de las revistas que analizo, Stibbe (2004) ya identificó que éstas se orientan hacia un público que se identifica como masculino o femenino, perteneciente a un estrato social medio-alto/alto y cuyo nivel educativo también se presume medio y alto.<sup>14</sup> En relación con las revistas puestas en circulación en el escenario local, los datos proporcionados por el estudio de Aguirre (2004) posibilita anticipar cierta correspondencia entre éstas y los/las gustos, creencias y representaciones que posee, en torno al cuerpo, el sector medio/alto argentino.<sup>15</sup>

---

<sup>14</sup> Stibbe (2004) solo analiza el sector masculino, no obstante puede hacerse extensivo al grupo femenino.

<sup>15</sup> Los intereses de esta clase por ascender en la escala social, progresar, aumentar su capacidad de consumo y mantener un estilo de vida activo y saludable, perfilan sus afinidades

Por otra parte, los estereotipos corporales que exhiben las tapas de estas revistas, marcan de modo masculino o femenino, al cuerpo saludable y en forma, atribuyéndole específicas características físicas e identitarias al cuerpo del hombre en relación con el de la mujer.

En este sentido, como sucede con otros contenidos mediáticos, las revistas en cuestión devienen quitar actualmente en **tecnologías de género**, que, sobre la base de una concepción orgánica y naturalizante del cuerpo, regulan las formas legítimas y válidas de ser y a/parecer hombre o mujer, según lo establecen los parámetros normalizantes de la sexualidad moderna (DE LAURETIS, 1996).

Así, el *Varón* (en calidad de ficción masculina) se representa a través de la figura del emprendedor y deportista, con participación en la esfera de lo público y lo político, que seduce a sus **féminas** apelando a la fortaleza, virilidad y potencia sexual encarnadas en su cuerpo atlético. Como contraparte, la **mujer**, saludable y en forma, madre y fémina, aparece como un sujeto activo en la esfera social, productiva y autónoma, con una elevada autoestima y bienestar; cuya interioridad se vuelca al exterior bajo la forma de una belleza erótica y rentable, que atrae a los pretendientes masculinos, entre los cuales se halla su **compañero ideal**.

## El cuerpo activo en clave de género

El modelo prescripto para uno y otro sexo difiere sustantivamente. El cuerpo activo masculino toma los abdominales y el torso como blanco de una inclemente vigilancia. La preocupación por cierto volumen y definición muscular y por el rendimiento sexual (considerados como símbolos de éxito social) cobran preeminencia en las narrativas de *Men's Health Magazine*. De esta manera se traza un horizonte subjetivo **viril** que encuentra materialidad en la imagen de un cuerpo muscularmente tonificado, emparentado más con la ética de transformación del fisicoculturismo<sup>16</sup> que con el modelo corporal holístico abrazado recientemente por las nuevas tendencias del

---

en relación a la posesión de un cuerpo que dé cuenta de su adhesión a dicho orden simbólico. Según Smith Maguire (2008), que sigue en esto a Bourdieu, son las actitudes, las ocupaciones, los intereses y las necesidades de las distintas clases sociales sobre las formas de capital económico, cultural y social lo que define las expectativas de los agentes en relación al cuerpo y sus usos.

<sup>16</sup> Cabe recordar que la figura colosal y la búsqueda asintótica de una corpulencia muscularmente voluminosa, característica de la ética de producción corporal del fisicoculturismo (con sus matices), contrasta en un sentido negativo con la valorización de una estética armónica y equilibrada dominante en la cultura *fitness* y del *wellness*, respectivamente (LANDA, 2011).

*wellness* (SOINTU, 2005). Los siguientes fragmentos extraídos de dicha revista son ilustrativos al respecto:

**Figura 2** – Fotografía exhibida en el artículo “El Trío Ganador” de la Revista *Men’s Health* (11/2008).



**Fonte:** Rallo (2008, p.52).

La opinión general dicta ‘sobre gustos no hay nada escrito’. Pues eso va a cambiar. Hemos consultado encuestas, foros y estudios psicológicos. Y lo más importante, le hemos preguntado a nuestras novias, amigas y hermanas. Con toda esa información a mano, hemos descubierto que las preferencias de las mujeres en cuanto a físico masculino se refiere, son muy claras: el trío formado por hombros poderosos, abdominales marcados y glúteos definidos en una jugada ganadora.

Por otro lado, la relación entre el aspecto físico y la autoestima (la cual influye directamente en nuestro comportamiento), es investigada desde hace tiempo por los psicólogos, quienes han extraído una conclusión significativa: cuanto mejor aspecto se tiene, mejor se siente uno.

En otras palabras, las personas consideradas atractivas tienen una autoestima alta, son más seguras, más decididas, y resueltas en sus acciones. Características todas ellas consideradas como atributos de masculinidad. Asimismo, las personas atractivas consiguen trabajo con mucha más facilidad, reciben ascensos con más frecuencia y raramente son despididos. Reciben más ayuda espontánea de extraños (pero son menos

reclamados para ofrecerla, por lo tanto, viven más tranquilos), resultan más simpáticos y, seguro que el siguiente dato no sorprende a nadie, ligan más a menudo y, claro, practican más sexo (RALLO, 2008, p.53).

Buena presencia, proactividad, éxito laboral-social-sexual, autoestima y cierta dosis de individualismo parecieran ser las propiedades recurrentes asociadas al sujeto masculino en estas narrativas; su cercanía con los principios valorativos identificados por Aguirre (2004) en los varones del sector medio/alto no deja de ser revelador. Todo ello se asocia al repetido, hasta el hartazgo, torso esculpido y musculatura gradualmente voluminosa.

Pasemos ahora, a la representación del cuerpo femenino que producen y ponen en circulación estas revistas. Complementario y constitutivo de los atributos corporales signados por la figura hegemónica del *Varón*, la forma femenina se distancia de un proyecto de transformación en procura de volumen y definición muscular. Si bien cierta tonicidad y firmeza son propiedades corporales valoradas en el ideario femenino de estas revistas, éstas no deben transgredir la fisonomía de un cuerpo estilizado, delgado, de contornos curvilíneos, todos atributos asociados, tradicionalmente, al estereotipo de belleza femenina moderno.<sup>17</sup> Lo sensual, lo erótico, lo **sexy** se inscriben, desde esta perspectiva activa y saludable, en un modelo de cuerpo equilibradamente delgado, **ágil**, dinámico, **flexible**, **vital**, de cuyo semblante emana una aureola de **bienestar** proveniente de una **energía interior** cuasi divina.<sup>18</sup>

---

<sup>17</sup> Respecto de transgresiones al estereotipo, un caso típico es el de las mujeres fisicoculturistas. Al respecto ver el trabajo de Ferrús (2007).

<sup>18</sup> A pesar de esto, cabe advertir, siguiendo a Mc Robbie (1998), que las revistas femeninas a partir de mediados de los ochenta sufren una serie de transformaciones. Según argumenta la autora, éstas ya no son tan previsibles: la versión más firme de femineidad –con sus argumentos románticos, sus lecciones sobre el arte de la seducción y sobre cómo no perder el hombre amado– se ha desvanecido. En la actualidad estas revistas se configuran como un espacio placentero dentro del cual el sujeto femenino está produciéndose activamente, a la vez que es descrito y se le entretiene. El empleo de la ironía, del humor y la supuesta falta de inocencia y de ingenuidad por parte de las lectoras implica que las identidades sexuales construidas en estas publicaciones han devenido más conscientes respecto de las relaciones de poder para con la figura del *Varón*. Según desarrolla Mc Robbie (1998, p.293), estos desplazamientos se gestan desde distintos marcos interpretativos: “Uno se basa en la necesidad de información, indicando de algún modo que las feministas también han hecho que el conocimiento signifique poder. El segundo discurso, que es muy visible en esta nueva sexualidad, surge de los debates públicos sobre el sexo seguro como respuesta al SIDA, y el tercer elemento discursivo que se introduce en este campo es más comercial, incluso, *voyeurista*, y se basa en la idea de que el sexo vende y que las mujeres desean tanto material de fantasía en las revistas como los varones”. Las características descriptas por la autora se han hecho también presentes en la revista *Women’s Health*. Sin embargo,

**Figura 3 e 4** – Fotografía exhibida en la sección “Conquistá el 2009”; Fotografía exhibida en el artículo “Yoga Hot: las mejores posturas para duplicar tu placer” de la Revista *Women’s Health*.



**Fonte:** (PLAN FITNESS..., 2009, p.72) y Lagomarsino (2009, p.56).

Plan Fitness WH: Último modelo:

¿Querés tildar ‘lograr un cuerpo super sexy’ en tu lista de objetivos anuales? Según los expertos en salud y Fitness, hay tres puntos que debes tener en cuenta para alcanzar esa meta. En primer lugar, corregir tu postura encorvada: pararte derecha te estiliza casi instantáneamente. En segundo lugar, es imprescindible que elimines la grasa acumulada en la zona de tu abdomen: no solo por el hecho de verte diosa, sino también porque es beneficioso para tu salud. Finalmente, debes evitar el ritmo de vida sedentaria, producto de estar todo el día sentada frente a la computadora, de tomar un taxi para ir al trabajo o de moverte solamente en la cama. Sabemos que te gustan los desafíos. Por eso, en *Women’s Health* diseñamos este novedoso programa de Fitness basado en objetivos concretos. Seguilo durante tres meses y vas per-

---

a diferencia de lo que interpreta Mc Robbie (1998), mi sensación es que más allá de la gestación de un progreso en relación a una liberación del sujeto femenino en el marco de estos discursos, la aparente generación de nuevas libertades en la narrativa de estas revistas evidencia, principalmente, la emergencia de nuevos y más efectivos dispositivos de control y subjetificación, conforme a las nuevas constelaciones y contestaciones del poder capitalista contemporáneo (LANDA, 2011).

der peso, tonificar músculos, evitar estrés y aumentar energía (PLAN FITNESS..., 2009, p.75).

En relación a la práctica sexual, a diferencia de lo que sucedía con las prescripciones orientadas a la figura varonil, el enfoque femenino coloca el énfasis en una sexualidad saludable, que debe ser descubierta por la lectora a partir de ejercicios de autoestimulación y reconocimiento de los propios centros de placer.

Yoga-Hot: Las mejores posturas para duplicar tu placer: “[...] Enterate: podrías tener un mejor sexo si fueras una mujer más distendida. Entrar en calor con yoga te va a ayudar a construir un cuerpo fuerte, ágil y flexible, lo que se traduce en mucha más acción entre sábanas...” (LAGOMARSINO, 2009, p.56).

A los fines del análisis, se hace necesario resaltar la correspondencia que presentan los valores en torno al cuerpo que se describen en el discurso de estas revistas para mujeres, y el estilo de vida (y forma corporal) al que aspira el sector femenino perteneciente al grupo social medio/alto, expuesto en detalle en la investigación de Aguirre (2004).

## Hombre *versus* mujer: el tamaño importa

Figura 5 – Tapa de la Revista *Men's Health*



Fonte: Men's Health (2009).

En las escenas en las que ambos géneros aparecen juntos, principalmente en las portadas de *Men's Health*,<sup>19</sup> el *Varón*, respetando a rajatabla el guión sexo-género normativo, se ubica delante de la mujer como protagonista de la narrativa. Por consiguiente, la mujer aparece como dócil, sumisa, aniñada, una sombra de la figura masculina, adoptando de este modo una posición subalterna.

El tamaño corporal no es un indicador menor de la asimetría referida. El *Varón* cobra una actitud de fortaleza y protección ante su **fémima**, exhibiendo de esta manera su superioridad física y sexual. Cabe destacar que los cuerpos de ambos convocan la mirada del espectador, estando apenas cubiertos por un short largo, en el caso del modelo masculino, y por un bikini la modelo femenina.<sup>20</sup> El abdomen y torso musculoso al desnudo del varón y la figura equilibradamente armónica y estilizada de la modelo femenina continúan como recurrencia delimitando el cuerpo *straight* (hétero), según lúcidamente lo ha nominado Beatriz Preciado (2003, p.19):

*Le corps straight est le produit d'une division du travail de la chair selon laquelle chaque organe est défini par sa fonction. Une sexualité quelconque implique toujours une territorialisation précise de la bouche, du vagin, de l'anus. C'est ainsi que la pensée straight assure le lien structurel entre la production de l'identité de genre et la production de certains organes comme organes sexuels et reproducteurs. Capitalisme sexuel et sexe du capitalisme. Le sexe du vivant s'avère être un enjeu central de la politique et de la gouvernementalité.*<sup>21</sup>

---

<sup>19</sup> No se han encontrado en las revistas de *Women's Health* casos de portadas que aparezcan modelos masculino y femenino en interacción.

<sup>20</sup> Cabe destacar que la sonrisa es otra regularidad de la estereotipada representación de estos personajes. La imagen del bienestar, de la salud, de la felicidad, supone un semblante vivaz, enérgico, que se expresa casi siempre con una gestualidad sonriente. Asimismo, el hombre exhibe en su totalidad el torso desnudo, mientras que el cuerpo de la mujer se exhibe cubierto por un bikini o una vestimenta que cubra la parte superior (el busto) y la parte inferior (zona pélvica) de su cuerpo.

<sup>21</sup> "El cuerpo hetero (*straight*) es el producto de una división del trabajo de la carne según la cual cada órgano es definido por su función. Toda sexualidad implica siempre una territorialización precisa de la boca, de la vagina, del ano. De este modo, el pensamiento heterocentrado asegura el vínculo estructural entre la producción de la identidad de género y la producción de ciertos órganos como órganos sexuales y reproductores. Capitalismo sexual y sexo del capitalismo. El sexo del ser vivo se convierte en un objeto central de la política y de la gobernabilidad". Versión en castellano: Preciado (2003), traducción el bollo loco (pseudónimo que aparece en la traducción original), disponible en: <<http://www.hartza.com/anormales.htm>>. Acceso en: 28 nov. 2016.

Si bien lo que presenciamos en estas revistas son **hiperritualizaciones** de interacciones estereotipadas que suceden en la escena social, el acto de posar para la publicidad implica invariablemente una titularidad de sexo haciendo las modelos de personajes femeninos y los varones de personajes masculinos (GOFFMAN, 1991). De ello se sigue que toda explicación sobre el sexo en la publicidad termina por llegar al punto en que, en cierto sentido, modelo y personaje no son más que uno.

Del mismo modo, y siguiendo con las argumentaciones goffmanianas, estas imágenes y narrativas ritualizan ideales sociales que no hacen sino **convencionalizar convenciones** circulantes en el imaginario social (GOFFMAN, 1991, p. 168). Los cuerpos perfectibles, gestionables y maleables que en estas figuraciones se escriben, sean ya masculinos o femeninos, operan a modo de utopías somáticas que difieren hacia el infinito su concreción. Estas ficciones, no obstante, son eficaces: algunos concurren hacia ellas, pero casi todos –es decir, millones de personas de diferentes etnias, clases, edades, afinidades políticas, identidades y orientaciones sexuales– nos encontramos expuestos a ellas. En este sentido, urge problematizar estas narrativas, en tanto que aluden a pseudo-originales que, a pesar de su respectiva fragmentación, insisten con soluciones únicas, de pretensiones universalizantes/normalizantes y concebidas como esencialmente naturales.<sup>22</sup>

Asimismo, los personajes analizados evocan la precursora descripción que realizan Boltanski y Chiapello (2002) sobre el sujeto del liderazgo. En sus análisis sobre el espíritu del nuevo capitalismo, estos autores identifican como requisito para sobrevivir en (y a) una sociedad en red, que el sujeto se muestre flexible, adaptable, proveyéndose a sí mismo un “estado” de disponibilidad indefinida para la generación de nuevas conexiones. En otras palabras, un sujeto en estado de continua performatización.

Posiblemente, en la demanda de un estado de disponibilidad performativa constante reside la insistente invitación por parte de estas narrativas a practicar e implementar diversas estrategias de gestión de sí que permitan a los sujetos dosificar y administrar las propias energías vitales. Las tecnologías corporales, así como las de género, puestas en circulación a través de estas publicaciones, se articulan a dicha programática a modo de **interfaz** que alecciona a los y las bioc Ciudadanos/as a surfear de modo

---

<sup>22</sup> En el sentido que Butler confiere al género en sus propuestas teóricas, y que Torrás (2007, p.26) explica del siguiente modo: “Si tuviera que dar una imagen para entender cómo se concibe el género desde las propuestas teóricas de Butler recurriría a la de una fotocopia sin original, la repetición por anticipación de algo que creemos interior, esencial y natural pero que constituye un efecto del discurso y del lenguaje”.

eficiente, a través de prácticas de autogestión, por las diversas esferas de la vertiginosa vida urbana.

## A modo de conclusión

Las revistas *Women's* y *Men's Health* cobran fuerza en el marco de una sociedad que glorifica una actitud proactiva en relación al cuidado y cultivo de la propia salud. Actitud y estado que se pondera repercutirá positivamente en el conjunto social y global.

No obstante, dicho estado de salud, en las revistas analizadas, se encuentra directamente asociado a la apariencia de un cuerpo y sujeto específico, que no deja de presentar sus contradicciones y problemas.

Si atendemos a las imágenes que se exhiben en las tapas de estas revistas, vemos que la figuración de un hombre saludable se representa con la imagen de un cuerpo esculpido cuyo/a desarrollo y definición muscular no dejan de ser notables. Por otra parte, dicho estado en la mujer se representa a través de un cuerpo integralmente tonificado, estilizado, armónico y delgado, más pequeño que su opuesto.

El tamaño corporal es un indicador histórico de las asimetrías que despliega el dispositivo de la **heteronormatividad compulsoria** en las relaciones sociales entre los géneros (RICH, 1996). La diferencia de tamaños entre los cuerpos de hombres y mujeres exhibidos en las diferentes secciones de la revista muestra el carácter dominante que asume el sistema sexo-género hegemónico en el marco de estas publicaciones. La fusión del significante salud con la reproducción de estrechos ideales de cuerpos generizados opera demarcando cómo deben presentarse los cuerpos según su sexo biológico. Ser hombre y ser mujer, en el marco de estas textualidades, pareciera significar en principio, tener un cuerpo determinado, que reproduce la brecha muscular legítima trazada entre ambos sexos (TORRAS, 2007).

Asimismo, la heterosexualidad normativa se hace presente en los distintivos mensajes que las respectivas revistas ofrecen a sus enunciatarios/as en relación con sus sexualidades. Así, mientras que al lector se le habla de trucos y recetas para aumentar su rendimiento sexual, entendido como la habilidad para conquistar, satisfacer y controlar a la mujer deseada y/o elegida. El principal mensaje que ésta le ofrece a su lectora sobre su sexualidad es de la autoestima; esto es que para disfrutar de la relación sexual con su compañero, la lectora debe emprender un camino de (auto)conocimiento y exploración de sus partes íntimas y puntos de placer, que redundará en la confianza que necesita para performar como una amante excelsa ante su compañero. En el despliegue de una gramática binaria, asentada en el par

hombre/mujer, ambas revistas presuponen, por defecto, un/a consumidor/a heterosexual.

No obstante, aun cuando la matriz sexo-genérica no cesa de operar sobre los cuerpos que exhiben estas revistas; también, se advierten convergencias en los dispositivos que modelan los cuerpos de aquello-as que se identifican como saludablemente bellos y bellas.

La objetualización de los personajes masculinos y femeninos, es un primera confluencia a destacar; por ejemplo, en las tomas fotográficas del cuerpo y rostro, en las poses de los/las modelos y en la estridencia de sus sonrisas. Así, la sonrisa femenina interpela a su espectador desde la fragilidad, la simpatía y la seducción, mientras que la sonrisa masculina ostenta poder sexual, status, éxito laboral y bienestar.

En segundo lugar, la oferta de productos cosméticos, así como de embellecimiento corporal, mercado tradicionalmente orientado hacia un público femenino, extiende su ofrecimiento también hacia el público masculino, masculinizando sus productos al conectarlos con la imagen de deportistas reconocidos y actores del mundo del espectáculo.

Por último, el significante **grasa** se presenta para ambos sexos como una amenaza que atenta contra la vida saludable y la apariencia óptima. La multiplicidad de notas, planes de ejercicios y dietas que abundan en cada de uno de los números de estas revistas se ofrecen como solución y recurso para impedir que la nociva materia humana se acumule y se haga visible en los cuerpos de sus lectores.

El hombre confiesa su transgresión al orden moral de lo sano y lo bello a través del tamaño, forma, tono y definición muscular de su abdomen, entre otras partes del cuerpo masculino. Por ello, la obsesión que las revistas suscitan en relación a los abdominales marcados, representantes por antonomasia de los atributos de masculinidad y fortaleza, los cuales solo pueden apreciarse si se exorciza todo resto de esta materia impura. Las dietas y los ejercicios para eliminar la grasa del cuerpo, por ende, se masculinizan, poniendo el énfasis más que en la pérdida de peso, en la ganancia y definición muscular.

Para la mujer, en cambio, el escrutinio del cuerpo es global. El tamaño y el peso corporal hacen visibles a la mirada social sus hábitos cotidianos, así como sus desobediencias a las prescripciones del estilo de vida activo y saludable. Las revistas instan a sus lectoras a acelerar el metabolismo, a través de una rutina sistemática de ejercicios y dietas espartanas. Solo así, aclaman sus páginas, podrán sus enunciatarias bajar de peso, quemar grasa y alcanzar el ideal estético, del cuerpo delgado, tonificado y sin celulitis.

La vara moral que regula la mirada social se organiza en torno al mandato normativo neoliberal que insta a responsabilizarse por la propia salud

y bienestar. Su in/cumplimiento se evidencia por medio de la (propia) presentación personal (GOFFMAN, 1989). Una vigilancia sanitario-terapéutica ha impregnado las esferas vitales de nuestra contemporaneidad y, en este sentido, las publicaciones analizadas, no han hecho sino potenciar, para el propio beneficio, dicho régimen espe(cta)cular.

El hombre y la mujer, al que dirigen sus prescripciones, devienen sujetos activos y responsables de las elecciones que realizan en relación con su vida y su cuerpo, así como de los efectos positivos y negativos que provengan de éstas. No como ciudadanos, sino como gestores sí, que responden a las visiones de mundo de una clase social específica así como a una racionalidad política particular.

Cabe preguntarse, si las prescripciones e imágenes corporales que pululan en estas revistas logran inspirar las transformaciones saludables en sus lectoras/es, que según expresan sus productores procuran facilitar.

Más bien pareciera que la exhibición obsesiva de un modelo de cuerpo (masculino y femenino), concebido como proyecto perfectible que desplaza su concreción hacia el infinito, más que posibilitar una vida saludable, induce en sus lectores y lectoras a practicar un/a autoescrutinio y autovigilancia implacable de sus cuerpos; que, contrariamente a lo que auguran la utopías engañosas del bienestar y la felicidad, pueden, paradójicamente, estar creando en su público nuevas inhibiciones y aversiones de sí.

Tal vez reconociendo la imposibilidad de las exigencias y promesas a los que nos someten las imágenes y los discursos de la **salud perfecta**, podamos empezar a construir un horizonte de pensamiento en el que sea posible imaginar que las precariedades de nuestra existencia, y de nuestros cuerpos, puedan ser transitadas, subvertidas y hasta superadas, de forma interdependiente y en comunidad (SFEZ, 2008).

## REFERÊNCIAS

AGUIRRE, P. Seguridad alimentaria: una visión desde la antropología alimentaria. In: SABULSKY, J. et al. (Ed.). **Desarrollo integral en la infancia: el futuro comprometido**. Córdoba: Fundación CLACYD, 2004. Disponible em: <<http://www.suteba.org.ar/download/trabajo-de-investigacin-sobre-seguridad-alimentaria-13648.pdf>>. Acceso em: 22 nov. 2016.

BAZZINI, D.G. et al. How Healthy Are Health Magazines?: A Comparative Content Analysis Of Cover Captions And Images Of Women's And Men's Health Magazine. **Sex Roles**, New York, v.72, n.5, p.198-210, 2015.

BOLTANSKI, L.; CHIAPELLO, E. **El nuevo espíritu del capitalismo**. Madrid: Akal, 2002.

- BOURDIEU, P. **Meditaciones pascalianas**. Barcelona: Anagrama, 1999.
- BOURDIEU, P. Deporte y clase social. In: BARBERO, J. I. et al. (Org.). **Materiales de sociología del deporte**. Madrid: La Piqueta, 1993. p.57-82.
- BOURDIEU, P. La creencia y el cuerpo. In: \_\_\_\_\_. **El sentido práctico**. Madrid: Taurus Humanidades, 1991. p.113-135.
- BOURDIEU, P. Notas provisionales sobre la percepción social del cuerpo. In: MILLS, C. W. et al. (Org.). **Sociología crítica**. Barcelona: La Piqueta, 1986. p.183-194.
- CESARO, H. Entre a visibilidade e a dívida eterna: um análise do corpo masculino na revista Men's Health. **Do Corpo**: Ciências e Artes, Caxias do Sul, v. 1, n. 3, 2013. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/docorpo/article/view/2907/1697>>. Acesso em: 24 nov. 2016.
- DE LAURETIS, T. Tecnologías del Género. **Revista Mora**, Buenos Aires, n. 2, p. 6-34, nov. 1996.
- DOEL, M.; SEGROT J. Self, health and gender: complementary and alternative medicine in the British mass media. **Gender, Place and Culture**, Abingdon, v.10, n.2, p.131-144, 2003.
- DWORKIN, S.; WACHS, L. **Body panic**: gender, health, and the selling of fitness. New York; London: New York University Press, 2009.
- ENTWISTLE, J. **El cuerpo y la moda**: una visión sociológica. Barcelona; Buenos Aires; Ciudad de México: Paidós, 2002.
- FERRÚS, B. Masculino y femenino en los tiempos del cyborg. In: TORRAS, M. (Org.). **Cuerpo e Identidad I**. Barcelona: Ediciones UAB, 2007. p. 219-243.
- FOUCAULT, M. **El nacimiento de la biopolítica**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2007.
- FRAGA, A. Estilo de vida activo: un nuevo orden físico sanitario. In: SCHARAGRODSKY, P. **Gobernar es ejercitar**: fragmentos históricos de la Educación Física en Iberoamérica. Buenos Aires: Prometeo, 2008. p.169-176.
- GARCÍA, F. V. Empresarios de nosotros mismos: biopolítica, mercado y soberanía en la gobernabilidad neoliberal. In: PERÉZ, J. U. (Org.). **La administración de la vida**. Barcelona: Anthropos, 2005. p.73-103.
- GOFFMAN, E. La ritualización de la femineidad. In: \_\_\_\_\_. **El momento y sus hombres**. Barcelona; Buenos Aires; Ciudad de México: Amorrortu, 1991. p.135-168.
- GOFFMAN, E. **La presentación de la persona en la vida cotidiana**. Buenos Aires: Amorrortu, 1989.
- LAGOMARSINO, L. Yoga Hot: las mejores posturas para duplicar tu placer. **Women's Health Argentina**, Buenos Aires, n.6, p.56-57, 2009.

LANDA, M. La sonrisa del éxito: figuraciones de una subjetividad exigida. **Arxius de Ciències Socials**, Valencia, n. 30, p.153-168, 2014.

LANDA, M. **Las tramas culturales del Fitness**: los cuerpos activos del ethos empresarial emergente. 2011. 687 f. Tese (Doutorado em Ciències Socials) - Departament de Filologia Espanyola, Universitat Autònoma de Barcelona, Barcelona, 2011.

LANDA, M.; MARENGO, L. Devenir cuerpo empresa: el nuevo capitalismo y sus tramas de sujeción. **Actuel Marx Intervenciones**, Santiago de Chile, n.9, p.161-182, primer semestre 2010. Dossier Cuerpos contemporáneos: nuevas prácticas, antiguos retos, otras pasiones.

MAGUIRE, J. S. **Fit for consumption**: sociology and the business of fitness. Nueva York: Routledge, 2008.

McROBBIE, A. More!: Nuevas sexualidades en las revistas para chicas y mujeres. In: CURRAN, J.; MORLEY, D.; WALKERDINE, V. (Org.). **Estudios culturales y comunicación**: análisis, producción y consumo cultural de las políticas de identidad y el posmodernismo. Barcelona; Buenos Aires; México: Paidós, 1998. p.263-296.

MEN'S HEALTH. Santiago: RODALE, v.16, n. 12, 2009.

MEN'S HEALTH. Santiago: RODALE, v.15, n.11, 2008.

ORGANIZACIÓN MUNDIAL DE LA SALUD [OMS]. **Constitución de la Organización Mundial de la Salud**: Documentos básicos. 45.ed. out. 2006. p.1. Suplemento.

PLAN FITNESS WH: Último modelo. **Women's Health**, Buenos Aires, n.1/2, p.72-79, en./feb. 2009.

PRECIADO, B. Multitudes Queer: notes pour une politique des anormaux. **Multitudes**, Paris, n.12, p.17-25, 2003. Disponível em: <<https://www.cairn.info/revue-multitudes-2003-2-page-17.htm>>. Acesso em: 3 dez. 2016.

RALLO, J. El trío ganador. **Men's Health**, Santiago, n.11, p.52-54, nov. 2008.

RICH, A. Heterosexualidad obligatoria y existencia lesbiana. **DUODA**: Revista d' estudis feministes, Barcelona, n.10, p.15-45, 1996.

RODALE. **About us**. Available at: <<http://www.rodaleinc.com/content/about-us>>. Access on: 10 out. 2015.

ROSE, N. **The politics of itself**: biomedicine, power and subjectivity in the twenty-first century. Princenton: Princenton University Press, 2007.

ROSE, N. The Politics of life itself. **Theory, Culture & Society**, London, v. 18, n. 6, p. 1-30, 2001.

RUBIO-HERNÁNDEZ, M. The Representations of men depicted in men's health magazine. **Revista Comunicación**, Sevilla, v. 1, n. 8, p. 57-70, 2010.

- SFEZ, L. **La salud perfecta**. Buenos Aires: Prometeo, 2008.
- STIBBE, A. Health and the social construction of masculinity in men's health magazine. **Men and Masculinities**, Thousand Oaks, n. 7, p. 31-51, 2004.
- SOINTU, E. The rise of an ideal: tracing changing discourses of wellbeing. **Sociological Review**, London, v. 52, n. 2, p. 255-74, 2005.
- SVAMPA, M. **La sociedad excluyente**: la Argentina bajo el signo del neoliberalismo. Buenos Aires: Taurus, 2005.
- TORRAS, M. El delito del cuerpo: de la evidencia del cuerpo al cuerpo de la evidencia. In: TORRAS, M. (Org.). **Cuerpo e Identidad I**. Barcelona: UAB, 2007. p.11-36.
- VEBLEN, T. **Conspicuous consumption**. New York: Penguin Books, 2006. (Penguin Great Ideas).
- WOMEN'S HEALTH. **What we're all about**. Disponível em: <<http://www.womenshealthmag.com/about-us>>. Acesso em: 10 out. 2015.
- WOMEN'S HEALTH. Buenos Aires: RODALE, n.1, ago. 2008.
- ZIGURAS, C. **Self-care**: embodiment, personal autonomy and the shaping of health consciousness. London; New York: Routledge, 2005.



# **GÉNEROS, CUERPOS Y JERARQUÍAS EN LA AVIACIÓN COMERCIAL DEL SIGLO XX: EL CASO DE LAS AZAFATAS DE LA VARIG EN BRASIL**

Carolina CASTELLITTI<sup>1</sup>

## **Introducción**

Junto con la revolución en tecnologías de telecomunicación, el transporte aéreo masivo de pasajeros y cargas es uno de los símbolos fundamentales de las transformaciones sociales, económicas y políticas que conocemos como “globalización”. Pero la propia aviación comercial es una actividad que ha atravesado cambios importantes, como desde hace algunos años pueden atestiguar muchas personas que en sus 50-60 años de edad han realizado por primera vez un viaje en avión. Según los discursos de agentes involucradas con este servicio (“tripulantes”, “personal de tierra”), esa es justamente una de las principales condiciones que diferencia la contemporaneidad de la llamada “época dorada” de la aviación comercial: la exclusividad. Es que durante las décadas de 1950, 60 y 70, viajar en avión era un evento, una “aventura”, reservada para unos pocos: el gasto realizado en la compra de un pasaje aéreo representaba por lo menos tres veces más de lo que significa en nuestros días, proporción que dependiendo de la distancia y el destino podía aumentar bastante más.

La Varig – Viação Aérea Rio-Grandense – fue una aerolínea brasileña fundada en 1927, que entre las décadas de 1950 y 1970 llegó a ser una de las mayores y más conocidas compañías aéreas privadas del mundo, frecuentemente comparada a la norteamericana PanAm – Pan American World Airways. Quienes tuvieron la oportunidad de viajar con esta empresa, pero principalmente aquellos que en ella realizaron gran parte de sus trayectorias

---

<sup>1</sup> Este texto expone resultados parciales de mi investigación de doctorado titulada “A carreira de aeromoça na Varig: processos de autonomização feminina em contextos urbanos contemporâneos”, cuya realización es posible gracias a una beca de doctorado de la Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ).

profesionales, afirman que a la exclusividad de su clientela la Varig respondía con una intachable reputación en términos de excelencia en servicio y *glamour*, personificado en las azafatas, carta de presentación de la empresa frente al público. Las mujeres que se dedicaban a esta profesión en aquellos años tenían un aire de “aventureras” y eran famosas por su belleza, simpatía y *sex appeal*<sup>2</sup>. Con este escenario de fondo, en este texto ensayo una breve genealogía de la carrera de azafata a través de la trayectoria de dos mujeres que trabajaron en la Varig entre las décadas de 1950 y 2000, y cuyos relatos ofrecen importantes pistas para reconstruir el proceso de institucionalización de la profesión, el tipo de pedagogía transmitida durante el período de formación y las relaciones de trabajo predominantes en esa empresa. A lo largo de este ejercicio, procuro iluminar cómo géneros, cuerpos y jerarquías eran elaborados entrecruzadamente en el marco de relaciones de poder que no son nunca estables ni unidireccionales.

Si en este ejercicio cuerpos, discursos y prácticas emergerán como el efecto de relaciones de poder típicamente capitalistas – pues estamos hablando de relaciones de trabajo en empresas privadas del sector de servicios en la segunda pos-guerra – quedará claro que esas relaciones de poder no son siempre unidireccionales, ni absolutas. En otras palabras, si las prácticas aquí analizadas aparecen como acciones corporificadas significantes que envuelven disposiciones y hábitos, es necesario admitir que esas disposiciones pueden operar activa y creativamente en la redefinición de las situaciones y condiciones sociales. Son las dos perspectivas que componen el abordaje dialéctico del cuerpo propuesto por Citro (2010).

El material empírico aquí analizado forma parte de una investigación en curso para mi tesis de doctorado en antropología social, titulada “La carrera de azafata en la Varig: procesos de autonomización femenina en contextos urbanos contemporáneos”. La estrategia metodológica utilizada en la tesis será fundamentalmente la construcción de relatos de vida, a partir de entrevistas de tipo biográfico, realizadas con mujeres que permanecieron

---

<sup>2</sup> Esta representación viene siendo constantemente refrendada a lo largo de mi investigación, en relatos del sentido común alimentados por una narrativa bastante frecuente en películas, series, novelas y materias de carácter más periodístico. La serie *PanAm* (hecha por Sony Pictures Television en 2011), por ejemplo, inaugura su primera y única temporada con la fuga de una de las protagonistas (una rubia deslumbrante, tímida y bastante ingenua) de su boda para seguir a su hermana y “ver el mundo” como azafata. Poco tiempo después, una fotografía de su rostro aparecería en la tapa de la revista LIFE, levantando sospechas sobre la legitimidad de su acelerada promoción en la carrera. La caracterización de las azafatas de aquel período como “aventureras”, “bellas” y con “*sex appeal*” también aparece en un artículo de la revista “Domingo” del *Jornal do Brasil*, publicado el 26 de junio de 1994 bajo el título: “*Aeromoça. O 'glamour' dos primeiros anos da aviação da lugar ao profissionalismo*”.

en el cargo hasta la quiebra de la empresa, en agosto de 2006 y que viven actualmente en la ciudad de Rio de Janeiro. Entiendo el **relato de vida** como la vertiente más interpretativa del método biográfico (MECCIA, 2013), aquella que hace foco en los discursos de los sujetos sobre sus propias prácticas. Asumo intencionalmente el carácter más **construido** de esos relatos que, a pesar de ser parcial y ambiguo, no resulta menos **constructivo** en términos de conocimiento sobre lo social. En otras palabras, entiendo que los relatos de vida incorporan el carácter transitivo, provisorio y subjetivo de todo ejercicio de memoria (POLLAK, 1992), que reconstruye el pasado en función de condiciones que no son casuales ni triviales, sino históricamente observables y socialmente relevantes.

Las mujeres entrevistadas tienen hoy entre 50 y 60 años, algunas lograron jubilarse y otras trabajan más o menos informalmente en las distintas áreas en las que pudieron insertarse después del cierre de la Varig, en 2006. Al verificar que existe una importante producción narrativa de autoría de las/los propios comisarias/os, vengo realizando paralelamente a las entrevistas, una investigación bibliográfica en la Biblioteca Nacional y en páginas web tales como *blogs* y Facebook. A través de la hemeroteca de la Biblioteca Nacional pude consultar bastante información de diarios de aquella época, principalmente anuncios de contratación de diferentes empresas como la VASP, la Cruzeiro do Sul y la propia Varig. Esas narrativas incluyen relatos autobiográficos, de ficción y de opinión, que también forman parte del corpus de mi investigación. Específicamente, en este texto utilizaré una entrevista publicada en el sitio “Archivo Jetsite”, realizada con Alice Klausz y titulada “La primera comisaria de Brasil”<sup>3</sup>. “Doña Alice” fue también instructora en el curso para el ingreso en la carrera y por lo tanto es un personaje recurrente en las narrativas de mis interlocutoras, quienes tuvieron la oportunidad de tenerla como directora y “jefe de equipo”. Por otro lado, utilizaré también un libro de tipo autobiográfico publicado por la comisaria Cláudia Vasconcelos en 2011, a quien tuve la oportunidad de entrevistar a comienzos del 2015.

## El género del cuidado en la aviación

Si bien en el imaginario social contemporáneo la profesión de azafata está fuertemente asociada a la figura femenina, en los albores de la aviación comercial este era un espacio absolutamente masculino y las primeras pro-

---

<sup>3</sup> La entrevista completa se encuentra disponible en el sitio: <[http://www.aviacao comercial.net/jetsite/reportagens\\_1comissaria.htm](http://www.aviacao comercial.net/jetsite/reportagens_1comissaria.htm)>. Consultado en: 14 jul. 2015.

puestas de admitir mujeres como parte de la tripulación debieron enfrentar fuertes resistencias. Durante los primeros años de actividad, las compañías aéreas designaban un “empleado de tierra” (generalmente un despachante de vuelos) para viajar como pasajero y prestar auxilio en caso de necesidad. A fines de la década de 1920, la Pan American Airways fue la primera compañía en solicitar a sus *couriers* – llamados así por su función como responsables de la carga postal – un entrenamiento de primeros socorros y en conocimientos náuticos. Más tarde, sería este papel en el cuidado y la atención en la salud el que posibilitaría la admisión de mujeres en la profesión.

Fue así que en 1930 la norteamericana Ellen Church se convirtió en la primera mujer en entrar a la aviación como azafata. Enfermera y con formación en pilotaje, no tuvo éxito en la búsqueda de un puesto como piloto y como alternativa propuso la contratación de jóvenes enfermeras para auxiliar en el atendimento a los pasajeros. Segundo explica la ex-azafata Rosa Custodio en su *blog*:

Los argumentos de Ellen Church fueron admitidos por la empresa y luego pasaron a ser usados en las campañas publicitarias de las empresas que buscaban atraer un número cada vez mayor de pasajeros, en una época en que viajar en avión no era común y exigía mucho coraje. El énfasis en las cualidades femeninas fue siendo explotado de tal forma que las empresas pararon de contratar muchachos y la profesión pasó a ser vista como esencialmente femenina. Años después, esa situación tuvo su fin cuando un candidato para el trabajo de azafata fue rechazado por la *United Air Lines* por ser hombre. El hombre demandó sus derechos en la justicia y ganó la causa. (CUSTODIO, 2014).

En Brasil el primer vuelo con azafatas mujeres sería realizado por la Varig el 28 de julio de 1955, con destino a la ciudad de Nueva York (VARIG, 2016). En agosto de 1954 habían sido contratadas veinte mujeres que conformarían el primer grupo de azafatas de la compañía, que hasta aquel momento sólo trabajaba con comisarios hombres. Un año antes, la Varig había pasado por una gran reestructuración después de recibir autorización del gobierno para operar vuelos a Estados Unidos. Estos vuelos serían realizados por nuevas aeronaves, lo que en el mundo de la aviación comercial se traduce en nuevas complejidades para la tripulación responsable en términos de atención a los pasajeros y normas de seguridad. Según Alice Klausz, mujer que formó parte de esa tripulación y pasó a ser conocida como “la primer azafata de Brasil”, la decisión de contratar azafatas surgió del entonces presidente de la empresa, Ruben Martin Berta, con el

objetivo de optimizar la atención a la “clientela femenina”, ya que se trataba de vuelos de larga duración, equipados con asientos cama. En palabras de “Doña Alice”, “sería como mínimo deselegante tener hombres cuidando de las señoras pasajeras a bordo. En aquella época era común que las personas se cambien de ropa en pleno vuelo y duerman usando pijamas”<sup>4</sup>.

Alice Klausz, que por influencia de la familia materna hasta los 9 años sólo hablaba alemán, había estudiado biblioteconomía y trabajaba en esa área, y en la época de su ingreso en la Varig también había empezado a estudiar derecho, carrera que tuvo que interrumpir y sólo concluiría unos veinte años más tarde. En 1957, un poco más de tres años después de haber ingresado en la empresa, Alice sería promovida a “instructora de comisarios”, cargo para el cual tendría que realizar un curso en la compañía Swissair, en Zúrich. La Varig disponía de acuerdos de cooperación firmados con esa empresa y con la Lufthansa, que eran consideradas “modelos perfectos de organización” y excelentes servicios por el entonces presidente, Ruben Martin Berta. En opinión de Alice, según expresa en la entrevista, este tipo de acciones era una muestra de cómo la Varig invertía en sus empleados y hacía de todos, “sin distinción”, profesionales muy bien preparados. Como ella afirma, “la compañía tuvo siempre orgullo de su equipo y nunca, nunca economizó en la formación de sus cuadros”. Al retornar al país después de la experiencia en Zúrich, Alice ayudó a organizar los cursos y posteriormente la propia Escuela de Comisarios de la Varig, que fue ideada por el presidente como una “escuela modelo en la región, por lo menos la mejor de América del Sur, que pudiese servir incluso para entrenar comisarios de otras empresas”. Gracias a su formación como bibliotecaria, Alice también fue solicitada para desarrollar los manuales de comisarios y recepcionistas de la empresa.

A partir del discurso de Doña Alice, podemos deducir que, desde su concepción, la idea de cuidado como una tarea femenina dirigida a “señoras” constituyó, al menos una de las justificaciones, si no la principal, para admitir mujeres como parte de la tripulación. Además, observamos que las relaciones de trabajo en la Varig eran caracterizadas por un alto grado de personalismo. En los cursos de formación de comisarios, el tipo de pedagogía propugnada era resultado de una combinación de control, disciplina y paternalismo: existía un seguimiento personalizado de los alumnos y un sistema de recompensas y premios más o menos formal (concesiones especiales, además de las contempladas por contrato), materializado en las promociones y en medidas más específicas como la concesión de pasajes

---

<sup>4</sup> Todas las citas de Doña Alice fueron extraídas de la entrevista publicada en la página “Arquivo Setsite” referida en la nota anterior.

aéreos para familiares. Tengamos en cuenta que si el “arma secreta” de la Varig era su esmerado servicio a bordo, el servicio en sí y el atendimento de las azafatas eran objeto de un estricto control. En palabras de Doña Alice,

Ser exigente no era un capricho. Era un método. Más vale que nosotros reparásemos en cada detalle, porque eso es lo que hace el pasajero. Entonces mejor que nosotros corrigiéramos todo o casi todo antes de que los pasajeros lo hagan. Yo te digo una cosa: sólo así la Varig podía competir contra las gigantes Air France, Lufthansa, PanAm.

Si “competir contra las gigantes” era la meta, el servicio a bordo era el principal medio y los comisarios y comisarias uno de los recursos más importantes (junto a los “banquetes gastronómicos” que estos debían servir, y otras “atenciones” como los famosos souvenirs entregados a los pasajeros – *necessaires* con colonias francesas, espuma de barbear y otros accesorios). Tengamos en cuenta que en aquellos años, el modelo de cliente era el “hombre de empresa” viajando por negocios, con claras marcas de género, clase y raza: hombre, blanco, de “elite”.

Según la socióloga Arlie R. Hochschild, quien realizó una investigación con las azafatas de la Delta Airlines, con el aumento de la competencia entre compañías aéreas, la función de los comisarios de representar la “cara visible” de la empresa, a través de un mayor contacto con los pasajeros, fue siendo cada vez más expandida y aprovechada. Así, durante las décadas de 1950 y 1960 (en Estados Unidos, aquí un poco más tarde) las azafatas pasaron a ser el tema principal de las publicidades de las compañías aéreas, “la punta de lanza de la expansión en el mercado”. Para Hochschild,

[...] la imagen que [las compañías] eligieron, entre muchas posibles, fue aquella de la mujer blanca sureña, bonita e inteligentemente vestida, el supuesto paradigma de los modos simpáticos y de un servicio atento y personal. (HOCHSCHILD, 1983, p.93)<sup>5</sup>.

Fue así también que el mundo de la moda ingresó al universo de la aviación y famosos diseñadores fueron contratados para confeccionar los uniformes de las azafatas, a través de los cuales se buscaba dar una “identidad” propia a la empresa<sup>6</sup>. Cabe destacar que esa identidad comercial era

---

<sup>5</sup> Todas las citas fueron traducidas del idioma original (inglés y portugués) para el castellano por mí misma.

<sup>6</sup> Ver la interesantísima compilación de publicidades realizada en el *blog Gosto nas alturas* bajo el título “Mediados de los años 60: Comisarias de a bordo: de celebridades a símbolo de

frecuentemente producida por medio de la apropiación y “sostificación” de vestimentas tradicionales, vinculadas a costumbres de determinada localidad proyectada como origen de la aerolínea – como es posible observar en los uniformes estilo “gaúcho” utilizados por las azafatas de la Varig para trabajar en los nuevos “Avro” introducidos en 1971<sup>7</sup>.

La azafata mujer pasó así de ser útil como enfermera a ser “elegante” como atendedora y, paralelamente, atractiva como publicidad. De estar completamente ausentes, las mujeres pasaron a ser el género predominante de la tripulación, pero siempre respondiendo a jerarquías bien claras: los pilotos y copilotos, autoridades máximas dentro del avión, eran (y aún son en grande parte<sup>8</sup>) siempre hombres. Según testimonios de mis interlocutoras, en la Varig esas jerarquías estaban muy presentes y debían ser siempre estrictamente respetadas: un ejemplo que varias de ellas recuerdan es que en los transportes que trasladaban la tripulación al aeropuerto, ellas debían siempre ceder sus asientos a los pilotos y copilotos. La mayoría atribuye esas reglas al carácter “conservador” o “tradicional” de esa aerolínea, que tenía importantes componentes de género, como ellas mismas advierten cuando recuerden que hasta determinado momento las mujeres no podían participar de las promociones a los cargos de “jefatura”. Como veremos a continuación, la disciplina transmitida por la empresa en aquel período respondía a normas inspiradas en una concepción de la aviación comercial como un universo en el que el género y la clase social respondían a jerarquías claras y estables.

## La socialización en la profesión

Cláudia Vasconcelos fue azafata de la Varig entre 1972 y 2001, alumna de Doña Alice durante su pasaje por la Escuela de Comisarios de la Varig. En 2011, ya jubilada hacía algunos años, escribió un libro en el que utiliza

---

sexualidad...”. Disponible en: <<http://gostonasalturas.blogspot.com.br/2011/04/metadados-anos-60-comissarias-de-bordo.html>>. En esas fotos es posible observar la relación entre la estética y sofisticación de los uniformes de las azafatas y la identidad comercial que las empresas procuraban producir.

<sup>7</sup> Fuente: “Almanaque Gaúcho”, Diario *Zero Hora*, Porto Alegre: 13/12/2001. Archivo gentilmente compartido por la profesora Cláudia Musa Fay.

<sup>8</sup> Sobre la tímida presencia femenina en las cabinas de comando consultar los trabajos de Cláudia Musa Fay y Geneci Guimarães de Oliveira (2008, 2010, 2013).

<sup>9</sup> Las promociones de la carrera de comisario de a bordo en la *Varig* respondían cargo – donde el “jefe de comisarios” era la mayor autoridad –, tipo de vuelo – nacional/internacional, clase ejecutiva o primera clase – y avión – de diferentes tamaños, con uno o dos pasillos etc.. Sólo a partir de la década de 1980 las mujeres pudieron competir para el cargo de “jefe de comisarios”.

su propia trayectoria como “columna dorsal” para reconstruir la historia de la empresa (VASCONCELOS, 2011)<sup>10</sup>. A través de una narrativa rica en detalles, accedemos a su experiencia durante el proceso de aprendizaje de la profesión y a lo largo de la carrera. A pesar de las semejanzas con la trayectoria de Doña Alice, la experiencia de Cláudia se da en un contexto de mayor institucionalización de la carrera de azafata en Brasil, que coincidió con un período de crecimiento y auge de la aviación comercial en el mundo entero.

Según Cláudia, en los años 1970 las primeras etapas del proceso de selección de comisarios de bordo eran realizadas en las ciudades de residencia de los candidatos y consistían en entrevistas, durante las cuales eran observados principalmente los ítems relativos a la apariencia personal: “altura mínima de 1.60 metros compatible con el peso, piel saludable, bella sonrisa y desenvoltura”. Estos ítems relativos a la “presentación personal” eran incluso más importantes que otros capitales valorizados pero no siempre determinantes, tales como el conocimiento de idiomas extranjeros. Después de las entrevistas, y una vez realizada una serie de exámenes médicos y psicológicos, los candidatos eran considerados aptos para iniciar el curso en Rio de Janeiro y recibían un pasaje para el traslado. En el año en que Cláudia participó de la selección, una vez llegados a Rio de Janeiro los hombres eran alojados en un hotel y las mujeres en una pensión de monjas, localizada en el barrio de Ipanema.

Los cursos de formación tenían tres meses de duración, con una carga horaria de ocho horas diarias. Incluían disciplinas como medicina de la aviación, primeros auxilios, meteorología, normas y organigrama de la empresa, tipos de aviones y servicio a bordo. En las clases prácticas, los alumnos tenían que aprender desde sobrevivencia en la selva y combate a incendios, hasta expresión oral y “etiqueta”. Estas clases eran dictadas por profesoras que seguían las reglas de la “maestra” Maria Augusta Nielsen, fundadora de Socila, una escuela de etiqueta y “buenas maneras” frecuentada por mujeres de la alta sociedad carioca a partir de la década de 1950. En esos cursos, las aprendices de azafatas eran instruidas en reglas para “aprender a sentarse”, “cruzar las piernas”, “comportarse en la mesa”, higiene personal y postura, “cortes de cabello y rodetes”, maquillaje, uso de accesorios y cuidado del uniforme. Cláudia recuerda a la Jefa de Comisarias de aquel momento, una ex-inspectora de vuelo muy elegante y delicada, proveniente de una “familia de buena posición”, que en aquél cargo ejer-

---

<sup>10</sup> A partir de aquí, excepto cuando alguna otra fuente sea explícitamente citada, todos los pasajes señalados por comillas fueron recuperados de ese libro.

cía un estricto control de la vestimenta y la presentación personal de las azafatas, control simbolizado por el “binomio balanza/espejo bien al lado de su mesa”.

Si durante mi investigación pude comprobar que ellas mismas justifican la importancia atribuida al peso de las azafatas por la necesidad de mantener un “cuerpo atlético”, o suficientemente “ágil” para actuar en casos de emergencia, aún cabe preguntarnos por qué ese énfasis en “las buenas maneras” y el “comportamiento en la mesa”. Después de todo, eran ellas quienes servían, y no quienes serían servidas<sup>11</sup>. Según veremos a continuación, existe una idea muy difundida entre los trabajadores de la Varig de que la formación proporcionada en esta empresa era exitosa porque lograba transformar un conjunto heterogéneo de personas, provenientes de diferentes regiones del país, en un grupo unido. El énfasis en el comportamiento de los trabajadores, pero sobre todo de las azafatas, puede ser explicado por los marcadores de género y clase social subentendidos en esa transformación. Ideas como “sofisticación”, “estilo”, “refinamiento”, remiten justamente a esos componentes de clase que se buscaba inculcar en las trabajadoras, que adquieren aún más sentido si pensamos que muchas provenían de pequeñas ciudades del interior del país (sobre todo del interior de Rio Grande do Sul). Si bien es verdad que el origen social predominante de esas mujeres era de clase media, la distancia social que las separaba de la “élite ejecutiva” que en aquella época constituía la principal clientela de las aerolíneas era significativa. Muchas de mis interlocutoras, por ejemplo, nunca habían ido a Rio de Janeiro y viajaron por primera vez en avión gracias al pasaje concedido por la Varig al ser seleccionadas para realizar el curso en esa ciudad. Los valores, prácticas y principios transmitidos durante la “socialización” en la profesión, como retomo a partir del discurso de Cláudia, respondían por lo tanto a una clasificación interna (según cargos y jerarquías) y externa, basada en una distancia social clara entre empleado y cliente.

Retomando la narración de Cláudia, observamos que en aquél período la Escuela de Formación de Comisarios era dirigida por Doña Alice, quien inculcaba en todos sus alumnos valores, principios y “reverencia en el trato personal”, un respeto a las jerarquías y la exigencia de “no mezclar la vida

---

<sup>11</sup> Una vez más, la ficción recupera y enfatiza atributos de la “vida real”, dotándolos del carácter dramático necesario para atraer un público amplio: en el segundo capítulo de la ya mencionada serie *PanAm*, durante la rutina de pesaje de las azafatas antes de cada vuelo, una de ellas es reprendida por la instructora quien advierte que aquella había aumentado “500 gramos más” y pregunta si sería necesario “chequear su límite de peso personal”. Una colega más rebelde e indomable, representada por la actriz Cristina Ricci, invita a la instructora a pesarse, alegando que “si existe un peso ideal para servir bandejas, debe existir un peso ideal para despreciar a los demás”.

personal con la profesional”. A los contenidos formales y a la estricta disciplina del cuerpo y los comportamientos (ELIAS, 2009), Doña Alice acrecentaba una serie de alertas más informales relativos a una “clara división jerárquica que debía ser respetada estrictamente” entre los “comandantes” y demás técnicos, y el resto de la tripulación. Esa jerarquía estaba reflejada, por ejemplo, en los locales en los que era servido el almuerzo: los comisarios almorzaban en el “restaurante B”, junto con empleados de menor rango como mecánicos, *office-boys* y el personal de limpieza. El respeto por las jerarquías (de categoría y género) y “el origen germánico disciplinador que norteo los parámetros a ser alcanzados”, junto al compromiso de Ruben Berta, obstinado por la perfección en atendimento y seguridad, eran los fundamentos de la “religión variguiana” para Cláudia. Con esos fundamentos la empresa lograba exitosamente transformar un grupo muy heterogéneo de personas (oriundas de diversas partes de Brasil y del mundo entero), en un conjunto con cohesión, focalizado en el objetivo a ser alcanzado, “que era básicamente atender al pasajero de forma a conquistarlo, transformándolo en cliente fidelizado” (VASCONCELOS, 2011, p.22).

Si la disciplina y el estricto respeto de las jerarquías eran valores constantemente reiterados durante la formación de los empleados, a lo largo del relato de Cláudia verifiqué que el foco principal de ese aprendizaje recaía en el cuerpo de las azafatas mujeres. Especialmente en los capítulos finales del libro, extremadamente auto-reflexivos, pude encontrar diversas metáforas en las que la corporalidad de las azafatas aparece como vehículo o tenor: el hábito de servir a los clientes de forma respetuosa, que las llevaba a comportarse de la misma forma fuera del trabajo porque “está en las venas servir”; el sometimiento a la escala de vuelos, que es comparado a la capacidad de adaptación a “almohadas, colchones y camas de diversos modelos y tamaños”, y cómo ambos hábitos representan “la maleabilidad para ajustar nuestros cuerpos y mentes a lo que nos era ofrecido”; y la continua exigencia de “mantenerse en forma”, como parte de una presentación personal impecable, representada por la idea del uniforme como “una prisión en forma de tela”.

## Cuerpos dóciles

En el primer capítulo de la parte dedicada al análisis de la disciplina de su ya clásico estudio sobre la prisión, Foucault recupera una descripción de la “figura ideal del soldado”, tal como era evocada a comienzos del siglo XVII (FOUCAULT, 2002, p.139). Entre los “signos” que permitían reconocer esa figura de lejos, menciona la posición de la cabeza, la amplitud de

los hombros, el diseño de las piernas, la candencia de su marcha. Todos esos signos componen una “retórica corporal del honor” que se perfecciona a lo largo del siglo XVIII, cuando el soldado se convierte en algo que se fabrica, dominando y ejercitando el cuerpo y los hábitos, con el fin del “expulsar al campesino” para darle el “aire de soldado”. De la misma manera podríamos describir los signos que componían la “retórica corporal del *glamour*” de las azafatas en la llamada época dorada de la aviación comercial<sup>12</sup>, que por poseer otras cualidades no dejan de estar depositados en los mismos lugares: la posición de la cabeza, el diseño de su silueta, el movimiento de su caminar y, sin dudas, la sofisticación de su uniforme.

Los pasajes más apesadumbrados del relato de Cláudia, en los que deja de lado todo el orgullo y encanto por la profesión para recordar la dificultad de vivir adaptada a una escala laboral muy variable, adecuando “su cuerpo y su mente” a las camas de hoteles de diferentes rincones del planeta, nos remiten directamente a la idea de **cuerpos dóciles** de Foucault que, no por acaso, es inseparable de su análisis sobre la disciplina. La docilidad de un cuerpo, nos dice este autor, deriva de su carácter analizable y manipulable, que emerge con el descubrimiento del cuerpo como objeto y blanco de poder, a partir de la edad clásica. En sus palabras:

El momento histórico de las disciplina es el momento en que nace un arte del cuerpo humano, que no tiende únicamente al aumento de sus habilidades, ni tampoco a hacer más pesada su sujeción, sino a la formación de un vínculo que, en el mismo mecanismo, lo hace tanto más obediente cuanto más útil, y al revés. [...] El cuerpo humano entra en un mecanismo de poder que lo explora, lo desarticula y lo recompone. Una “anatomía política”, que es igualmente una “mecánica del poder”, está naciendo; define cómo se puede hacer presa en el cuerpo de los

---

<sup>12</sup> Si bien no cabrá en este artículo un análisis más cuidadoso de las transformaciones que ha atravesado esta profesión a partir de las últimas décadas del siglo XX, vale la pena mencionar que, haciendo eco de un imaginario social contemporáneo que afirma que las “azafatas de ahora no son como las de antes”, mis interlocutoras comparten esta observación como diagnóstico de lo que para ellas es una transformación de la aviación comercial como un todo. Es decir, con la democratización de la aviación se habría transformado no sólo el público usuario de este servicio (ya que viajar en avión habría dejado de ser un privilegio exclusivo de unos pocos), sino también el servicio en sí mismo, con el objetivo de volverse cada vez más accesible, “*low-cost*”. En relación a la profesión en sí, menores salarios y beneficios también explicarían una pérdida del “*glamour*” y sofisticación de las comisarias de a bordo en la mayoría de las aerolíneas en la actualidad. Entre mis interlocutoras, aquellas que después del quiebre de la *Varig* dieron continuidad a su profesión en otras aerolíneas, afirman haber vivido esas transformaciones en “carne propia”.

demás, no simplemente para que ellos hagan lo que se desea, sino para que operen como se quiere, con las técnicas, según la rapidez y la eficacia que se determina. La disciplina fabrica así cuerpos sometidos y ejercitados, cuerpos “dóciles”. (FOUCAULT, 2002, p.141-142).

En este sentido, observé que más allá de la atención colocada en los cuerpos de las azafatas, su formato, postura y gestualidad, la empresa fue incorporando una plétora de saberes accesorios, relativos a la salud “física y mental” de los empleados. Específicamente, la implantación de un servicio médico, “creado con el fin de atender a los empleados de la empresa en todos sus escalones”, fue una de las medidas tomadas por los directivos de la Varig para tratar los casos de alcoholismo y depresión que eran mucho más comunes de lo que los datos “oficiales” demostraban<sup>13</sup>. Otro famoso servicio implementado por la compañía fue el programa “Vigilantes del peso” que, según Cláudia, no respondía solamente a “cuestiones estéticas”, sino que tenía como objetivo principal la “reeducación alimentaria” del personal. La conjunción de todos estos saberes en un ideal de “cuerpo saludable”, que por saludable esbelto, y por esbelto joven, o sin marcas evidentes del paso del tiempo, conserva su apelo hasta los días de hoy.

Esas prácticas y saberes son evidencias de cuánto ser azafata de la Varig entre los años 1960 y 1990 no significaba solamente tener una profesión; significaba vivir una “experiencia socializante” con características radicales que estaba dirigida holísticamente a la constitución de los sujetos en su totalidad: su apariencia física, sus comportamientos y su constitución moral. Muchos factores contribuyeron a la totalidad de esa experiencia: para los candidatas que llegaban a Rio desde otras ciudades, muy jóvenes, la elección de esa carrera no implicaba solamente un traslado hacia otra ciudad; estas personas eran hospedadas en instituciones colectivas, en el caso de las mujeres con reglamentos muy específicos como lo son en instituciones religiosas. Así las cosas, para las mujeres el período de formación como comisarias de abordaje era coordinado por una tríada de mundos morales: el mundo de la aviación, el mundo de la religión y el mundo de la moda y la “etiqueta”. Y esa tríada era inculcada a través de una disciplina que colocaba un énfasis especial en la corporalidad de las azafatas. Una vez terminado el curso, la disciplina continuaba a lo largo

---

<sup>13</sup> Según mis interlocutoras, un sentimiento de “camadería” entre colegas llevaba a que muchos casos no fueran denunciados. También me fue dicho que la propia empresa era condescendiente con estos comportamientos, a los frecuentemente prefería esconder o tratar disimuladamente antes que encarar como un verdadero problema que afectaba a la tripulación.

de la carrera y era instrumentalizada por medio de los servicios médico, psiquiátrico y estético.

La relación entre aprendizaje, cuerpo y disciplina, y su entrecruzamiento con marcadores de género, también es recuperada por Bourdieu en su estudio sobre la asimilación de la dominación masculina; dominación que opera fundamentalmente en el proceso de naturalización de la construcción social de los cuerpos como femeninos y masculinos (BOURDIEU, 2000). En sus observaciones sobre las mujeres cabilas, y recuperando algunos aportes de la tradición feminista, Bourdieu observa que la moral femenina se impone sobre todo a través de una disciplina constante que afecta todas las partes del cuerpo y es ejercida continuamente mediante una presión sobre las ropas y el cabello. Son éstas maneras de enseñar a las mujeres a ocupar el espacio, andar y adoptar posiciones corporales convenientes. Si las observaciones del autor sobre las posiciones corporales consideradas femeninas no fueran suficientes para trasladarnos automáticamente a los aprendizajes transmitidos en la carrera de comisaria de a bordo comentados más arriba, el propio Bourdieu trae este ejemplo para observar que todo lo que permanece en un estado implícito en el aprendizaje normal de la femineidad, alcanza su mayor explicitación en las “escuelas de azafatas” y sus cursos de comportamiento y de “saber estar” (BOURDIEU, 2000, p.44).

Por último, cabe mencionar que las condiciones espacio-temporales que caracterizan el trabajo en la aviación son también bastante particulares, con rasgos que nos recuerdan las instituciones totales<sup>14</sup> analizadas por Goffman (2001). Un avión puede no resultar un espacio sofocante a quienes pasamos en él unas pocas horas por año, pero imaginémonos trabajar ahí dentro varias horas por día. Recordemos ahora que hasta hace algunos años era permitido fumar dentro de los aviones: no por acaso muchas azafatas de aquella época se refieren al avión como un “habano metálico”. La profesión también imponía una regulación del tiempo muy peculiar: en palabras de Cláudia, “la escala de vuelos regía nuestra vida”, con un ritmo independiente de feriados y fechas especiales como navidad, año nuevo, cumpleaños, etc. Pero de una forma aún más radical, consecuencia del *jet lag* al que frecuentemente están sometidos estos trabajadores<sup>15</sup>.

---

<sup>14</sup> En su estudio sobre los practicantes de boxeo, Loïc Wacquant recupera una analogía de la práctica pugilística con el ejército para referirse al gimnasio como una “institución cuasi-total” (WACQUANT, 2002, p.75). El papel de la disciplina en esta práctica también es central, así como el sentimiento de pertenencia y las exigencias de “sacrificios” más allá de la práctica de boxeo en sí.

<sup>15</sup> Frecuentemente me es comentado que, además de la fatiga, factor muy común en la aviación, las azafatas que realizaban los vuelos a Japón sufrían alteraciones más radicales, del apetito y hasta del ciclo menstrual.

Sin embargo, si todo esto es verdad, es decir, si la aviación comercial conserva resabios de su origen militar<sup>16</sup>, si la formación, al menos en la Varig, era caracterizada por un “método” disciplinario y si el propio ejercicio de la profesión imponía condiciones espacio-temporales rigurosas, ¿qué tenía de tan atractivo esa profesión que, incluso quienes ingresaban con una perspectiva de trabajo temporario, terminaban permaneciendo allí por décadas? ¿Cómo era lograda la fuerte identificación que caracteriza a todos los trabajadores de la Varig? ¿Por qué todas las personas con las que converso se refieren a aquella época como “los mejores años de su vida” y a la Varig como una “universidad de toda la vida”?

Para responder estas preguntas es necesario, en primer lugar, recordar que una vez que ingresados en la empresa la carrera de comisario de a bordo proporcionaba condiciones materiales favorables, estabilidad y ascensión social acelerada. Casi todas las personas que vengo entrevistando para mi investigación lograron juntar el dinero necesario para comprar un departamento en los primeros años de carrera. Si el salario en sí era bueno, este trabajo posibilitaba además el acceso a todo un mercado de bienes de consumo producidos en el exterior, poco disponibles en el país en aquellos años: desde perfumes y productos de belleza, ropa y calzados de marcas internacionales, hasta objetos aparentemente más triviales como vitaminas, productos de limpieza, suavizante y jabón para la ropa<sup>17</sup>, etc. Y eso por no mencionar la facilidad más bien obvia de viajar y “conocer el mundo”. No se trataba solamente de viajar por trabajo. Como observan quiénes, después de la quiebra de la Varig, lograron ingresar en alguna otra aerolínea brasileña, en la “pionera” las condiciones de trabajo eran mucho más favorables, permitiendo permanecer algunos días de descanso en las ciudades de destino, contando con atractivas diarias pagadas en dólares. En la Varig, existía también la posibilidad de realizar “basamentos” por

---

<sup>16</sup> Si bien en la Primera Guerra Mundial comenzaron a utilizarse aviones en misiones de ataque, defensa y de reconocimiento, fue en el período de entreguerras que la tecnología de aviación dio un salto importante y comenzaron a operar las primeras líneas aéreas. En la actualidad, los cargos en la aviación comercial conservan resabios de ese origen, evidentes en la terminología utilizada (el piloto es el “comandante”, jerarquía máxima durante los vuelos y todos los tripulantes tienen un “nombre de guerra”).

<sup>17</sup> En varios eventos que participé junto a ellas, un tema frecuente de conversación son los pedidos y regalos que traían de cada vuelo: una determinada colonia para un hermano, un jabón de ropa de determinada marca que a una madre le gustaba, etc. Es interesante notar que, aunque algunos de esos productos fueron posteriormente importados en Brasil, para ellas “no eran tan eficientes” como los comprados en el exterior, “no tenían la misma fragancia”. Llegué a escuchar un día, en tono jocoso, que durante el vuelo esos productos sufrían alguna “alteración” un tanto mágica que los hacía más atractivos que si comprados en el país.

períodos prolongados en ciudades como Los Ángeles y Hong Kong<sup>18</sup>. Todas estas ventajas – además de pasajes para familiares, posibilidades de realizar cursos de perfeccionamiento e idiomas, descuentos en los mejores hoteles del mundo etc. – formaban parte del sistema de recompensas y premios referido anteriormente por Doña Alice a partir de la idea de que la Varig “cuidaba del bienestar de sus empleados, que sabían retribuir a la misma altura”.

Pero no se trata de pensar que una “opresión” ejercida por relaciones de poder en el ámbito de la empresa era “compensada” por una serie de ventajas económicas bastante atractivas. Esta lógica nos llevaría a especular en la adhesión<sup>19</sup> de estos trabajadores como efecto de un ocultamiento, consecuencia de una situación de “alienación”. Porque, si mis interlocutoras me dicen que sí, que la empresa era rigurosa y disciplinada, pero que ellas “adoraban aquél uniforme”, sentían una enorme satisfacción de estar siempre “impecables”, y que gracias a esa disciplina aprendieron a lidiar con todo tipo de personalidades y “culturas”, ¿puede uno como investigador atribuir esos discursos a una cierta ignorancia o desconocimiento de su verdadera situación de subordinación? ¿No nos revelan, más bien, una clara conciencia de ese lugar de subordinación?

Los mismos autores que vengo citando a lo largo de este análisis nos proporcionan las herramientas teóricas para ir más allá de una visión estática y paralizante de las relaciones de dominación. En este sentido, en el libro *Meditaciones Pascalianas*, Bourdieu dedica todo un capítulo a la idea de “conocimiento por cuerpos”, afirmando que una de las potencialidades del concepto de **habitus** radica en cómo este contribuye a rescatar el “aspecto activo” del conocimiento práctico que la tradición materialista (en referencia al Marx de las *Thesen über Feuerbach*) ya había dejado en su poder. En esta dirección, la noción de habitus restituye al agente de un poder generador, advirtiendo que esa capacidad de elaborar la realidad social, a

---

<sup>18</sup> Durante los “basamentos”, los comisarios permanecían en esas ciudades durante algunos meses, hasta un poco más de un año, realizando un tramo de los vuelos que allí llegaban y continuaban hacia su destino final (por ejemplo, el basamento en Los Ángeles era para las azafatas que realizaban la segunda parte del vuelo Rio de Janeiro-Los Ángeles-Japón). Muchas de las azafatas casadas realizaron esa experiencia con su marido e hijos, proporcionándoles a estos la oportunidad de estudiar en el exterior y lograr un buen aprendizaje del inglés).

<sup>19</sup> Narrando su experiencia de promoción para el cargo jerárquico más alto de la carrera de comisaria de a bordo, Cláudia recuerda “las insignias doradas identificando mi cargo, prendidas en las mangas del saco, tenían un sabor de conquista, y el nombre escrito en relieve en la placa ‘Jefe de Equipo’ me llenaba de satisfacción. La sensación de pertenecimiento era tal que desde que entré en la Varig las personas se referían a mí como ‘Cláudia de la Varig’”.

su vez socialmente elaborada, no es la de un sujeto trascendente, sino la de un cuerpo socializado, a partir de una experiencia social situada y fechada (BOURDIEU, 1999). En esta dirección, no se trata sólo de reconocer las recompensas y ganancias de la carrera de azafata en la Varig como una “compensación”, sino de recordar que los sujetos son producidos en esas relaciones de poder, que al mismo tiempo que los colocan en una situación de subordinación, posibilitan nuevas formas de deseos, relaciones y discursos. Esta es la “paradoja de la subjetivación” examinada por Foucault y retomada por autoras como Butler (2002) y Mahmood (2005): los mismos procesos y condiciones que imponen la subordinación de un sujeto son los que proporcionan los medios por los cuales este se convierte en un agente, con una conciencia e identidad de sí.

Tal vez podemos acudir una vez más al género dramático para ilustrar esta dinámica en el caso de las azafatas. Después de ayudar a su hermana menor a huir de su boda, Kate, una de las protagonistas de PanAn, regresa a la casa de sus padres y tiene una discusión con su madre, quien la acusa de contagiar a su hermana menor con su “insatisfacción”, frente a lo que ella responde que la semana anterior había paseado en elefante en Bagdad y visto el atardecer en la Patagonia, y que ella no podría saber lo que eso significa porque “ni siquiera tiene pasaporte”. Con el mismo efecto expresivo, las mujeres con las que vengo manteniendo contacto para mi investigación, no sólo lamentan que en el pasado pasaban sus vacaciones en Tahití mientras hoy “no van ni a Paqueta”, lamentan sobre todo haber perdido el estatus social y simbólico que la pertenencia a la empresa proporcionaba. En relación a ese estatus, ellas me explican que antes podían tener acceso a créditos sólo por disponer del respaldo de la Varig, que también funcionaba como garantía para alquilar un departamento, o hacer reservas en los mejores hoteles del mundo. Pero sobre todo, ser empleado de esa empresa significaba “representar a Brasil en el mundo entero”, “estar en Zurich y que un brasileño te pare en la calle para hablar portugués” y pedir recomendaciones de algún restaurante.

Una perspectiva estática de las relaciones de poder no sólo no nos permite interpretar la fuerte valorización de esas mujeres por sus pasados de azafatas, sino que, nos impide reconocer las posibilidades de agencia de los cuerpos de ese modo producidos, ejercitados, embellecidos, en los límites del ejercicio “correcto”, permitido y esperado por la llamada lógica institucional – “religión” – transmitida en la empresa. Pensemos, por ejemplo, en las relaciones afectivo-sexuales entre comisarias/os y técnicos, y entre comisarias y pilotos, ilícitas desde el punto de vista de la normativa de “no mezclar la vida personal con la vida profesional”, y sin embargo tan

comunes y poco controlables como lo evidencia la cantidad de casamientos entre azafatas y azafatos, o azafatas y pilotos<sup>20</sup>. No podré profundizar en este espacio una cuestión tan compleja como la de las tensiones<sup>21</sup> entre las libertades y constreñimientos que su condición de género presenta, para ellas mismas y para la “sociedad”, constitutivas de su subjetividad, como resulta evidente en el modo de narrarse a sí mismas y de atribuir valores y juicios a su pasado y presente. Pero no puedo dejar de mencionar que una de las dimensiones de placer y conquista de los comisarios de a bordo, hombres y mujeres (al menos durante su soltería), se encuentra en el disfrute de una sexualidad “libre” y “plena”. En este sentido, una ambigüedad relativa a las “ganancias” y “pérdidas” provocadas por la conquista de cierta independencia y libertad (en términos de relaciones sexuales, conyugales, estatus económico y simbólico) impregna la subjetividad de estas mujeres de modo más general.

### Consideraciones finales

Los relatos sobre la carrera de azafata en la Varig ofrecen un recurso excepcional para observar la doble docilidad (CITRO, 2010) a la que fueron sometidas diferentes ocupaciones femeninas desde mediados del siglo XX. Según Citro, desde la segunda pos-guerra y en la medida en que la mujer fue ingresando masivamente al mercado de trabajo, comenzaron a aparecer nuevos ideales de belleza del cuerpo femenino, nuevas modas y actitudes corporales. Se trató de una revolución de la imagen en la cual el cine tuvo sin lugar a dudas un papel fundamental, y a partir de la cual comenzaron a ser difundidos saberes sobre alimentación, ejercicios para adelgazar, maquillaje y tratamientos estéticos dirigidos al cuerpo entero. En palabras de la antropóloga argentina:

---

<sup>20</sup> En otro lugar (CASTELLITTI, 2014), retomé este desafío analizando una producción fotográfica para la revista Playboy, realizada por tres azafatas despedidas de la Varig en la época de la quiebra. Cuestionando el discurso mediático divulgado después de la publicación de las fotos, asumí una perspectiva que, en lugar de pensar las jerarquías de género de un modo rígido, considera la posición social de los sujetos en jerarquías múltiples de poder y, de este modo, permite interpretar deseos y posibilidades de agencia muchas veces oscurecidos y de ese modo obstaculizados.

<sup>21</sup> Tensiones porque, paralelamente al placer, existe constantemente una necesidad narrativa de distanciarse de los “prejuicios” provenientes de una moral sexual que condena a las mujeres que ejercen esta profesión. Esos prejuicios recaen no sólo en un cuerpo social un tanto anónimo, sino que muchas veces son accionados por familiares para oponerse a la elección de esta carrera. Realicé un análisis más profundo de esta cuestión en Castellitti (2015).

Así, las nuevas dactilógrafas, empleadas, telefonistas, estarán sometidas ahora a una doble docilidad: al tradicional disciplinamiento del movimiento de los cuerpos en el trabajo (la *anátomo-política* del detalle foucaultiana) se le suma el de la nueva imagen corporal que deben alcanzar, a través de una *anátomo-política de la belleza* que se hará cada vez más minuciosa y rigurosa. (CITRO, 2010, p.35).

Pero postular esa doble docilidad no debe conducirnos a negar los placeres y ganancias que posibilitaba esa profesión para las mujeres que allí llegaban tempranamente en sus vidas, y comenzaban igual de prematuramente a “conocer el mundo”. Si las prácticas aquí analizadas aparecen como acciones corporificadas significantes que envuelven disposiciones y hábitos, es necesario reconocer de qué forma esas disposiciones pueden operar activa y creativamente en la redefinición de las situaciones y condiciones sociales. Son las dos perspectivas que componen el abordaje dialéctico del cuerpo propuesto por Citro (2010). Así, si prestamos atención a las narrativas de los propios sujetos reconoceremos que esa docilidad no siempre era vivida como una carga. Mantener la figura, sonreír y vestir adecuadamente eran condiciones que hacían al *glamour* de la profesión, fuente de admiración y envidia. Del mismo modo, las relaciones sexuales y conyugales entre comisarios, azafatas y pilotos son un ejemplo de cómo géneros, cuerpos y jerarquías son elaborados entrecruzadamente en el marco de relaciones de poder que no son nunca estables ni unidireccionales. Observamos de este modo que si la incorporación de la mujer en el mercado de trabajo es una tendencia creciente e irreversible, ese proceso no se encuentra libre de tensiones, ambigüedades y potencialidades.

## REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, P. **La dominación masculina**. Barcelona: Anagrama, 2000.
- BOURDIEU, P. **Meditaciones pascalianas**. Barcelona: Anagrama, 1999.
- BUTLER, J. **Cuerpos que importan**: sobre los límites materiales y discursivos del sexo. Barcelona: Paidós, 2002.
- CASTELLITTI, C. Feminilidades e moralidades na aviação comercial brasileira. In: JORNADAS NUSEX: PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL, 1., 2015, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: UFRJ, 2015.
- CASTELLITTI, C. **Erotismos em contextos (dês) institucionais**: aeromoças da Varig na Playboy. 2014. Não publicado.

- CITRO, S. (Org.). **Cuerpos plurales**: antropología de y desde los cuerpos. Buenos Aires: Editorial Biblos, 2010.
- CUSTODIO, R. M. **Comissárias de voo & suas historias de vida**. Disponível em: <<http://rmcustodio.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 14 nov. 2014.
- ELIAS, N. **El proceso de la civilización**: investigaciones sociogenéticas y psicogenéticas. México: Fondo de Cultura Económica, 2009.
- FAY, C. M.; GUIMARAES, G. de O. As mulheres na aviação brasileira. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 10., 2013, Florianópolis, **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2013.
- FAY, C. M.; GUIMARAES, G. de O. Pilotos e comissários: profissão de homem e profissão de mulher? In: CONGRESSO IBEROAMERICANO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E GÊNERO, 8., Curitiba. **Anais...** Curitiba: Universidade Tecnológica Federal do Paraná, 2010.
- FAY, C. M.; GUIMARAES, G. de O. As mulheres que vestem terno x as mulheres que vestem saias. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 8., 2008, Florianópolis, **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2008.
- FOUCAULT, M. **Vigilar y castigar**: nacimiento de la prisión. Buenos Aires: Siglo XXI, 2002.
- GOFFMAN, E. **Internados**: ensayos sobre la situación social de los enfermos mentales. Buenos Aires: Amorrortu, 2001.
- HOCHSCHILD, A. R. **The managed heart**: commercialization of human feeling. Oakland, CA: University of California Press, 1983
- MAHMOOD, S. **Politics of piety**: the Islamic revival and feminist subject. Princeton: Princeton University Press, 2005.
- MECCIA, E. Subjetividades en el puente: el método biográfico y el análisis microsociológico del tránsito de la homosexualidad a la gaycidad. **Revista Latinoamericana de Metodología de la Investigación Social**, Buenos Aires, v.2, n.4, p. 38-51, 2013.
- POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.
- VARIG. **História, Anos 50**. Disponível em: <<http://www.varig-airlines.com/pt/50.htm>>. Acesso em: 20 nov. 2016.
- VASCONCELOS, C. **A estrela brasileira**. Petrópolis: KindleBookBr, 2011.
- WACQUANT, L. **De corpo e alma**: notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.



# **A GORDURA CORPORAL COMO PROBLEMA: UMA REFLEXÃO SOBRE A LITERATURA DE AUTOAJUDA E OS PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE**

Juliana LOUREIRO

## **Introdução: delineando escolhas analíticas e metodológicas<sup>1</sup>**

Como vem apontando uma série de autores de disciplinas diversas, as sociedades ocidentais contemporâneas são atravessadas por um crescente processo de capitalização do corpo, relacionado à ascensão de modelos específicos de corporalidade – que se constituem através de um enredamento entre determinados regimes éticos e estéticos – e ao desenvolvimento científico-tecnológico, que possibilitou novas formas de visualização, escrutínio e intervenção nos corpos. Nesse processo, os variados modos de os indivíduos disporem e investirem em suas existências somáticas são valorados de formas distintas, de acordo com normas e expectativas disponíveis no contexto simbólico e sociomaterial em que estão imersos. A existência do que se costuma chamar de “culto ao corpo” parece, portanto, referir-se a um culto a “tipos específicos” de corpo: ao mesmo tempo em que alguns tipos são desejados e valorizados, há uma rejeição e ojeriza em relação a outros. Diante desse quadro, os corpos gordos – frequentemente situados como reveladores de práticas e comportamentos associados com ideias como “excesso”, “descontrole” ou “desleixo” – parecem entrar em conflito com a constante reafirmação de uma noção de sujeito responsável e controlado, informado por uma ética do cuidado que se dá através do corpo. Nesse sentido, a valorização de corpos “sarados”, “malhados”, “bombados” ou “turbinaados”, traduzidos em um ideal de corpo “liso”, desprovido de falhas ou rugosidades, muitas vezes se relaciona com um ideário de controle,

---

<sup>1</sup> Uma primeira versão deste artigo foi apresentada no Grupo de Trabalho “Práticas de *management* corporal e processos de subjetivação na cultura de consumo contemporânea” da XI Reunião de Antropologia do Mercosul, realizada em Montevideu entre novembro e dezembro de 2015.

sucesso e adequação também em um nível subjetivo e comportamental (SIBILIA, 2004, 2010; LOUREIRO, 2015).

Nesse processo de valoração e hierarquização dos corpos, estes frequentemente entram em conflito com o desejo de dominar o que Sibilia (2010, p.203-204) define como uma “carnalidade incômoda, sempre imperfeita, flácida, gordurosa, enrugada, fatalmente submetida à dinâmica abjeta das secreções e da decomposição orgânica”. Tal desejo transforma-se, assim, muitas vezes, em uma verdadeira “luta” contra a “teimosia da carne”, travada a partir das tecnologias que buscam capturar, moldar, intervir no corpo no sentido de uma norma específica (emagrecimento, rejuvenescimento, alisamento etc.). Tais movimentos de valoração e intervenção nos corpos constituem-se, assim, através de regimes de poder e de verdade – produtores tanto de normas e concepções médica-científicas sobre o que é “normal” ou patológico quanto de expectativas éticas e estéticas sobre os modos de performar e constituir os corpos, que se enredam com determinados marcadores de gênero, raça, classe etc. (FOUCAULT, 1990, 1993, 2013; BUTLER, 2010a, 2010b). Nesse processo, as fronteiras entre saúde, moral e estética frequentemente mostram-se borradas, articulando-se em ideais específicos de corporalidade e subjetividade.

A antropologia e os estudos sociais de modo geral têm sido um campo privilegiado de análise tanto das práticas “hegemônicas” de intervenção e constituição material dos corpos – através dos movimentos de medicalização e farmacêuticalização, por exemplo (CONRAD, 1992, 2007; CLARKE et al., 2003; MARTIN, 2006) –, quanto das práticas “dissidentes” ou contra hegemônicas em relação aos regimes corporais contemporâneos. Estudos sobre práticas e tecnologias como *bodybuilding*, *bodypiercing*, tatuagem, cirurgia estética, consumo de medicamentos, dietas e exercícios físicos, entre outros, têm sido amplamente realizados em diferentes contextos, buscando compreender como os sujeitos constituem-se a si mesmos através de tais práticas e tecnologias. De modo aproximado, pesquisas sobre bioidentidades e produção de subjetividades a partir de marcadores corporais específicos vêm suscitando reflexões interessantes sobre as relações entre o corpo e os processos de subjetivação (RABINOW, 1999; ORTEGA, 2003). Nesse universo de pesquisas, a análise da materialidade do corpo e das tecnologias interventivas muitas vezes enreda-se com a análise dos signos, discursos ou sentidos produzidos e reiterados pelos sujeitos que se constituem/são constituídos através das múltiplas relações entre esses distintos elementos. Dessa forma, a subjetividade passa a ser pensada enquanto um tecido relacional que agrupa, agrega e compõem signos, corpos, inscrições, práticas, juízos, técnicas, objetos etc. (DOMÈNECH; TIRADO; GOMEZ, 2001).

No que diz respeito ao campo específico da obesidade, a ciência, a medicina e os meios de comunicação de massa tem atuado nas últimas décadas no sentido de reiterar e tentar estabilizar a gordura corporal como algo problemático, patológico e excessivo, produzindo noções bastante específicas sobre corpo, saúde e doença e estabelecendo definições sobre causas, efeitos e responsabilidades em torno do “problema da obesidade”. Como discutido em minha dissertação de mestrado<sup>2</sup>, esse movimento de transformação da gordura corporal em um problema médico-científico insere-se em um projeto biopolítico mais amplo, que vem atuando na produção de uma ética somática que está diretamente articulada com determinados processos de subjetivação presentes no contemporâneo (RABINOW; ROSE, 2006; ROSE, 2007). Na esteira de reflexões sobre medicalização, poder e governo, a referida pesquisa de mestrado buscou analisar tal processo de transformação da gordura corporal em um problema médico-científico a partir de um conjunto literário produzido ao longo da trajetória do médico endocrinologista Alfredo Halpern<sup>3</sup>, considerado uma “autoridade” em obesidade e emagrecimento no contexto brasileiro. O objetivo, com isso, era entender como esse conjunto literário, situado no campo mais específico da autoajuda, mobilizava determinados sentidos e práticas de intervenção na gordura corporal, ajudando a estabilizá-la enquanto um problema passível de ser compreendido e administrado individual e coletivamente. Dessa forma, tomando a literatura de autoajuda como uma “tecnologia do eu”, busquei compreender como esse tipo de material enredava-se em um projeto de governo ou gerenciamento dos corpos gordos, em uma busca por garantir

---

<sup>2</sup> Pesquisa realizada entre março de 2013 e maio de 2015 no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRGS, intitulada “Corpo, ciência e medicina na literatura de autoajuda: sentidos e modos de intervenção na gordura corporal”, sob orientação da Profa. Dra. Fabiola Rohden.

<sup>3</sup> Halpern consolidou sua carreira em um “lugar de fronteira” entre a academia, a clínica e os meios de comunicação de massa. Formado na década de 1960 na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, o endocrinologista teve uma importante atuação na institucionalização dos estudos sobre obesidade no Brasil e no mundo, participando da fundação e consolidação de instituições como a Associação Brasileira para o Estudo da Obesidade e a *International Association for the Study of Obesity*, na década de 1980. No âmbito acadêmico-científico, Halpern participou ao longo de sua vida de 76 projetos de pesquisa, tendo 213 artigos publicados em periódicos científicos e 1404 citações registradas na base de dados SCOPUS. Além disso, o médico acumulou uma extensa participação nos meios de comunicação de massa, através de participações em matérias e publicações de colunas em revistas e jornais ou ainda através de entrevistas e consultorias em programas televisivos, além do trabalho de “divulgação” realizado através de seus livros. Informações disponíveis em: <<http://lattes.cnpq.br/1620596652889285/>>. Acesso em: 9 dez. 2016.

determinados padrões éticos e estéticos que esses corpos supostamente “solapavam” ou desestabilizavam.

No âmbito deste artigo, apresentarei algumas questões suscitadas através do processo de descrição e análise realizado durante essa pesquisa, com enfoque especial em um dos 15 títulos que compunham a obra literária do endocrinologista. Assim, inicio apresentando brevemente alguns pressupostos gerais observados no conjunto de livros analisados<sup>4</sup>, para em seguida descrever como, a partir da constatação da inexistência de “riscos” ou problemas de saúde em um nível físico-orgânico, são mobilizadas razões “outras” – relacionadas a um âmbito mais “subjetivo” – para reafirmar a importância de uma adequação corporal via um processo de emagrecimento. Por fim, proponho uma reflexão sobre como esse tipo de produção literária, além de atuar no sentido de buscar estabilizar a obesidade como doença e reafirmar o emagrecimento como forma privilegiada de intervenção nos corpos gordos, está intimamente articulado com determinados processos de subjetivação presentes na contemporaneidade.

### **A gordura corporal como uma patologia: definindo posições em torno de um problema**

Apesar de existirem distinções entre os livros de Alfredo Halpern em termos de conteúdos, estruturas narrativas e estratégias de venda, acredito que seja possível identificar algumas hipóteses, objetivos e compreensões gerais que de alguma forma atravessam todos eles, sendo explicitados já nas primeiras publicações. Entre eles, está o entendimento de que o indivíduo gordo ou obeso sofre por ser “diferente do que se convencionou chamar de normal” (HALPERN, 1994, p.13) e por se sentir culpado por tal diferença. O pressuposto geral é que o indivíduo gordo é vítima de preconceito, sendo constantemente acusado pelo fato de ser diferente. É a partir dessa constatação de que o gordo é vítima de preconceito, que o especialista afirma o seu objetivo de “[...] mostrar [...] que ninguém é gordo porque quer, e que em geral obesidade é doença, e não falta de vergonha!” (HALPERN, 1994, p.13).

---

<sup>4</sup> Os títulos dos livros analisados são: *Entenda a obesidade e emagreça* (1994), *Obesidade: Mitos e Verdades* (1997), *Pontos para o gordo* (1999), *Obesidade (Conhecer e enfrentar)* (2001), *Desta vez eu emagreço!* (2001), *Emagreça mudando o corpo e a cabeça* (2002), *Magro para sempre!* (2002), *Pontos para a garotada* (2005), *Dieta dos pontos* (2007), *A nova dieta dos pontos* (2008), *Abaixo o regime!* (2008), *O estômago possuído* (2011), *Por que como tanto? Desafios de uma compulsiva alimentar* (2013), *Emagreça e saiba como* (2013) e *A dieta que (sempre) funciona* (2013).

Essa afirmação da obesidade como doença e o interesse do médico de “[...] absolver os gordinhos, perante a sociedade e perante ele mesmo, das culpas a ele atribuídas.” (HALPERN, 1994, p.13) são amplamente reiterados tanto nas suas publicações quanto nas entrevistas e participações que o médico faz nos meios de comunicação de massa. Nessa busca por “ajudar” o indivíduo obeso, o endocrinologista aponta outro objetivo de seus livros: “[...] tentar afastar a população ávida de se tornar esteticamente mais interessante dos caminhos do charlatanismo e da exploração econômica” (HALPERN, 1994, p.15). Através desse posicionamento, Halpern parece não apenas tentar demarcar um distanciamento em relação aos profissionais que atuam na promoção de “falsos produtos” e “novidades para emagrecer”, mas também explicitar uma “missão” de ajudar os sujeitos gordos a conhecerem o que existe de “verdadeiro” em relação ao problema que vivenciam.

Ao acionar a sua trajetória médica e científica como um “capital” importante, que permite diferenciá-lo de outros profissionais externos ao campo, Halpern afirma ainda que a obesidade é uma doença “complexa” e com aspectos ainda desconhecidos para o campo científico e biomédico. Tal “complexidade” e desconhecimento de algumas causas ou aspectos da obesidade parece demarcar uma espécie de “incerteza” em relação à doença. Considero interessante, no entanto, como essa “incerteza” em relação às causas, mecanismos e tratamentos da obesidade convive, na obra do endocrinologista, com a “certeza” de que esta se trata, de fato, de uma doença. Ou seja, apesar de os conhecimentos acerca da obesidade demonstrarem algumas complexidades ou instabilidades, a “verdade” da obesidade enquanto doença – que deve ser compreendida e combatida pelo saber biomédico – permanece sendo reiterada ou afirmada.

Mais do que uma doença, no entanto, Halpern e outros profissionais do campo médico-científico afirmam que a obesidade é um “problema de saúde pública”, configurando uma epidemia que atinge o mundo inteiro. Tanto em publicações mais restritas aos públicos especializados nos conhecimentos médico-científicos quanto naquelas voltadas para o público leigo – como no caso aqui analisado –, é possível perceber o uso recorrente de uma linguagem alarmante e de uma espécie de “retórica dos riscos”, tal como assinalam autores como Dumit (2012) e Rose (2007, 2011). Essa retórica dos riscos se dá a partir da associação da obesidade com a probabilidade maior de mortalidade ou de desenvolvimento de determinadas doenças (comorbidades), transparecendo em afirmativas como a do seguinte trecho, em que o autor justifica a importância de conhecer o Índice de Massa Corporal de um indivíduo:

## A gordura corporal como problema: uma reflexão sobre a literatura de autoajuda e os processos de subjetivação na contemporaneidade

Muitos de vocês devem estar perguntando, agora, por que interessa saber com tantos detalhes a composição de um indivíduo. A resposta é estatística. De acordo com os dados conhecidos, quanto maior o Índice de Massa Corporal de um indivíduo, maior sua chance de morrer precocemente e de desenvolver doenças do tipo diábetes melito e hipertensão arterial, além de doenças cardiovasculares, como o infarto do miocárdio, a angina de peito e os derrames cerebrais (HALPERN, 1999, p.41).

Esses “fatos” ou “verdades” científicos geralmente são apresentados, nas publicações analisadas, como sendo estáveis e desprovidos de contravérsias, sem grandes explicações sobre como se chegou a eles, ou, quando há explicitação de dados, sem mencionar como estes foram obtidos – a partir de que tipo de pesquisa, feito em que circunstâncias, por quem etc. Isso se dá tanto na associação entre obesidade e risco de morte e doenças quanto na afirmativa de que ela estaria aumentando exponencialmente, configurando uma epidemia a nível mundial. Para além da discussão sobre se esses fatos ou verdades são “corretos” ou não, o que vale notar é como a associação entre obesidade e “risco” de morte ou de desenvolvimento de algumas doenças parece ter se tornado um “fato consolidado”, que inclusive prescinde de maiores explicações ou de uma apresentação mais detalhada dessas “evidências” médicas e científicas. Além dessa associação entre obesidade e “riscos” de doenças cardiovasculares e outros problemas físico-orgânicos, há ainda a afirmação de uma correlação do excesso de gordura ou peso corporal com uma série de “problemas” de outra ordem, como indica o seguinte trecho:

Afora os fatores físicos, *problemas psíquicos e mesmo sociais* estão associados à obesidade. É público e notório que um indivíduo obeso apresenta *maiores dificuldades de encontrar emprego* e, quando empregado, tem *maiores chances de ganhar menos salários*. Alguns estudos mostram que, em determinadas populações, *o desejo de não ser obeso é maior do que o desejo de não perder, por exemplo, uma parte do corpo*; algumas mulheres preferiam ter um braço a menos a serem obesas. Um outro estudo mostrou que o casamento com um obeso ou uma obesa ocupava o quinto lugar entre os piores – menos desejado que o casamento com um estelionatário ou um drogado. Fica claro, portanto, que *a obesidade não é puramente um problema estético*, é um problema com *grandes repercussões físicas, sociais, psíquicas e econômicas*. (HALPERN, 1997, p.32, grifo nosso).

O trecho acima fornece algumas pistas sobre uma “ideia” frequente na obra analisada: a ideia de que os indivíduos com “excesso de peso” ou gordura corporal compartilham experiências de sofrimento. Assim, mesmo que um indivíduo gordo ou obeso não apresente algum problema físico/orgânico relacionado à obesidade, ele invariavelmente apresentaria algum problema no âmbito psíquico/emocional ou social. A constatação de tais experiências de sofrimento serve, assim, para “reiterar” o argumento de que a obesidade é um problema grave que necessita de algum tipo de intervenção a nível individual e coletivo. Ou seja, ela está situada em um universo mais amplo de estratégias argumentativas que servem para estabilizar a obesidade como um “problema de saúde” e justificar a intervenção médico-científica em tal problema.

Através de uma análise da trajetória e da obra do especialista, ao lado de documentos, diretrizes, artigos e notícias relacionadas à ciência da obesidade, eu pude identificar, portanto, três pressupostos centrais que atravessam tanto os livros de Halpern quanto outros tipos de produção da área biomédica relacionados à ciência da obesidade. Assim, embora esses diferentes tipos de produção apresentem diferenças e singularidades, entendo que geralmente elas costumam partir de três pressupostos centrais: [1] a compreensão de que a obesidade é um problema de saúde que implica custos individuais e coletivos – sendo o “sofrimento” um dos maiores exemplos de custo individual e os gastos governamentais com doenças relacionadas à obesidade um de âmbito coletivo; [2] a constatação de que a obesidade é ao mesmo tempo uma doença, um fator de risco e um problema epidemiológico, constituindo-se como um grave problema de saúde pública que deve ser combatido e investigado pelos campos biomédicos e governamentais e [3] o entendimento de que a resolução para tal problema deve se dar via intervenção direta nos corpos – tanto no sentido de reverter a doença no caso daqueles que já são diagnosticados como obesos, quanto no sentido de prevenir que esse problema de saúde se desenvolva em indivíduos ou grupos tidos como saudáveis. Além disso, essa proposta de intervenção costuma ser reduzida invariavelmente à busca por emagrecimento, mesmo em casos em que os problemas ou sofrimentos sejam decorrentes de um meio social “hostil” e preconceituoso em relação aos sujeitos gordos, e não necessariamente a problemas de ordem físico-orgânica.

Apesar da reiteração desses três pressupostos nos livros de Halpern e em diferentes documentos e materiais prático-discursivos da área médico-científica, ao lançar um olhar mais “atento” a esses materiais, bem como a documentos e publicações “marginais” em relação às produções mais hegemônicas, foi possível perceber que existem algumas “tensões” em alguns

deles, principalmente no que diz respeito à afirmação da obesidade como uma patologia e a associação entre obesidade e riscos de morte e doença. Embora essas tensões não sejam objeto principal da discussão aqui empreendida, cabe dizer que as principais controvérsias giram em torno da própria nosologia da obesidade – ou seja, a descrição e definição da doença – e da patologização da gordura corporal. Isso porque, geralmente, a obesidade é pensada e descrita no campo biomédico em termos “quantitativos”, relativos ao “excesso de tecido gorduroso” em um corpo. No entanto, já há algumas décadas há um consenso de que existiriam tipos diferentes de gordura corporal, de acordo a sua “disposição” no corpo: a gordura androide, que “se distribui de uma maneira central, no tronco, no tórax e abdômen, sendo que os braços e pernas tendem a ser menos volumosos”, e a gordura ginoide, que apresenta:

[...] uma distribuição mais periférica, com muito maior quantidade de gordura nas nádegas e nas coxas, podendo também haver bastante adiposidade no abdômen, na parede abdominal (ao contrário da obesidade central, que é fundamentalmente intra abdominal, isto é, entre as vísceras). (HALPERN, 1994, p.21-22).

Halpern explica, em alguns de seus livros, que a gordura visceral ou androide – chamada assim por predominar entre os homens – seria aquela que estaria associada a doenças cardiovasculares, enquanto a gordura subcutânea ou ginoide – predominante entre as mulheres – não estaria associada a esse tipo de doença.

Essa constatação de que existem dois “tipos” de gordura – denominados em algumas publicações de “gordura boa” e “gordura ruim” – marca, assim, um deslocamento do viés “quantitativo” que parece informar as abordagens que levam em conta técnicas diagnósticas como o cálculo do Índice de Massa Corporal (IMC), que busca identificar o “excesso” de peso (que automaticamente é traduzido como “excesso” de gordura) em um indivíduo. Mais do que isso, ela marca uma mudança na posição generalista que supõe que esse “excesso” é sempre ruim, trazendo invariavelmente riscos à saúde do indivíduo. A partir da constatação de que existem dois tipos de gordura corporal, esta, portanto, deixa de ser uma substância “homogênea”, “única” – cujo excesso é algo necessariamente ruim –, para se transformar em algo heterogêneo, que apresenta agora uma nova variável: o “lugar” em que está localizada.

Essa constatação da existência de dois tipos de gordura corporal relaciona-se ainda com a noção de que existiriam sujeitos gordos ou obesos sau-

dáveis, o que vem sendo também reafirmado através de pesquisas e revisões epidemiológicas. Um exemplo é uma pesquisa publicada no final de 2012 no *Journal of the American Medical Association* (JAMA)<sup>5</sup>, que foi objeto de uma grande cobertura midiática em vários países<sup>6</sup>. Analisando os resultados de 141 estudos epidemiológicos publicados durante 14 anos, o trabalho não apenas conclui que não há correlação entre maior IMC e maior risco de morte, como também que todos os indivíduos com “sobrepeso” (IMC entre 25 e 30) e a maioria dos obesos apresentariam risco de morte menor que os indivíduos situados na categoria “normal” (IMC entre 20 e 25). Apelidado de “paradoxo da obesidade”, o resultado do estudo e a sua repercussão nos meios de comunicação nacionais e internacionais causaram incômodo e indignação por parte de alguns pesquisadores da área biomédica e geraram inclusive um posicionamento por parte de Alfredo Halpern, que escreveu um artigo intitulado “Afim, ter excesso de peso faz mal? Ou toda unanimidade é burra?”, publicado na revista e no site da Associação Brasileira para o Estudo da Obesidade e da Síndrome Metabólica no início de 2013<sup>7</sup>.

## **O emagrecimento como via privilegiada de intervenção: produzindo corpos e noções de sujeito**

Além de considerar curiosa e ambígua a posição de buscar definir a obesidade como uma patologia e ao mesmo tempo reconhecer que existiriam sujeitos obesos saudáveis e um tipo de gordura corporal não prejudicial à saúde, chama atenção o fato de frequentemente serem mobilizados, na literatura analisada, “outros motivos” para intervir no “problema” em questão.

---

<sup>5</sup> O estudo, intitulado “*Association of All-Cause Mortality With Overweight and Obesity Using Standard Body Mass Index Categories: A Systematic Review and Meta-analysis*”, está disponível em: <<http://jama.jamanetwork.com/article.aspx?articleid=1555137>>. Acesso em: 9 dez. 2016.

<sup>6</sup> Tão logo foi divulgado este estudo, muitos médicos e pesquisadores se posicionaram contrariamente a ele. Um médico da Escola de Saúde Pública de Harvard, William Willet, teria inclusive se referido à pesquisa como “um monte de lixo”. Ver “Estudo vê risco menor para quem tem sobrepeso”. Disponível em: <<http://ciencia.estadao.com.br/noticias/geral,estudo-ve-risco-menor-para-quem-tem-sobrepeso,979901>>. Acesso em: 9 dez. 2016. Ver também: “*Our Absurd Fear of Fat*”. Disponível em: <<http://mobile.nytimes.com/2013/01/03/opinion/our-imaginary-weight-problem.html?>>. Acesso em: 9 dez. 2016. “Novos estudos questionam o IMC como método para avaliar a obesidade”. Disponível em: <<http://endocrinologiaempauta.blogspot.com.br/2012/09/novos-estudos-questionam-o-imc-como.html>>. Acesso em: 9 dez. 2016. “Levantamento relaciona sobrepeso com menor risco de morte”. Disponível em: <<http://g1.globo.com/bemestar/noticia/2013/01/levantamento-relaciona-sobrepeso-menor-risco-de-morte.html>>. Acesso em: 9 dez. 2016.

<sup>7</sup> Disponível em: <<http://www.abeso.org.br/noticia/artigo-afim-ter-excesso-de-peso-faz-mal-ou-toda-unanimidade-e-burra>>. Acesso em: 9 dez. 2016.

Assim, quando não há explicitação de que a gordura corporal traga riscos a aspectos físico-orgânicos da saúde de um indivíduo – ou seja, quando este apresenta a chamada “gordura boa” –, são sugeridas outras justificativas para intervir no “excesso” de peso ou gordura corporal, como o “sofrimento” causado por esse “excesso”, a falta de “autoestima”, o “estigma” ou “preconceito enfrentado” pelo indivíduo obeso, entre outras. Frequentemente, esse tipo de justificativa, associado a aspectos mais “subjetivos”, relaciona-se a uma perspectiva mais “holística” de saúde, que procura não reduzi-la a aspectos exclusivamente físico-orgânicos. Essa mobilização de motivos “outros” – que não a saúde físico-orgânica – torna-se especialmente interessante a partir dos relatos de “personagens” – reais ou fictícios – que atravessam os livros analisados. Bastante comuns no âmbito da literatura de autoajuda, os “casos de sucesso” – que no universo aqui discutido aproximam-se de “casos clínicos” – servem para afirmar a eficácia dos tratamentos ou métodos interventivos propostos nesse tipo de publicação, a partir da apresentação da “história” de uma pessoa que sofreria do problema em questão e que teria passado por uma terapêutica específica, produzindo uma “transformação” em sua vida.

Uma das características mais marcantes desse tipo de “caso de sucesso” é o modo como muitas vezes eles são narrados em primeira pessoa, o que parece servir como uma estratégia narrativa para “aproximar” o leitor do drama vivenciado pela personagem. O título *A nova dieta que (sempre) funciona*, publicado em 2013, é um dos livros que mobilizam esse tipo de recurso do depoimento ou testemunho. A publicação reúne as histórias de três irmãs – Rebeca, Antônia e Maria – definidas por Halpern como personagens fictícias criadas a partir da sua ampla experiência clínica. Transitando entre falas na primeira e na terceira pessoa, o médico busca narrar a história das três irmãs tomando como ponto de partida especialmente o momento em que elas procuram ajuda profissional junto a um endocrinologista (“Dr. X”), que fornece a elas explicações sobre seus problemas e oferece um tratamento para cada uma. Esse encontro com o especialista, no entanto, não se restringe a um tratamento médico, revelando-se como algo que possibilita às personagens atribuírem algum sentido aos seus problemas e sofrimentos relativos ao peso e à aparência corporal, permitindo um movimento de reflexão e reconstituição de suas histórias. Uma das personagens, Maria, é explorada de modo mais detalhado em relação às outras:

[...] Mas sabia que não era por isso que tinha ganhado peso. No começo, culpava o casamento, mas depois de três gestações seguidas em que se entupira de sorvete – como se todo o sorvete do mundo fosse acabar

quando seus filhos nascessem –, ficou gorda. *Sim, ficou gorda. Não dava para mentir, aliviar ou dizer que estava “gordinha”.* Estava gorda. Em casa não tinha quem a controlasse – tinha parado de trabalhar para ficar com as crianças. E a balança tornara-se sua maior inimiga. Apalpou a gordura do braço, que parecia uma grande massa de pão, e perdeu a compostura. “Flácida feita uma vaca, não é para menos que aquele filho da mãe nem me olha mais”. Referia-se ao marido, claro. (HALPERN, 2013, p.22-23, grifo nosso).

Nesse trecho, a história de Maria parece ir adquirindo um sentido a partir da identificação de um “momento” em que tudo havia começado, em que a situação havia “saído do controle” e a personagem começara a engordar. Ao longo da narrativa, ideias e sentimentos como de “descontrole” ou “frustração” são acionadas para se referir às experiências e emoções vividas pela personagem, especialmente no que diz respeito à relação com seu corpo e com o processo de se perceber engordando. Uma constatação curiosa é o fato das três personagens do livro serem mulheres, o que faz com que determinadas “questões” relativas a relações e papéis de gênero – especialmente no que diz respeito às relações afetivas e amorosas – perpassem suas histórias de um modo bastante específico. No caso de Maria, apesar de o narrador definir seu marido como “um cara bacana”, o processo de “engordar” da personagem emerge como um fator de conflito para o casamento, como se Maria não tivesse “cumprindo” seu papel de esposa, pois não havia mantido um determinado “cuidado” com o próprio corpo:

João era um cara bacana. Tinham-se casado jovens, planejado os filhos, mas quem disse que ele queria o pacote completo? Logo que a mulher teve o terceiro filho, as cobranças começaram. No começo *ele dizia que ela estava “relaxada”* - ainda não tinha coragem de pronunciar a palavra “gorda”; depois, começou a implicar com ela por não ter voltado ao peso de antes, por comer demais, e aí... [...] Foi quando ela decidiu parar de trabalhar para cuidar deles [dos filhos]. *Foi quando a situação saiu do controle.* Na terceira gravidez, bem acima do peso, *a coisa tinha descambado por completo.* Louca por doces, *decidira se entregar aos prazeres da gula sem a menor culpa.* [...] Em casa, com os filhos, compensava as frustrações com comida. Quando largara a carreira, não imaginara que se sentiria tão só em casa, apesar do convívio com as crianças. Sentia-se exausta o tempo todo. *E já não sabia mais agradar o marido de outra forma senão pelo estômago.* Só que João não perdoava. Dizia que a mulher estava desleixada, feia, e ameaçava largá-la. (HALPERN, 2013, p.24, grifo nosso).

Papeis e expectativas relacionadas a gênero e ao cuidado de si transparecem assim ao longo das histórias das personagens. No caso de Maria, é interessante como a combinação entre casamento, maternidade e a renúncia de uma atuação profissional é associada a um sentimento de frustração e ao processo de ganho de peso. O fato de a personagem ter deixado de ser objeto de desejo ou admiração do marido – ou simplesmente ter deixado de “agradá-lo” – aparece como uma questão importante na narrativa, relacionada com a sua frustração e sofrimento. Nesse sentido, “ser objeto de desejo” do olhar masculino emerge como um dos possíveis motivos para procurar emagrecer, articulando-se com outros motivos, como “melhorar a saúde” e a autoestima:

[MARIA] Sério: *emagrecer, e ainda melhorar a saúde, deveria ser o objetivo de vida das pessoas.* Mas não, fulano está enchendo a pança em fast-food e lotando consultórios médicos. *As pessoas não conseguem simplesmente se controlar?* Olhar para a tabela de pontos? Tudo bem; sabia que, como ex-advogada, tinha essa tendência de lutar por algumas causas que achava valerem a pena. Mas aí está uma causa que realmente importa. *Se não é por saúde, que já é o que mantém você vivo, deveria ser pela autoestima.* E onde estava a minha? Como eu a deixei ir embora assim, sem nem me despedir? Como fiquei tantos anos andando com aquelas roupas horríveis e largas pela casa achando que meu marido ia me notar? Tudo bem, talvez não fossem só as roupas – aliás, com *esse corpo*, mesmo que eu colocasse um corpete preto *ele não ia me olhar* –, mas por que eu não fazia nada a respeito? Por que eu entrava naquela fossa de gorda e me afundava em chocolate? Por que eu praticamente pedia desculpas quando as pessoas passavam por mim na rua? Se eu tinha tanta vergonha assim de estar gorda, por que não agia? O Dr. X tinha deixado bem claro que, antes de mais nada, *eu tinha que querer.* E eu queria, muito, mas *até aquele momento eu realmente não sabia que estava fazendo tudo errado. Não tinha levado aquela coisa toda a sério. Olhando o problema e o encarado como devia* (HALPERN, 2013, p.81, grifo nosso).

Chama atenção o modo como alguns comentários pejorativos e culpabilizantes em torno de uma determinada condição corporal (“estar gorda”) ou de um comportamento – como “comer em excesso” ou assumir uma postura “passiva” – transparecem no trecho supracitado. É visando superar ou modificar essa condição ou postura diante do próprio corpo que as personagens buscam o método terapêutico oferecido no livro. No entanto,

essa mudança parece ir além do simples emagrecimento ou perda de peso, mostrando-se como algo mais amplo, como uma espécie de “tomada de consciência”, o que é evidenciado através de questionamentos sobre as razões por não se ter “agido” até determinado momento e “encarado o problema como devia”. A responsabilização pela própria transformação emerge, assim, como algo crucial para conseguir emagrecer:

[MARIA] Tive ali o primeiro insight de que era uma *responsabilidade única e exclusivamente minha*. E ele não tinha me dado um cardápio – ele tinha me dado uma tabela com a pontuação de cada alimento. Ou seja: ele disse (para um gordo): “coma o que você quiser, mas consulte a tabela antes”. Era diferente de ele me passar um cardápio, eu seguir e não perder peso – *eu teria a quem culpar se não emagrecesse*. Mas não – eu tinha que *escolher* o que almoçar, o que jantar, o que comer nos finais de semana... Isso fez com que se *criasse uma consciência* de que, se extrapolasse os pontos, eu engordaria, e que o *fracasso dependia da minha conduta*. Apenas isso. (HALPERN, 2013, p.121-122, grifo nosso).

[ANTÔNIA] No dia em que a minha saia rasgou, vi que aqueles oitenta quilos em 1,70m não estavam nada bons. Era deprimente que uma mulher com tanta atitude, tanto autocontrole (tudo bem, nem tanto assim), tanta sede de viver e que trabalhava tão ativamente fosse gorda. *Não combinava comigo*. Aliás, combinaria muito mais ser daquelas magras esqueléticas que não se alimentam e fumam o dia todo. Mas eu era gordinha, quase obesa. E achava que não ingeria calorias para tanto. [...] *Mudar exigia certo esforço*. E, *como toda mudança, tinha que começar de dentro*. Eu poderia seguir a tabela de pontos, mas *não poderia pensar como uma gordinha*. E não tem como pensar como uma gordinha quando se substitui o sanduíche de mortadela e muçarela [sic] derretida pelo light de peru com queijo branco. *Era uma questão de consciência, mesmo*. (HALPERN, 2013, p.123-125, grifo nosso).

Categorias como “consciência”, “responsabilidade”, “atitude” ou “autocontrole”, ao lado de expressões como “encarar o problema” são assim mobilizadas para demonstrar o papel ativo que as personagens assumem no seu processo de transformação. A ideia de responsabilidade ou escolha transparece nos relatos das personagens ao lado de uma crítica à suposta passividade delas em um momento anterior. Comentários pejorativos em relação ao próprio corpo e atitudes que reconhecem como sendo algo referente ao passado, ao estado anterior à transformação, são assim produzidos em um movimento comparativo entre o “antes” e o “depois”. Antônia chega

a afirmar que uma mulher “como ela” - com tanta atitude, sede de viver e que trabalhava “tão ativamente” - não combinava com a sua forma corporal. Nesse sentido, ideias como “leveza”, “liberdade”, “controle”, “consciência” e “força” são acionadas pelas personagens para se referir a um processo de surgimento de um “novo eu”, diferente de um “eu anterior”:

[REBECA] Mas eu *me sentia mais leve*. Talvez o peso da culpa também estivesse me deixando com o *aspecto pesado*. Me livrar dessas *amarras*, desse terrível vaivém de regimes, me fazia sentir *livre*. Me fazia ter *controle*. Eu, uma pessoa tão controladora, não consegui *controlar* minhas próprias vontades durante um bom tempo. A mudança nos hábitos era nítida. Eu conseguia ter *consciência*. A consciência que me faltava quando fazia dietas restritivas, que me deixavam *louca* para comer exatamente aquilo que eu não podia (HALPERN, 2013, p.98-99, grifo nosso).

[MARIA] Quando refiz mentalmente o caminho que me levou ao hábito de comer compulsivamente, imaginei que poderia classificar aquela loucura por comida como desespero. [ ] Só de lembrar os ataques à despensa quando as crianças estavam na escola, tenho vontade de chorar. Eles demonstravam *uma Maria fraca*, consumida pelo desejo irrefreável de comer doces. [...] Hoje, quase um ano depois, vejo como foi uma atitude acertada. Resgatei minha *autoestima* perdendo peso e, à medida que eu me vejo *admirada por olhares masculinos* nas ruas, tenho vontade de *me valorizar mais, de me cuidar mais*. A *velha Maria*, com cabelos desgrenhados, ainda passeia por aí, mas com eles devidamente tingidos e penteados. A *velha Maria*, com aquelas roupas largas, não existe mais. Encontrei a costureira mais barateira da cidade, bem pertinho de casa, e reformei meu guarda-roupa inteiro. Agora mais justas, as roupas deixam o meu corpo *mais aceitável* e, por que não dizer, *atraente*. A *velha Maria* (ó, *velha Maria*), que se arrastava da cozinha para a sala, já *morreu* – ela deu vida a uma mulher que dá valor ao tempo com os filhos e vive com eles o que devia ter vivido desde que parou de trabalhar (HALPERN, 2013, p.116-121, grifo nosso).

Esses depoimentos das personagens dão pistas de que o emagrecimento não se restringe a uma mudança corporal, mas a uma mudança total em quem elas são. A divisão entre um “eu anterior” à mudança e um “eu posterior”, diferente, melhorado, produz uma ideia de que a “verdade subjetiva” dessas mulheres estivesse sendo revelada. Nesse sentido, é possível pensar como o tratamento médico com um especialista é situado não apenas como algo que proporciona uma mudança corporal inicialmente desejada, mas

como algo que ajuda os indivíduos a “acessarem” a verdade sobre si e seu problema. Ou seja, o tratamento terapêutico auxilia o sujeito a produzir um ordenamento sobre a sua história, o que se dá através da formação de um duplo – uma parte do sujeito que vê e é vista e que julga e é julgada a partir de critérios morais que estabelecem o verdadeiro e o falso do eu, em uma aproximação com o que sugere Foucault (1990, 1993).

A partir desses trechos, acredito que seja possível compreender como o emagrecimento proposto por esse tipo de publicação traduz-se em um processo de adequação a uma norma corporal que permite ao sujeito “resgatar” algo em si mesmo ou produzir uma espécie de “conciliação” consigo. Esse tipo de relato que enfatiza um processo de transformação mais amplo produzido pelo emagrecimento pode ser pensado à luz do trabalho de Cressida Heyes (2007), que analisa as modificações estéticas realizadas por mulheres norte-americanas a partir das proposições foucaultianas sobre os processos de normalização. De acordo com ela, a modificação corporal através de cirurgias estéticas está associada a uma tentativa complexa de conciliar o corpo com a identidade “interior” da pessoa, com a criação de uma certa coerência entre o eu “interno” e o corpo externo<sup>8</sup>. Nesse sentido, algumas mulheres que recorrem a esse tipo de cirurgia muitas vezes entendem o corpo como a expressão de seus estilos de vida, valores morais, virtudes, ou simplesmente como um modo de “ajustamento”, de modo a não se sentirem “estranhas” em relação a um aspecto específico de si mesmas. Para Heyes (2007), a crença na continuidade entre corpo e *self*, o primeiro como expressando o segundo, está no centro desses processos de normalização<sup>9</sup>.

Heyes (2007) identifica ainda uma trajetória comum pela qual todos os participantes desses programas passam: [1] um primeiro estágio de sofrimento e crise; [2] um segundo estágio intermediário, de transição, e [3] a conclusão, com a resolução do conflito e a ascensão da autenticidade do indivíduo. Esse modo de “organizar” as histórias individuais parece se

---

<sup>8</sup> Acredito que seja relevante pensar e questionar essa própria divisão entre interno/externo ou dentro/fora, algo que de algum modo é feito pelos trabalhos de Foucault, conforme assinala Deleuze (2005). No entanto, por uma questão de espaço e para manter o foco no objetivo proposto, não discutirei essa questão no presente artigo.

<sup>9</sup> Heyes (2007) situa esses processos cirúrgicos de intervenção ou normalização corporal em um contexto mais amplo, que ela chama de “cultura da reforma” (“*makeover culture*”), em alusão aos inúmeros produtos midiáticos estadunidenses voltados para dietas, práticas culinárias, competição de perda de peso, transformações de estilo, desenvolvimento de práticas saudáveis, chegando até mesmo à alteração da aparência de um parceiro ou de um animal de estimação. Segundo a autora, esses programas exploram narrativas baseadas na ideia de que o “eu”, uma personalidade autêntica da pessoa que está passando pelo processo de transformação, emergirá a partir de tal processo.

aproximar em alguma medida com aquela que encontrei nesse tipo de literatura voltada para o emagrecimento. O curioso, portanto, é como esse tipo de narrativa e outros elementos encontrados nas histórias das personagens dos livros muitas vezes coincidem com os relatos de sujeitos “reais” sobre as suas experiências de emagrecimento. Essa constatação é possível de ser feita acessando páginas, blogs, perfis e grupos online voltados para a perda de peso. Durante o período em que realizei a pesquisa sobre o projeto literário de Halpern, observei alguns perfis e grupos de ajuda mútua nas redes sociais Instagram e Facebook e pude constatar a grande semelhança existente entre as narrativas encontradas nesses diferentes espaços ou materiais de análise. A ideia de uma “transformação” que vai além de uma simples mudança corporal perpassa tanto os relatos das pessoas “reais” que ocupam esses espaços virtuais quanto as narrativas das personagens fictícias encontradas nos livros. A própria divisão entre um “eu anterior” e um “eu melhorado” após o emagrecimento aparecem de modo muito semelhantes nesses diferentes tipos de narrativa. Embora nos relatos dos “sujeitos reais” as frustrações e dificuldades durante o processo de emagrecer sejam mais enfatizadas, quando estes apresentam “histórias de sucesso” – ou seja, quando conseguem de fato emagrecer como desejam – eles utilizam-se de estratégias discursivas bastante próximas daquelas presentes nos livros, apresentando inclusive categorias semelhantes – como felicidade, controle, força, equilíbrio, responsabilidade, autoestima, entre outras.

A partir disso, poderíamos nos perguntar em que medida esses ordenamentos e sentidos sobre si produzidos por esses “sujeitos reais” apresentam algum tipo de reiteração dos modelos disponibilizados por esse tipo de produção ficcional, escrita por especialistas, ou se, pelo contrário, são os relatos de pessoas “de carne e osso” que inspiram e acabam alimentando esse tipo de produção literária – uma vez que, segundo Halpern, o livro em questão foi inspirado em sua própria experiência clínica. No entanto, talvez mais interessante do que buscar saber “o que vem antes” – o real ou o ficcional – seja pensar os modos como esses distintos tipos de produção articulam-se entre si e estão o tempo todo mobilizando determinados modos de subjetivação e afetando e sendo afetados por discursos e práticas de diferentes ordens. Assim, acredito que seja relevante buscar compreender como possíveis vivências compartilhadas pelos sujeitos em nossa cultura estão sendo informadas ou mediadas por tais produções materiais-discursivas – tanto aquelas presentes nos livros aqui analisados quanto nestes outros espaços comuns do “dia a dia” de boa parte das pessoas contemporaneamente, como as redes sociais.

No meu entendimento, muitos dos sentidos produzidos no tipo de literatura analisada no presente trabalho reverberam em outros lugares e ajudam a estabilizar algumas “verdades” ou realidades em torno do excesso de peso e gordura corporal. Suponho que tais verdades ou realidades não se restringem à afirmação da obesidade como uma patologia ou um grave problema de saúde, mas também dizem respeito a narrativas, sentidos e valorações que incidem diretamente nas experiências corporais e subjetivas de muitos sujeitos que apresentam essa diferença corporal específica. Essa reiteração e estabilização de determinada realidade em torno da gordura corporal relaciona-se ainda com a reprodução de um modo específico de intervenção, situado como o único passível de modificar uma experiência supostamente generalizada de sofrimento e inadequação vivenciada por esses sujeitos: a sua inserção em uma norma corporal específica, que se dá invariavelmente através do emagrecimento.

### **Considerações finais sobre a literatura de autoajuda e os processos de subjetivação**

A literatura aqui analisada insere-se, como explicitado ao longo da escrita, em um projeto mais amplo de tentativa de estabilização da obesidade como um fato científico, de modo que esta é compreendida tanto como uma doença e um fator de risco quanto como um “problema de saúde pública” que deve ser combatido e administrado/governado em nível individual e coletivo. Nesse sentido, livros como os de Halpern podem ser aqui pensados enquanto artefatos que ajudam a “trazer à existência” a obesidade como uma doença e que ao mesmo tempo mobilizam compreensões específicas em torno de experiências corporais e subjetivas dos sujeitos gordos ou obesos. Essa literatura atua, assim, tanto no sentido de produzir determinadas intervenções e práticas terapêuticas sobre a obesidade quanto na conformação e reiteração de concepções específicas sobre corpo, saúde e subjetividade. Nesse sentido, ela parece também atuar no sentido de “ensinar” modos específicos de “ser sujeito” em nossa sociedade, evidenciando possíveis efeitos éticos e políticos de um “uso cotidiano” dos saberes médicos-científicos, que vem atuando na administração concreta da vida, tal como sugere Rohden (2012).

Assim, entendo que os depoimentos das personagens presentes em um dos livros servem não apenas para “comprovar” a eficácia da terapêutica proposta, mas também para “ensinar” aos leitores sobre aquilo que é desejado ou valorizado em um indivíduo – o domínio, autocontrole, a postura ativa e responsável. Tais atributos, adquiridos pelas personagens através da sua

transformação, são, assim, relacionados a um tipo corporal específico, o “ser magro”, que emerge intimamente associado com um tipo moral/subjetivo de pessoa desejado no contexto das sociedades ocidentais contemporâneas. Desse modo, esses atributos – ao lado de categorias como autoestima, cuidado e responsabilidade – servem como “razões outras” para intervir no “problema” da obesidade, indo além da noção biomédica tradicional de saúde – centrada em aspectos físico-orgânicos. É nesse sentido que acredito que esse tipo de produção prática-discursiva demonstra uma espécie de “borramento” das fronteiras entre saúde, moral e estética, de modo que a preocupação em torno da gordura corporal parece mobilizar preocupações que atravessam esses três âmbitos (se é que eles podem de fato ser pensados separadamente).

Além disso, acredito que esse tipo de literatura atua diretamente nos processos de subjetivação que atravessam as sociedades ocidentais contemporaneamente, ajudando a produzir corpos e subjetividades. Aproximando-me das discussões de autores como Foucault (1990, 1993, 1995), Deleuze (2005) e Haraway (1995, 2009a, 2009b), no entanto, entendo que os processos de subjetivação são efeitos de composição e recomposição de forças, práticas e relações entre múltiplos elementos – humanos, artefatos, dispositivos de ação, modos de pensamento etc. Nesse sentido, procuro me afastar de imagens da subjetividade como algo coerente, durável e individualizada, para pensa-la em termos de relacionalidade e de criação de possibilidades de existência. O sujeito, portanto, não é aqui pensado enquanto unidade-identidade, mas enquanto envoltura, fronteira, relação e multiplicidade, de modo que as subjetividades podem ser pensadas enquanto múltiplas, heterogêneas e abertas. Dessa forma, apesar dos regimes de normalização e medicalização dos corpos, das tecnologias interventivas e de controle, entendo que existem possibilidades de se produzir algum tipo de diferença em relação a tais regimes: linhas de fuga ou “possibilidades criativas”, práticas de resistência ou desobediência, modos de performar e constituir os corpos que “escapam” (pelo menos provisoriamente) às matrizes normativas estabelecidas.

Nesse sentido, suponho que seja interessante investir em análises que deem conta de pensar os modos como os sujeitos se constituem através desses modelos e discursos presentes nesse tipo de literatura, mas também como eles negociam e entram em conflito com tais modelos e discursos. Um exemplo concreto desse tipo de negociação e conflito é a atuação de mulheres envolvidas no chamado Ativismo Gordo (*Fat Activism*), que vêm produzindo um tipo de atuação política e corporal/subjetiva contrária aos processos de normalização e patologização da gordura corporal. Essas

mulheres constituem-se, portanto, como sujeitos/corpos através de negociações e disputas com esses processos de normalização e patologização e com as concepções hegemônicas em torno de categorias como corpo, saúde e estética.

Assim, embora a literatura aqui analisada e a expertise médica-científica em geral atue no sentido de uma normalização e patologização da gordura e dos corpos gordos, acredito que esses processos convivem com outros tipos de significação e agenciamento desses corpos. Nesse sentido, aproximando-me das proposições de Foucault (1990, 1995, 2013), entendo que não há regime de poder sem que haja possibilidade de liberdade, e todo o processo de “tornar-se sujeito” opera a partir desse duplo e intrincado movimento de assujeitamento, por um lado, e de escolhas éticas e políticas, por outro. Isso, no entanto, não significa negar as diferenças sociomateriais relativas aos “lugares” distintos em que os corpos/sujeitos se encontram – em relação a gênero, raça, classe etc. – e aos efeitos normalizantes que atuam sobre eles, mas sim tomar as subjetividades forjadas a partir destas “localizações” como nunca sendo rígidas, estáticas ou acabadas.

## REFERÊNCIAS

BUTLER, J. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo. In: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010a. p.151-172.

\_\_\_\_\_. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010b.

CLARKE, A. et al. (Org.). **Biomedicalization: technoscience and transformations of health and illness in the U.S.** Durham: Duke University Press, 2003.

CONRAD, P. **Medicalization of society: on the transformation of human conditions into treatable disorders**. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2007.

\_\_\_\_\_. Medicalization and social control. **Annual Review of Sociology**, Palo Alto, v. 18, p.209-232, 1992.

DELEUZE, G. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

DOMÊNECH, M.; TIRADO, F.; GÓMEZ, L. A dobra: psicologia e subjetivação. In: SILVA, T. T. D. (Org.). **Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p.111-136.

DUMIT, J. **Drugs for life: how pharmaceutical companies define our health**. Durham; London: Duke University Press, 2012.

- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 26. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2013.
- \_\_\_\_\_. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p.231-249.
- \_\_\_\_\_. Verdade e subjetividade (Howison Lectures). **Revista de Comunicação e Linguagem**, Lisboa, n.19, p. 293-223, 1993.
- \_\_\_\_\_. **Tecnologías del yo y otros textos afines**. Barcelona: Paidós, 1990.
- HALPERN, A. **A dieta que (sempre) funciona: coma e emagreça com a tabela dos pontos**. Rio de Janeiro: Agir, 2013.
- \_\_\_\_\_. **Pontos para o gordo**. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Obesidade: mitos e verdades**. São Paulo: Contexto, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Entenda a obesidade e emagreça**. São Paulo: MG Ed. Associados, 1994.
- HARAWAY, D. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: HARAWAY, D.; HUNZRU, H.; TADEU, T. **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009a. p.33-118.
- \_\_\_\_\_. Se nós nunca fomos humanos, o que fazer?. **Ponto Urbe**, São Paulo, n.6, 2009b. Entrevistador: Nicholas Gane. Tradução: Ana Letícia de Fiori. Disponível em: <<https://pontourbe.revues.org/1635>>. Acesso em: 9 dez. 2016.
- \_\_\_\_\_. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 5, p. 7-41, 1995.
- HEYES, C. J. **Self-transformations: Foucault, ethics, and normalized bodies**. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- LOUREIRO, J. **Corpo, medicina e ciência na literatura de autoajuda: sentidos e modos de intervenção na gordura corporal**. 2015. 235 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.
- MARTIN, E. The pharmaceutical person. **BioSocieties**, Houndmills, v.1, p.273-287, 2006.
- ORTEGA, F. Práticas de ascese corporal e constituição de bioidentidades. **Cadernos de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 59-77, 2003.
- RABINOW, P. **Antropologia da razão: ensaios de Paul Rabinow**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.
- RABINOW, P.; ROSE, N. O conceito de biopoder hoje. **Política & Trabalho: Revista de Ciências Sociais**, João Pessoa, n. 24, p. 27-57, 2006.

ROHDEN, F. Notas para uma antropologia a partir da produção do conhecimento, os usos das ciências, intervenções e articulações heterogêneas. In: FONSECA, C.; ROHDEN, F.; MACHADO, P. S. (Org.). **Ciências na vida**: antropologia da ciência em perspectiva. São Paulo: Terceiro Nome, 2012. p.49-57.

ROSE, N. Biopolítica molecular, ética somática e o espírito do biocapital. In: SANTOS, L. H. S.; RIBEIRO, P. R. C. **Corpo, gênero e sexualidade**: instâncias e práticas de produção nas políticas da própria vida. Rio Grande: Ed. da FURG, 2011. p.13-31.

\_\_\_\_\_. **The politics of life itself**: biomedicine, power and subjectivity in the twenty-first century. New Jersey: Princeton University Press, 2007.

SIBILIA, P. Em busca da felicidade lipoaspirada: agruras da imperfeição carnal sob a moral da boa forma. In: FILHO, J. F. (Org.). **Ser feliz hoje**: reflexões sobre o imperativo da felicidade. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 2010. p.195-212.

\_\_\_\_\_. O pavor da carne: riscos da pureza e do sacrifício no corpo-imagem contemporâneo. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 25, 2004.



# MILITANCIA POLÍTICA Y SUBJETIVIDAD JUVENIL, LOS “INDESEABLES” DEL SISTEMA. UN ANÁLISIS DE LOS PROCESOS DE SUBJETIVACIÓN A TRAVÉS DE LA MIRADA DE LOS MEDIOS DE COMUNICACIÓN

Nancy Beatriz SCHMITT

## Algunas aproximaciones teóricas y metodológicas

Abordar la construcción de la subjetividad en la sociedad actual implica pensar al sujeto como producto histórico y político, resultado de procesos heterogéneos que lo configuran como tal. De allí que, siguiendo a Foucault (2007), resulte necesario analizar las prácticas concretas por las que el sujeto es constituido como tal, prácticas que se aplican sobre el individuo con la pretensión de decir su “verdad”, de normalizar sus costumbres o corregir sus actos.

Estas prácticas se expresan en **modos de actuar (prácticas de poder) y modos de pensar (prácticas de saber)**, ambas estrechamente interrelacionadas y que permiten comprender la constitución del sujeto. Así, las prácticas de poder refieren a los mecanismos capaces de inducir comportamientos y discursos, mientras que las prácticas de saber refieren a los procedimientos y efectos de conocimiento que son aceptables en un momento histórico determinado y en un dominio definido. Este vínculo entre saber y poder es histórico y remite a la noción de **gobierno o gubernamentalidad**, entendida como un modo característico de ejercer el poder que se apoya en el conocimiento. En este sentido, la **racionalidad de gobierno** expresa la compleja conjunción de poderes-saberes y de sus efectos, tanto de orden social como mental, que produce en las experiencias que los constituye como sujetos. Dicha racionalidad se despliega a través de **tecnologías** que comprenden prácticas discursivas (saber) y no discursivas (poder) estructuradas por un objetivo más o menos consciente, es decir que, a través de ellas, la racionalidad política, entendida como estrategia, puede desplegarse. Estas tecnologías activan un proceso de interiorización de creencias que, por

Militancia política y subjetividad juvenil, los “indeseables” del sistema. Un análisis de los procesos de subjetivación a través de la mirada de los medios de comunicación

un lado, otorgan prioridad simbólica a competencias específicas asociadas al *homo economicus*, al sujeto productivo para el sistema, los “deseables”; mientras estigmatizan aquéllas que resultan disfuncionales al capital, los “indeseables”.

Teniendo esto en cuenta y, considerando que ni el saber, ni el poder, ni la subjetividad son categorías universales sino históricamente situadas, es posible plantear que los análisis de Foucault (2007) incitan a seguir pensando, desde lo que constituye el presente, las relaciones complejas y cambiantes que se establecen hoy con el poder, el saber y la subjetividad. En este sentido, si por **tecnologías de gobierno** entendemos a los:

[...] procedimientos prácticos que pretenden conformar, normalizar, guiar, instrumentalizar, modelar las ambiciones, aspiraciones, pensamientos y acciones de los sujetos, a efectos de lograr los fines que se consideran deseables. (GÓMEZ; JODAR, 2003, p.56).

Es a través de las racionalidades políticas que éstas pueden desplegarse. En la actualidad, dicha racionalidad es la neoliberal, quien gobierna a las actuales sociedades de control estableciendo, no ya una regulación externa sobre los sujetos, sino desplegando mecanismos de vigilancia y control internos, de autorregulación, a fin de estimular la responsabilidad de su propio destino. En este sentido, como plantean Miller y Rose (1992), la autonomía personal no sería la antítesis del poder político sino un elemento fundamental para su ejercicio.

Si consideramos que el neoliberalismo impone la encarnación de una subjetividad emprendedora y mercantilizada como parámetro de integración del individuo, podríamos sostener que esta racionalidad no deja lugar a proyectos políticos colectivos. Siguiendo esta línea, partimos del supuesto de que, frente a la reactivación política juvenil de la última década, se despliegan un conjunto de prácticas de saber-poder que deslegitiman estos procesos, identificando a los sujetos “indeseables” y problematizando sus prácticas como “peligrosas”, de allí que deban ser reguladas, gobernando sus conductas de acuerdo a los parámetros de optimización económica, no política.

Ahora bien, en la puesta en marcha de estas tecnologías, los medios de comunicación constituyen un actor privilegiado al incidir sobre qué “discursos” se distribuyen, permiten o prohíben, y qué aspectos de “la verdad” salen a la luz o se silencian, permitiendo entrever la impronta que surge del juego de relaciones de poder y de los estratos de saber. En este sentido, nos proponemos llevar a cabo un análisis de las representaciones sociales que se

construyen desde los medios de comunicación sobre “el otro peligroso”, ya no entendido como delincuente o marginal sino como “actor político”. En este sentido, la acción política, en tanto promotora de proyectos alternativos a la racionalidad neoliberal, se convierte en el “adversario social” a quien debe temerse. Como plantea Reguillo (1996), quien logre apropiarse de los miedos de la sociedad, será quien podrá definir el proyecto dominante en el siglo XXI; y los medios de comunicación juegan un papel clave en la construcción del miedo. Asimismo, es preciso considerar que la legitimación o deslegitimación del accionar de diversos actores a través del discurso de los medios de comunicación contribuye a la construcción del poder, entendido como un entramado de relaciones.

Considerando lo planteado, abordamos el análisis del discurso de medios de comunicación tanto gráficos como televisivos, en este caso el discurso del Semanario Perfil (2008-2013) y del programa Periodismo para Todos (2012-2015), sobre uno de los grupos militantes juveniles que ha alcanzado, a partir de su cercanía al gobierno de Néstor Kirchner primero y de Cristina Fernández después, mayor notoriedad: La Cámpora<sup>1</sup>. De este modo pudimos analizar cómo la construcción de representaciones circula, replicándose, en distintos medios. En principio, los medios gráficos comenzaron a definir a ese “adversario” que apareció en la escena pública; posteriormente, en clara consonancia con el rol político asumido por los medios de comunicación en el segundo mandato de Cristina Fernández de Kirchner, el programa conducido por el periodista Jorge Lanata resultó de interés para nuestro trabajo debido a la gran repercusión en la audiencia, lo que nos acercaba a analizar el proceso de difusión de creencias.

## Los “indeseables”

Una de las dimensiones fundamentales de la acción política es la simbólica y tiene como objetivo definir cuáles son los problemas, qué grupos

---

<sup>1</sup> Este medio fue elegido como una primera aproximación al tema, considerando, por un lado que, siendo un semanario, escriben diversos columnistas y periodistas de los grandes medios, dando lugar a notas de opinión mucho más extensas que en otros periódicos. Por otro, que los temas puestos en agenda están en consonancia con los dos grandes grupos mediáticos: La Nación y Clarín, en ocasiones reforzando la divulgación de noticias aparecidas en éstos a partir de notas de “mayor profundidad”; en otras poniendo en agenda un tema que será replicado por los otros. Los discursos televisivos, por su parte, producen gran impacto, sobre todo en un programa que está planteado como un “show” periodístico. Como en el caso anterior, ese discurso se replica en el programa que el mismo periodista tiene en radio, y en otros programas de la señal Canal 13, sus repetidoras, y es tomado por otros canales.

Militancia política y subjetividad juvenil, los “indeseables” del sistema. Un análisis de los procesos de subjetivación a través de la mirada de los medios de comunicación

intervienen, cuáles son las apuestas en juego y, finalmente, cuáles son las soluciones esperables. A partir de ello se estructura un campo de posibilidades, de protagonistas y antagonistas, lo que implica plantearse cuáles son los problemas sociales que vale la pena definir y cuáles las categorías que mejor los definen. Ahora bien, la identificación de un problema social, algo que “aparece” como objetivo, en realidad es una construcción que no realiza la sociedad sino que tiene actores privilegiados, grupos sociales u organizaciones que imponen la percepción de una determinada situación como problemática. Dicha definición implica una serie de supuestos sobre qué o quién constituye el verdadero problema y cuál sería el camino a seguir a fin de solucionarlo. Como tal, esta definición es política, ya que depende de la relación de fuerzas entre distintos grupos sociales, al tiempo que la altera. Este proceso consiste en estructurar la percepción de la realidad a partir de un sistema de categorías que supone dos operaciones: por un lado una división de sujetos, objetos o situaciones y, por otro, una homogeneización de los incluidos. Estas operaciones no son neutras sino que imponen la exclusión de otras formas de categorizar, de construir identidad (CRIADO, 2005).

Ahora bien, considerando que el objeto de estudio de nuestro trabajo es una agrupación política juvenil, cabe preguntarse: ¿qué implicancias tiene definir los problemas sociales en términos de edades o del binomio joven-adulto?, ¿qué discursos se construyen sobre los jóvenes militantes políticos?, ¿cómo se construye su identidad?, ¿qué implicancias políticas tiene esto?, y ¿cómo es posible pensar lo joven como un horizonte de constitución de subjetividad y no como una condición dada?

En principio podríamos plantear que las formas de reconocimiento de sí, en este caso juveniles, son producciones de subjetividad gestadas en las dinámicas de los sistemas de poder vigentes así como en las formaciones de saber circulantes en una época dada. En este sentido, la construcción social de los jóvenes y la idea de juventud han tenido distintos giros y dinámicas históricas, es decir que se trata de una construcción cultural inscrita en una compleja red de relaciones de poder. Como plantea Cabra (2011) en las sociedades modernas, el futuro como lugar de sentido y punto de afirmación del discurso del progreso, reviste una carga afectiva y simbólica compleja en la cual se va entretejiendo la idea de que lo joven expresa lo siempre nuevo, el futuro-promesa, al tiempo que se despliegan distintos movimientos estratégicos con miras al control de ciertos grupos de actores que se presentan como transgresores o periféricos al desenvolvimiento de la sociedad capitalista. Esto implica que, desde los dispositivos de saber-poder, al tiempo que se interpela al joven en tanto sujeto de derechos, “motor de

cambio” o proyecto posible, se ponen en marcha una serie de formas de exclusión que operan por clase, etnia, identidades o género configurándose, así, las nociones de joven y juventud como lugares de afirmación, de exclusión y de relación entre distintos actores sociales.

En este sentido, en los últimos años asistimos a la construcción de un discurso que asocia la militancia política juvenil con el peligro “setentista”, que apela a la movilización de los temores sociales vinculados a la violencia política, a la “subversión” del orden establecido. De esta manera se opera dividiendo a la juventud en dos sectores claramente diferenciados: por un lado, los jóvenes “buenos”, que expresan la posibilidad de un futuro posible, organizado en torno a la demanda de proactividad, de ser el “hacedor de su propio destino”, intensificando los trazos de una cultura de consumo y búsqueda del “éxito”; encarnación de una subjetividad emprendedora y mercantilizada; y en el segundo grupo, los “otros”, los jóvenes “peligrosos”, quienes representarían un riesgo de destrucción de la sociedad moderna en distintos sentidos: por marginalidad, delincuencia, hedonismo o, como analizaremos en este trabajo, por una actividad política que interpela al neoliberalismo desde un proyecto colectivo.

## Comunicación de masas e ideología

Todo mensaje, entre los cuales se encuentra el de los medios de comunicación, cumple diversas funciones, entre ellas la descriptiva y la informativa. Sin embargo, es posible plantear que “las ideologías impregnan el campo de la comunicación” (VERÓN, 1971, p.5) dado que se las puede entender como un sistema de reglas semánticas que expresan la organización de los mensajes. Así, la estructura de los mensajes lleva implícita una función normativa cuyo objetivo es reforzar ciertas pautas culturales; ésta, al no ser manifiesta, actúa operando ideológicamente. De allí que la función aparente o manifiesta de los mensajes no deba ser confundida con su función ideológica.

Los elementos de esas formaciones discursivas responden a reglas que componen un sistema de formación (en este caso periodístico) que habilita que los discursos sean “creíbles” o no en una época determinada, estableciendo una relación entre el discurso y la sociedad. Es así que pueden ser analizados sus diversos componentes, es decir, los objetos a los que hace referencia; las modalidades de enunciación, en las cuales el sujeto de la enunciación no aparece como un individuo sino como una **función** legitimada por la “neutralidad” y “objetividad” que caracterizarían al discurso periodístico; los conceptos o teorías expresados a través del mismo; y las

Militancia política y subjetividad juvenil, los “indeseables” del sistema. Un análisis de los procesos de subjetivación a través de la mirada de los medios de comunicación

estrategias, es decir, las elecciones temáticas o la elección de la “agenda”. De esta forma, es posible poner de relieve la no transparencia del discurso identificando las estrategias de manipulación, legitimación, creación de consenso y otros mecanismos discursivos que influyen en la opinión pública, indagando no sólo el ‘qué’ se dice sino el ‘cómo’ se lo dice.

Ahora bien, abordar el análisis sobre la construcción de la identidad juvenil, qué discursos se construyen sobre los jóvenes y su relación con la militancia política, implica indagar en las estrategias desplegadas tanto en el discurso gráfico como televisivo. Así, por un lado, se analizan las operaciones ideológicas puestas en marcha para imponer ciertas visiones del mundo – y las acciones correspondientes a ellas – mientras se desprestigian otras. Siguiendo a autores como Van Dijk (1999) y Thompson (1991), es posible identificar seis modos u estrategias mediante las cuales se opera: la **legitimación**, la **unificación**, la **polarización**, la **fragmentación**, la **disimulación** y la **reificación**. En principio, las ideologías fundamentan los principios básicos de la legitimación interna del grupo estableciendo categorías sobre los criterios de pertenencia, los objetivos, la posición social, las actividades, las normas y valores de cada grupo, al tiempo que lo ubica en relación a otros grupos. De allí que se utilicen también estrategias de **deslegitimación** de otros grupos, ya se trate de la deslegitimación de la pertenencia, de las acciones, de los objetivos, de las normas y valores, de la posición social y del acceso a recursos sociales. Cada grupo social que es percibido como desafiante del *statu quo* será deslegitimado en aquellas categorías que los identifiquen. Estas estrategias presuponen poder y dominación que el discurso de los medios despliegan basados en la legitimidad otorgada “por el control sobre los criterios de verdad.” (VAN DIJK, 1999, p.327).

Vinculadas con la anterior se encuentran las operaciones de **unificación**, de **polarización** y de **fragmentación**. La primera es una estrategia por la cual se intentan construir símbolos de unidad. La referencia a un “problema común a todos los argentinos” resulta un claro ejemplo de este mecanismo, así como la permanente referencia al diálogo y el consenso para poner fin a la “grieta” que divide a la sociedad argentina. Pero como las ideologías se articulan en y entre grupos, debemos tener en cuenta otra función primordial, la **polarización**, a través de la cual el discurso permite identificar un “nosotros” frente a un “ellos”, construyendo ciertos símbolos de unidad entre los miembros del grupo. Esta forma de operar de la ideología se corresponde con la **fragmentación**, modo por el que se intentan mantener las relaciones de dominación a través de la movilización del sentido en forma tal que divida a los grupos y coloque a los individuos y grupos en oposición recíproca. Así, la “grieta” siempre es generada por el

otro, identificado como violento, autoritario, que usa el clientelismo y la corrupción para mantenerse en el poder. En este sentido, el discurso neoliberal suele apelar a los procesos de individuación en desmedro de todo aquello que remita a lo colectivo.

A su vez, las ideologías operan a través de la **disimulación**, cancelando, obscureciendo o negando las relaciones de dominación. Por ejemplo, al describir los procesos sociales o acontecimientos, poniendo de relieve ciertos rasgos en detrimento de otros. Finalmente, la **reificación** permite mostrar un estado de cosas transitorio e histórico como si fuera permanente, natural, fuera del tiempo, encubriendo las relaciones sociales en las que tienen lugar.

En cuanto al discurso televisivo, éste se ha transformado en las últimas décadas, modificando la forma de establecer una relación comunicativa. Esto se ha traducido en nuevos **ritos**, entendiendo por rito a un:

[...] dispositivo formal de prácticas recurrentes que transmiten una determinada representación de la realidad y cumplen una función social: la de crear/reforzar el vínculo con el medio compartiendo el mismo espectáculo, creando así un consenso en torno del ver. (IMBERT, 1999, p.1).

Dicho dispositivo cumple una **función reproductiva** a partir de su carácter repetitivo; una **función mostrativa** gracias a los soportes físicos que le dan visibilidad social; una **función comunicativa** con una forma fuertemente codificada; y, finalmente, una **función persuasiva** gracias a que encierra una fuerte carga simbólica. Estas funciones se cumplen a partir de la instalación de verdaderos “escenarios” en los que se representa, al estilo teatral, la realidad a partir de la tendencia a acentuar los efectos, la espectacularidad e, incluso, la participación del espectador.

Por otro lado, junto con los ritos televisivos surgen nuevos **mitos** fundados en un contrato basado en el **ver** más que en el entender o comprender y que se expresa en la frase “lo vi en la tele”. Siguiendo a Imbert (1999) es posible identificar diversos mitos: el **mito de la transparencia**: “ver” equivale a “entender”; el **mito de la cercanía**, que equipara el “ver” con el “poseer”; el **mito del directo** que implica la abolición de la distancia enunciativa y narrativa; y el **mito de la intimidad**: “ver más” equivale a “entender mejor”.

Se podría plantear que, a partir de esta serie de ritos y mitos, la televisión se convierte en un dispositivo eficaz de producción de la realidad, no de la “realidad objetiva” sino de la realidad creada por el propio medio a partir de los modos que le son propios: ni totalmente realistas ni totalmente ficticios.

Militancia política y subjetividad juvenil, los “indeseables” del sistema. Un análisis de los procesos de subjetivación a través de la mirada de los medios de comunicación

Ahora bien, como plantean Cavicchioli y Pezzini (1995), esto no significa que las audiencias desconozcan el carácter mediático de su exposición a este medio, sin embargo, la influencia o sugestión del medio se apoya en la identificación y la empatía o en la construcción del miedo y la estigmatización (SCHMITT, 2011). En este sentido, se podría plantear que esta hipervisibilidad televisiva encierra un imaginario del miedo a partir de lo que Barbero y Rey (1999) identifican como “retórica del directo” que genera en el espectador la impresión de estar compartiendo un acontecimiento gracias a su visibilización, ya se trate de un accidente, una catástrofe, un delito, una pelea callejera o, como en este caso, de una denuncia realizada desde un programa periodístico como, en este caso, “Periodismo Para Todos”. Considerando lo planteado, es posible sostener que el éxito de la **televerdad** se basa en ofrecer veracidad y credibilidad. En este caso:

[...] la verdad se produce por el ejercicio efectivo de la palabra y de la imagen a través de procedimientos por los cuales se afirma o se niega lo dicho. La verdad es una cuestión subjetiva, no hay mediador de la verdad porque ésta no se delega, sino que está presente en el protagonista narrador del relato. (VILCHES, 1995, p.61).

Según lo dicho, es posible plantear que, a diferencia de las formas culturales de la modernidad, en las que se privilegiaba el discurso escrito, racional, el distanciamiento con el objeto cultural, el principio de realidad; en la postmodernidad se privilegia el discurso visual, la emoción o el inconsciente, el principio del placer, la inmersión del espectador en el objeto, el efecto y el sensacionalismo. Este proceso, que Lash (1988) denomina **des-diferenciación**, puede apreciarse en productos culturales como la **televerdad** que, como tal, cumple una función reproductora del orden social y de los dispositivos del neoliberalismo.

Así, basándose en contenidos que nunca son innovadores, críticos ni subversivos, sino que, por el contrario, contienen una fuerte carga estigmatizante y ponen el énfasis en la espectacularidad, estos programas contribuyen a: “[...] la estabilidad general de este orden con el recurso a la publicidad de aquellas medidas correctoras o asistenciales que cabe aplicar a los casos particulares.” (GAITÁN; MONDELO, 2002, p.11).

## El discurso y la construcción del “Indeseable” como “otro peligroso”

A lo largo del período analizado, ha sido posible identificar diversas estrategias de **deslegitimación** empleadas en la construcción de esta subjetividad: por un lado, la referencia permanente a la juventud de los miembros de La Cámpora, asociándolos con falta de experiencia y escasos conocimientos. El siguiente fragmento ilustra esta situación:

La primera vez que Santiago Rodríguez palpó un puñado de pólvora fue hace algunos años, cuanto intentó desarmar un petardo durante una fiesta navideña. La segunda sucedió no hace mucho, pero en un escenario completamente diferente y estando como interventor de la Dirección General de Fabricaciones Militares (DGFM). El licenciado en economía e integrante emérito del Centro de Estudios Políticos de La Cámpora llegó a ese cargo con 35 años, el 12 de enero del año pasado, noticia que recibió con alegría el Día de Reyes (PERFIL<sup>2</sup>, 17/06/12).

En este caso, la referencia a la edad no es sólo nominal sino que se utiliza una metáfora deslegitimadora que remite a que, siendo niño –acentuando “pocos años atrás”–, simplemente “tocó” pólvora de un petardo, aludiendo a que no entiende del tema pero accedió al cargo. Al mencionarse su título se utiliza el vocablo “emérito” en un doble sentido: significa un premio a sus méritos –dentro de La Cámpora– aunque los mismos se reducen a haber desarmado, siendo niño, un petardo en navidad. El razonamiento consecuente es: no sabe nada pero lo premian por militar en el partido y ese “regalo” se lo anuncian el día de Reyes. Esta idea subyacente: que el ser joven inhabilita para conducir empresas del Estado, está en consonancia con la racionalidad neoliberal: el saber legítimo es el saber técnico y, por lo tanto, son los tecnócratas, los especialistas, quienes deben conducir las empresas.

En el mismo sentido, el programa “Periodismo para Todos” (en adelante PPT) del 27 de abril de 2014 hace referencia en su informe a *Los nenes de*

---

<sup>2</sup> El diario Perfil comienza a publicarse en papel el 9 de mayo de 1998, estando disponible en formato digital desde mediados de abril de ese mismo año. Este diario se suma a los once existentes en Buenos Aires, y su lanzamiento es una iniciativa de la editorial Perfil, que hasta ese momento se dedicaba básicamente a la publicación de revistas; entre ellas Noticias, Semanario, Caras y Mía y otras que ya no circulan, como Libre, Tal Cual e incluso una de nombre Perfil. La publicación del diario continúa hasta la actualidad.

Militancia política y subjetividad juvenil, los “indeseables” del sistema. Un análisis de los procesos de subjetivación a través de la mirada de los medios de comunicación

*mamá Cris* a los cuales Jorge Lanata caracteriza como “los protegidos que dicen proteger (sic) el Proyecto Nacional y Popular mientras se quedan con cargos y ubican familiares y amigos”. Para dar marco a este discurso, el informe se centra en Wado de Pedro, Diputado Nacional “K” (sic), cuya presentación es:

Vamos a mostrarte cómo de Pedro utiliza fondos públicos para controlar su ciudad natal, que es Mercedes, y convertirla en una especie de feudo personal. Está haciendo una especie de gran laboratorio de La Cámpora<sup>3</sup>.

Luego de una introducción al informe en la que refuerza la pérdida de las elecciones: “regalaban guita en efectivo en las esquinas de Mercedes pero igual perdió”; apuntan a que de Pedro mont  un Municipio paralelo al abrir oficinas de Ansses donde ubica a familiares y amigos, e inaugura obra pública. Esto le da pie para presentar el informe de la siguiente manera:

“Decidimos, ya que te lo vamos a contar, que llamaremos a Mercedes Wadolandia”, mostrando luego un video del programa 6,7,8 emitido en Canal 7 en el que está Wado de Pedro invitado, imágenes de Mercedes sosteniendo que “nada se oculta en los pagos chicos”, “los secretos son a voces” y “es imposible ocultar algo”, basando el informe en dichos de vecinos que replican corrillos y prejuicios o de políticos de la oposición.

Siempre destacando la amistad que lo une a Máximo, nombrado siempre así, sin el apellido: ya todos saben de quién se habla; en el informe no aparecen pruebas de los dichos, las imágenes y la legitimidad del relator aparecen como pruebas suficientes que se remarcan con el *graf* en pantalla: “Wadolandia: un regalito para La Cámpora”.

Al estereotipar el accionar de los jóvenes que integran La Cámpora también se deslegitima. Dos serán los elementos centrales: que están “movi-

---

<sup>3</sup> Transcripción del audio de un informe del programa televisivo Periodismo Para Todos, conducido por el Periodista Jorge Lanata y que se emite los días domingo por Canal 13, perteneciente al Grupo Clarín, la mayor Corporación periodística de la República Argentina. Durante el gobierno de Cristina Fernández de Kirchner, se agudizó el enfrentamiento político con dicho grupo iniciado durante el gobierno de Néstor Kirchner, cuyo momento álgido se dio con la sanción de la Ley de Servicios de comunicación Audiovisual (Ley 26552 del 10/10/2009) que fomentaba la regulación de estos servicios y la desmonopolización de los medios de comunicación. Este programa asume gran importancia porque sus contenidos son abiertamente opositores al gobierno, caracterizándose por la elaboración de informes que no siempre cuentan con el sustento perid stico probatorio de sus dichos, muchos de los cuales fueron desestimados por la Justicia, pero que adquieren gran repercusión al replicarse en diversos programas televisivos así como en notas periodísticas de diversos medios.

dos por el odio y el revanchismo” y, que “actúan como mafia” con lo cual fragmentan y polarizan construyendo un “nosotros”, la “gente” que quiere vivir en armonía, estableciendo consensos, frente a “ellos” que “van por todo” y son capaces de llevar al país a un clima de división y violencia. En una nota del 16/04/2008 Perfil titula:

Presiones a los medios

En el microcentro, hubo pegatina anti-Clarín

Avenida de mayo apareció llena de calcomanías contra el multimedios. **Ninguna llevaba firma, pero eran muy familiares** (PERFIL, 16/04/2008, resaltado en el original).

Como plantea Vasilachis de Gialdino (1997) los titulares conforman una unidad semántica que no resume, necesariamente, ni el tema de la noticia ni del texto. Resulta frecuente que los titulares aludan explícitamente a la información privilegiada de la noticia por medio de una metáfora o ironía, lo que exige al lector ubicarse en el sistema cognitivo de referencia seleccionado por el autor. Éstos cumplen dos funciones: la de informar y la de persuadir a través de la argumentación y de alguna construcción de la realidad que, aunque sea ficcional, aparece como referencia del mundo objetivo, remitiendo a hechos que “han ocurrido realmente”.

En este caso, desde el copete, se generaliza una situación particular: son “todos” los medios los que se encuentran presionados. En el título, a su vez, se recurre a una nominalización -“hubo pegatina”- como si no hubiera un agente de la acción pero, en la bajada, se remarca que, aun siendo anónimas, el autor sabe quién fue y, con ello, ahora también lo sabe el lector, generando complicidad. En la nota, utilizando metáforas de la guerra (identificadas en cursiva) se sostiene que:

La *batalla* entre el gobierno y sus seguidores contra el grupo Clarín todos los días suma nuevos elementos [...] **cargando** contra el grupo Clarín y la señal de cable TN” [...] “El otro motivo de los adhesivos era “Todo Negativo”, acompañado por el logo de la señal de noticias. Se trata del slogan de “La Cámpora”, la agrupación que **comanda** el hijo presidencial, Máximo Kirchner (PERFIL, 16/04/2008).

La utilización de lenguaje bélico implica una construcción retórica de oposición binaria, con toda su connotación de violencia, dramatismo e ilegitimidad al que se le suma la construcción y definición de un escenario de peligro respecto del que hay que defender a la sociedad (GIALDINO,

Militancia política y subjetividad juvenil, los “indeseables” del sistema. Un análisis de los procesos de subjetivación a través de la mirada de los medios de comunicación

1997). En este caso el conflicto se caracteriza como bélico y el peligro que acecha se observa al final de la nota:

Ambos mensajes [el primero en referencia a los dichos de Moyano, aún cercano al gobierno, sobre que “Clarín miente”] están asociados a dos agrupaciones distintas, los camioneros y los “Maximistas” (sic) que confluyen en su apoyo al gobierno. ¿Se habrán unido para hacer esta pegatina anti-Clarín? (PERFIL, 16/04/2008).

El peligro radicaría en que esos grupos llegaran a unirse, confiriéndoles una fuerza que es necesario detener. De allí que la estrategia sea fragmentarlos.

En el mismo sentido podríamos ubicar el contenido del programa PPT del 21/09/2014 en cuyo informe se analiza “La Cámpora en las Universidades” presentado por Lanata de la siguiente forma:

En septiembre de 2010 fue el bautismo de fuego de La Cámpora. Luego de la muerte de Néstor Kirchner se presentaron como los defensores del Modelo Nacional y Popular. Sin embargo nunca, pero nunca, lograron tener los Centros de Estudiantes<sup>4</sup>.

A partir de la metáfora bélica “bautismo de fuego”, que remite a comandos militares, en este caso, “custodios” del modelo nacional y popular; el informe contará con entrevistas a miembros de Franja Morada (UCR) y del Partido Obrero en una clara construcción de oposición: por un lado, los “jóvenes militantes buenos”, pertenecientes a partidos centenarios, democráticos, que sostienen que: “nosotros crecemos mientras ellos retroceden” en oposición a La Cámpora que “no es una organización democrática, no pueden discutir” porque “su función es defender al gobierno, no a la sociedad”. Esos “los jóvenes militantes indeseables” fueron creados “desde arriba”, no como ellos que surgen “desde abajo”: “te encontrás con pibes informados de La Cámpora pero no los ves cursar con vos”, dando cuenta de que lo único que hacen en la Universidad es Política. Cuando reconocen la militancia en Universidades, como la de Mariano Recalde en Abogacía o de Axel Kicillof en Econ micas, utilizan una conjunción adversativa –“pero”- que establece un nexo de oposición: militan **pero** “no lograron conquistar los centros de estudiantes de sus facultades”. Esto se refuerza al minimizar el hecho político representado por el discurso de Máximo Kirchner en el

---

<sup>4</sup> Transcripción del audio del programa Periodismo Para Todos (PPT) del 21/09/2014.

club Argentinos Juniors, diciendo que “es la primera vez que habla en un acto, está ahí porque es el hijo de los padres”.

El mismo recurso lo vemos con otras agrupaciones juveniles, unas del pasado, como La Coordinadora radical, otras, del presente, como los jóvenes sciolistas de La Juan Domingo. En el primer caso, en una nota del 25/09/2011 en Perfil hablan de “la otra juventud” sosteniendo que

[...] es una época muy distinta, nosotros nos hicimos al calor de una lucha contra una dictadura. Por otro parte, lo nuestro fue muy de militancia de abajo, con recursos muy precarios, y está claro que La Cámpora está organizada a partir del poder’, analizó Freddy [por Storani],

[...] fue un proceso que tuvo origen en épocas muy jodidas, donde no se trataba de reparto de poder. Y cada uno de nosotros nos sentíamos gratificados si podíamos seguir respirando al día siguiente” [en referencia a los dichos de Changui Cáceres] “Y concluyó ‘El contexto es totalmente diferente, por lo tanto la escala de valores es diferente’.

Si bien el argumento de estos actores se relativiza a partir de los dichos de Moreau en cuanto a que “eso no le quita valor a la adhesión ideológica que tienen hacia determinados valores y principios”, mientras recuerda que “ambas fuerzas fueron demonizadas”, el argumento es de clara oposición: un tiempo pasado “bueno” frente al actual “peligroso”, unos tienen valores, otros disvalores, unos surgen de la resistencia, otros del poder, unos militan desde abajo, otros desde el poder, unos surgen en una época difícil, signada por la muerte, otros en tiempos de crecimiento donde sólo importan los cargos y los fondos del Estado.

Asimismo, se plantea el acercamiento de Scioli a los jóvenes kirchneristas al titular (PERFIL, 23/05/2011):

Preocupación por las encuestas

Scioli se acerca a las agrupaciones K para revertir su escasa llegada a los jóvenes.

En el marco de la campaña electoral el discurso intenta construir un escenario de debilidad de la candidatura de Scioli a partir del argumento de que los “jóvenes de clase media son un electorado difícil de conquistar” y eso lo llevaría a acercarse a los jóvenes de agrupaciones kirchneristas. Este recurso implica una polarización entre los sectores medios, que desde este discurso no serían oficialistas, y los sectores bajos que sí adherirían al pro-

Militancia política y subjetividad juvenil, los “indeseables” del sistema. Un análisis de los procesos de subjetivación a través de la mirada de los medios de comunicación

yecto nacional y, como estos sectores, encabezados por La Cámpora, “representan a miles de jóvenes”, “Scioli necesita **conquistar** [resaltado propio] ese electorado que hoy vota a Cristina pero no a él” A través de una metáfora bélica, se remite al lector al riesgo que estos ‘miles de jóvenes’ representan para los valores encarnados por las clases medias y a la utilización que, desde la política, se hace de ellos para acceder al poder.

En la gráfica, otra estrategia utilizada es plantear un título que difiere del tema y contenido del texto con el único fin de operar, lo que puede analizarse a partir del siguiente ejemplo: el 25/01/2008 el semanario titula:

Nueva agresión contra un funcionario de Buenos Aires  
Luján: denuncian ataque mafioso contra la Intendencia  
Aseguran que robaron documentación en la secretaría privada y que arrojaron panfletos “amenazantes” contra la intendenta. Una agrupación kirchnerista niega ser la autora de los hechos

En este caso, referirse a una “nueva agresión” implica dar cuenta de algo que sucede habitualmente, haciendo alusión a un accionar habitualmente violento, lo que se agrava al aludir a que esa agresión es “contra un funcionario”. Además, se produce una recontextualización desde el título: es un ataque, no de cualquier tipo sino mafioso, contra la Intendencia, por lo que el ataque personal es un ataque a las instituciones llevado a cabo por grupos que actúan delictivamente y con códigos. A su vez, en la bajada se intenta dar credibilidad ya que “algunos”, no se especifica quiénes, “aseguran” que esto sucedió. La primera persona del plural daría fuerza ilocucionaria: son muchos los que lo afirman. Además, se utiliza la negación para afirmar que fue La Cámpora la autora del ataque al hablar de “una agrupación kirchnerista”. Ahora bien, en la nota la propia intendenta Rosso desmiente lo afirmado sosteniendo que los autores son “algunos sectores al que le cambiamos la relación con el poder, con el dinero, con los negocios”, refiriéndose claramente a sectores o grupos de poder económico y sus aliados.

Esta construcción de La Cámpora como organización mafiosa, que amenaza, que se “mueve en las sombras” y ataca permite **polarizar**, creando un enemigo peligroso que, además, utiliza ese accionar para hacerse de cargos públicos. Esto puede verse en una nota del 23 de agosto de 2012, que Perfil titula:

Sigue la avanzada de la cámpora [en minúscula en el original]  
Purga en Cancillería para hacer lugar a los militantes  
Esta semana anticiparon el retiro de 12 diplomáticos de carrera de larga trayectoria. El objetivo: acelerar la renovación de los cuadros para lograr un mayor alineamiento con las políticas K.

La utilización de diversas metáforas refuerza la idea: la “avanzada” remite a una operación bélica, se avanza para tomar posiciones sobre el enemigo; mientras que la “purga” alude a una metáfora médica que da cuenta de “limpieza”, de “barrer con lo que es indeseable”, en este caso el personal idóneo, capacitado, para poner en su lugar a los “militantes”, los que tienen como único mérito vivir de la política. Se polariza entre quienes tienen una “larga trayectoria” y quienes son “arribistas”. A su vez, se recontextualiza un panorama de jubilación anticipada por un “recorte de funciones”, como plantea en el contenido de la nota. Todo esto se refuerza con la deslegitimación que se observa a lo largo de la nota sobre los nuevos funcionarios. A modo de ejemplo, se refiere a que

[...] la Secretaría de Relaciones Económicas Internacionales, a cargo de la economista Cecilia Nahón, que compartió militancia estudiantil con dos referentes de la agrupación K, el vice de Economía, Axel Kicillof, y el fallecido Iván Heyn; la subsecretaría de Integración Económica Latinoamericana y MERCOSUR, a cargo de la politóloga María Villa, compañera de estudios y política universitaria del jefe de Gabinete, Juan Manuel Abal medina y su principal asesor, Facundo Nejamkis (PERFIL, 23/08/2012).

En estos casos, como el descrédito no puede basarse en la capacitación, ya que cuentan con títulos idóneos para el cargo, se pone el acento en su historial estudiantil y su cercanía a hombres “fuertes” del kirchnerismo.

Los recursos televisivos utilizados para este mismo fin son poderosos. Por ejemplo, en varios programas de PPT se aborda el caso Aerolíneas Argentinas, analizando la gestión de La Cámpora. Poniendo el foco en los recursos que requiere Aerolíneas Argentinas para funcionar, como los “2 millones de dólares por día” o que “no se sabe cómo (Recalde) distribuye los fondos desde 2008”. Apela a la metáfora: es “un agujero negro que traga plata y plata” para remitir al lector a una situación catastrófica, en la que no hay recursos que alcancen, lo que implícitamente refiere a dos aspectos: la incapacidad de la conducción y la pregunta acerca de la conveniencia de sostener una aerolínea de bandera (Programa del 16/04/12).

Militancia política y subjetividad juvenil, los “indeseables” del sistema. Un análisis de los procesos de subjetivación a través de la mirada de los medios de comunicación

Estos recursos se refuerzan apelando al contexto catástrofe puesto en placa: “la dura realidad Argentina” a partir de lo cual, en estudio, Lanata plantea que “Aerolíneas Argentinas se patinó en la mitad del año todo el presupuesto”, “perdió 2861 millones de dólares” y “no aparece entre las más seguras del mundo según la consultora más prestigiosa del mundo”. Luego de su introducción emiten un tape titulado “Aerocámpora, un modelo de gestión” dando cuenta, a partir del relato de representantes de aeronavegantes, que no se hizo inversión genuina, que “puede haber corrupción”, que hay “aviones que se pagan pero no se usan”. Como en otros informes, no se presentan pruebas, se utilizan los potenciales, se recurre a entrevistados que opinan pero esto, ante el televidente, adquiere visos de verdad.

Otros recursos utilizados son el corto de dibujos animados “Tino y Gargamuza”, el monólogo de Lanata como si fuera un *stand up* en el teatro y los imitadores, que dan el tono de *show*. Vemos que el micro de Tino y Gargamuza del 28/7/15 aborda el tema Aerolíneas Argentinas en una secuencia de desastres que estarían unidos a la empresa: “además de juntar millas juntás bronca”, “los pasajeros no aplauden cuando llega el avión sino cuando sale en horario”, los personajes van a aeroparque para “ver el embrollo de cerca” donde “sobrevendieron vuelos inexistentes”, entre otros. El humor resulta muy efectivo como recurso: posiciona al televidente en un lugar festivo, de complicidad por el chiste, mientras se elabora un discurso que rompe la empatía del público con una empresa que supo ser orgullo nacional, asociando sus males a una conducción política que se construye como ineficiente, prebendaria, mafiosa, que hace uso de los recursos públicos en su beneficio. Todo el discurso se apoya en elementos y significados negativos, con lo cual se polariza y fragmenta.

Ahora bien, el estilo mafioso no sólo se dirigiría a funcionarios e instituciones sino también al propio partido. Así, en la nota del 16/09/2012 Perfil titula:

Doble rol

Máximo, el arquitecto del futuro de CFK, que acorralla a los díscolos  
Desde la Cámpora, impulsa el futuro del cristinismo, pero también  
barre con los que no se encolumnan. El ejemplo de Santa Cruz

En este caso, no sólo se utilizan metáforas sino un juego de palabras: Máximo es el nombre pero también indica que es el máximo constructor, el que tiene en sus manos el armado y el futuro político de su madre y, como todo arquitecto, su obra se ve por los resultados; pero también acorralla, pone en el corral, separa a los rebeldes, divide unos de otros. Así, el título

remite al lector a una posición de poder: los protagonistas tienen el poder de construir el futuro eliminando a los desobedientes y, para dar cuenta de ello, se valen en la nota de metáforas que se identifican con el resaltado en cursiva:

Máximo está digitando el **derrumbe** de Peralta [...] es el encargado de **vaciar de poder** al gobernador, que **rompió** para siempre con las **recetas K** [...] no se **encolumnó** con ‘el modelo’ y salió a criticarlo”, “Máximo no sólo ordena aquellos distritos díscolos sino que también impulsa, desde La Cámpora, la renovación y ‘eternizacion’ del cristinismo más puro desde Unidos y Organizados, un movimiento con varias organizaciones pero con mucho peso de la organización que **comanda** él [...] (PERFIL, 16/09/12).

Siguiendo a Gialdino (1997), las metoras funcionan en tanto son figuras que permiten describir algo que literalmente no es, ellas proveen mecanismos de representación de una situación en términos de otra de forma que una situación compleja y poco familiar pueda ser interpretada en términos de sentido común. Son un recurso que separa al hablante de sus dichos y de la responsabilidad de sus afirmaciones, oscureciendo el significado y evitando nombrar y aseverar de una manera directa. Así, activan nociones de sentido común acerca de relaciones e identidades sociales, pudiendo definir y construir realidad. En este caso, al hablar de recetas, se minimiza un proyecto político presentándolo como una simple receta de cocina que cualquiera puede seguir con las instrucciones adecuadas. Las metoras bélicas, como “**adoctrinar** a aquellos díscolos que no siguen las **máximas** del modelo” o “**comandar** a la **brigada** de La Cámpora” (PERFIL, 16/09/12, resaltado propio) remiten a la idea de que, quienes integran La Cámpora, siguen principios que no admiten discusión, cual si fueran dogmas, que nadie puede contradecir sin correr riesgo de quedar fuera. Con esto, el semanario polariza y define una situación riesgosa: estos grupos se unen y son dirigidos por una sola persona.

Desde nuestro trabajo consideramos que esta idea de “adoctrinamiento” remite a una definición de la situación como “vuelta al pasado” y a todo el riesgo que eso representa: grupos que se organizan como “comandos”, en “brigadas” dispuestas a luchar y a exterminar a quienes se les opongan. Se apela a la “historia como lección”: la sociedad debe tener cuidado de no revivir situaciones pasadas, hay que estar prevenidos porque el peligro acecha. Por ejemplo, el editorial de Perfil del 13/09/2012 alerta sobre el accionar de La Cámpora en las escuelas:

Militancia política y subjetividad juvenil, los “indeseables” del sistema. Un análisis de los procesos de subjetivación a través de la mirada de los medios de comunicación

La Cámpora y su confusión entre adoctrinar y capacitar  
Desde el Gobierno se bastardean los talleres educativos de entidades privadas apartidarias en las escuelas, mientras se defiende la propaganda política oficial

La nota da cuenta del “duro enfrentamiento” entre “ese sector juvenil kirchnerista” y las autoridades de la ciudad de Buenos Aires por los talleres que realizan en escuelas porteñas. El semanario plantea que

[...] como se sabe, los jóvenes camporistas irrumpen en los colegios ya desde el nivel inicial. Y no lo hacen sólo con palabras, sino con banderas y símbolos partidarios, además de un juego que tiene como personaje central a El Eternauta, de la famosa historieta homónima, aunque la imagen original ha sido trocada por la del ex – presidente Néstor Kirchner. (PERFIL, 13/09/2012).

El editorial sostiene, además, que

[...] los voceros camporistas intentan poner en pie de igualdad el trabajo de ideologización y propaganda partidaria que su agrupación ejecuta, con la labor educativa de la Fundación apartidaria Junior Achievement, consistente en la difusión de conocimientos técnicos sobre la vida económica, planes de negocios, comercialización, finanzas, recursos humanos y producción [...]. (PERFIL, 13/09/2012).

Desde el título, consecuente con el contenido del editorial, se construye un “[...] modelo invertido de conflicto social.” (GIALDINO, 1997, p.209) por el cual se define a la situación y acción del gobierno nacional y La Cámpora con connotaciones negativas haciendo aparecer a las entidades privadas, además “apolíticas”, como la parte débil del conflicto. Se recontextualiza al utilizar el término “bastardean” que significa apartar algo de su pureza primitiva, es decir, se aparta a los talleres de su objetivo: educar técnicamente a partir de una actividad no lícita: adoctrinar a los niños y jóvenes. El eslabón argumentativo cumple una función de oposición: unos son buenos, apolíticos, difunden saberes técnicos mientras que otros son malos, adoctrinan, llevan a las escuelas elementos espúreos y peligrosos ocultos tras la fachada de juegos. Se alude a la complicidad con el lector: “como se sabe”, es decir, todos saben cómo es el accionar de La Cámpora. Incluso se deslegitima un fallo de la Defensoría del Pueblo de la Ciudad que había dictado una resolución en contra de la labor de *Junior Achievement*

en las escuelas del distrito sosteniendo que dicha resolución está “basada en aquella línea tendenciosa de pensamiento”. Podríamos considerar que el argumento es consistente con la racionalidad neoliberal: las organizaciones que difunden saberes técnicos, financieros, económicos, son presentadas como a-partidarias, lo que no significa que carezcan de ideología sino que la misma se enmascara detrás de lo técnico, de lo instrumental y del “trabajo desinteresado” a partir de estrategias de **disimulación**. Por el contrario, el discurso opera sosteniendo que la ideología sólo es propia de las organizaciones políticas partidarias y del “apuro del Gobierno por reclutar jóvenes para su causa política”. De esta forma, se deslegitima el trabajo político mientras se polariza identificando a los “buenos”, que hacen su labor desinteresadamente, de los “malos”, los que adoctrinan a los jóvenes. Finalmente, en tiempos de revalorización de la política para la vida social, el editorial matiza sus dichos con un argumento condicional que intenta reforzar el argumento de oposición al sostener que “obviamente que los jóvenes pueden y deben participar en política, pero no de una forma compulsiva y unidireccional [...]”.

Este tema también se desplegó en diversos programas de PPT reforzando el discurso con su réplica en el programa *Lanata sin Filtro* que se emite diariamente por Radio Mitre. En PPT, el 12/08/2012 se aborda el “trabajo político en escuelas” por parte de La Cámpora bajo la “excusa de trabajo social”. Hablan con padres y alumnos, plantean que “cantan”, “marchan”, “aplauden” y “la presidenta lo festeja”, “son sus soldados, dicen ellos”, dando lugar a una pintura de la organización: “hacen un ritual de autocelebracion que crece hasta ocupar infinitud de cargos”. Como se ve, con el discurso se fragmenta, oponiendo el “nosotros” de un “otro” que se aprovecha del poder del Estado en su beneficio y lo “festeja”, que además están “envueltos en la épica de una batalla que inventaron, van por más y ahora desembarcan en escuelas de todo el país”. Nuevamente el lenguaje bélico remite a la oposición, a la polarización, así como al temor a la violencia, a la infiltración en las mentes infantiles ya que “recurren al engaño, la buena voluntad de algunas personas, que son solidarios pero caen en el juego de La Cámpora”. Con notas de Nicolás Winazki destacan que “bajan contenido político bajo la forma de talleres”, “irrumpen en el lugar y obligan a todos a jugar un juego, El Eternauta”. Vemos que así como en la gráfica, todo taller o actividad realizada por una organización política mientras que, cuando se trata de organizaciones vinculadas a fundaciones, se las considera apolıticas y democráticas.

Nuevamente el humor es el recurso para reforzar el tema: Tino y Gargamuza **visitan la escuela de La Cámpora** donde Tino va a hablar con

Militancia política y subjetividad juvenil, los “indeseables” del sistema. Un análisis de los procesos de subjetivación a través de la mirada de los medios de comunicación

la directora porque su sobrinito “se volvió un poquito loco con el libro de historia. A Colón le dibujó cuernos, a Sarmiento lo quemó y a Julio A. Roca lo lookeó *hipster*”, a lo que Gargamuza responde: “olvidate, los niños de esta escuela están bajo la influencia de La Cámpora que vienen siempre a repartir su *merchandising*”. A partir de all ven los juegos de los niños en la escuela: un tren en el que culpan al motorman (con traje de preso) si choca, en alusión a la tragedia de Once; en el *twister* deben contorsionarse sin “sacar la mano de la lata”, en alusión a la corrupción; los mapas sólo tienen dos países: Argentina y Venezuela, aunque figura uno que alude a los Fondos Buitre “porque algún enemigo siempre hay que tener”, entre otros.

Así, el propósito del humor es cuestionar las actitudes sociales y evaluar, en forma irónica, una única visión de la realidad. La imagen ayuda a interpretar el mensaje, que a su vez da contenido a la imagen, subrayando su valor irnico. Así cumple funciones de relevo y anclaje eficaces para construir representaciones y subjetividades (BARTHES, 1977).

Otras operaciones son las que tienen como objetivo recrear un escenario que remita a la historia pasada, a los años ’70. Por ejemplo, en la nota del 26/12/2009 Perfil titula:

Marta Oyhanarte rompió el silencio: “trabajábamos como si estuviéramos en la clandestinidad”

Intimidaciones, autoritarismo y el rol de **La Cámpora** [resaltado en el original]

Utilizando comillas y lenguaje directo, el medio establece una distancia entre el que habla y la emisión al tiempo que utiliza una metáfora que cambia un objeto por un sonido: “rompió el silencio”, dando cuenta de una situación que todos callan hasta que alguien se atreve a hablar y la hace pública. Al referirse a la “clandestinidad” remite a actividades ocultas y conduce al lector al pasado violento: la actividad de la guerrilla. Al remarcar “el rol de La Cámpora” lleva a cabo una recontextualización: es el accionar propio de un grupo que oculta sus acciones de la ciudadanía, que intimida y ejerce el autoritarismo. El “fantasma del pasado” se agita asimismo en la nota cuando sostiene:

En diálogo con el diario La Nación, la ex – funcionaria contó que su renuncia respondió a ‘una oleada represiva’ que no puede dejar de ‘asociar a etapas nefastas de nuestra historia’. ‘Simbólicamente lo comparo con persecuciones, torturas y desapariciones de la dictadura, porque

son cosas de la cultura del autoritarismo' afirmó Oyhanarte. (PERFIL, 26/12/2009).

En este caso, Perfil toma el discurso de otro diario, reproduciendo y ampliando la construcción de la realidad basada en el discurso del riesgo a partir de un argumento de oposición que **polariza** y enfrenta a quienes hablan de quienes obligan a callar y guardar silencio, los primeros vinculados con la democracia, los segundos con la dictadura y el autoritarismo, lo que apoyaría la idea de que éste es un gobierno dictatorial y totalitario. De allí que "algunos" – quienes piensan distinto - deban trabajar como si estuvieran en la clandestinidad mientras otros – La Cámpora - se ocupan de perseguirlos.

Esta idea se refuerza con recursos metafóricos utilizados en otras notas, por ejemplo, cuando el 21/12/2009 titula:

Lo aplaudieron de pie en la Biblioteca Nacional  
Carta Abierta y La Cámpora fueron la "musica maravillosa" de Kirchner

La metofora del título, que en nada tiene relación con el contenido de la nota, ya que en ella se transmiten párrafos del discurso de Néstor Kirchner, remite a los años '70 cuando Perón, en la Plaza de Mayo, habló del pueblo argentino como la más maravillosa música en sus oídos. En este caso, el significado se recontextualiza identificando a los intelectuales afines al gobierno y a los jóvenes militantes como "el pueblo" del kirchnerismo, donde quienes piensan distinto no formaran parte de ese colectivo.

## A modo de conclusión

En esta aproximación al tema hemos intentado mostrar cómo a través del discurso, los medios contribuyen a la construcción de la subjetividad de los jóvenes, en este caso, de aquéllos que militan políticamente en La Cámpora. En este sentido, hemos analizado diversas estrategias de deslegitimación, de fragmentación, de polarización, de disimulación a partir de las cuales el semanario lleva a cabo un proceso que podra sintetizarse en tres ejes de análisis: el camino de construcción del "enemigo"; el "fantasma" de los '70; y los "deseables" vs. los "indeseables".

Para dar cuenta del proceso de "construcción del enemigo" identificamos diversas estrategias: por un lado, dar a los actores el **tratamiento de "niños"**: son jóvenes, sin experiencia, no saben pero ocupan puestos de responsabilidad. Otra estrategia consiste en **estereotipar su accionar**: son

Militancia política y subjetividad juvenil, los “indeseables” del sistema. Un análisis de los procesos de subjetivación a través de la mirada de los medios de comunicación

jóvenes militantes, movidos por la política, asociándolo a la búsqueda de prebendas políticas, cargos en empresas u organismos del Estado generando una clara vinculación de la militancia con la obtención de cargos y la corrupción o el nepotismo; y actúan como “mafia”: “limpian” de elementos indeseados los organismos públicos, “pasan factura” a quienes no se ajustan a los lineamientos del kirchnerismo, amenazan o atacan, todo con un estilo autoritario.

El segundo eje identificado, “**agitar el fantasma de los ‘70**” se logra a través de una construcción mediada por las metáforas de la guerra que, a su vez, contribuyen a reforzar el estereotipo del joven militante. Así, se hace permanente referencia a que se “organizan en brigadas”, la “tropa del niño Máximo” (en referencia a Máximo Kirchner, Periodismo Para Todos 6/11/2014) que es definido como el “comandante” que “encolumna” detrás suyo a todos los demás con el fin de construir el “armado” del poder presidencial. También se hace alusión al búnker en que se convierte la oficina de Néstor Kirchner luego de su muerte (programa del 4/03/2012) o que llevan a cabo “purgas” en organismos del Estado. Estos jóvenes, además, “adoctrinan” a otros que podrían ser captados en las escuelas desde niños, donde “irrumper” los militantes, mientras que “acorralan” a quienes disienten y los hacen vivir “en la clandestinidad”.

Por último, esto mismo llevaría a distinguir, desde el discurso, a aquellos que militan en La Cámpora o alguna otra agrupación cercana al proyecto kirchnerista -como Unidos y Organizados- de otros, estableciendo una clara fragmentación entre quienes recurriran al nepotismo, la prebenda, organizándose desde el poder, en definitiva, representan el disvalor y son por tanto “indeseables”; de aquellos que representan valores solidarios, que construyen poder “desde abajo”, oponiéndose a las dictaduras, utilizado este término en un sentido ambiguo: el último golpe de Estado y el actual gobierno; que luchan por la democracia y la institucionalidad, es decir, los “deseables”. En este sentido, el lenguaje da cuenta de ello al hablar de militantes, referido a La Cámpora, o de juventudes, referidas a quienes militan en el PRO (PERFIL, 6/01/2013).

Podríamos concluir que, a partir de la reactivación política juvenil se han desplegado un conjunto de prácticas discursivas vinculadas a prácticas de poder a fin de deslegitimar este proceso. Así, el discurso se apropia de un lenguaje que connota una valoración de la política en clave neoliberal, no entendida como instrumento de transformación social sino como acceso a cargos de poder, ineficiencia y corrupción. Esta construcción se expresa en prácticas sociales que van constituyendo modelos de identidad a partir de las cuales los propios sujetos van constituyendo su “experiencia de sí”.

Es así que el neoliberalismo, en tanto ideología dominante del capitalismo actual, estigmatiza aquellas creencias, y a los actores que las encarnan, que resultan disfuncionales al capital. Complementariamente se intensifican los modelos que encarnan una subjetividad emprendedora, individualista y mercantilizada.

Es posible pensar, a la luz de la nueva realidad política pos electoral, que las categorías de cuerpo y gestión se articulan hoy en tecnologías específicas orientadas a la regulación y gobierno de conductas de acuerdo a parámetros específicos de optimización económica y sedimentaciones subjetivas. Si bien no ha sido abordado en este trabajo, es posible pensar que todas las estrategias analizadas en este trabajo han sido el fundamento necesario para profundizar las estrategias de deslegitimación en los últimos meses, a partir del cambio de gobierno. En este sentido, y sin avanzar en el análisis, nos arriesgamos a aventurar las estrategias de deslegitimación se han intensificado a partir de la identificación, en el discurso, de militancia-empleo público-nepotismo-prebendas con el claro objetivo de polarizar y fragmentar, rompiendo con la empatía frente al avance del desempleo, construyendo un “otro” despreciable, al que hay que “barrer” y que merece el destino aciago del desempleo.

Varios interrogantes quedan abiertos. Por un lado, profundizar en el análisis de la construcción de subjetividades en esta nueva etapa que comienza; por otro, indagar cómo estos jóvenes se construyen como sujetos, cómo se presentan a sí mismos como una construcción colectiva capaz de pensar y llevar adelante un proyecto de país.

## REFERÊNCIAS

- BARBERO, J. M.; REY, G. **Los ejercicios del ver**. Barcelona: Gedisa, 1999.
- BARTHES, R. **Image, music and text**. Londres: Fontana, 1977.
- CABRA, N. Para hacerse joven. In: CABRA, N. (Org.). **Inventudes**: investigación de jóvenes para jóvenes. Bogotá: Nómadas 30, 2011. p. 24-40.
- CAVICCHIOLI, S.; PEZZINI, I. La televerdad en Italia: un complejo territorio. **Telos**, Madrid, n. 43, p. 105-113, 1995.
- CRIADO, E. M. La construcción de los problemas juveniles. **Nómadas**, Madrid, n. 23, p. 86-93, 2005.
- FOUCAULT, M. **Nacimiento de la biopolítica**. México: Fondo de Cultura Económica, 2007.
- GAITÁN, J. A.; MONDELO, E. La función de la televerdad. **Telos**, Madrid, n. 53, p. 35-43, 2002.

Militancia política y subjetividad juvenil, los “indeseables” del sistema. Un análisis de los procesos de subjetivación a través de la mirada de los medios de comunicación

GIALDINO, I. V. d. **La construcción de representaciones sociales**: discurso político y prensa escrita: un análisis sociológico, jurídico y lingüístico. España: Gedisa Editorial, 1997.

GÓMEZ, L.; JÓDAR, F. Foucault y el análisis sociohistórico: Sujetos, saberes e instituciones educativas. **Revista Educación y Pedagogía**, Medellín, v. 15, n. 37, p. 53-68, 2003.

IMBERT, G. La hipervisibilidad televisiva: nuevos imaginarios/nuevos rituales comunicativos. In: JORNADAS SOBRE TELEVISIÓN, 1., 1999, Madrid. **Anais...** Madrid, 1999.

LASH, S. Discourse or figure: postmodernism as a regime of signification. **Theory, Culture & Society**, Londres, v. 5, p. 311-36, 1988.

MILLER, P.; ROSE, N. Political power beyond the state: problematics of government. **British Journal of Sociology**, Londres, v. 43, p. 173-205, 1992.

PERFIL. Buenos Aires, Argentina: Editorial Perfil, 9 maio 1998-.

REGUILLO, R. Imaginarios globales, miedos locales la construcción social del miedo en la ciudad. In: CIENCIAS DE LA COMUNICACIÓN: IDENTIDADES Y FRONTERAS, 1., 1996, Recife. **Anais...** Recife, 1996.

SCHMITT, N. La biopolítica neoliberal y la cuestión juvenil: entre la estigmatización y el control social: una mirada desde los medios de comunicación. In: JORNADAS DE SOCIOLOGÍA LUCES Y SOMBRAS EN AMÉRICA LATINA, 15., 2011. **Anais...**Buenos Aires, 2011.

THOMPSON, J. La comunicación masiva y la cultura moderna: contribución a una teoría crítica de la ideología. **Revista Versión**: Estudios de Comunicación y Política, n. 1, p. 43-77, 1991.

VAN DIJK, T. A. **Ideología**: una aproximación multidisciplinaria. España: Gedisa Editorial, 1999.

VERÓN, E. Ideología y comunicación de masas: la semantización de la violencia política, publicado en VV.AA. **Lenguaje y comunicación social**, Buenos Aires, 1971. Disponible en: <<http://www.periodismo.uchile.cl/talleres/teoriacomunicacion/archivos/veron.pdf>>. Acceso en: 19 dez. 2016.

VILCHES, L. La televerdad. **Telos**, Madrid, n. 43, p. 54-62, 1995.

# **A PARTIR DA ROUPA: A CONEXÃO ENTRE CORPO E CONSUMO NA CONSTITUIÇÃO DA IMAGEM EM REDES SOCIAIS**

Augusto Ferreira DANTAS JÚNIOR

## **Introdução**

Nesse artigo pretendo discorrer sobre a relação entre consumo e uso do corpo na comunicação estabelecida por *instabloggers*<sup>1</sup> com seu respectivo público seguidor, na cidade de Teresina.

O trabalho, realizado no decorrer do ano de 2015, iniciou a partir da percepção de uma nova dinâmica das relações no mercado de moda local, por meio do estabelecimento de sujeitos considerados formadores de opinião nas redes sociais<sup>2</sup>. Aqui destaco o uso do Instagram por parte destas pessoas, pois me refiro a um meio de comunicação que permite trocas mais imediatas, se comparado aos blogs ou sites já anteriormente utilizados pelos interlocutores da pesquisa.

Primeiramente dediquei-me a passar alguns meses observando perfis na rede social. Assumi a postura de seguidor e consumidor do discurso apresentado neste espaço. Assim, pude observar que, por meio das relações estabelecidas, é possível conhecer perfis de diversos sujeitos e assim ampliar a gama de informações trocadas. Alguns deles eu já conhecia das minhas vivências anteriores no contexto da moda local, outros tive a oportunidade de conhecer no decorrer deste processo mais recente.

---

<sup>1</sup> Pessoas que fazem uso de Instagram para transmissão de informações anteriormente restritas aos blogs. Diariamente são postadas imagens acompanhadas de texto breve (geralmente um parágrafo), de leitura rápida e fácil compreensão, de modo que o conteúdo seja rapidamente assimilado pelos seguidores. Essa categoria emerge em um contexto no qual o uso de *smartphones* permite acesso imediato às mais diversas informações e modifica o ritmo das publicações realizadas por estes sujeitos.

<sup>2</sup> As redes sociais sobre as quais me refiro aqui são os espaços virtuais, os novos meios de comunicação em massa nos quais as pessoas mantêm contato e trocam informações (blogs, Instagram e Facebook, especialmente).

A experiência prévia de pesquisa na área permitiu minha chegada até o estudo atual. Entre os anos de 2011 e 2013 fui mestrando do programa de pós-graduação em Antropologia e Arqueologia da UFPI. Na ocasião estudei a produção de significados nos espaços de moda local, momento no qual eu estava inserido em lojas, ateliês e eventos onde eu percebia que as pessoas se faziam presentes e realizavam trocas de conhecimento e informação.

No decorrer de dois anos (2013 a 2015) observei que o espaço virtual de certa maneira se sobrepôs aos espaços físicos. Não afirmo que as relações construídas nos locais de moda tenham perdido força, porém o uso de uma rede social de acesso instantâneo por meio do celular impõe modificações, seja impulsionando eventos (pela divulgação prévia, imediata e posterior) ou mesmo suprimindo a necessidade de se fazer fisicamente presente em locais de compra ou semelhantes.

O uso da rede social tanto ajuda as pessoas a pouparem tempo nas compras, como serve na divulgação dos trabalhos e das vendas de produções locais. A disposição das imagens serve como catálogos que permitem a visualização dos produtos, permitindo questionamentos acerca dos mesmos. O encurtamento de tempo torna mais breve as relações, mas possibilita sua pluralização, tornando-as mais recorrentes.

Após observações dos perfis locais, realizei a escolha das interlocutoras, cujas falas promoveram uma compreensão acerca do que pode ser acompanhado diariamente nos seus respectivos trabalhos, assim como em outros semelhantes. Nesse ponto procuro dar continuidade ao modelo etnobiográfico que já havia colocado em prática na pesquisa anterior. A escolha de um número reduzido de sujeitos foi pela necessidade de explorar suas biografias e respectivas concepções sobre o trabalho realizado por elas e pelas demais pessoas, com o objetivo de analisar a cultura de moda local. Busco compreender algo mais amplo a partir da explicação de suas histórias, e não apenas quero utilizar-me destas para ilustrar fatos culturais.

Por meio de entrevistas realizadas no mês de outubro de 2015 e das informações obtidas com as duas interlocutoras foi esclarecido e arrematado muito do que havia sido observado em meses de análise de perfis no Instagram, pois se a partir da fala estes sujeitos constituem a si mesmos (KOFES, 2001), então não cabia exclusivamente a mim dizer quem são. Para Gonçalves (2012), seu discurso emerge como agente na medida em que criam e agregam novos significados ao mundo e às coisas ao mesmo tempo em que transformam o antropólogo enquanto sujeito que constrói a narrativa etnográfica.

Escolhi duas pessoas para entrevistar nesse trabalho, pois ambas distinguem em muitos aspectos e são ricas em pluralidades, assim poderiam ser bons exemplos para falar sobre uma categoria mais ampla.

## Reconhecendo os participantes da pesquisa

Antes de falar sobre os interlocutores, preciso esclarecer que as pessoas cujos perfis que observei são em sua maioria do sexo feminino (entre cerca de 10 perfis, apenas um pertence a um sujeito do sexo masculino), brancas, de classe média, que nasceram ou viveram maior parte de sua história em Teresina, com idade entre 25 e 35 anos, formação acadêmica na área de moda concluída ou em andamento, ou atuação na área<sup>3</sup> (além do trabalho como *instablogger*). Costumam frequentar os mesmos espaços e aparecem juntos em imagens divulgadas sobre diversos eventos - de lançamentos de coleções a palestras e desfiles. Conheço praticamente todos eles fora das redes sociais por conta das minhas pesquisas e das atividades que realizei anteriormente<sup>4</sup>. Formam uma equipe local que se constitui sobre uma rede de sociabilidades, assim mantendo a proximidade entre seus constituintes e gerando identificação no público seguidor.

Observamos que o Instagram exerce, portanto, uma função semelhante ao que Simmel chama de “espaços de sociabilidades”, nos quais os indivíduos interagem a partir de interesses em comum, em uma relação de convívio, de atuação com referência ao outro, com o outro e contra o outro, em um estado de correlação com os outros (SIMMEL, 2006). Assim, as pessoas que se destacam nesta rede exercem influência sobre seus seguidores e por eles são também influenciados. Esses sujeitos não estão meramente agregados. Existem formas de “ser para o outro”, “estar para o outro”, construídas a partir dos interesses que promovem o processo de interação.

As diversas formas de condutas individuais são estabelecidas com o objetivo de manter uma interação satisfatória entre as partes envolvidas. No espaço virtual, onde o desempenho dos atores inseridos depende do fato de jogarem ou não de acordo com as regras estabelecidas. Os interlocutores da pesquisa não foram estudados isoladamente, pois nas suas falas frequentemente legitimam a posição dos demais, quando fazem referência ao trabalho do outro.

---

<sup>3</sup> Atuação prática na área de jornalismo, produção, consultoria, estilismo, docência, entre outras no cenário da moda local.

<sup>4</sup> Como produtor de moda para campanhas publicitárias e como ministrante de palestras e cursos.

Em Teresina temos uma realidade interessante: um campo onde a produção, o consumo e a troca de informações sobre moda crescem consideravelmente, em um contexto no qual os sujeitos de destaque mantêm relação de proximidade entre si. Assim sendo pode-se estabelecer uma breve analogia entre as redes sociais (Instagram, Facebook, blogs) e a ideia de rede social para Barnes (2010), ao observarmos que as relações nestes espaços envolvem processos similares ao processo político, tais como acordos, compromissos, agrados, jogos de recompensas e influências.

As duas pessoas que escolhi são aquelas as quais percebo como sendo mais distintas em relação aos demais atores. Com isso posso explorar uma questão interessante: independente de seguirem ou não o padrão vigente no campo onde estão inseridas, estas interlocutoras conseguiram firmar uma posição de destaque estabelecendo seu papel como formadoras de opinião, o que justifica minha necessidade de ouvi-las. O fato de me conhecerem previamente facilitou o contato neste momento, pois estabeleceu uma maior confiança e permitiu o desenvolvimento de diálogos mais fluidos. Ambas aceitaram colocar seus nomes na entrevista, por terem consciência de que são pessoas públicas e que, a partir dos dados apresentados, boa parte de quem possa ter acesso ao material irá reconhecê-las.

Joana D'Arc iniciou seu trabalho na área de moda aos 13 anos, participando de desfiles, no ano de 1979. Residia em Parnaíba (sua cidade natal), onde foi miss na década de 80. Relata que daqueles tempos até a atualidade as coisas mudaram muito, pois naquela época existiam poucas lojas e as possibilidades de consumo eram totalmente diferentes das atuais:

*Era muito mais comum contar com o serviço de uma costureira do que com as novidades da moda. As coisas demoravam muito pra chegar. Era muito mais fácil adquirir em viagens ou copiar para que fossem feitos por aqui. Se você vai observar hoje, com a internet o mundo se tornou um só. Hoje, com o Instagram, é bem mais fácil de achar. Tá tudo ali. (Joana, 2015).*

Nas mais de três décadas de trabalho na área de moda ela teve a oportunidade de conhecer muitas pessoas, coisas, tendências, lugares. No seu discurso é possível perceber a experiência adquirida, pois constantemente apresenta referências e lembranças. Apesar de ter formação como assistente social, decidiu iniciar um blog no ano de 2008 (“Quando ainda tava começando essa coisa de blog de moda”), atualmente vinculado a um portal de notícias local, dando início ao seu perfil no Instagram em 2011 (“Eu nem tinha interesse, mas insistiram comigo e resolvi fazer”). Assim como a segunda entrevistada, seu perfil (@melangedetout) apresenta imagens e

informações sobre moda, sobre coisas que ela gosta, sobre trabalho e vida pessoal: “uma mistura de tudo”. A ideia de não manter o foco exclusivamente na moda é algo significativo no estabelecimento de seu trabalho perante o público.

Biá Boakari, 32 anos. Filha de pai serra-leonês e mãe cearense. Nasceu em Brasília, morou em Teresina e algumas vezes nos Estados Unidos, onde cursou comunicação. Na ocasião descobriu a identificação com escrita e aspectos culturais, mantendo seu foco nesta área. Estagiava em uma Organização Não Governamental localizada em uma região simples, habitada predominantemente por negros. Assim começou a fazer matérias para um jornal voltado para a cultura negra, cobrindo shows de artistas que se destacavam naquele cenário (Snoop Dogg, John Legend, The Gamer etc.).

Quando voltou para Teresina, há cerca de seis anos, foi aprovada em um teste para um jornal local e assumiu o cargo de jornalista cultural, sendo responsável por uma página voltada para o universo feminino. O interesse por maquiagens, roupas e afins foi importante para que assumisse a coluna. Posteriormente iniciou um blog vinculado ao portal do jornal (Blog O Estilo), cuja proposta foi compartilhada com outros dois jornalistas. Desta parceria surgiu um site e a TV Com Estilo<sup>5</sup>, além do perfil no Instagram (@odiacomestilo).

Além desse trabalho, mantém também seu perfil pessoal no Instagram (@biaboakari), que despertou ainda mais o meu interesse para que fosse incluída no estudo, devido à estrutura que ela organiza: um pouco de vida pessoal, informações, trabalho, novidades etc.

As interlocutoras da pesquisa fazem parte do mesmo contexto e nele compartilham de muitas situações de trabalho. Por mais que as duas se conheçam e façam referência uma à outra, suas falas trazem à tona diferenças impressas nas suas histórias. Suas vivências foram e são significativas no seu posicionamento atual e na estruturação dos seus discursos sobre moda, corpo e consumo por meio das redes sociais.

Portanto, escolho iniciar pela narrativa de si para reconhecê-las como pessoas construídas por modelos convencionados culturalmente, de modo que os acontecimentos por elas narrados estão veiculados a uma história sociocultural (MAUSS, 2003). Escutá-las é extremamente importante para ouvir o que têm a dizer além das imagens e textos relativamente curtos que postam diariamente. É, sobretudo, a possibilidade de permitir que elas se coloquem enquanto sujeitos (não somente como formadoras de opinião) e possam compreender os seus papéis no emergente contexto da moda local.

---

<sup>5</sup> Disponível em: <[www.odiacomestilo.com](http://www.odiacomestilo.com)>. Acesso em: 3 jan. 2017.

## Significações acerca das redes sociais

À medida que as conversas aconteciam, eu percebia que não bastava tentar compreender seus papéis a partir da observação dos seus perfis no Instagram ou pela construção de uma análise histórico-contextual. Há sim uma necessidade maior de saber como elas percebem este processo, como se reconhecem umas às outras e a si mesmas. Isso resulta no jogo de imagens, textos, ações e discursos direcionados ao público seguidor.

A princípio pensei em escolher a quantidade de seguidores como critério significativo para selecionar quem entrevistaria, mas optei por priorizar outros fatores, tais como: experiência, história prévia e atividades desenvolvidas na área. Ter mais de 10 mil seguidores ou centenas de curtidas por foto pode sim ser algo significativo, mas algumas décadas de experiência ou o vínculo com um veículo de comunicação local de grande porte também podem indicar que estas pessoas despertam interesse no público. Tudo depende de uma questão de perspectiva, e aqui considero a perspectiva das interlocutoras em relação à dinâmica dos perfis locais no Instagram.

Joana considera que a experiência na área de moda e a quantidade de pessoas que conhece não foram elementos significativos para seu estabelecimento, não tanto quanto a dedicação que teve ao trabalho. Percebeu que podia trabalhar com blog pra falar sobre coisas que gostava, não necessariamente sobre coisas que ela usaria. Desta maneira estabelece uma postura de distanciamento entre aquilo que aprecia, o que divulga e o que consome:

*Era pra falar sobre o que eu acho legal, mesmo que não use. Em hipótese alguma divulgo algo que não acredito. Não considero que o meu blog seja apenas de moda, mas de coisas que gosto. Eu falo de tudo isso. Então sei que agrada homem, mulher, gente de todas as idades.*

*As pessoas precisam acreditar no que eu falo, por isso não ando colocando tudo que vejo, nem faço publicidade. Se eu gosto de alguma novidade, mostro, mas se eu não gostar posso até colocar a título de informação, pra saberem onde vende. (Joana, 2015).*

Na sua fala expõe uma perspectiva acerca de certa “política de aceitação em rede social”. Não deixa de divulgar coisas que gosta ou acredita, mesmo que não faça uso, pois acha positivo permitir que as pessoas tenham conhecimento sobre o que há de interessante. Tal postura implica em um ritmo de trabalho que demanda atenção, mas que para ela não parece desgastante, pois se organiza de modo a realizar postagens diárias em horários específi-

cos. Quando vê algo que vale a pena, então se sente livre para flexibilizar suas atualizações.

Aproveitando um termo muito utilizado por Dardot e Laval (2013), o *management* de si consiste em encontrar um ponto no qual mantenha seu gosto pessoal e ao mesmo tempo dialogue com o público. Não percebo nesse jogo entre obedecer ao próprio desejo e obedecer ao desejo do outro a existência de um processo de alienação, mas sim uma adequação oportuna e funcional ao processo de gerar identificação com os seguidores.

Assim, evitando um perfil engessado faz com que seu Instagram pareça mais pessoal e familiar. Permite que as pessoas a conheçam melhor, mesmo que com muitos deles nunca tenha contato físico, pois gosta de sentir isso também em relação aos perfis que ela segue (“Elas se identificam muito com aquilo que está do lado delas, mesmo que virtualmente”). Portanto, o veículo de comunicação exerce um papel socializador e implica condutas, por mais que os sujeitos que dela fazem parte sintam a necessidade de apresentarem-se da forma mais autêntica possível.

Com isso, há a necessidade de assumir uma produção de si coerente com o que propõe, o que Goffman (2011) chamaria de uma imagem do eu delineada em termos de atributos sociais aprovados. O sujeito posiciona-se de forma que consiga lidar com o imediatismo nas redes sociais, apresentando-se como adaptado ou adaptável às novidades. Demonstra uma imagem de autonomia, mas faz parte do mecanismo do sistema capitalista, assim como os demais. Posicionamento criticável? Possivelmente não. Saber atuar nesse cenário é, sobretudo, a principal característica do empreendedorismo essencial à garantia de retorno por parte dos demais envolvidos.

Faz-se necessária uma normativa acerca do trabalho, mesmo que não exista um modelo pré-estabelecido. O campo das redes sociais abrange múltiplos sujeitos, cuja troca de informações está sempre marcada pela heterogeneidade inerente a estas novas formas de contato. Como numa microrreprodução do sistema capitalista, as relações humanas precisam de regras para que sejam mantidas.

No que diz respeito ao processo de gerar identificação com os seguidores, Biá traz uma ideia sobre o bom uso das redes sociais no processo de trabalho. Em sua opinião, faz-se necessário um mínimo de habilidade no que diz respeito à frequência e ao conteúdo das postagens:

*Pra dar certo e ter uma boa aceitação, a pessoa tem que saber usar as redes sociais ao seu favor, mantendo-se sempre informada, ficando de olho em outros blogs. A busca por informações é constante durante as 24 horas do dia. Não dá pra trabalhar seguindo um ritmo diferente disso, caso contrá-*

A partir da roupa: a conexão entre corpo e consumo  
na constituição da imagem em redes sociais

*rio, não desperta interesse nas pessoas. A frequência das postagens conta muito, e também a adequação delas ao blog e ao Instagram. Acho que a Joana faz muito bem isso.* (Biá, 2015).

Tornar-se distinto e destacar-se nesse contexto depende, pois, da maneira que as interlocutoras e demais sujeitos consomem as possibilidades que as redes sociais oferecem. Blogs, Facebook e Instagram possuem dinâmicas diferentes. Conhecê-las e saber mostrar-se habilidosa em cada uma delas é, pois, essencial para uma boa aceitação do trabalho por parte dos seguidores, o que não lhe parece tão fácil:

*Manter as postagens nas redes sociais é um grande desafio. Como eu lido com várias mídias, às vezes sinto dificuldade nisso. O que talvez torna o resultado mais atraente para as pessoas é a possibilidade de apresentar novidades e parecer alguém real, que vive uma vida real, como a maioria dos seguidores. E a possibilidade de – como conhecedora de algo – poder falar diretamente para as pessoas que possuem interesse nas informações passadas.* (Biá, 2015).

Para que determinado sujeito apresente um perfil interessante e se estabeleça como formador de opinião nesse contexto, não basta somente possuir conhecimento sobre moda e outros assuntos abordados no cotidiano. A identificação acontece também (ou talvez principalmente) pela proximidade que as interlocutoras permitem gerar com os seus seguidores (por isso o uso de perfis pessoais no trabalho).

Quando fala em “red de influencias” Erner cita que recebemos a influência da rede que pertencemos, não de pessoas especializadas nesse papel (ERNER, 2010, p.89). O questionamento sobre como tornar-se acessível aos seguidores é algo constante, principalmente se consideramos que esse contato não requer presença física. Para ele:

*[...] conocidos cercanos, conocidos lejanos: nuestro comportamiento sufre la influencia de personas lejanas. O, mejor dicho: personas em apariencias lejanas pueden estar en realidade próximas a nosotros.* (ERNER, 2010, p.90).

Nos novos meios de comunicação algumas formas de contato são transpostas. Os influenciadores das redes sociais não necessariamente precisam estar próximos aos influenciados. A estes é possível comunicar-se com várias pessoas ao mesmo tempo, gerando entre elas proximidade e identificação por meio da informação compartilhada. Por isso não basta contabilizar

milhares de seguidores, mas é interessante que estes sejam indivíduos reais (já é possível “comprar” seguidores ou curtidas no Instagram), que gostem do que elas oferecem e participem diariamente deste trabalho:

*A gente vê casos de meninas que um dia estão com mil seguidores, noutra semana já aparecem com 7 mil, sem que nada especial tenha acontecido. Eu acho desonesto, porque algumas utilizam o espaço delas pra vender uma coisa, sendo que aqueles seguidores nem existem. Acho mais desonesto. Eu sempre digo: no meu é tudo meu. (Joana, 2015).*

Em um contexto no qual a necessidade de obter destaque e exercer influência muitas vezes perpassa o próprio trabalho a ser realizado, os critérios básicos para avaliação de desempenho merecem ser ressignificados. Números dão lugar a outras formas de avaliação daquilo que é realizado por cada um e pelos outros, e a compreensão de si mesmo emerge como ponto essencial para que estas pessoas se posicionem como sujeitos das redes sociais.

### **A compreensão e o uso do corpo na construção da imagem nas redes sociais**

*Gosto de ficar à vontade para postar, já que nem vou com tanta frequência aos eventos. Não gosto mesmo, só vou quando se trata da loja de algum amigo ou pessoa conhecida. Aí eu chego cedo para fotografar o espaço e os produtos, porque é isso que gosto de ver nos outros blogs. Eu vejo a maioria das outras meninas, que vão pra ficar se fotografando no espaço. Se eu tivesse em casa não iria querer saber quem está na loja, mas o que tem de bom por lá. (Joana, 2015).*

Quando questionada sobre o fato de trabalhar expondo o próprio corpo, seja pela utilização de imagens suas usando determinados produtos ou em eventos nos quais se faz presente, Joana esclarece que não gosta de explorar em excesso sua imagem e a de outros, como alguns costumam fazer. Mesmo estando ciente de que o “colunismo social” e a autoexposição funcionam como uma promoção que gera retorno positivo (seja na quantidade de curtidas, comentários ou eventuais parcerias), ela prefere preservar alguns limites essenciais no seu trabalho.

Optar por não expor sua imagem também é uma forma de *management* corporal, principalmente se considerarmos que a autoexposição é quase prioritária na realização do trabalho com moda em redes sociais. Aqui

remeto à noção de capital-corpo, apresentada por Wacquant no que diz respeito ao gerenciamento do corpo enquanto instrumento de trabalho. Neste processo faz-se necessário seu uso sem gastá-lo: “[...] o que supõe uma gestão rigorosa do corpo, uma conservação meticulosa de cada uma de suas partes.” (WACQUANT, 2002, p.147).

Aqui me permito ampliar esta concepção não somente ao corpo, mas também à imagem preservada, para que assim seja evitado seu desgaste. É por meio dela que a maioria das pessoas atua no Instagram e nas demais redes sociais. A sua exposição na medida ideal para uma comunicação eficiente denota uma boa capacidade de gerenciamento no processo de trabalho.

“Eu não me preocupo em expor minha imagem, isso pra mim não é prioridade. Não foi para isso que pensei no blog e no Instagram” (Joana, 2015). Mantém-se firme no seu propósito e assim, por meio de suas postagens, é possível observar que ela se distingue em um campo no qual a maioria das pessoas apresenta posicionamento diferente. Assim ela consegue reconhecer a si mesma dentro do grupo do qual faz parte.

Apesar de estar bem estabelecida no atual contexto, suas concepções acerca da imagem, corpo e sociabilidades frequentemente remetem à década de 1990, quando estava na faixa etária da maioria das mulheres que se destacam atualmente:

*Eu lembro que havia muito a coisa de ver alguém usando algo e mandar fazer. Hoje, devido o Instagram, está tudo mais fácil, as pessoas encontram de tudo, independente de estar na moda ou de existir em maior ou menor quantidade. Hoje a pessoa não precisa nem conhecer a outra. Basta ver uma coisa, gostar, daí entra em contato e compra logo.*

*Às vezes mando fazer roupa também, porque assim posso escolher do meu jeito. Eu gosto de coisa discreta, que eu possa repetir, principalmente se a gente considerar esse período de crise que estamos vivendo. (Joana, 2015).*

Enquanto fala sobre redes sociais e consumo ela apresenta sua concepção acerca do uso do corpo e da adequação da imagem pessoal ao trabalho. Considera-se uma pessoa madura em relação à maioria, e assim concebe sua imagem de forma mais austera, o que diz respeito não somente ao seu gosto, mas também à sua idade e experiência. Assim consegue jogar com os demais atores, adequando o uso do corpo às demandas do trabalho, sem sentir-se inadequada ou improdutiva:

*El sujeto productivo fue la gran obra de la sociedad industrial. No se trataba solamente de aumentar la producción material, aún era necesario que el poder se redefiniere como esencialmente productivo, como um estimulador de la producción cuyos limites quedarían determinados ya sólo com los efectos de su acción sobre la producción. (DARDOT; LAVAL, 2013, p.329).*

As interlocutoras desta pesquisa apresentam-se como sujeitos produtivos em quais aspectos? Como e por que podemos dizer que seus corpos estão aptos para a produção e consumo em redes sociais? Por aspectos visuais e estéticos ou pela transmissão de um discurso para seus seguidores?

*Prefiro parecer a pessoa que não anda super produzida, mas tem conhecimento sobre moda. Gosto de estar bem apresentada fisicamente, mas prefiro os básicos, que permitam que me mantenha o mais discreta possível. Permaneço nesse perfil. No dia a dia estou sempre assim, bem confortável, apenas à noite uso algo mais diferente. (Biá, 2015).*

Biá construiu sua autoimagem como alguém que se posiciona fora do padrão. Seu discurso parte do senso estético e da percepção que possui do seu corpo como meio de trabalho, resultando em um investimento sem excessos, pois se sente mais livre para trabalhar desta forma. Observo que, na sua fala, o “estar bem apresentada fisicamente” não está diretamente relacionado ao excesso ou à busca por tendências e modismos, mas sim pela escolha de uma imagem coerente e agradável, dentro do perfil que assumiu. A praticidade e distinção surgem como referência na sua conduta e no seu trabalho.

Para ela, perceber-se assim atualmente é resultado de um processo de modificação corporal e vivências em culturas distintas. Quando voltou dos Estados Unidos teve que adequar seu modo de vestir ao fato de estar fisicamente fora do padrão imposto e às possibilidades que o mercado de moda oferecia:

*Enquanto eu morava lá conheci uma variedade muito grande de tendências e produtos. Ai quando eu voltei pra Teresina me deparei com um mercado mais escasso, então eu usava as camisetas masculinas da Cavaleria, que tinham uma coisa mais transgressora e rebelde. Assim eu lidava melhor com a escassez do mercado e com o meu corpo. Mas eu sentia falta de poder usar um look básico ou mais fashion, que fosse legal. Quando eu vim pra cá mudei o meu estilo não só por causa da mudança física, mas geográfica também. Depois emagreci 30 kg e passei a optar mais pelos básicos (Biá, 2015).*

A mudança de país e a modificação física foram acompanhadas de uma ressignificação da própria imagem, do modo de se vestir, do perfil como consumidora e da forma que se apresenta às pessoas, gerando maior autonomia. Atualmente, por mais que tenha restrições no vestuário (“Tem um monte de coisa que eu adoro, mas não uso mesmo porque não dá certo no meu corpo”), não encontra nisso limitações para o uso da sua imagem e do corpo no trabalho.

Considera que vivencia uma “adequação estética”, pois suas escolhas não são pautadas exclusivamente pelo seu gosto, mas também por aquilo que considera viável para seu tipo físico. Assim, constrói uma imagem de bom senso estético, que promove reconhecimento social por parte daqueles que acompanham seu trabalho:

*Tem que ter jogo de cintura pra lidar com as expectativas em relação a essa coisa de padrão. Eu escuto muito das pessoas perguntas do tipo ‘mas como você tem uma coluna de beleza e não anda maquiada?’ Mas eu me importo muito mais em ter conhecimento sobre moda e poder mostrar isso do que ter que andar toda arrumada. (Biá, 2015).*

Aproveito aqui para questionar sobre a nova ordem do corpo como meio de trabalho no campo das redes sociais. O uso do Instagram implica em um “não estar fisicamente presente”, em uma redução do contato físico, porém a exposição de imagens e seu possível compartilhamento permitem um número infinitamente maior de visualizações. O corpo assume novas formas de exposição nas quais seus lugares, antes submetidos à necessidade da discrição por pudor ou por receio do ridículo, impõem-se hoje sem dificuldade, “[...] sem complexo.” (LE BRETON, 2011, p. 246).

Temos, pois, o que Santaella (2004) chama de “corpo exorbitante”: o corpo que prolifera na multiplicação desmesurada de imagens fotográficas e nos desdobramentos virtuais favorecidos pelas novas tecnologias. O gerenciamento existe até o momento em que as imagens são publicadas. A partir daí as cópias e compartilhamentos independem do controle do proprietário. Com o uso da fotografia foi permitido o registro, a representação e a divulgação de imagens; algo anteriormente realizado exclusivamente por meio da pintura. O advento da fotografia digital, da internet e do uso das redes sociais em aparelhos portáteis aumentou a sofisticação nas formas de registro do corpo. As imagens podem ser aperfeiçoadas e a grande possibilidade de registrar e descartar permite que sejam sempre escolhidas as mais favoráveis para a publicação.

No jogo de imagens, o uso do corpo emerge como forma de apresentação e observação, como um representante pelo qual julgamentos são elaborados. Ainda compreendido como expressão da construção cultural humana, sua análise não mais se debruça somente sobre posturas e técnica dos movimentos, como Mauss (2003) observava. Com o desenvolvimento e o uso das novas tecnologias, não há a necessidade de pensar no abandono de práticas que permitam a compreensão da sociedade, mas na percepção de novas formas de construção cultural. Com proliferação do uso das novas mídias, multiplicam-se cada vez mais velozmente pelo mundo a transmissão de valores, costumes, padrões e formas simbólicas (DAOLIO, 2006, p.54), por meio dos diversos discursos emergentes nesse cenário.

### **A moda como discurso do consumo nas redes sociais**

“O que essas peças falam sobre você?” Neste questionamento podemos condensar muitas ideias acerca do uso da roupa e do corpo. Porém, no momento que se faz a escolha da vestimenta no uso cotidiano, esta pergunta não emerge de forma tão objetiva. As opções são feitas, sim, pautadas em aspectos bem mais subjetivos: sensações, conforto, harmonia visual. A partir da fala das interlocutoras foi possível perceber isso: por mais que cada pessoa tenha uma concepção formada sobre sua própria imagem, disso decorrem os gostos e as preferências, mas o “sentir-se bem” não está diretamente ligado ao discurso apresentado por meio da roupa.

Se no uso da roupa é possível manifestar um discurso, por meio disso serão transmitidas informações às demais pessoas. Considerando situações nas quais o trabalho realizado depende disso, então a referida comunicação deve promover resultados satisfatórios. Sendo o sujeito bem sucedido no que realiza, podemos considerá-lo como alguém que tem feito um bom uso das suas possibilidades de discurso.

Aqui temos duas pessoas que se destacam na área. Cada uma tem vários seguidores que acompanham as atividades que ambas exercem, com o objetivo de saber o que elas têm para mostrar de novo, sempre em busca de algo um pouco além do que havia sido anteriormente apresentado. A comunicação acontece quase que exclusivamente por meio do que divulgam nas redes sociais. Portanto, o conhecimento sobre as novidades, produtos e tendências que vai exposto ao público faz com que o discurso apresentado seja bem consumido:

*Eu noto que o público quer boas referências, que sejam exemplo, como blogueiras. Esses sujeitos estimulam muito o consumo por parte das pessoas.*

A partir da roupa: a conexão entre corpo e consumo  
na constituição da imagem em redes sociais

*Mas as pessoas aqui ainda possuem resistência em relação ao consumo de certas coisas. Por exemplo, trouxeram pra vender as bolsas da Le Petit Joueur, que fazem o maior sucesso aí afora, mas são caríssimas. Quatro mil reais uma. Mas elas têm essa coisa meio lúdica, colorida. As pessoas não gostam. E olha que aqui tem gente que tem dinheiro, vive ostentando Chanel. Mas é isso, as pessoas aqui ainda têm muito essa coisa de associar o luxo e o consumo a coisas glamourosas. Resultado: a marca não vendeu. (Joana, 2015).*

Muitas das coisas que consumimos são dotadas de investimento por parte de quem adquire. Não me refiro somente ao investimento financeiro, mas também simbólico. Há neles o que Dohmann (2013) chama de “alma nas coisas”, pois seu uso imprime marcas nos indivíduos, por meio da comunicação de experiências culturais. É o que acontece com objetos considerados “ícones”, seja um determinado modelo de bolsa ou sapato de alguma coleção ou marca específica. Muito mais que úteis, são ricos em significados, permitindo a comunicação entre sujeitos conhecedores do valor atribuído a estes produtos.

Percebe-se que a roupa, os objetos e até mesmo a moda como um sistema são dotados de agência, eles “são”. Quando digo isso faço referência à ideia de Miller (2013) de que os objetos não somente são, mas permitem que as pessoas sejam a partir do seu uso. Eles exercem a função de marcadores das diferenças, promovendo distinção social e a tessitura de uma rede de significados. Segundo Douglas e Isherwood, o consumo na contemporaneidade emerge como uma criação cultural das necessidades e deve ser entendido como sistema de significação, cuja verdadeira necessidade a ser suprida é a necessidade simbólica. O uso dos bens evidencia categorias simbólicas e o seu consumo torna firme e visível um conjunto particular de julgamentos nos processos fluidos de classificar pessoas e eventos (DOUGLAS; ISHERWOOD, 2004).

No processo de ostentação o corpo emerge como suporte para elementos carregados de simbologia, que dão lugar à pessoa. Uma bolsa de plástico e metal pode custar quatro mil reais, uma de couro pode facilmente atingir cinco cifras. O que anteriormente seria matéria e substância é transformada por meio de uma técnica, na qual há um investimento em design e mão de obra, associados a aspectos simbólicos que justificam o valor a ser pago.

Se alguns objetos, como roupas, bolsas, marcas ostentadas, entre outros, são capazes de carregar discurso e fazerem das pessoas distintas pelo bom uso destes, assim ocorre também em relação ao processo de distinção das interlocutoras (e de outros sujeitos) pelo uso que fazem do Instagram

e demais meios de comunicação. Estes espaços, ricos em interação, são objetificados, fazendo com que seus esquemas conceituais se tornem reais, transformando o abstrato em concreto (DOHMANN, 2013). Se alguém se utiliza bem deles, possivelmente resultará na obtenção de interações satisfatórias com o público seguidor (que aqui também pode ser considerado o consumidor do discurso dos formadores de opinião nas redes sociais).

As redes sociais viabilizam a comunicação dos diversos códigos à sociedade. Seus comunicadores exercem o significativo papel de propagadores de informações, cuja habilidade mais significativa consiste na maior abrangência em menor intervalo de tempo possível e na efetividade do discurso apresentado. Se o uso do Instagram e das demais redes está na “ordem do dia” no que diz respeito à formação de opinião sobre moda e consumo, importante observar quais são os principais discursos que emergem e são consumidos nestes espaços:

*Eu acho que ainda é muito segregado. Quando você vê, por exemplo, o blog de uma menina francesa que tá acima do peso, não é um blog de moda, é o ‘blog da menina acima do peso’. Mas eu acho que isso é algo normal, é como dizer ‘ah, o blog da menina de São Paulo’. Quando eu falo sobre o blog da menina acima do peso, não emprego nisso uma carga negativa. Se você gosta de moda e é esse o estilo que você está procurando, é nesse lugar que tem o que você procura.*

*Eu acho que no mundo ideal seria maravilhoso um blog de moda pra todo mundo, mas a gente ainda tem tanto pra alcançar... Você não vai deixar de procurar um blog porque você é gordinha, você tem que procurar algo que fale para você. (Biá, 2015).*

É possível perceber que há uma concepção sobre discursos direcionados a nichos específicos nas redes sociais de moda, acompanhados por certa disparidade. Ao mesmo tempo em que essa moda “acolhe” apresentando propostas para diversos grupos, “segrega” por fazer com que sejam específicas pra cada um destes. Estes diálogos apresentam-se ainda sob um viés utópico, principalmente quando comparados às práticas de consumo contemporâneo. Práticas estas que podem ser modificadas no futuro, ainda que a curtos passos.

Atualmente estes meios de comunicação cumprem o papel de “determinantes” do que é certo ou errado na ordem do consumo, já que são as principais fontes de informação. Rainho, no seu estudo sobre a sociedade do Rio de Janeiro e sua relação com a roupa e a moda no decorrer do século XIX, analisa os manuais de etiqueta e os jornais femininos publicados

naquela época, pois, embora possuíssem esse objetivo em comum, jornais, manuais de etiqueta e obras médicas diferiam na maneira de se dirigir aos leitores e, especialmente, na forma de abordar a relação entre moda e adequação (RAINHO, 2002).

No que diz respeito à orientação para o consumo de moda, sempre houve a necessidade do uso de referências. O que realmente muda é a ordem do discurso, que nestes mais de 100 anos passou do “deve ser” para o “pode ser”. É fato que sempre existirão sujeitos em busca de informações trazidas por outros, legitimados para o cumprimento disto. No contexto da pesquisa, as interlocutoras que aqui apresentei exercem esta função:

*Eu acho que sempre vai existir o discurso do consumo. Existia antes da rede social, existe e vai continuar existindo. Mas com o tempo ele vai perder o momento, vai acabar aquela coisa de “ah, eu compro uma roupa pra cada festa que eu vou”. Com isso vai se fortalecer cada vez mais o que a gente já tem vivido como consumismo racional, que é comprar uma roupa, saber usar acessórios pra mudar essa roupa e saber modificar essa roupa. Eu acho que é isso que vai mudar, seja pelas redes sociais ou no dia a dia. (Biá, 2015).*

Convém lembrar que estas mulheres não somente são formadoras de opinião no campo da moda e das redes sociais, mas também são sujeitos consumidores que vivenciam a realidade da moda como um sistema fora do cenário no qual costumam atuar. As concepções sobre suas práticas pessoais de consumo não necessariamente precisam ou devem ser as mesmas que apresentam no seu trabalho diariamente. Por mais que trabalhem com divulgação de tendências e novidades, mantêm discursos particulares acerca dos usos e costumes.

Nas suas falas, muitas vezes o consumo de novidades não aparece como prioridade. Em vez disso emerge a importância do bom uso que se faz daquilo que têm. São discursos específicos, emergentes no campo, que não são exclusivos delas, mas apresentam força na forma delas se expressarem, assim permitindo que questionem concepções hegemônicas.

## **Conclusão**

Pensar a partir da roupa não significa exclusivamente analisar pessoas por meio daquilo que elas usam. No estudo realizado, pude perceber que há um aspecto bem mais amplo na constituição dos sujeitos que trabalham com a produção de imagens e informações sobre moda. A supervaloriza-

ção da roupa e do consumo como muitas vezes é concebido no campo do Instagram e demais redes sociais é, na verdade, a ponta de um sistema que entrelaça questões da ordem do corpo, do reconhecimento de si e do outro, dos fazeres, do consumo e das influências.

Analisando o perfil das interlocutoras, observamos que há um processo de educação dos corpos e condutas no trabalho com moda e redes sociais, ao aliar interesses próprios com expectativas do público. Algumas particularidades como a exposição excessiva da imagem, idade, tipo físico, são recorrentes nos seus discursos sobre quem são e sobre o que fazem, demonstrando que para que estes sujeitos possam falar para as outras pessoas sobre roupa, moda, tendências e outros assuntos elas precisam partir de uma compreensão prévia sobre elas mesmas.

Não se fala mais em corpo e construção de identidades, mas em formas de pertencimento. Possivelmente isso permite considerarmos que os padrões anteriormente impostos na moda e pela moda possam estar dando lugar a construções mais fluidas. No que diz respeito ao jogo de imagem e informações, a blogueira ou *instablogger* da atualidade não precisa parecer um catálogo de tendências para que seja reconhecida como um sujeito formador de opinião, mas a sua postura e as informações por ela transmitidas ao público seguidor devem sim gerar a identificação necessária para que seu discurso seja satisfatoriamente consumido.

## REFERÊNCIAS

BARNES, J. A. Redes sociais e processo político. In: FIELDMAN-BIANCO, B. (Org.). **Antropologia das sociedades contemporâneas: métodos**. São Paulo: Ed. da UNESP, 2010. p. 171-204.

DAOLIO, J. Corpo e Identidade. In: MOREIRA, W. W. (Org.). **Século XXI: a era do corpo ativo**. Campinas: Papirus, 2006.

DARDOT, P.; LAVAL, C. **La nueva razón del mundo**. Barcelona: Ed. da Gedisa, 2013.

DOHMANN, M. **A experiência material: a cultura do objeto**. Rio de Janeiro: Rio Books, 2013.

DOUGLAS, M.; ISHERWOOD, B. **O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo**. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2004.

ERNER, G. **Sociología de las tendencias**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2010.

GOFFMAN, E. **Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

A partir da roupa: a conexão entre corpo e consumo  
na constituição da imagem em redes sociais

GONÇALVES, M. A. Etnobiografia: biografia e etnografia ou como se encontram pessoas e personagens. In: CARDOZO, V. Z.; GONÇALVES M. A.; MARQUES, R. (Org.). **Etnobiografia**: subjetivação e etnografia. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

KOFES, S. **Uma trajetória, em narrativas**. Campinas: Mercado das Letras, 2001.

LE BRETON, D. **Antropologia do corpo e modernidade**. Petrópolis: Vozes, 2011.

MAUSS, M. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

MILLER, D. **Trecos, troços e coisas**: estudos antropológicos sobre a cultura material. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

RAINHO, M. D. C. T. **A cidade e a moda**: novas pretensões, novas distinções. Brasília: Ed. da UnB, 2002.

SANTAELLA, L. **Corpo e comunicação**: sintoma da cultura. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2004.

SIMMEL, G. **Questões fundamentais de sociologia**: indivíduo e sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

WACQUANT, L. **Corpo e alma**: notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

# **MODA E ESTILO COMO DISCURSOS: APROPRIAÇÕES DE SÍMBOLOS GLOBALIZANTES DE MODA POR GRUPOS DE BAIXA RENDA**

Beatriz Sumaya Malavasi HADDAD  
Ana Lucia de CASTRO

## **Introdução**

Este artigo tem como objetivo contribuir para a discussão da dimensão simbólica do consumo, enfatizando especificamente o consumo de referências de moda por grupos de baixa renda, a partir de trabalho de campo realizado entre moradores de um bairro na periferia de Santo André- SP. Dentre os aspectos relativos aos discursos sobre consumo, enfocamos as formas de apropriações de peças originais ou de réplicas e a oposição entre moda e estilo como categorias acionadas nos discursos dos entrevistados ao se referirem às suas motivações como consumidores. Busca-se analisar como a noção de estilo - associada à ideia de escolha e acionada pelos entrevistados para se oporem à de moda – é constitutiva de um ideário que preconiza o cálculo e as escolhas individuais como características das sociedades atuais.

Tomamos como referências de moda as peças do vestuário de marcas consideradas mundiais, que apresentam como característica o alcance simbólico por meio de seus *slogans*. Neste sentido, as marcas esportivas – relacionadas principalmente ao futebol (esporte mundial) – que têm símbolos reconhecidos mundialmente e são muito difundidos em peças de vestuário, ganham ênfase na pesquisa de campo. Assim, durante o trabalho de campo, a mobilização desses símbolos difundidos com muita regularidade pela mídia, constituiu-se numa estratégia de aproximação das questões que pretendíamos circundar no decorrer das entrevistas. Além disso, nos concentramos nas relações desses indivíduos com o consumo de moda, ou seja, onde e porque compram produtos considerados “da moda” e a partir de que premissa fazem suas escolhas.

A pesquisa de campo foi realizada em uma comunidade de baixa renda denominada Núcleo Jardim Santo André, localizada na cidade de Santo André, SP. Os indivíduos pesquisados são moradores do local, de ambos os sexos, e de variadas idades – entre 15 e 60 anos.

Um roteiro de questões previamente elaborado foi utilizado com o objetivo de guiar as entrevistas que aconteceram, em um primeiro momento, de forma individual, prezando pela fluidez das conversas. Estas foram realizadas no decorrer do reconhecimento do campo – enquanto andávamos pelas ruas e vielas da comunidade, empenhávamos em efetuar os primeiros contatos com os moradores. Além disso, contamos com o apoio dos funcionários da sede do CDHU<sup>1</sup>, que devido ao vasto conhecimento do local, nos auxiliaram na aproximação com alguns residentes<sup>2</sup>.

Em um segundo momento, realizamos grupos focais previstos no projeto inicial dessa pesquisa. A técnica de coleta de informações denominada Grupo Focal consiste em reunir um grupo de 8 a 15 informantes, um coordenador e um relator. A discussão, conduzida pelo coordenador, é pautada por um roteiro pré-estruturado de questões e ao relator cabe a tarefa de anotar as impressões, reações e tudo aquilo que diz respeito ao não verbalizado. O perfil dos informantes reunidos é definido com critério intencional, em sintonia com os interesses da pesquisa. A vantagem desta técnica é que se foca na exploração de temas específicos, além do que, por ser em grupo, acaba motivando todos os membros a exporem suas ideias, numa espécie de conversa, com tom descontraído e informal.

Foram realizados dois grupos focais, organizados com os seguintes critérios de homogeneidade: no primeiro deles o fato de ser morador do empreendimento mais recente entregue pela CDHU e responsável pelas compras que abastecem a casa e no segundo deles, a idade dos integrantes<sup>3</sup>, pois percebemos se tratar de variável-chave quando o assunto

---

<sup>1</sup> Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano.

<sup>2</sup> Nessa fase da pesquisa, entrevistamos o total de oito mulheres e dois homens, com idades variadas entre 18 e 60 anos.

<sup>3</sup> Deparamos-nos com a dificuldade em reunir os indivíduos para a realização dos grupos focais, muitos se mostravam receosos, por não compreender a intenção real do grupo, mesmo depois que nos dedicávamos a explicar. Além disso, o fato dos indivíduos trabalharem em horários diversificados também foi outro problema enfrentado na tentativa de reuni-los para o 'bate papo', e, devido a essa dificuldade, optamos por realizar um grupo durante o final de semana. Porém, ainda assim a participação foi pequena, e pudemos contar com três moradores, duas mulheres e um homem. O segundo grupo focal foi restrito a participação de jovens (de 15 a 25 anos), e foi

é consumo de moda. Nesta experiência participaram jovens de 15 a 25 anos. Ambos os grupos focais foram realizados na associação de moradores do bairro.

O Núcleo Jardim Santo André é constituído de um aglomerado de cinco favelas: Dominicanos, Lamartine, Cruzado, Campineiros, Missionários e Toledanos. Desde a década de 1980, a região sofre a intervenção do CDHU, a partir da construção de unidades habitacionais e da urbanização das favelas.

Apesar desse tempo de intervenção, a quantidade de pessoas vivendo em situações precárias, em barracos de madeirite, próximos a córregos e esgotos a céu aberto ainda é muito grande. Durante o trabalho de campo, foi inevitável observar os cenários tão díspares em convivência: favelas e conjuntos habitacionais em fragmentos de espaço urbanizados.

### **Modos de consumo e mediações culturais**

O campo da moda é composto por diversos atores e organizações que atuam em algumas instâncias, como produção, divulgação, legitimação e consumidores (LEITÃO, 2007). A produção é composta pelos pesquisadores de tendência, estilistas, modelistas, costureiros e funcionários ligados a essa etapa. A imprensa e a mídia são instâncias da divulgação, e, nesse âmbito, especificamente para os indivíduos observados neste estudo, encontramos as novelas como grandes difusoras de tendência. Porém, para que o *marketing* encontre sucesso, é fundamental que o produto ganhe legitimidade junto ao público, e para isso, atualmente, as celebridades ganham um papel importante, fazendo uso de produtos específicos nas novelas e participando de comerciais.

---

realizado em dia de semana. Contamos com um número satisfatório de participantes, totalizando nove indivíduos (sete meninas e dois meninos). Para tanto, pudemos contar com o auxílio da presidente da Associação de Moradores, que contactou os jovens da região. Além disso, o grupo foi realizado em período de férias escolares, o que facilitou a presença de um número ideal de participantes para a realização do grupo focal.

Moda e estilo como discursos: apropriações de símbolos globalizantes de moda por grupos de baixa renda

**Figura 1** – Barracos de madeirite, bastante comuns na região.



**Fonte:** Elaboração própria.

**Figura 2** – Os “predinhos” contrastando com o aglomerado de favelas ao fundo.



**Fonte:** Elaboração própria.

O consumidor também exerce papel fundamental e ativo nesse contexto, ao escolher, usufruir e disseminar o uso de certo produto. A aceitação do consumidor é imprescindível para que a tendência seja legitimada. Assim, a

análise do consumo de referências de moda aponta para a necessária ambiguidade: ao mesmo tempo em que ocorre imposição ao público por uma indústria, também se configura como uma maneira de se comunicar uma posição social, ou, como coloca Crane, ao se referir à moda, trata-se de “[...] forma de comportamento por meio do qual os consumidores expressam as percepções de suas identidades e suas conexões com grupos específicos.” (CRANE, 2011, p.14).

A discussão sobre consumo deve levar em conta as duas dimensões do fenômeno, relevando tanto o seu caráter impositivo, como as possibilidades, por ele abertas, de elaborar processos de construção de identidades. Canclini (2008) aponta três perspectivas que marcam a análise sobre o tema: a primeira é a da “racionalidade econômica”, na qual o consumo seria o momento em que “[...] se completa um processo iniciado com a geração de produtos, em que se realiza a expansão do capital e se reproduz a força do trabalho.” (CANCLINI, 2008, p.61). Nessa concepção, não é o gosto ou as necessidades individuais que determinam as compras, mas as “grandes estruturas de administração do capital”.

Outra perspectiva é a de que a relação entre produtores e consumidores ocorre por meio de uma “racionalidade sociopolítica interativa”, na qual o conflito entre classes se revela um cenário de disputas, e os produtores devem atrair o consumidor pela racionalidade.

A terceira concepção acerca do consumo, apresentada por Canclini, chama a atenção para “aspectos simbólicos e estéticos da racionalidade consumidora”, visão sustentada pelos que estudam o “consumo como lugar de diferenciação e distinção entre classes e grupo”,

Os textos de Pierre Bourdieu, Arjun Appadurai e Stuart Ewen, entre outros, mostram que nas sociedades contemporâneas boa parte da racionalidade das relações sociais se constrói, mais do que na luta pelos meios de produção, pela disputa em relação à apropriação dos meios de distinção simbólica. Há uma coerência entre os lugares onde os membros de uma classe e até de uma fração de classe se alimentam, estudam, habitam, passam as férias, naquilo que leem e desfrutam, em como se informam e no que transmite aos outros. Essa coerência emerge quando a visão socioantropológica busca compreender em conjunto tais cenários. A lógica que rege a apropriação dos bens como objetos de distinção não é a da satisfação de necessidades, mas sim a da escassez desses bens e da impossibilidade de que outros o possuam. (CANCLINI, 2008, p.62).

Partindo de ampla base empírica, Bourdieu defende a tese de que o consumo (sobretudo o consumo alimentar, vestuário e cultural) é estratégia de distinção social, mecanismo pelo qual os indivíduos e grupos evidenciam marcas de pertencimento a determinados círculos e, ao mesmo tempo, afastam-se de outros, reforçando fronteiras simbólicas. O principal legado de Bourdieu, vale lembrar, reside no apontamento dos sistemas classificatórios extremamente hierarquizantes que marcam as sociedades capitalistas ocidentais e do exercício do poder simbólico nas práticas culturais (incluindo o consumo). Parte da ideia de que, nas sociedades de classes hierarquizadas, a lógica que imprime sentido às práticas cotidianas, dentre elas o consumo, é a da distinção-imitação, num movimento constante de busca de afastamento dos “de baixo” para parecer com os “de cima”. E seria no corpo, conforme Bourdieu, que poderíamos encontrar o gosto de classe que se mostra de várias maneiras, nas formas, nas dimensões, no modo de tratá-lo e cuidá-lo, tendo como princípio gerador das práticas o *habitus*, produzido e incorporado no processo de socialização e, portanto, assentado em condições materiais de existência, estrutura estruturante e estruturada pelas práticas e representações.

A perspectiva analítica que enfatiza a dimensão simbólica dos bens e suas apropriações tem um importante marco no trabalho de Jean Baudrillard, que aponta o caráter signico do objeto, o qual passa a ser visto não mais apenas como um produto ou uma mercadoria, mas um signo inserido num sistema de signos de status (BAUDRILLARD, 1973). Ainda que preocupado em denunciar o consumo como o elemento central e redutor das sociedades capitalistas, Baudrillard contribui para a construção de uma perspectiva sobre o consumo que aponta para além da sua dimensão prático-utilitarista. Partindo da semiologia, nos desvenda outros nexos da problemática, entendendo que o consumo supõe a manipulação ativa de signos e que na sociedade capitalista tardia o signo e a mercadoria teriam se juntado para formar a mercadoria-signo, conceito cunhado para enfatizar o desligamento das mercadorias de sua utilidade funcional. (BAUDRILLARD, 1985).

O trabalho desenvolvido por Mary Douglas, ao lado do economista Baron Irshwood, também deve ser apontado como referência para a construção da perspectiva aqui delineada. Segundo os autores, caberia ao antropólogo desvendar os valores, socialmente construídos, subjacentes ao consumo dos bens, os quais configurariam a dimensão material de um ritual que ocorreria cotidianamente entre as pessoas, cujo principal elemento de sustentação seria a fixação dos significados na vida social. Nesta linha, os bens se configurariam como “pontes” ou “cercas”, capazes de estabelecer

elos de pertença e/ou fronteiras simbólicas entre os sujeitos e os grupos. Pautados pela noção de que toda prática diária se ampara em um sistema simbólico, fornecedor dos referenciais sobre as maneiras de agir, e principalmente, de significar algo para os outros, os autores defendem que as mercadorias estariam, nesse sentido, exercendo o papel de comunicadores, e mais, seriam o material simbólico utilizado pelos consumidores na construção de um universo inteligível:

Se vem sendo dito que a função essencial da linguagem é sua capacidade para a poesia, assumiremos que a função essencial do consumo é sua capacidade para dar sentido. Duvidemos da ideia da irracionalidade do consumidor. Duvidemos de que as mercadorias servem para comer, vestir-se e se proteger. Duvidemos de sua utilidade e tentemos colocar em troca a ideia de que as mercadorias servem para pensar. Aprendamos a tratá-las como meio não verbal da faculdade criativa do gênero humano. (DOUGLAS; ISHERWOOD, 2004, p.77).

Interessa-nos pensar o consumo como “[...] processo social produtor de sentidos e de identidades, construídos pelo valor simbólico socialmente atribuído às mercadorias, e não ao seu valor de uso” (CASTRO; CAPELARO, 2009, p.7). Neste sentido, vale recorrer à crítica às análises que reduzem as relações econômicas entre os homens à dimensão prático-utilitarista, a qual tem importante ponto de apoio nas reflexões de Marshall Sahlins, quem aponta criticamente para a necessidade de construção de um olhar analítico que se volte para a ordem cognitiva complexa de categorias culturais e suas relações na discussão das apropriações e interdições de bens de consumo, a exemplo de como ele próprio opera no ensaio *La pensée Bourgeoise* (SAHLINS, 2003).

Em “Cosmologias do Capitalismo” (SAHLINS, 2004) o autor amplia e refina o argumento de que as trocas de mercadorias são movidas, sobretudo, por uma dimensão que escapa aos imperativos de suas funções prático-utilitaristas, ao demonstrar que os principais produtos que moveram as relações econômicas entre os países hegemônicos no século XIX (chá, ópio e sândalo) muito se afastavam da ideia de necessidade, como vem sendo sustentado numa perspectiva prático-utilitarista.

Estudar o consumo sob uma perspectiva clássica, que marcou o início do século XX, nos remeteria a uma visão de que o consumo é resultado de uma “reprodução social”, marcada pela lógica da produção, em que apenas assinala uma realidade intrínseca à disputa de classes e interesses econômicos. Nessa dinâmica, o consumidor seria um mero reprodutor,

pois atuaria de forma irracional e impelido a responder aos interesses de grupos específicos.

Porém, ao pensar o consumo sob uma perspectiva que parte do ponto de vista do sujeito, é possível observar que o mesmo é, também, esfera de produção de sentido (DE CERTEAU, 1994). Esta perspectiva analítica ancora-se, em boa medida, na Teoria das Mediações, elaborada por Martín-Barbero (1997), quem, ao se contrapor às ideias difundidas pela Escola de Frankfurt, sustenta que é impossível realizar uma análise das formas de comunicação sem levar em consideração os sentidos acionados pela recepção:

Na redefinição da cultura, é fundamental a compreensão de sua natureza comunicativa. Isto é, seu caráter de processo produtor de significações e não de mera circulação de informações, no qual o receptor, portanto, não é um simples decodificador daquilo que o emissor depositou na mensagem, mas também um produtor. O desafio apresentado pela indústria cultural aparece com toda a sua densidade no cruzamento dessas duas linhas de renovação que inscrevem a questão cultural no interior do político e a comunicação, na cultura (MARTÍN-BARBERO, 1997, p.287).

Dessa forma, é impossível compreender o campo da comunicação apenas observando sua produção. Analogamente, a análise do consumo como prática cultural também não pode levar em consideração apenas a esfera da produção de bens. A partir dessa perspectiva – reconhecida como “teoria das mediações” –, torna-se possível uma nova compreensão da produção social de sentido mediada pelos meios de comunicação e pelo consumo:

Um bom número de estudos sobre comunicação de massa tem mostrado que a hegemonia cultural não se realiza mediante ações verticais, onde os dominadores capturariam os receptores: entre uns e outros se reconhecem mediadores, como a família, o bairro e o grupo de trabalho. Nessas análises deixou-se também de conceber os vínculos entre aqueles que emitem as mensagens e aqueles que as recebem como relações unicamente, de dominação. A comunicação não é eficaz se não inclui também interações de colaboração e transação entre uns e outros. (CANCLINI, 2008, p.60).

A partir dos estudos de mediação, é possível apurar como ocorrem as “[...] interações entre categorias sociais e níveis culturais distintos [...]”

(VELHO; KUSCHNIR, 2001, p.9). A relação entre “dominadores” e “dominados”, numa perspectiva, intitulada por Montero (2006) de “teoria da mediação cultural”, na qual a mediação é tratada como uma categoria que sustenta a relação entre missionários e índios no decorrer da experiência missionária em território americano. Nessa perspectiva, o encontro desses dois grupos distintos foi marcado por trocas e negociações e, portanto, não teria sido um momento exclusivamente de imposição cultural pelos dominantes. Este é um novo viés da antropologia, que abre para outras possibilidades de análise acerca da forma como o nativo responde ao contato e à dominação. Como agente histórico, ele que poderia se apropriar de elementos de outra cultura e ressignificá-los a partir de sua própria.

A mediação cultural, portanto, pode ser traduzida como um processo que aproxima e imbrica diferentes contextos sociais e culturais, tornando possível a comunicação entre agentes de universos culturais distintos. Ao explicar o processo de mediação Velho e Kuschnir (2001) sustentam que:

Num contínuo processo de negociação da realidade, escolhas são feitas, tendo como referência sistemas simbólicos, crenças e valores, em torno de interesses e objetivos materiais e imateriais dos mais variados tipos. A mediação é uma ação social permanente, nem sempre óbvia, que está presente nos mais variados níveis e processos interativos (VELHO; KUSCHNIR, 2001, p.11).

Partindo destas perspectivas analíticas, podemos nos remeter ao nosso campo de pesquisa, refletindo sobre em que medida o consumo pode ser entendido como prática de mediação cultural, ou, sobre “[...] o consumo como algo mais complexo do que uma relação entre meios manipuladores e dóceis audiências.” (CANCLINI, 2008, p.59). Neste sentido, buscamos, nesta reflexão, enfatizar o consumo como um o meio pelo qual os indivíduos “[...] vivem o processo de globalização e atualizam-se na vida cotidiana.” (SCALCO; PINHEIRO-MACHADO, 2010, p.325), em um processo relacional, no qual paralelamente à tendência de homogeneização trazida pela universalização das tendências de moda, encontramos um grande interesse pelo âmbito local. Dessa forma, o consumo local ressignifica os símbolos globalizados de acordo com suas realidades singulares, e o “estar na moda” ou “usar roupas de marcas” possibilitam a inclusão local no âmbito global, e vice-versa. Partindo desta perspectiva teórica, passamos a discutir parte dos dados levantados no decorrer da pesquisa de campo.

## **Moda x Estilo**

Uma importante questão que emergiu da pesquisa de campo foi acerca da definição facultada à palavra “moda”, tanto por nós, pesquisadores, como pelos entrevistados.

É senso comum pensar a moda como algo que faz parte do dia a dia apenas de um nicho privilegiado – econômica, cultural e socialmente – da sociedade. Logo, é muito comum que a palavra moda venha associada à imagem dos grandes desfiles, das “supermodelos” e de um mundo inatingível à maioria da população que vive à margem de tal realidade.

Nessa perspectiva, o campo da moda é provido de uma estrutura específica que possui um centro que difunde e legitima todas as outras frações da estrutura. Este centro irradiador é sustentado pela consagração que lhe é atribuída por outras instâncias, ou seja, sua existência e legitimidade são frutos de um reconhecimento e de uma rotulação específica que lhe são conferidas no campo das lutas simbólicas e que lhe atribui poder simbólico:

O poder simbólico é um poder de fazer coisas com palavras. É somente na medida em que é verdadeira, isto é, adequada às coisas, que a descrição faz as coisas. Nesse sentido, o poder simbólico é um poder de consagração ou de rotulação, um poder de consagrar ou revelar coisas que já existem. (BOURDIEU, 1990, p.167).

Nesse campo de batalha, cabem às pessoas “excluídas da moda” criar seus estilos próprios e portar suas melhores armas contra aqueles que os consideram inapropriados para fazer parte de uma realidade abastada. Isso se destacou na pesquisa de campo, quando os entrevistados foram questionados sobre moda – com perguntas como “você segue a moda?”, “o que é moda para você?”. Eles discursavam sempre na mesma direção, negando a aproximação ou o gosto por coisas consideradas da moda e redirecionando a preocupação por seguir a moda a outros indivíduos.

Em uma primeira análise, a rejeição à moda pode ser associada ao discurso de que todos que se preocupam e que dispendem dinheiro com as frivolidades da moda são, assim como aquela, pessoas fúteis e instáveis:

Entre os consumidores de todos os tipos de produtos, os consumidores de moda exibem a imagem mais desfavorável. Estes tendem a ser caracterizados como vítimas, incapazes de controlar seus hábitos de gasto e de resistir à compulsão de comprar roupas ridículas ou horrorosas. (CRANE, 2011, p.241).

Porém, ao nos ater mais profundamente aos discursos proferidos em campo, foi possível perceber que os indivíduos realizam uma denegação simbólica para se colocar em posição afastada daquilo que ele considera supérfluo e pertencente a outros grupos sociais, valorizando, assim, o nicho a que pertence.

A denegação é uma teoria psicanalítica desenvolvida por Freud, utilizada também por Bourdieu. Para Freud, “[...] a negativa constitui um modo de tomar conhecimento do que está reprimido; com efeito, já é uma suspensão da repressão, embora não, naturalmente, uma aceitação do que está reprimido.” (FREUD, 1976, p. 141). Portanto, o que se nega é exatamente aquilo que está reprimido, e, ao negar, mantém-se o que está reprimido. Nessa perspectiva, ao denegar a moda, ou seja, negar aquilo que já lhe foi anteriormente negado (negar duas vezes), o indivíduo consolida a posição social que lhe foi atribuída no campo das lutas simbólicas.

Como afirma Bourdieu, “[...] o espaço social tende a funcionar como um espaço simbólico, um espaço de estilos de vida e de grupos de estatuto, caracterizado por diferentes estilos de vida.” (BOURDIEU, 1990, p. 160), onde os signos da realidade social servem como distinção. Assim, as “[...] distâncias sociais estão inscritas nos corpos.” (BOURDIEU, 1990, p. 155), e são reforçadas constantemente por meio dos discursos.

A moda é, portanto, a priori, caracterizada por uma estrutura dotada de um centro específico que se autoproclama a “verdadeira moda”, que tem legitimidade para isso, e que exclui todos aqueles que não pertencem ao campo. Não negamos a existência de tal estrutura, mas a percebemos como um resultado de uma produção de crenças embasadas em discursos que criam tais simbologias sociais. Assim, podemos destituir da moda tais crenças, e tratá-la a partir de suas engrenagens mais elementares e que constituem sua essência. Quando falamos de moda neste trabalho, portanto, estamos falando daquilo que é efêmero, que é novidade, que independente de sua origem – seja nas passarelas, seja nas ruas ou nas novelas –, que celebra o moderno e é desejado como sinônimo de representação de uma determinada posição social.

Dessa forma, a moda atinge todos os grupos, de forma particular e específica, mas sempre carregada de suas essências: o movimento constante e a finitude irreversível.

Como acima descrito, os entrevistados negam a preocupação e o uso de roupas tidas como “da moda”, valorizando o que denominam “estilo próprio”. A moda é caracterizada pelos sujeitos entrevistados como algo que padroniza os indivíduos e que, por isso, não convém segui-la:

*Pra mim moda é algo padronizado, que nem eu vi esses tempos na televisão a artista, a atriz usou o brinco tal, o esmalte tal, nos salões todo mundo só queria aquele esmalte, porque a atriz estava usando aquele esmalte. Nas lojas de bijuteria o brinco mais procurado era o brinco tal porque a atriz tal tava usando. Então eu acho que moda é algo que é padronizado, a pessoa vê, cria uma imagem, “eu quero ser igual, quero ter aquilo que a pessoa tem”. Isso é moda e eu acho que padronizou e isso que não gosto.<sup>4</sup>*

Para Simmel é a imitação que sustenta a dinâmica da moda:

[...] ela é imitação de um modelo dado e satisfaz assim a necessidade de apoio social, conduz o indivíduo ao trilho que todos percorrem, fornece o universal, que faz do comportamento de cada indivíduo um simples exemplo. (SIMMEL, 2008, p.24).

Foi possível notar, a partir do trabalho de campo, que a palavra “moda” remete instantaneamente àquilo que é “igual a todos”. L. salientou não apreciar a moda: “não gosto de moda. Tipo assim, se eu ver uma pessoa, eu não gosto de me vestir igual a ela<sup>5</sup>”. Nessa dinâmica, podemos identificar de um lado a moda, aspirando à universalidade, e, de outro, o estilo, oferecendo o discurso da originalidade. Assim, almeja-se substituir a obediência e a imitação daquilo “que está na moda” pela escolha particular incitada pelo estilo individual, como enfatiza F., (sobre a moda) “eu faço a minha<sup>6</sup>”.

Acreditamos em um contexto em que os indivíduos sustentados pela valorização da individualidade e da “liberdade” – características da modernidade – são levados a repelir o conceito de moda como sinônimo de “apriionamento” e valorizar o conceito de estilo, carregado de características que possibilitam a livre escolha em um leque muito diversificado de possibilidades. Isso, porque a palavra estilo remete a uma maneira singular como os sujeitos pensam e se expressam no contexto social. Por isso a linha entre o estilo e a identidade pessoal é muito tênue, já que ao buscar um estilo o indivíduo está se esforçando por encontrar também uma identidade: “Eu não sigo (a moda) porque não gosto de ser igual aos outros. Por exemplo,

---

<sup>4</sup> Depoimento de M., 23 anos, dona de casa, concedido a esta pesquisa em 18 de dezembro de 2015.

<sup>5</sup> Depoimento de L., 18 anos, desempregado, concedido a esta pesquisa em 18 de dezembro de 2015.

<sup>6</sup> Depoimento de F., 22 anos, desempregado, concedido a esta pesquisa em 18 de dezembro de 2015.

se tem uma blusinha da moda que todo mundo usa eu não gosto de usar, gosto de ser diferente. Eu crio meu estilo diferente<sup>7</sup>.”

Pode-se depreender, dentre os discursos e observações registrados no trabalho de campo, que a noção de estilo, como categoria nativa, remete à possibilidade de escolha, opondo-se à noção de moda, que por sua vez é associada à padronização, homogeneidade.

Sobre “seguir a moda”, I. nos conta que “[...] às vezes é bom seguir às vezes não. Eu sigo quando acho bonito né. Quando acho que é mais o meu estilo, mas quando acho que não é legal que não vai me cair bem, que não combina a roupa com a pessoa eu nem coloco no corpo pra ver como fica<sup>8</sup>”.

O discurso da moda, no entanto, vem valorizando a noção de estilo como estratégia de incorporar a resistência à homogeneização, conforme atestado por Crane:

Já não se espera que os novos estilos cheguem a ser amplamente aceitos pelo público. Na indústria de moda de luxo francesa, fala-se de *tendances* (tendência) em lugar de moda, o que sugere sutis mudanças que exercerão influencia discreta sobre o público, em vez de produzir poderosos efeitos catalizadores. (CRANE, 2011, p.191).

Tudo se passa como se o consumidor fosse livre para optar pelo estilo que desejasse, podendo percorrer as variadas possibilidades oferecidas pelo mercado de moda, de acordo com sua personalidade e individualidade. Essas possibilidades de “escolhas” são alimentadas com informações advindas de todos os lados, tanto do âmbito global como no local, que dialogam a partir da resignificação e do uso diário de estilos e/ou modas diversas. Os indivíduos, embebidos por um discurso que preconiza a liberdade e autonomia individuais,<sup>9</sup> percebem na noção de “estilo” uma alternativa de individualidade e liberdade, elegendo um discurso que combate a moda como inimiga da afirmação de particularidades. Como apontam Laval e Dardot (2013), vivemos em uma era em que o cálculo individual e a escolha são preconizados como valores e requisitos para que o indivíduo desenvolva uma boa “performance” social. A “obrigação de escolher” coloca-se como regra básica do jogo, no qual caberia ao indivíduo empreender uma

---

<sup>7</sup> Depoimento de I., 18 anos, estudante, concedido à esta pesquisa em 18 de dezembro de 2015.

<sup>8</sup> Depoimento de I., 18 anos, estudante, concedido à esta pesquisa em 18 de dezembro de 2015.

<sup>9</sup> Elementos muito presentes no discurso hegemônico acerca da cultura contemporânea, identificado, grosso modo, como *neoliberal*. A esse respeito, ver Laval e Dardot (2013).

“empresa de si”, desenvolvendo habilidades calculistas enquanto se move entre oportunidades e busca as melhores alternativas para maximizar seu interesse próprio.

*Es decir, que cada uno debe aprender a convertirse en un sujeto “activo” y “autónomo” em y mediante la acción que debe llevar a cabo sobre si mesmo. Así aprenderá él solo a desplegar “estrategias de vida” para incrementar su capital humano y valorizarlo de la mejor manera posible [...] Si esta ética neoliberal del si mismo no se detiene en las fronteras de la empresa, no es solo porque el éxito de la carrera se confunde con una vida lograda, sino más fundamentalmente todavía, porque el management moderno persigue “enrolar a las subjetividades” com ayuda de controles y evaluaciones de la personalidad, de las disposiciones del carácter, de las formas de ser, de hablar, de moverse [...] (LAVALL; DARDOT, 2013, p.342).*

Perspectivas como estas se contrapõem tanto ao discurso das instâncias que promovem a circulação e legitimação da moda, como ao discurso dos consumidores, nos quais a noção de “estilo” aparece desprovida de suas articulações com as esferas da produção e do mercado, como se o leque de possibilidades de escolhas colocado para as construções de estilos não fosse, por um lado, previamente definido e restrito por interesses da indústria e do mercado e, por outro, limitado pelo próprio *habitus* (BOURDIEU, 2007) que, como matriz de percepção e ação socialmente construída, define gostos, modos de usos e “estilos de vida”.

Os estilos de vida são, portanto, produtos dos *habitus* e, como tal, expressam “escolhas” realizadas a partir de um leque de possibilidades colocado em cada um dos subespaços simbólicos que o compõem. Cada “escolha” guarda uma correspondência com as demais, revelando a trajetória do agente e atestando o filtro subjetivo e a marca do indivíduo. Contudo, o referido leque configura-se pelas limitações impostas pelos interesses da produção e dos agentes do mercado. Considerando estes pressupostos, discutiremos, a seguir, os discursos dos entrevistados relativos ao consumo de referências de moda de circulação global, enfocando suas apropriações, ressignificações e eventuais estratégias de distinção.

### **Símbolos globalizantes: as apropriações de Réplicas e Originais**

Percebemos, durante o trabalho de campo, que eram muito recorrentes as referências à compra e ao uso de peças originais e/ou réplicas. Os discursos apreendidos, apesar de variarem, apontam para a mesma direção.

De forma geral, a escolha pela réplica ocorre a partir do desejo de possuir e exibir uma peça de “marca”.

Quando nos referimos a “marca” e/ou “originais”, estamos nos remetendo, especificamente, aos produtos de moda advindos do mercado globalizado, no qual as “verdadeiras marcas” são representadas por símbolos presentes em mercadorias detentoras de direitos de propriedade intelectual: “Os proprietários da marca possuem legitimidade social que se sustenta em princípios mercantis e políticos.” (PINHEIRO-MACHADO, 2009, p. 120). Nesse contexto, as “imitações”, “falsificações” ou “réplicas” não autorizadas têm um caráter ilegítimo e criminoso. Entretanto, tal ilegitimidade não é tão rapidamente incorporada no âmbito social. Assim como nos apontou a pesquisa de campo, o uso de réplica não deslegitima o símbolo da marca, e o que importa é exibi-la, partilhando o símbolo, seja ele original ou não.

Desse modo, exibir o símbolo da marca é uma predisposição fundamental. Mostramos aos indivíduos entrevistados duas imagens – uma com uma camiseta preta com o símbolo da Nike bastante aparente – tomando toda a frente da peça – e outra, também preta, porém com um símbolo de tamanho bem discreto localizado perto das mangas – e perguntamos qual das peças escolheriam.

A primeira fala de todos os informantes apontou para a peça com o símbolo grande e bastante aparente: “Eu escolho o grande, porque mostra que é da Nike, já chega e já chama atenção<sup>10</sup>”.

Sobre exibir o símbolo da peça de marca, J. disse que este “deve estar brilhante<sup>11</sup>”, para que seja logo avistado.

No entanto, logo em seguida, as falas foram se alterando, e os entrevistados passaram a afirmar que escolheriam a peça com o símbolo pequeno e discreto. Então, refizemos a questão, e perguntamos qual das peças “as pessoas da comunidade” escolheriam, e, novamente, as respostas indicaram para o mesmo caminho inicial: todos os sujeitos entrevistados afirmaram que “os outros” optariam pela peça com a marca grande e aparente, como forma de exibir o uso de uma roupa de marca, e J. brincou que quanto aos “outros”: “tem gente que coloca até a etiqueta pra fora<sup>12</sup>” para mostrar que possui uma peça de marca.

---

<sup>10</sup> Depoimento de U., 18 anos, desempregado, concedido à esta pesquisa em 18 de dezembro de 2015.

<sup>11</sup> Depoimento de J., 24 anos, cabelereira, concedido à esta pesquisa em 18 de dezembro de 2015.

<sup>12</sup> Depoimento de J., 24 anos, cabelereira, concedido a esta pesquisa em 18 de dezembro de 2015.

A compra de peças originais, bem como a valorização da marca, foi relatada como preocupação “do outro” em todas as entrevistas, e notou-se que os entrevistados se colocam como não consumidores de marcas, apesar de no decorrer das falas notarmos certa valorização com relação a elas.

A. nos contou que “não liga pra roupas de marca”, mas segundo ela: “Só minha filha que é raridade eu dar as coisas pra ela, mas quando dou ela quer coisa boa, celular de mil reais essas coisas. [...] Ah quando eu tenho eu vou atrás mas pra ela, eu não sou chegada a marca nenhuma<sup>13</sup>”.

M. nos relatou que quando jovem gostava muito de roupas de marca e inclusive chegou a gastar o salário de um mês comprando uma blusa da Adidas, porém afirma que atualmente não liga para marca, mas que seu marido e seu filho se preocupam com isso<sup>14</sup>.

S.<sup>15</sup> também relata que “tanto faz” se a roupa é de marca ou não, mas que para os jovens isso é importante. M. também disse que não se importa, mas que: “Aqui na comunidade as pessoas que querem comprar até compram réplica, mas a maioria é original, Nike, Reebok, Dakota pra mulher, Vizano. Eu não ligo tanto, mas meu marido é tudo de marca...<sup>16</sup>”.

Esse distanciamento individual daquilo que é produto de marca apareceu com ainda mais intensidade quando tratamos da importância da moda no dia a dia dos entrevistados. Todos negaram se importar com questões relativas a moda, independentemente da idade. Sugerimos que tal negação relaciona-se à, anteriormente citada, teoria da denegação de Freud (1976), ou seja, os indivíduos negam aquilo que já lhe foi negado por um contexto social capitalista que os exclui de um mercado específico.

Interessante notar que, a todo o momento, as respostas se contrapõem, revelando certa ambiguidade nos discursos, e os indivíduos que há pouco diziam não se importar com roupas de marca, afirmam que preferem uma réplica a uma peça “sem marca alguma”, como forma de se aproximar do original – financeira e simbolicamente distante de suas realidades.

Perguntamos se entre duas camisetas brancas iguais, sem nenhuma estampa, uma réplica da Nike e a outra “sem marca”, qual os entrevistados escolheriam, as respostas foram as seguintes:

---

<sup>13</sup> Depoimento de A., 34 anos, diarista, moradora dos “predinhos”, concedido a esta pesquisa em 30 de abril de 2015.

<sup>14</sup> Depoimento de N., 38 anos, desempregada, moradora dos barracos, concedido a esta pesquisa em 30 de abril de 2015.

<sup>15</sup> Depoimento de S., 47 anos, líder comunitária, concedido a esta pesquisa em 30 de julho de 2014.

<sup>16</sup> Depoimento de M., 23 anos, dona de casa, concedido a esta pesquisa em 18 de dezembro de 2015.

(a réplica) Ah porque é moda né... Tá na moda né. A gente tem curiosidade de andar com a roupa da moda... Então se não pode comprar uma original compra uma imitação [...] Porque se é igual, ta imitação da outra, não vou deixar de comprar aquela pra comprar uma que não seja nada. Vou comprar a imitação.<sup>17</sup>

(a réplica) É uma forma de substituir<sup>18</sup>.

R. também tem uma opinião parecida e afirma que escolheria a réplica pois: “Pra quem não conhece é uma original<sup>19</sup>”.

Apesar de o original poder ser confundido com a réplica “por quem não conhece”, se ampliarmos essa disposição veremos que a posição social ocupada pelo indivíduo que faz uso de determinada peça – seja original ou não – é um fator decisivo para a avaliação resultante do olhar externo. Ou seja, como nos ensinou Bourdieu (1996), a soma dos capitais – capital econômico, social e simbólico – dos quais os indivíduos são possuidores, os distinguem e os posicionam no contexto social, e sob as prerrogativas de uma luta constante por capitais, aquele que domina o campo possui credibilidade para usufruir de bens originais. O uso de réplicas por estes indivíduos – possuidores de um grande número de capitais – não é considerado habitual.

Portanto, se um jogador de futebol está fazendo uso de uma camiseta da Nike, a veracidade da marca não será contestada. Em contrapartida, se um indivíduo morador da favela fizer uso da mesma peça, esta será tida como falsificada, mesmo que não seja.

*Quem está usando (tal como quem está falando, DaMatta, 1981) é ainda um fator decisivo na luta de autenticidade extraclases, e é isso que faz com que bens originais se passem por falsos e vice-versa, quando saem das lojas e ganham vida social. (SCALCO; PINHEIRO-MACHADO, 2010, p.350).*

Os produtos de luxo são restritos a uma elite, e as cópias são feitas para serem popularizadas, mesmo sendo muitas vezes demasiadamente parecidos.

---

<sup>17</sup> Depoimento de M., 23 anos, dona de casa, concedido à esta pesquisa em 18 de dezembro de 2015.

<sup>18</sup> Depoimento de N., 38 anos, desempregada, moradora dos barracos, concedido à esta pesquisa em 30 de abril de 2015.

<sup>19</sup> Depoimento de R., 52 anos, diarista, moradora de uma região a ser urbanizada, concedido à esta pesquisa em 30 de abril de 2015.

Porém, especialmente no ramo das marcas de luxo, os cuidados com os detalhes – expresso no tempo e no custo da produção – é um definidor importante de autenticidade. Tais cuidados passam a ser um valor simbólico, enquadrado na categoria de qualidade. O valor simbólico agrega um fenomenal valor econômico. O fetichismo da mercadoria de uma bolsa Chanel, por exemplo, está baseado na relação trabalho em que a funcionária da fábrica passa longos momentos terminando de costurar o produto a mão. Se não resistir aos testes, a bolsa será, irremediavelmente, queimada. (PINHEIRO-MACHADO, 2009, p.124).

A qualidade<sup>20</sup> das réplicas foi contestada por todos os entrevistados, os quais relataram que essas peças não duram muito tempo por terem qualidade inferior; fato que serviu de justificativa para a compra eventual de produtos de marca. Nesse momento, é possível observar uma dinâmica dualista, na qual ocorre a negociação e o equilíbrio entre “[...] razões práticas e simbólicas, cálculo e hedonismo, dinheiro e amor, efemeridade e duração.” (SCALCO; PINHEIRO-MACHADO, 2010, p. 324).

As réplicas relacionam-se a produtos de curta duração, e, portanto, presentear com uma réplica pode ser considerado um ato desagradável, ao passo que, dar de presente uma peça original, de marca “verdadeira” associa-se ao sentimento verdadeiro e duradouro que se deseja compartilhar: “Se você gosta da pessoa tenta dar o melhor pra ela. Se você dar uma réplica pode não durar, então como você gosta muito da pessoa você quer que dure aquele presente então você dá uma roupa de marca<sup>21</sup>.”

Além disso, presentear com uma peça original também se relaciona à noção de afeto e de sacrifício, já que, como nos contou M., não importa a dificuldade em encontrar a peça ou mesmo em pagar pelo preço dela, quando se pretende mostrar um sentimento a uma pessoa: “Quando eu namorava com meu marido rodei tanto pra dar uma original pra ele. Réplica depois de casado. Original foi só pra conquistar<sup>22</sup>”.

---

<sup>20</sup> Este discurso relacionado à qualidade é explicado por Pinheiro-Machado (2009, p.124): “[...] conscientes de que as cópias podem alcançar uma imagem perfeita dos produtos originais, as empresas de marca de luxo sustentam seu diferencial através do discurso da qualidade. Uma réplica de um relógio Dior, por mais perfeito que seja, jamais terá seus 12 diamantes. Comerciantes de cópia possuem como arma o preço e acessibilidade do produto.”.

<sup>21</sup> Depoimento de U., 18 anos, desempregado, concedido a esta pesquisa em 18 de dezembro de 2015.

<sup>22</sup> Depoimento de M., 23 anos, dona de casa, concedido a esta pesquisa em 18 de dezembro de 2015.

R. negou que comprasse roupas de marca ou até mesmo réplicas, mas nos contou que presenteou seu filho com um tênis da Nike que foi ao shopping comprar, pois ele “merecia” tal esforço financeiro: “No ano passado tive que comprar um tênis pro meu filho que ele queria muito, apesar que meus filhos não são ligados em coisas de marca, graças a Deus, mas como ele merece a gente faz um esforço<sup>23</sup>.”

A fim de identificar a relação dos entrevistados frente a diversas marcas mundialmente conhecidas, mostramos para o grupo focal algumas imagens contendo os logotipos de marcas consideradas globais, tais como: Lacoste, Louis Vuitton, Quicksilver, BillaBong, Vans, DC, Chanel, Dior, Valentino, YSL, D&G e Prada. Em proporções diferentes, é possível notar tanto no dia a dia da comunidade, como nos pontos comerciais, o uso e a venda de réplicas de algumas dessas marcas. No entanto, apesar disso, quando apresentados aos logotipos, os entrevistados pareceram não estar familiarizados com elas, em um primeiro momento. Alguns afirmaram não conhecer nenhuma das marcas – “da onde veio isso?<sup>24</sup>” – enquanto outros começaram a reconhecer algumas delas, como a Louis Vuitton, que foi rapidamente relacionada à bolsa que alguns relataram já ter possuído em algum momento.

Muitas dessas marcas são extremamente famosas e importantes para um mercado consumidor da moda específico – no qual se inserem as camadas média e alta –, porém pouco importam no universo estudado neste trabalho.

De fato, são as marcas relacionadas a esportes que se tornam popularmente reconhecidas nesse contexto. Quando mostramos os logotipos da Puma, Adidas e Nike, logo foram reconhecidos, e a eles foi conferido status de – nas palavras de J. – marcas “com cara da riqueza<sup>25</sup>”.

Essas marcas, além de serem diretamente relacionadas com o futebol, que atualmente lança grande parte dos ídolos populares, também têm grande participação nas mídias, o que lhes atribui legitimidade.

Esses logotipos logo foram associados a camisetas, chuteiras e bonés. Além disso, foi evidente o prestígio dado a essas marcas pelos sujeitos entrevistados, que as consideram “as mais “top<sup>26</sup>.”

---

<sup>23</sup> Depoimento de R., 52 anos, diarista, moradora de uma região a ser urbanizada, concedido a esta pesquisa em 30 de abril de 2015.

<sup>24</sup> Depoimento de M., 23 anos, dona de casa, concedido a esta pesquisa em 18 de dezembro de 2015

<sup>25</sup> Depoimento de J., 24 anos, cabeleireira, concedido a esta pesquisa em 18 de dezembro de 2015.

<sup>26</sup> Depoimento de U., 18 anos, desempregado, concedido a esta pesquisa em 18 de dezembro de 2015.

Ao realizar uma primeira análise desses relatos, é possível notar uma dualidade: ao mesmo tempo que buscam pelo distanciamento do que é considerado supérfluo e pertencente a outros grupos sociais, também existe o desejo por usufruir daquilo.

Segundo a teoria sobre a difusão da moda de Simmel, “[...] os novos estilos, inicialmente adotados pelas elites da classe alta, aos poucos se difundem para a classe média e, por fim, para a classe trabalhadora.” (CRANE, 2011, p.179), assim os indivíduos pesquisados consumiriam os símbolos das marcas globais para imitar as classes superiores, e alguns discursos nos remetem, de fato, a essa teoria.

Perguntamos por que um dia desejaram e compraram uma roupa de marca original: “Porque era original e só as patricinhas tinham, eu morava aqui na comunidade [...] eu também podia ter, só porque eu morava comunidade que eu não ia ter? Porque só quem tinha mais era as boyzinhas.<sup>27</sup>”

J. relatou passar por uma situação parecida: “A minha história é quase igual a dela, comprei no shopping. Se elas podem eu também posso. Foi a mesma sensação dela, me senti patricinha um dia.<sup>28</sup>”

A partir das entrevistas realizadas podemos perceber que a apropriação de bens “de marca” não se articula ao desejo de pertencer a outra classe social. Ao enfocarmos este grupo de baixa renda, percebemos, tal como já haviam identificado Scalco e Pinheiro Machado (2010) que se há estratégia de distinção, ela é “intra-classe” e não “extraclasse”. Não se busca imitar ou parecer com as classes médias, mas, de certo modo, circular pelo seu universo, brincar com seus elementos, mas permanecer em seu próprio.

## REFERÊNCIAS

- BAUDRILLARD, J. **Sociedade de consumo**. Lisboa: Edições 70, 1985.
- BAUDRILLARD, J. **O sistema de objetos**. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- BOURDIEU, P. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: EDUSP, 2007.
- BOURDIEU, P. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papiрус, 1996.
- BOURDIEU, P. Espaço social e poder simbólico. In: \_\_\_\_\_. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 149-168.

---

<sup>27</sup> Depoimento de M., 23 anos, dona de casa, concedido a esta pesquisa em 18 de dezembro de 2015.

<sup>28</sup> Depoimento de J., 24 anos, cabeleireira, concedido a esta pesquisa em 18 de dezembro de 2015.

- CANCLINI, N. G. **Consumidores e cidadãos:** conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2008.
- CASTRO, A. L.; CAPELARO, A. L. de S. Corpo, consumo cultural e construção da aparência: estudo comparativo acerca da relação de diferentes grupos juvenis com a moda. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 14., 2009, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Sociologia, 2009.
- CRANE, D. **Ensaio sobre moda, arte e globalização cultural.** São Paulo: SENAC, 2011.
- DE CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano:** artes de fazer. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.
- DOUGLAS, M.; ISHWOOD, B. **O mundo dos bens:** para uma antropologia do consumo. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2004.
- FREUD, S. A negativa. In: SALOMÃO, J. (Org.). **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud.** 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p.139-143.
- LAVAL, C.; DARDOT, P. **La nueva razón del mundo:** ensayo sobre la sociedad neoliberal. Barcelona: Gedisa, 2013.
- LEITÃO, D. K. **Brasil à moda da casa:** imagens da nação na moda brasileira contemporânea. 2007. 371f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.
- MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações:** comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 1997.
- MONTERO, P. (Org.). **Deus na aldeia:** missionários, índios e mediação cultural. São Paulo: Globo, 2006.
- PINHEIRO-MACHADO, R. **Made in China:** produção e circulação de mercadorias no circuito China-Paraguai-Brasil. 2009. 332 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.
- SAHLINS, M. Cosmologias do capitalismo: o setor trans-pacífico do sistema mundial. In: \_\_\_\_\_. **Cultura na prática.** Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2004. p.503-534.
- SAHLINS, M. La pensée bourgeoise. In: SAHLINS, M. **Cultura e razão prática.** Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p.166-203.
- SCALCO, L. M.; PINHEIRO-MACHADO, R. Os sentidos do real e do falso: o consumo popular em perspectiva etnográfica. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 53, n. 1, 2010. p. 321-359.

Moda e estilo como discursos: apropriações de símbolos  
globalizantes de moda por grupos de baixa renda

SIMMEL, G. **Filosofia da moda e outros ensaios**. Lisboa: Texto e Grafia, 2008.

VELHO, G.; KUSCHNIR, K. (Org.). **Mediação, cultura e política**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.

# **MOSTRAR U OCULTAR: EL DESAFÍO DE RELACIONARSE CON OTROS. UNA LECTURA DE LAS EXPERIENCIAS DE JÓVENES QUE REALIZAN ACTIVIDADES ARTÍSTICAS Y DEPORTIVAS EN BARRIOS POPULARES DE LA CIUDAD DE BUENOS AIRES**

Silvia Alejandra TAPIA

## **Introducción**

En este trabajo presento avances de los resultados de mi tesis doctoral<sup>1</sup>, cuyo objetivo general es analizar las experiencias de jóvenes de barrios populares que realizan prácticas artísticas y deportivas en la Ciudad Autónoma de Buenos Aires (CABA), indagando las vinculaciones entre los cuerpos, emociones y movibilidades en sus procesos de individuación. Con el propósito de problematizar los discursos que estigmatizan e invisibilizan las heterogeneidades entre sus experiencias, me propongo indagar las maneras en que se conforman las subjetividades juveniles –a la luz de los desafíos que enfrentan en sus biografías y los recursos con los que cuentan para atravesarlos–, reconociéndolos como procesos que se producen en una dialéctica entre lo singular y lo estructural. En particular, aquí se analiza el modo en que la presentación ante otros en las interacciones cotidianas que se despliegan en distintos espacios sociales, se vuelven un reto significativo para los jóvenes, donde sus cuerpos y emociones adquieren un lugar central.

Al considerar las condiciones sociales de vida urbana resulta posible advertir diferencias y desigualdades en los modos de ser joven que ello implica, sobre todo, por las distintas significaciones y sentidos que se asocian a cada sector social. Así, las prácticas culturales de aquellos que se vinculan a los sectores populares han sido mayormente ubicadas al **‘margen**

---

<sup>1</sup> Doctorado en Ciencias Sociales de la Facultad de Ciencias Sociales de la Universidad de Buenos Aires, Argentina. Director: Dr. Pablo Di Leo. Co-director: Danilo Martuccelli. Realizado con beca doctoral otorgada por la Comisión Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET).

Mostrar u ocultar: el desafío de relacionarse con otros. Una lectura de las experiencias de jóvenes que realizan actividades artísticas y deportivas en barrios populares de la ciudad de Buenos Aires

**de la vida**?. Entre los discursos hegemónicos se ha generado un efecto de inexistencia de éstas como prácticas de las vidas cotidianas de los jóvenes: no se habla de ellas, no se escribe sobre ellas, no se las muestra (CHAVES, 2013).

Indagar el modo en que son producidas las subjetividades juveniles en Argentina, implica problematizar su condición etaria, pero también las definiciones a partir de sus posiciones sociales y el modo en que se comprenden los fenómenos juveniles a partir de éstas. Por ello, recuperar estas experiencias que se han invisibilizado se vuelve un punto significativo en este análisis. Experiencias que refieren a las interacciones con otros, desde y a través los cuerpos, así como las regulaciones y las potencialidades para sentir, moverse, actuar. Aquí, se entiende que es a través del cuerpo y la construcción de las sensibilidades sociales que se producen los modos de vincularse con el mundo —no como algo pensado, sino vivido— en la intersección entre las experiencias propias y las de otros (SCRIBANO, 2013, 2009; MÓNACO, 2013; D'HERS, 2014).

En el contexto de las sociedades actuales cada vez más las diferencias entre las experiencias de los actores excede los límites de la posición social (ARAUJO; MARTUCCELLI, 2011). Aun contemplando ciertos aspectos como indicadores de sus condiciones de clase y participando de un mismo espacio de sociabilidad, experimentan diversidad de trayectorias que se diferencian entre sí y a su vez, se asemejan a las de otros sectores sociales. Esta diversidad no refiere a una voluntad personal o a la autodeterminación de los actores, sino que se vincula con diferentes procesos estructurales que operan en la producción de los individuos en diálogo con sus particulares experiencias y los márgenes de agencia con los que éstos cuentan.

La exposición del presente trabajo se organiza de la siguiente manera: en primer lugar, se presentan algunas de las herramientas conceptuales, provenientes de la sociología de la individuación y de la sociología de los cuerpos y emociones, utilizadas para el despliegue del problema de investigación. En las dos secciones siguientes, desarrollo el análisis de una de las categorías centrales emergentes vinculadas a las experiencias cotidianas de jóvenes en barrios populares de CABA, abordando las tensiones que las relaciones con otros plantean como desafío y las formas en que éstos son enfrentados por estos jóvenes. Finalmente, se despliegan las reflexiones finales del trabajo como aportes para la comprensión de los modos en que se construyen las juventudes de sectores populares como parte del proceso de producción de individuos en las sociedades latinoamericanas actuales.

## La producción de las juventudes en las sociedades actuales: herramientas para su comprensión

En el contexto de la segunda modernidad se han producido transformaciones que sugieren un conjunto de procesos estructurales con impacto en diferentes dimensiones de la vida social como la justicia y la economía, hasta las instituciones y los espacios de sociabilidad. Así, por ejemplo, en el campo económico se expresan tensiones entre la estandarización y masificación del consumo y la producción de bienes y servicios y, paradójicamente, al mismo tiempo, su mayor diversificación y personalización. Tales transformaciones han tenido implicancias diversas en los países centrales y en los latinoamericanos, desplegando un aspecto en común: la tendencia a la singularización e individualización de las sociedades (LASH; WYNNE, 1992; BECK; BECK-GERNSHEIM, 2003; MARTUCCELLI, 2010).

En ese sentido, el interés se orienta a contemplar el lugar de los individuos en la producción de las sociedades, así como el modo en que éstos son fabricados por aquéllas. Esto no implica realizar análisis psicologicistas, ni considerar a un actor por fuera de lo social. La propuesta es identificar el modo en los individuos son estructuralmente fabricados, considerando el vínculo entre las singularidades y las dimensiones estructurales. Esto no significa que se considere a los individuos como efectos directos, ni lineales de sus *circunstancias*. Éstas, en cambio, deben ser comprendidas como espacios elásticos y maleables donde es posible reconocer el trabajo que los individuos despliegan en ellas (MARTUCCELLI, 2007; ARAUJO; MARTUCCELLI, 2010; SETTON; SPOSITO, 2013). Retomando los aportes de la **sociología de la individuación** que desarrolla Danilo Martuccelli se propone un abordaje particular que tiene como propósito “[...] reconstruir el carácter específico de una sociedad histórica a escala de sus individuos.” (ARAUJO; MARTUCCELLI, 2012, p.15).

En dicho marco, la categoría de **prueba**, como herramienta analítica, permite dar cuenta de grandes procesos estructurales históricos, que resultan significativos en una sociedad y por los cuales los individuos se ven obligados a atravesar. Éstas no se plantean de manera uniforme ni preestablecida, sino a partir de la diversidad de experiencias y su desigual distribución. Enfrentar dichas pruebas, no supone un individuo soberano y autosuficiente como aquél pensado en la modernidad, sino un individuo fabricado en sociedad y que requiere de **soportes** sociales, externos a él, para enfrentarlas, aunque no siempre superarlas. Los soportes son los medios por los cuales el individuo llega a tenerse frente al mundo; el conjunto de elementos, materiales e inmateriales, que lo vinculan a

Mostrar u ocultar: el desafío de relacionarse con otros. Una lectura de las experiencias de jóvenes que realizan actividades artísticas y deportivas en barrios populares de la ciudad de Buenos Aires

su contexto. Las pruebas tienen una dimensión narrativa que supone abordar el modo en que los actores perciben y experimentan esos desafíos, así como el trabajo que los éstos deben realizar para dar respuestas singulares a tales pruebas, que no responden únicamente a su posición social (ARAUJO; MARTUCCELLI, 2012).

En el estudio de los procesos de producción de individuos, en particular los jóvenes, implica considerar cuáles son las fuerzas sociales que impulsan ciertos desafíos en determinados contextos, donde la comprensión del modo permanente en que interactúan las condiciones estructurales y las vidas cotidianas de los actores se vuelve fundamental (ARAUJO; MARTUCCELLI, 2012). Estos procesos deben enmarcarse en un momento particular de las sociedades capitalistas que –para su producción y reproducción– potencian y ocultan ciertas corporalidades y sensibilidades sociales. Por lo tanto, entre las fuerzas a considerar, la atención a los cuerpos y las emociones adquiere un lugar central para indagar la fabricación de individuos juveniles en estas sociedades (AIMAR; SCRIBANO, 2011; SCRIBANO, 2015, 2013; AGUIRRE, 2015).

En tal contexto –regido por una lógica capitalista–, se conforman maneras correctas de sentir, de ser, de moverse que visibilizan la existencia de políticas sobre los cuerpos y las emociones, que hablan de las desigualdades en sus posibilidades y disponibilidades para sí mismos y para otros. A partir de una **sociología de los cuerpos/emociones** (SCRIBANO, 2013), en diálogo con la sociología de la individuación antes planteada, se busca observar las particularidades de las sociedades latinoamericanas para problematizar los modos en que tales fuerzas operan en los procesos de individuación de los jóvenes argentinos. Al mismo tiempo, se pretende advertir las posibilidades de agencia, de fugas, de **prácticas intersticiales**, que emergen en las fisuras de la estructura del capitalismo global como formas de resistencia y creatividad en las vidas cotidianas de estos actores (LISDERO, 2010; SCRIBANO, 2012, 2011; ARÁOZ, 2012).

### **Acerca de la estrategia metodológica**

Para la construcción de datos empíricos seleccioné el enfoque biográfico (LECLERC-OLIVE, 2009; CAMAROTTI; DI LEO, 2013). A partir de la realización de entrevistas en profundidad se identificaron los acontecimientos que establecieron un giro existencial en la vida de los jóvenes, a partir de los cuales se construyó de forma consensuada su relato biográfico. Para ello, se entrevistó –previo consentimiento informado–, a 7 varones y 4 mujeres, de entre 18 y 24 años que residían en barrios populares de la CABA, con

quienes se realizaron entre 3 y 7 encuentros (en total, 60 entrevistas). Al momento de construir los relatos, todos los entrevistados se encontraban participando en alguno de los talleres gratuitos propuestos por la organización a partir de la cual fueron contactados, “el circo”<sup>2</sup>. Esta estrategia metodológica fue desarrollada a partir de las propuestas construidas en el proyecto de investigación, del cual participo en la actualidad y en el cual se enmarca mi tesis doctoral.

Por otra parte, siguiendo los aportes de los estudios etnográficos, realicé **participación-observación** que fue registrada en un diario de campo (SCRIBANO, 2008; ASCHIERI; PUGLISI, 2010). Con acuerdo de los coordinadores de “el circo” –que ofrece talleres gratuitos orientados a población de barrios vulnerabilizados– y de los jóvenes concurrentes, participé en cuatro talleres durante el segundo semestre del año 2014: trapeo y tela; acrobacia y malabares; hip-hop y tango. Dicha organización contaba con cuatro sedes donde desarrollaban tales actividades: Parque Patricios, Mataderos, Monserrat y Barracas (Villa 21). La inserción en dichos espacios facilitó el encuentro con los entrevistados y generó mayor confianza para llevar adelante la construcción de sus relatos biográficos. A su vez, conocer las dinámicas de los talleres favoreció la comprensión de normas y pautas del lugar, de términos utilizados por estos jóvenes, así como también de las relaciones entre éstos, los coordinadores y el uso y circulación por los distintos lugares en que se desarrollaban las actividades.

Para el análisis de los datos construidos se siguieron los lineamientos generales de la teoría fundamentada, utilizando como auxiliar el software de análisis de datos cualitativos *Atlas ti*. Para ello, buscando aplicar los criterios de **parsimonia** –maximizar la comprensión de un fenómeno con el mínimo de conceptos posible– y de **alcance** –ampliar el campo de aplicación del análisis sin desligarse de la base empírica–, en diálogo con el estado del arte y el marco conceptual en construcción, se codificó el corpus de datos, identificando y analizando las proposiciones emergentes (CORBIN; STRAUSS, 2006).

A modo de una breve caracterización, en el siguiente cuadro se sintetizan los datos de los jóvenes entrevistados:

---

<sup>2</sup> “El circo” es el modo en que los diferentes actores que participan del espacio denominan cotidianamente a la organización social en que se realizó el trabajo de campo. A partir de aquí se utilizará este término nativo para dar cuenta de la misma.

Mostrar u ocultar: el desafío de relacionarse con otros. Una lectura de las experiencias de jóvenes que realizan actividades artísticas y deportivas en barrios populares de la ciudad de Buenos Aires

**Cuadro 1 – Perfiles de los jóvenes entrevistados**

Seudónimo <sup>1</sup>	Edad	Lugar de residencia	Actividades realizadas	Ocupación	Nivel de escolaridad	Hijos
Iván	23	Nueva Pompeya	Circo, fútbol, kung fu, tango	Trabajos informales	Terciario en curso	No
Omar	20	Parque Patricios	Circo, parkour	Trabajos informales	Secundario incompleto	No
Gustavo	20	Villa Insuperable (La Matanza)	circo	No trabaja	Universitario en curso	No
Lolo	18	Villa Soldati	Circo y gimnasia artística	No trabaja	Secundario en curso	No
Portal	18	Parque Chacabuco	Hip-hop y boxeo	No trabaja	Secundario en curso	No
Sofía	18	Villa Soldati	Circo y patín	No trabaja	Secundario completo	No
Chinita	20	Villa 21-24 (Barracas)	Hip-hop, circo, danza	No trabaja (cuida a su hermana)	Universitario en curso	No
Romina	19	Villa Insuperable (La Matanza)	circo	No trabaja	Secundario completo	No
Edrul	19	Bajo Flores	Circo, fútbol, básquet	Trabaja en el taller de su familia	Secundario incompleto	No
Solanch	20	Bajo Flores	Teatro, música, circo	Trabaja	Secundario completo	Si
Mateo	23	Villa 21-24 (Barracas)	Circo, tango, hip-hop, teatro	No trabaja (busca trabajo)	Secundario completo	No

**Fuente:** Elaboración propia.

<sup>3</sup> Se utilizan seudónimos elegidos por los propios jóvenes.

## **La relación con otros como reto cotidiano**

En el marco de esta propuesta analítica se desarrolla el análisis acerca de las dificultades y posibilidades frente a uno de los retos que emergió de manera significativa en los relatos de los jóvenes entrevistados: **la prueba de la relación con otros**. Los jóvenes al generar y sostener distintos tipos de relaciones significativas para ellos –ya sean familiares o de amistad–, así como para integrarse a diferentes espacios como la escuela, el trabajo o actividades deportivas y artísticas, perciben la necesidad de desplegar acciones que implican un particular trabajo sobre sus cuerpos y emociones.

La construcción de la prueba de la relación con los otros que Kathya Araujo y Danilo Martuccelli (2012) ubican en el contexto chileno se tomó como referencia para rastrear las particularidades del modo de enfrentar dicho desafío por los jóvenes entrevistados en esta investigación. Al analizar la sociedad chilena, en función de las herramientas conceptuales de la sociología de la individuación y los datos construidos en su investigación, los autores señalan la relevancia que, como desafío cotidiano y extendido, tiene la relación con otros. En tal contexto, esta prueba presenta una característica particular: las relaciones sociales irritan y ese sentimiento permea gran parte de la vida cotidiana. Desde los encuentros casuales en el espacio urbano, el uso del transporte público, hasta las relaciones con amigos y familiares, el Otro se constituye en potencial fuente de perturbación e irritación (ARAUJO; MARTUCCELLI, 2012, p.101).

En el contenido de esta prueba para el contexto de estudio aquí analizado es posible registrar características diferentes. Ante la posibilidad de establecer distintos vínculos sociales, sobre todo por fuera del ámbito familiar, en el encuentro con otro(s) más que una posible irritación, lo relevante para los jóvenes es su presentación donde ha surgido una tensión constante entre dos cuestiones principales: **mostrar y ocultar**. Se analizarán, a continuación, las particularidades de este desafío y el trabajo de los jóvenes en diferentes ámbitos de su vida cotidiana.

### **¿Ocultar o mostrar?: esa es la cuestión**

La posibilidad de ser parte de un nuevo espacio de sociabilidad, así como de establecerse y permanecer de una manera satisfactoria, evitando malestares y situaciones de conflictividad en aquellos ámbitos ya conocidos, se advierte como un reto permanente para los jóvenes. En cada interacción se realizan esfuerzos constantes por mostrar u ocultar emociones que

Mostrar u ocultar: el desafío de relacionarse con otros. Una lectura de las experiencias de jóvenes que realizan actividades artísticas y deportivas en barrios populares de la ciudad de Buenos Aires

podrían dificultar la relación con personas con quienes interesa o se debe mantener un vínculo.

En toda interacción, situada en un contexto socio-temporal específico, ante la copresencia (GOFFMAN, 1970; GIDDENS, 1995) de dos o más individuos que entran en contacto cara a cara se ponen en juego desde posibles intercambios verbales y silencios, hasta gestos, movimientos, posturas, que –con mayor o menor intención– expresan diferentes *sentires*, es decir: “[...] particulares maneras de ser/estar/desear/tener que ponen en juego los sujetos en el fluir de sus interacciones cotidianas.” (CERVIO, 2012, p.9). Cada participante de tal *situación* define una visión acerca de ésta y de sus participantes, que se evalúan mutuamente a partir de indicios en sus cuerpos y sus comportamientos, atendiendo, a la propia impresión generada para mantener dicha situación. De manera más o menos explícita, se sigue coherentemente una **línea** en la que los actores advierten el tipo de **cara** con la que desea ser identificado y reconocido al vincularse con otros, es decir:

[...] el valor social positivo que una persona reclama efectivamente para sí por medio de la línea que los otros suponen que ha seguido durante determinado contacto. La cara es la imagen de la persona delineada en términos de atributos sociales aprobados [...]. (GOFFMAN, 1970, p.11).

En diferentes espacios de la vida social, los jóvenes mencionan que en el encuentro con otros prefieren **mostrar** sus aspectos más positivos, siendo alegres y divertidos, en lugar de sufrimiento o tristeza que pudieran estar experimentando en lo personal o lo familiar. Esto se advierte como una manera de diferenciar lugares por los que circulan, distinguiendo aquello que es percibido como público y privado. En esa delimitación se manifiestan emociones y comportamientos posibles de mostrar, en contraposición con aquello que debe ser ocultado, cuidado, ante la mirada de los otros. Lolo, manifestaba que los problemas de violencia familiar fueron diarios y continuos. Sin embargo, al concurrir al circo buscaba evitar expresar su malestar y, por el contrario, mencionaba:

[...] *trato de traer otra cara a otro lado porque en mi casa mucho no la paso bien en parte. Y tengo que traer si o si otra cara, porque no quiero que nadie sepa que estoy tipo... tipo sufriendo y porque cuando lloro, soy re feo.*

Estas formas de mostrarse ante los otros, como se manifestaba en distintos relatos de los entrevistados, eran particularmente referidas a las

expresiones que podían registrarse en sus rostros, por ejemplo, a través de una sonrisa:

*La gente triste, que te ve todo negativo, me pone nerviosa, no me gusta que la gente esté tan mal, capaz no es algo tan importante por lo que se pone mal. Y si es melosa, me pone nerviosa también porque lo muy tierno no me va, soy de la gente simple capaz [...] [cómo es ser simple?] ser feliz! O sea, estar sonriendo, pasarla bien y verle lo positivo a las cosas (Chinita).*

La sonrisa busca dar cuenta de un buen ánimo que refleja el **ser feliz**. David Le Breton (2012), destacaba que desde los abordajes naturalistas de las emociones –en base a explicaciones científicas que asociaban las emociones a sustancias orgánicas– el llanto, la sonrisa, como otras expresiones, fueron inscriptas como funciones naturales y automáticas. Bajo tales supuestos, frente a los estímulos correspondientes como la tristeza y la alegría, esas manifestaciones corporales se desplegarían como un reflejo de tales emociones. Sin embargo, Le Breton advertía que:

[...] así como las lágrimas no significan universalmente dolor en todas las circunstancias, la sonrisa no manifiesta necesariamente alegría [...] ingresa entonces en el régimen simbólico de su grupo y su rostro se modela según los usos sociales de la sonrisa. (LE BRETON, 1998, p.109).

La **sonrisa** puede tener múltiples significados de acuerdo a distintas circunstancias y lugares, pudiendo denotar sorpresa, desafío, o incluso, una forma de disimular una sensación de incomodidad. Puede dar cuenta de un gesto que expresa una forma ritualizada de interacción, producido ante la presencia de otros, que no necesariamente refiere a una conducta falsa o especulativa, sino que toma forma y sentido de acuerdo a la situación en la que se produzca (LE BRETON, 1998).

En las experiencias analizadas se trata de no mostrar emociones, gestos o expresiones corporales que puedan asociarse a rasgos de debilidad, de tristeza, de timidez como una cara sin expresión o con lágrimas. Por el contrario, deben presentarse ante los otros como personas positivas, relajadas, sociables. Esto se manifiesta en la sonrisa, así como en lo que se dice y el modo esto es dicho. Estas prácticas son percibidas por los jóvenes como habilidades personales que les permiten mostrar lo que resulta adecuado y, al mismo tiempo, proteger su intimidad.

Mostrar u ocultar: el desafío de relacionarse con otros. Una lectura de las experiencias de jóvenes que realizan actividades artísticas y deportivas en barrios populares de la ciudad de Buenos Aires

La manera en que expresan sus emociones, no sólo aparece vinculada al resguardo de sí mismos, sino también como formas de cuidado de los otros que tiene como propósito que éstos no experimenten las mismas sensaciones de tristeza y dolor que ellos se encuentran atravesando. Portal, mencionaba situaciones problemáticas en el ámbito familiar desde su niñez, pero prefería presentarse evitando mostrar su malestar:

*Los demás me ven como yo quiero que me vean, como una buena persona, o sea, siempre si es que tengo problemas en mi vida o sé que estoy triste pero no quiero que nadie se ponga triste por mí porque yo quiero siempre que todos, o sea, saber que yo le pude dar una alegría a una persona, por eso es que algunas veces mi humor o mi forma de ser alguna vez es algo torpe o extraña ¿viste?*

Tales prácticas remiten así a la importancia que tiene dominar el cuerpo y las emociones, así como causar ciertas impresiones en los otros, de modo tal que sea posible sostener una interacción o un espacio en el que se participa y del cual se desea ser parte (GOFFMAN, 2012; MÓNACO, 2013). Sin embargo, entre los jóvenes estas maneras de mostrarse no se asocian a ideas de engaño o falsedad, sino que se presentan para ellos como acciones necesarias para sostener un ambiente agradable, que no cause dolor o molestia al resto.

En las interacciones cara a cara, el **rostro** ha tenido un lugar privilegiado en tanto: “[...] encargado de ocultar como máscara al sujeto y, al mismo tiempo, revelarlo en tanto ‘ventana del alma.’” (BLÁZQUEZ, 2010, p.22). Asimismo, ha sido reconocido como el lugar donde se produce el vínculo con otros, “el rostro es el lugar del otro” (LE BRETON, 2010, p.1). Como afirma Giddens: “[...] en los seres humanos, el rostro no es el mero origen físico próximo del habla sino el área donde del cuerpo en cuyo ámbito se escriben los arcanos de experiencia, sentimiento e intención.” (GIDDENS, 1995, p.101).

Ahora bien, el **trabajo de la cara** no alude sólo a esa parte del cuerpo, sino que refiere de modo más complejo a la imagen del actor y sus habilidades para sostener una situación en la que participa con otros (GOFFMAN, 1970). Al ser parte de una situación se busca mantener la cara, esto es, los gestos, los movimientos corporales, las formas de interactuar, las sensaciones, de modo tal que la propia imagen resulte coherente y se eviten contratiempos. Los **procesos de evitación** permiten eludir posibles amenazas a este trabajo. En situaciones conflictivas puede advertirse también la regulación de ciertos comportamientos, poniendo

en juego una especie de reciprocidad: una actitud agresiva puede producir un enfrentamiento verbal o físico, o en cambio, provocar una actitud de sumisión por lo que se marca una imposición sobre otro (LE BRETON, 1998). Así, además de sus tristezas y dolores, los entrevistados han evitado mostrar sus enojos, sus broncas. Manifestaban que, en distintas situaciones a lo largo de sus biografías, no habían podido reconocer cómo se sentían frente a terceros y consideraban que no debían expresar tales sensaciones ante otros.

Este proceso de evitación de los conflictos puede ser comprendido como una táctica que permite construir y mantener vínculos con otros que pueden vincularse a un marco socio-histórico en el que se establecen procesos de producción y reproducción de las sociedades capitalistas, a través de **mecanismos de soportabilidad social** que apuntan a una constante evitación del conflicto social (SCRIBANO, 2008a). Sin la necesidad de impartir una vigilancia o control directos, estos mecanismos permiten desplazar los conflictos, evitándolos. Se estructuran en prácticas que se hacen cuerpo, y de forma individualizada generan en los actores la aceptación de cierto orden de cosas como dado naturalmente. En dicho marco, las sensaciones producidas socialmente son experimentadas como si ocurrieran de manera particular, única y en lo más íntimo de cada uno, debiendo responsabilizarse de éstas.

Las diversas dificultades que debieron atravesar, como problemáticas que remiten a lo individual y lo familiar, consideran que deben resolverlas desde lo personal y superarlas internamente. De no poder ser así, deben evitar mostrar el malestar a otros, en particular, aquéllos con quienes se mantiene el conflicto. Estas situaciones se vinculan sobre todo con las violencias que experimentaron ellos o alguno de sus familiares. Sofía rememoraba aquellos momentos de su niñez en que su padre la maltrataba a ella y a su hermano, sin poder comprender del todo la situación que transitaba o las posibles formas de expresarse ante ello:

*Capaz como sos chico al otro día te olvidas. No te olvidas que te pegó, pero te olvidas de que te pegó tu papa. Entonces al otro día lo tratas como si no hubiera pasado nada, y sigue la misma relación. Hasta que te pega de vuelta y te preguntas por qué te sigue pegando. Obviamente me ponía a llorar, pero no le preguntaba por qué. Como estaba enojado capaz si le preguntaba era peor, entonces no decía nada. Pero si me daba bronca porque a mí no me golpeaba mucho, si me pegaba pero tenía momentos. Pero al que si lo golpeaba era a mi hermano entonces me generaba algo de bronca.*

Mostrar u ocultar: el desafío de relacionarse con otros. Una lectura de las experiencias de jóvenes que realizan actividades artísticas y deportivas en barrios populares de la ciudad de Buenos Aires

En la actualidad, para Solanch la necesidad de evitar a la actual pareja de su madre –quien durante su adolescencia había intentado abusar de ella– se vuelve un esfuerzo continuo dado que ella trabaja para él en su restaurante. Si bien le provoca malestar, enojos, prefiere “aguantar”:

*Toda mi vida vine cargada de problemas, de situaciones complicadas. Y es como que cuando te atreviste a hablar y no pasó nada, es como que para qué vas a hablar, si vas a crear un problema más. Y como que es preferible mantener esa distancia, esa cortesía, que estar todo el tiempo con cara larga. Y porque lo voy a tener que ver toda mi vida, porque es el marido de mi mamá, o por lo menos hasta que ella lo tolere, pero como ella está cómoda no lo va a dejar tampoco. Entonces aprendí a tolerar. Y tolerar y tolerar.*

El ámbito familiar no aparece como el único espacio donde se evitan los conflictos. En el relato de Portal éste ubicaba en la cursada del último año de la escuela primaria, el logro de haber cambiado su personalidad “para bien” tras haber adelgazado:

*Y siempre evitando la violencia, nunca me gustó a mí la pelea (...) Y creo que era por eso más que nada que siempre solía estar callado o que no me gustaba la discusión, pero después en séptimo como... sé que era necesario, viste. Y que por una parte, hay que pensar mucho en lo que hay que decir para evitar, o sea, no hay que ir con intención de pelear, yo siempre iba con intención de evitar eso.*

En los relatos se plantean tensiones entre experiencias que buscan la evitación del conflicto y las que intentan provocar impresiones adecuadas en los otros. Por un lado, se acentúa el ocultamiento, el camuflaje, la protección, en tanto acciones preventivas y defensivas. No obstante, aunque se desplieguen estas prácticas emerge aquello que no puede controlarse: miedos, nervios, vergüenza. En la búsqueda de obtener aquello que es deseado y producir ciertas impresiones en otros se torna preciso añadirse o despojarse de ciertos atributos, cuyas diferentes valoraciones facilitan u obstaculizan los modos de relacionarse y sobre todo, de ser aceptados por otros. En este proceso algunos atributos –sobre todo, vinculados a la corporeidad<sup>4</sup>–, propios y de los otros, adquieren mayor visibilidad y son valorados de manera positiva o negativa.

---

<sup>4</sup> Como señala Elina Matoso (2006, p.14): “[...] al referirnos al cuerpo es difícil evadir polaridades como por ejemplo: Cuerpo-alma, espíritu-razón, cuerpo-máquina, cuerpo virtual, digital, entre tantos otros dualismos que marcaron y marcan la historia del

Aquello que en principio es realizado para evitar mostrar a otros los propios malestares, sufrimientos y temores, puede de alguna manera actuar generando condiciones no esperadas y tensionar emociones contradictorias: provocando realmente un alivio, un olvido –al menos momentáneo– de aquello que provoca dolor y tristeza, y posibilitando descubrir nuevas sensaciones vinculadas al placer de realizar una práctica artística o deportiva, el disfrute de compartir y construir espacios con personas diferentes a aquéllas que se vinculan a esos malestares. Por otra parte, sin embargo, pueden silenciar conflictos que precisan trascender el ámbito privado y adquirir visibilidad, para su denuncia, para la posibilidad de intervención oportuna, como aquellas que remiten a situaciones de violencia o maltrato, incluso sobre el propio cuerpo.

### Los ‘otros’ como soportes

En la construcción de todos los relatos, iniciar una actividad artística o deportiva, practicarla en distintos momentos de sus vidas, así como la llegada al circo, se ubicó como un giro existencial. Tales actividades implican mostrar (se) ante otros: sus compañeros, familiares y amigos, hasta desconocidos. Esto produce tensiones en los sentires de los jóvenes.

Por una parte, se manifiesta el interés por realizar presentaciones de estas actividades. Participar en muestras grupales o en eventos especiales resulta en gran parte gratificante. Mateo, actualmente reside en la Villa 21, pero vivió hasta sus 18 años en una institución tras ser retirado de su hogar junto a sus hermanos por violencia familiar. Durante esos años y al retornar al barrio, tuvo la oportunidad de desarrollar deportes como la natación y el básquet, hasta actividades como el teatro, el circo y la danza. Para él, mostrar lo que hace:

*Me genera, no sé, no sé qué decirte, pero me gusta mostrar mis habilidades, mis logros, todo lo que trabajé durante el año, mis esfuerzos, todo, lo que se puede lograr haciendo estas cosas.*

La posibilidad de mostrarse es una oportunidad de disfrutar, de divertirse, pudiendo expresar otros sentires, un cuerpo deseante que se pone en movimiento, en el sentido más amplio del término: **movimiento** que significa trasladarse, desplazarse en tiempo y espacio, pero también,

---

hombre occidental. Corporeidad borrona estos polos y sin suprimirlos los incluye en la indefinición misma de la palabra”.

Mostrar u ocultar: el desafío de relacionarse con otros. Una lectura de las experiencias de jóvenes que realizan actividades artísticas y deportivas en barrios populares de la ciudad de Buenos Aires

estimular, revelar, conmover, re-mover emociones (MATOSO, 2006). Actuar frente a otros puede emocionar, puede disfrutarse, pero al mismo tiempo puede combinarse con miedos, nervios e incluso, vergüenza. Los miedos, los nervios, fueron asociados sobre todo al temor de caer, de golpearse, de hacer el “ridículo” y pasar vergüenza frente a seres queridos y amigos. En el relato de Sofía la situación de una muestra final también generaba emociones particulares. Ante su primera muestra del taller de patín, expresaba:

*La primera vez me dio un re miedo, dije uh! ¿Mirá si me caigo? Porque yo me pongo nerviosa y por ahí me suelto una mano y me mato, y ahí es peor, porque ahí sí me rompo el cuello, no sé. Y tenía vergüenza, más que nada, pero ahí ya porque iba mi papá y mis primos y mi hermana.*

La conflictividad, interna y con terceros, se hace cuerpo. Como destaca Gabriela Vergara (2009) retomando el abordaje de Simmel (1938), si bien la vergüenza como pudor, es experimentada como una emoción del orden de lo personal e individual, ésta puede leerse como una emoción que remite a lo social, ya que se vislumbra netamente a partir de la presencia de otros y se inicia por la atención que recibe un aspecto del actor. La percepción de la mirada de los otros produce una sensación de extrema visibilidad y temor ante posibles sanciones por aquello que se considera disruptivo e inadecuado socialmente. Asimismo, siguiendo a Elías (1993), es posible reconocer, a su vez, que la vergüenza se asocia a una forma de temor, de miedo a ser humillado, ya no por una mirada excesiva, sino por una mirada que se identifica como superior. En respuesta a esa sensación, la vergüenza pondría de manifiesto una forma de autodefensa generada por el individuo, un conflicto entre su mundo interno y las relaciones de autoridad vigentes en la sociedad de la que es parte.

Al dar cuenta de esa primera vez en la que había realizado una presentación en público, Sofía había expresado sentir vergüenza y nervios que, sin embargo, habían aminorado a lo largo de su actuación:

*Y la primera vez creo que sí, estaba re nerviosa, decía ¡uy! ¿Ahora qué hago? No sé, ¿mirá si se me olvida lo que tengo que hacer? Pero por suerte como pasas de a dos, está bueno porque no sentís toda la presión vos, no sentís que te están mirando todo a vos, sino que es como compartido [...]. Al principio, sí tenía miedo, pero ya después cuando me subí, el miedo ya se me había pasado porque me subí y dije bueno, ya está, lo voy a hacer. Yo sé lo que tengo que hacer, así que no sé por qué tengo tanto miedo. Y me subí*

*y ya está, se me pasó la vergüenza, el miedo, todo, porque dije bueno, si yo sé lo que estoy haciendo, así que lo mostré.*

Del párrafo anterior se advierten dos cuestiones significativas: por un lado, en la primera parte si bien Sofía reconoce la presencia de su compañera como una ayuda para aminorar la presión que sintió al patinar, en el cierre de su relato, asocia el paso de esta prueba a la fuerza interna que encontró en sí misma para evitar sentir miedo y vergüenza. Aun cuando el acompañamiento y el compartir con otra se volvía un soporte que facilitaba atravesar esta experiencia, resultó más difícilmente visibilizada como tal, poniendo un énfasis mayor en el esfuerzo, el mérito y habilidades individuales, como atributos que finalmente le permitieron desempeñarse exitosamente en dicha ocasión (ARAUJO; MARTUCCELLI, 2014).

No obstante, en otros casos, la presencia de un compañero es vislumbrado como soporte que marca una diferencia en la experiencia de realizar una actividad artística como la de la acrobacia aérea. Iván ha concurrido al circo por más de cuatro años, transitando por distintas actividades como kung-fu, hip hop, tango y acrobacia, siendo ésta última la que más desarrolló, llegando a pertenecer al grupo de los más avanzados. Sin embargo, mostrar lo que realiza le genera vergüenza, la cual parece desvanecerse cuando la practica con una joven en particular. Al referirse a la relación con ella señala las potencialidades que su presencia le genera:

*Y cuando yo estoy con ella es como que no me da vergüenza, o sea, es como que esas partes es la que nos complementamos [a vos no te da vergüenza de qué?] No, porque siempre uno tiene cosas que te hacen sentir como ridículo y como que ella no tiene eso. Y cuando yo veo que no tiene es como que, si ella no tiene, yo tampoco, es como que me potencia a mí la actitud.*

Omar, además del circo, encontraba en el *skate* otra forma de disfrute y de generación de amistades que para él eran sustantivas: “*Con los skaters, si vos le preguntás a un skater me enseñás un truco o algo, todos los skaters te van a querer a enseñar. Los skaters todos son re buena onda!*”. La presencia significativa de otros aparece así también como una forma de cuidado que éstos pueden ofrecer cuando se llevan adelante prácticas que ponen en juego mayores rangos de peligro para el cuerpo debido a las consecuencias que puede tener una caída o un golpe.

Mostrar u ocultar: el desafío de relacionarse con otros. Una lectura de las experiencias de jóvenes que realizan actividades artísticas y deportivas en barrios populares de la ciudad de Buenos Aires

### ‘Ser gordo’: un obstáculo para relacionarse con otros

Al seleccionar los acontecimientos que marcaron un antes y un después en sus vidas, fue significativa la elección del momento en que se habían producido cambios corporales, en particular: la transición entre reconocerse con sobrepeso —o como ellos lo expresaban, **ser gordo**— y la posibilidad de adelgazar y mantenerse delgados. Los jóvenes destacaron que, al generar y sostener vínculos en diversos ámbitos, el “ser gordo” actuaba como un límite para mostrarse, sobre todo ante los demás jóvenes, obstaculizando la oportunidad de ser aceptados.

Al interactuar la atención hacia sus cuerpos se volvía central. Esos cuerpos con sobrepeso definían, a su vez, sus modos de ser y lo que sentían al respecto. Esta percepción generó una falta de satisfacción acerca de quiénes eran y de qué tipo de personas deseaban ser. Esto, a su vez, restringió las posibilidades de establecer relaciones en diferentes momentos y ámbitos de sus biografías: al interior de sus familias, en la escuela, en las actividades artísticas y deportivas.

Gustavo señalaba que durante la niñez había sido gordo y su padre lo molestaba constantemente por dicha condición. Sentirse gordo provocaba importantes dificultades en su vínculo con él, afectando su ánimo y su forma de relacionarse con otras personas:

*Los cambios los empecé a tener de chico, de niño, que eran el primero de mis, como problema, era sentirme gordo. Y esto de sentirme gordo era por cómo me veían los demás y cómo me decía mi papá. Como que el ser gordo te imposibilita para muchas cosas, desde lo que te dicen hasta lo que vos te pensás que pueden decir, o cómo te pueden ver, o lo que vos te aislás.*

Portal identificaba que su cuerpo, alteraba el modo en que se percibía a sí mismo y obstaculizaba la relación con sus compañeros de escuela. En esa época ubica el inicio de distintas prácticas para adelgazar. Sin embargo, al percibir el cambio en su forma de ser y en el modo en que era tratado por sus compañeros, sin distinguir aquí explícitamente el cambio de peso, sí advierte el cambio en su personalidad:

*Me solían molestar mucho. Ponele, en ese tiempo era gordo y siempre me solían cargar o me molestaban. Y en ese tiempo yo no era de los que por ahí decía “no, no me digas eso”, no. Era de los que se quedaban callados y no les gustaba hablar mucho y era tímido. Después en séptimo como que ahí ya logré conocerme más, hacerme más conocido. Y por lo menos sé que una*

*parte de eso, como que me ayudó también a cambiar una parte que sería mi forma de actuar, que no siempre hay que ser tímido o hay que quedarse callado, siempre hay que hablar y demostrar quién es uno como persona.*

Al realizar prácticas artísticas también fueron percibidas las dificultades para relacionarse a la luz de un cuerpo que no encajaba con el del resto. Chinita comenzó a percibir la diferencia de su cuerpo con el de otras niñas cuando asistía a sus clases de danza. Los cambios que ella reconocía –primero por el crecimiento de sus “pechos” y luego, de su “panza”– la alejaban del modelo de cuerpo que distinguía a la mayor parte de los grupos en los que participaba. Ella comenzó a notar estas diferencias durante su niñez, en las clases de danza clásica. Ésta era una de las primeras clases donde inició su recorrido en la danza, que mantiene hasta la actualidad, transitando por distintos estilos:

*Para cuando hacía ballet, se iba notando ya que me iban creciendo los pechos. Me parecía raro porque las de al lado seguían siendo chatas y yo iba teniendo un poco, ya para cuando llegue a lo que es salsa y árabe ya tenía más, como que me desarrollé más rápido [...] Entonces esas cosas capaz me molestaban con mi propio cuerpo, entonces como que me encorbaba y tapaba mis pechos.*

Ana Sabrina Mora (2008), a partir del estudio de la formación de las estudiantes de danzas clásicas en una institución de La Plata, Buenos Aires, ha explorado el modo en que operan las tecnologías disciplinarias, de regulación y de control en la producción de cuerpos y subjetividades. Al indagar las ideas respecto del cuerpo en el mundo del *ballet* observó las exigencias que pesan sobre las características corporales de los aspirantes a bailarina o bailarín de este género, asociadas a un modelo de belleza que estipula un tipo de cuerpo adecuado para la danza: un cuerpo delimitado, joven, sin falla, liviano, etéreo.

En las clases de danza, al sentirse diferente Chinita en su relato destacaba: “me sentía mal”, sentía “vergüenza”. La vergüenza vuelve a reconocerse como una sensación que recorre los relatos de los jóvenes, en este caso, sobre todo asociada a la autopercepción y una mirada externa descalificante frente a un cuerpo que no encaja con los parámetros de belleza de este momento histórico. Como se indicara, esta emoción manifiesta un carácter relacional. En tanto modo de angustia pública afecta directamente a la **identidad del yo** a partir de sentimientos de inadecuación o humillación que suponen, al mismo tiempo, el desagrado o disgusto

Mostrar u ocultar: el desafío de relacionarse con otros. Una lectura de las experiencias de jóvenes que realizan actividades artísticas y deportivas en barrios populares de la ciudad de Buenos Aires

de otros que amenaza al **yo** (GIDDENS, 2000; MOREJÓN, 2013). La vergüenza actúa así como uno de los **dispositivos de regulación de las sensaciones** en tanto:

[...] procesos de selección, clasificación y elaboración de las percepciones socialmente determinadas y distribuidas. La regulación implica la tensión entre sentidos, percepción y sentimientos que organizan las especiales maneras de “apreciarse-en-el-mundo” que las clases y los sujetos poseen. (SCRIBANO, 2009, p.6).

El exceso de peso comienza a ser autocuestionado por los jóvenes desde edades tempranas. Tanto los varones como las mujeres, recurrieron al control de su peso en algún momento de sus vidas a través de diversos mecanismos que les permitieran controlar qué comer, en qué momentos, pero también, cómo gustarlo, cómo **sacarlo**. Entre tales prácticas se incluyeron: dejar de comer en distintos momentos del día, saltando desayunos o almuerzos; la disminución de porciones; el cambio en el tipo de alimentos ingeridos; ejercicios con alto nivel de exigencia de entrenamiento; y también los vómitos. Prácticas que aparecen como soportes que, con mayor o menor legitimidad, son utilizados por los jóvenes para alcanzar el cuerpo deseado:

Las sociedades actuales promueven estilos de vida ‘saludables’ sostenidos por una intersección de discursos sanitarios, terapéuticos y empresariales que demandan a los individuos a la adopción de ciertas pautas alimentarias y nutricionales que se consideran necesarias para lograr un cuerpo que se adapte a ese modo de vida. En este **paradigma cultural del fitness**<sup>5</sup> (LANDA; BROSSI, 2012) al requerimiento de una buena alimentación se suman, además, las recomendaciones para llevar adelante un estilo de vida ‘activo’, es decir, la práctica de deportes u otras actividades físicas que posibilitan alcanzar el ideal del cuerpo saludable.

Ahora bien, los límites entre las distintas formas de entender cuándo una alimentación resulta adecuada pueden desdibujarse ante la constante interpelación a lograr un cuerpo saludable, pero sobre todo bello, juvenil. En el relato de Chinita se mencionaba:

---

<sup>5</sup> “El ámbito del Fitness, de carácter trasnacional, comprende un conjunto heterogéneo de prácticas corporales, tecnologías espaciales y discursos estéticos, médicos y deportivos a partir de los cuales es posible identificar la emergencia de nuevas diagramáticas de poder en específicos escenarios de producción-consumo de estas prácticas corporales” (LANDA, 2009, p.2).

*Era verme gorda y decir “mierda no!” y fue decir “tengo lindos pechos, está bien, lo acepto, pero no quiero ser gorda, entonces ¡no voy a comer, no voy a comer!”. Y se me cerraba el estómago, dejé de comer por un tiempo, comía pero no comía, pero comía [...] Llegué a un punto de ser casi bulímica, pero saber que no iba a llegar a ese punto porque no era como las demás y dejarlo, después volver, pero dejarlo otra vez, pero bien [...] Capaz que comía, yo no lo sentía como algo malo. Yo comía y si tenía verduras iba y lo sacaba porque no, no me gustaba. Entonces era cada vez que no había algo que me gustara lo comía, pero después lo sacaba.*

Al mismo tiempo, la postulación por un cuerpo saludable aparece vinculado a un ideal de cuerpo que debe encontrarse moldeado y tonificado para alcanzar una imagen del cuerpo deseado. En esa búsqueda por el cuerpo legítimo los jóvenes también recurrieron a prácticas vinculadas al entrenamiento extremo —sobre todo en el caso de los varones. En su caso, Mateo relataba el proceso que había atravesado durante la niñez y adolescencia para moldear su cuerpo:

*[...] y te cansabas más, pero igual yo le metía pata porque quería adelgazar, más de que me gustara el deporte, aprender, como que te cansabas, te cansabas. Igualmente cuando uno está acostumbrado hacer algo y lo hace, y lo hace, y después te vas acostumbrando. A la larga con el entrenamiento vas mejorando el cuerpo, la respiración, la musculación y acá estoy. Por eso ahora que soy grande, por eso tengo la fuerza que tengo, por eso la elongación que tengo, por eso, ser fuerte. El cuerpo no es lo mismo que cuando era antes, todo cambia, depende lo que hagas, va a cambiar.*

La preocupación por la imagen personal, refiere a los juicios estéticos y de belleza, así como a los propios cuerpos/emociones y al vínculo con otros. Esto conlleva, a su vez, prácticas que permiten mejorar esa imagen a partir de esfuerzos por modificar la apariencia y borrar aquellos rasgos no deseados de la corporeidad. Estas significaciones y prácticas precisan ser situadas en un contexto de época en las que ciertos ideales han tenido incidencia diferente en los distintos grupos sociales. Como destaca Ana Lía Kornblit:

Es de destacar que existen valoraciones estéticas diferentes en relación con lo corporal, al igual que con respecto a otros aspectos, según los estratos sociales, aunque puede observarse cada vez más que los ideales de belleza de los estratos superiores son adoptados por los más bajos, de acuerdo con un conocido proceso de identificación con lo que se muestra socialmente valioso. (KORNBLIT, 2007, p.18).

Mostrar u ocultar: el desafío de relacionarse con otros. Una lectura de las experiencias de jóvenes que realizan actividades artísticas y deportivas en barrios populares de la ciudad de Buenos Aires

Si bien se ha asociado mayormente la valoración estética de los cuerpos a los sectores medios y altos, resulta pertinente considerar también sus implicancias entre los sectores populares, como es posible observar entre los jóvenes entrevistados. Algunos estudios han señalado la importancia que la publicidad y los medios de comunicación –como otros discursos provenientes de la biomedicina y el mercado–, han tenido en la producción de imágenes y narrativas acerca de los cuerpos legítimos en el marco de una modalidad cultural, social e histórica de significar y valorar los cuerpos en esta sociedad en torno a tales ideales (CARRILLO DURÁN; SÁNCHEZ HERNANDEZ; JIMÉNEZ MORALES, 2011; ZAVALLO, 2012; LANDA, 2009; ZICAVO, 2013).

El entrenamiento, junto a los usos de la alimentación, pueden considerarse aquí soportes a los que los jóvenes han recurrido para enfrentar de un modo más exitoso la prueba constante de relacionarse con otros. Sin embargo, estos soportes aparecen movilizados de manera no confesable, ni legítima –ante la propia mirada, ni la de terceros– dado que pueden entenderse como soportes **patologizados**<sup>6</sup>, es decir, no son una práctica posible de manifestar o mostrar en sus entornos cotidianos debido al modo en que han sido utilizados. Fueron prácticas que mantuvieron ocultas, que camuflaron y que no compartieron con nadie. Al enfrentar estas situaciones entendían que no podían hacerlas visibles o que no podían confiar en nadie para contar lo que les sucedía ya que advertían que estas prácticas podían ser consideradas como problemáticas por otros, especialmente los adultos.

La oportunidad de generar vínculos con terceros conocidos o desconocidos, así como la misma definición de quiénes son como personas, aparece entonces sustentado en la experiencia de un cuerpo delgado, modelado, posible de ser de presentado y evaluado de manera adecuada por otros. Adelgazar, en consecuencia, genera nuevas emociones que se asocian al bienestar, a sentirse más conformes consigo mismos: “Decidir qué se come es también decidir ‘cómo se es’.” (GIDDENS, 2000 apud BORGHI, 2009, p.27).

## Reflexiones finales

A partir de las dimensiones analizadas se destacó el modo en que los jóvenes han percibido que relacionarse con otros se vuelve un desafío difícil de atravesar. En las interacciones cotidianas, en tanto relaciones de poder,

---

<sup>6</sup> Los soportes patologizados son aquellos que se vinculan al consumo y uso de dependiente, y hasta adictivo, de ciertas prácticas u productos, por ejemplo, los medicamentos psicotrópicos (MARTUCCELLI, 2007).

los jóvenes ponen en juego estrategias personales que invisibilizan condiciones de vulnerabilidad que atraviesan en sus biografías y que son vividas como responsabilidades individuales.

Como consecuencia, recurren a habilidades y prácticas que no responden unívocamente al género, a una posición social o a la ubicación etaria, sino que son percibidas como prácticas individualizadas que se vinculan de manera particular con un trabajo sobre sí mismos: mostrando u ocultando, modificando o controlando sus cuerpos y sus emociones, con el propósito de asimilarse a lo que consideran socialmente legítimo, aceptado y deseable. Tales prácticas se encuentran especialmente mediadas por la movilización de soportes que aparecen para ellos de manera más o menos visibilizada, así como también con distintos niveles de legitimidad. Sin embargo, la percepción preponderante de los jóvenes es que se sostienen desde su interior, desde sus capacidades, sus destrezas y esfuerzos personales.

Resultó significativa la manera en que mostrar y ocultar atributos de las propias emociones y corporalidades, devienen especialmente relevantes para los jóvenes en la impresión que generan en otros. Esto, incluso, aparece definiendo los alcances y limitaciones de sus personalidades para transitar por distintos ámbitos a lo largo de sus biografías. Entre tales aspectos, el control de la gordura/delgadez se tornó particularmente significativo para ellos. Esto lleva a reflexionar acerca de la valoración estética que socialmente se otorga a ciertos cuerpos y que atraviesa distintas condiciones sociales, así como los obstáculos y posibilidades que esto conlleva.

Lo que apareció visibilizado para los jóvenes ante los desafíos de presentarse ante otros y vincularse con ellos, fue su capacidad de manifestar sentires adecuados en diferentes circunstancias, e incluso, moldear sus propios cuerpos en función de un modelo deseado. Tales habilidades deben ser vinculadas con modos de sensibilidad social, especialmente en el marco de las sociedades regidas por el capitalismo neoliberal, que se consideran adecuadas: ser flexible, ser optimista, ser proactivo. Y donde ciertas corporalidades adquieren mayor legitimidad y son valoradas por sobre otras.

Lo relevante en este análisis —que la sociología de la individuación permite vislumbrar— es que más allá de que los individuos en general, y los jóvenes en particular, movilicen distintos soportes sociales, materiales y simbólicos, se perciben enfrentando las pruebas, sobre todo, sostenidos desde su interior, desde sus propias capacidades, esfuerzos y habilidades. Como señalan Araujo y Martuccelli (2014), para el caso chileno, pero posible de ser vislumbrado en el contexto analizado, es sobre todo en el caso de los sectores populares donde estas significaciones aparecen con mayor peso para quienes otros soportes no resultan accesibles, como ciertos recursos

Mostrar u ocultar: el desafío de relacionarse con otros. Una lectura de las experiencias de jóvenes que realizan actividades artísticas y deportivas en barrios populares de la ciudad de Buenos Aires

materiales o sociales, o son deslegitimados, como puede resultar el caso de los subsidios y ayudas estatales.

Al considerar las experiencias de los entrevistados, y retomando otros trabajos en la región, si bien las instituciones se encuentran presentes en sus biografías, los jóvenes no perciben que es a través de aquéllas que pueden lidiar con los desafíos que impone la vida social, sino que es más bien a partir de sus propias habilidades que éstas pueden ser enfrentadas (ARAUJO; MARTUCCELLI, 2014). Esto permite dar cuenta de una modalidad de individuación específica posible de ser pensada para el contexto latinoamericano, que puede ser comprendida a partir de la noción de **híper-actor**:

Los individuos como híper actores buscan constituirse a sí mismos alrededor de una práctica de consistencia personal. Para los individuos no es elegir o decidir, sino hacer y ser. Es una consistencia pragmática. No refiere a una autoestima psíquica, sino a una forma específica de confianza en las competencias prácticas propias, esto es, en las habilidades que tienen los individuos para enfrentar distintas situaciones (consistencia pragmática y autoconfianza). (ARAUJO; MARTUCCELLI, 2014, p.32, nuestra traducción).

A las dimensiones señaladas, el esfuerzo, las habilidades y capacidades, se suma, a su vez, el reconocimiento de los individuos de que también precisan ayuda en ciertas situaciones. Las relaciones con otros se vuelven soportes que, sin embargo, en ocasiones aparecen sólo para potenciar o facilitar aquellas condiciones que se perciben como propias. De este modo, el carácter de soporte que pueden tener estas relaciones, de algún modo, se invisibiliza.

No obstante, en el caso de los jóvenes entrevistados, el soporte y las oportunidades que ha brindado la práctica de una actividad artística y deportiva, pero sobre todo el desarrollarla en “el circo”, complejiza esta noción de híper-actor e interpela el modo en que la relación con ciertas instituciones puede vislumbrar soportes decisivos y significativos para los jóvenes de sectores populares. Estas prácticas que movilizan profundamente sus cuerpos y emociones generando, como en estos casos, puntos de inflexión en sus biografías a la luz de un espacio que brinda la posibilidad de replantear la vida y a sí mismos, sus corporalidades y sensaciones.

## REFERÊNCIAS

AGUIRRE, R. S. Introducción. In: AGUIRRE, R. S. (Org.). **Sentidos y sensibilidades:** exploraciones sociológicas sobre cuerpos-emociones. Buenos Aires: Estudios Sociológicos Editora, 2015. p. 9-16.

AIMAR, L.; SCRIBANO, A. Prólogo. In: D'HERS, V.; GALAK, E. (Org.). **Estudios sociales sobre el cuerpo:** prácticas, saberes, discursos en perspectiva. Buenos Aires: Estudios Sociológicos, 2011. p. 9-14.

ARÁOZ, H. M. A modo de prólogo. In: SCRIBANO, A. **Teorías sociales del Sur:** Una mirada post-independentista. Buenos Aires: ESEditora: Universitas, 2012. p. 11-39.

ARAUJO, K; MARTUCCELLI, D. Beyond Institutional Individualism. Agentic Individualism and Individuation Process in Chilean Society. **Current Sociology**, London, v. 62, n. 1, p. 24-40, 2014.

\_\_\_\_\_. **Desafíos comunes:** retratos de la sociedad chilena y sus individuos. Santiago de Chile: LOM, 2012.

\_\_\_\_\_. La inconsistencia posicional: un nuevo concepto sobre la estratificación social. **Revista CEPAL**, Santiago de Chile, n. 103, p. 165-178, 2011.

\_\_\_\_\_. La individuación y el trabajo de los individuos. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 36, p. 77-91, 2010.

ASCHIERI, P; PUGLISI, R. Cuerpo y producción de conocimiento en el trabajo de campo: Una aproximación desde la fenomenología, las ciencias cognitivas y las prácticas corporales orientales. In: CITRO, S. (Org.). **Cuerpos plurales:** antropología de y desde los cuerpos Buenos Aires: Biblos, 2010. p. 127-148.

BECK, U.; BECK-GERNSHEIM, E. **La individualización:** el individualismo institucionalizado y sus consecuencias sociales y políticas. Barcelona: Paidós, 2003.

BLÁZQUEZ, G. De cara a la violencia: agresiones físicas y formas de clasificación social entre mujeres jóvenes de sectores populares en Argentina. **Sexualidad, Salud, Sociedad:** Revista Latinoamericana, Ciudad de México, v. 6, p. 10-40, 2010.

BORGHI, F. Cuerpo y subjetividades en las sociedades de la incertidumbre. In: FIGARI, C.; SCRIBANO, A. (Org.). **Cuerpos, subjetividades y conflictos:** hacia una sociología de los cuerpos y las emociones desde Latinoamérica. Buenos Aires: Fundación Centro de Integración, Comunicación, Cultura y Sociedad, 2009. p. 23-34.

CAMAROTTI, A. C.; DI LEO, P. F. **Quiero escribir mi historia:** Vidas de jóvenes de barrios populares. Buenos Aires: Biblos, 2013.

Mostrar u ocultar: el desafío de relacionarse con otros. Una lectura de las experiencias de jóvenes que realizan actividades artísticas y deportivas en barrios populares de la ciudad de Buenos Aires

CARRILLO DURÁN, M.; SÁNCHEZ HERNÁNDEZ, M.; JIMÉNEZ MORALES, M. Sociocultural and personal factors related to media and body cult that have an influence on young's wellbeing. **Communication & Society**, Córdoba, v. 24, n. 2, p. 200-227, 2011.

CERVIO, A. L. A modo de presentación: una sociología por y desde las tramas del sentir. In: \_\_\_\_\_. **Las tramas del sentir**: ensayos desde una sociología de los cuerpos y las emociones. Buenos Aires: Estudios Sociológicos, 2012. p. 9-18.

CHAVES, M. Culturas juveniles en la tapa del diario: tensiones entre el margen y el centro de la hoja. In: CHAVES, M.; ZABALLOS, E. F. (Org.). **Políticas de infancia y juventud**: producir sujetos y construir Estado. Buenos Aires: Espacio, 2013. p. 1-22.

CORBIN, J.; STRAUSS, A. **Bases de la investigación cualitativa**: técnicas y procedimientos para desarrollar la teoría fundamentada. Bogotá: CONTUS, Universidad de Antioquía, 2006.

D'HERS, V. Cuerpo, expresividad y prácticas de investigación: renovando nuestros caminos de indagación. **Boletín ONTEAIKEN**, Córdoba, n. 18. p. 9-19, 2014.

ELIAS, N. **El proceso de la civilización**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1993.

GIDDENS, A. **Más allá de la izquierda y la derecha**. Madrid: Cátedra, 2000.

\_\_\_\_\_. **La Constitución de la Sociedad**. Buenos Aires: Amorrortu, 1995.

GOFFMAN, E. **La presentación de la persona en la vida cotidiana**. Buenos Aires: Amorrortu, 2012.

\_\_\_\_\_. Sobre el trabajo de la cara In: GOFFMAN, E. **Ritual de la interacción**. Buenos Aires: Tiempo Contemporáneo, 1970. p. 11-25.

KORNBLIT, A. L. (Org.). **Juventud y vida cotidiana**. Buenos Aires: Biblos, 2007.

LANDA, M. I. Subjetividades y Consumos corporales: un análisis de la práctica del Fitness en España y Argentina. **Razón y Palabra**: Primera Revista Electrónica en América Latina Especializada en Comunicación, Atizapan de Zaragoza, v. 69, p. 1-34, 2009.

LANDA, M. I.; BROSSI, L. La política de la Imagen y el gobierno de la forma/tamaño corporal: el programa Fitness y el de Pro Ana/Mía. In: ENCUESTRO LATINOAMERICANO DE INVESTIGADORES SOBRE CUERPOS Y CORPORALIDADES EN LAS CULTURAS, 1., 2012, Rosario. **Anais...** Rosario, 2012.

LASH, S.; WYNNE, B. Introduction. In: BECK, U. **Risk Society**: towards a new modernity. London; Newbery Park: SAGE, 1992. p. 1-8.

LE BRETON, D. Por una antropología de las emociones. **Revista Latinoamericana de Estudios sobre Cuerpos, Emociones y Sociedad**, Córdoba, v. 10 n. 4, p. 69-79, 2012.

\_\_\_\_\_. **Rostros**: ensayo de antropología. Buenos Aires: Letra Viva, 2010.

\_\_\_\_\_. **Las pasiones ordinarias**: antropología de las emociones. Buenos Aires: Nueva Visión, 1998.

LECLERC-OLIVE, M. Temporalidades de la experiencia: las biografías y sus acontecimientos. **Iberofórum**: Revista de Ciencias Sociales de la Universidad Iberoamericana, Santa Fe, v. 8, p. 1-39, 2009.

LISDERO, P. Prólogo. In: SCRIBANO, A.; LISDERO, P. (Org.). **Sensibilidades en juego**: miradas múltiples desde los estudios sociales de los cuerpos y las emociones. Córdoba: CEA-CONICET, 2010. p. 6-14.

MARTUCCELLI, D. La individuación como macrosociología de la sociedad singularista. **Persona y sociedad**, Santiago, v. 3, p. 9-29, 2010.

\_\_\_\_\_. **Cambio de rumbo**: la sociedad a escala del individuo. Santiago de Chile: LOM, 2007.

MATOSO, E. Movimiento: traslación y deseo. In: MATOSO, E. (Org.). **El cuerpo In-cierto**: Arte/cultura/sociedad. Buenos Aires: Letra Viva, 2006. p. 19-32.

MÓNACO, R. D. Lo importante es mantener la situación: cuerpos y emociones en las interacciones desde Erving Goffman. In: SCRIBANO, A. (Org.). **Teoría social, cuerpos y emociones**. Buenos Aires: Estudios Sociológicos, 2013. p. 101-117.

MORA, A. S. Cuerpo, sujeto y subjetividad en la danza clásica. **Question**, Buenos Aires, v. 17, p. 1-9, 2008.

MOREJÓN, M. B. Vergüenza y el desagrado en la construcción de cuerpos fetichizados: los aportes de Norbert Elias. In: SCRIBANO, A. (Org.). **Teoría social, cuerpos y emociones**. Buenos Aires: Estudios Sociológicos, 2013. p. 119-134.

SCRIBANO, A. **Los estudios sociales sobre cuerpos y emociones en Argentina**: un estado del arte. Buenos Aires: Estudios Sociológicos, 2015.

\_\_\_\_\_. Sociología de los cuerpos/emociones. **Revista Latinoamericana de Estudios sobre Cuerpos, Emociones y Sociedad**, Córdoba, v. 10. n. 4, p. 91-111, 2013.

\_\_\_\_\_. **Teorías sociales del Sur**: una mirada post-independentista. Buenos Aires: ESEditora: Universitas, 2012.

Mostrar u ocultar: el desafío de relacionarse con otros. Una lectura de las experiencias de jóvenes que realizan actividades artísticas y deportivas en barrios populares de la ciudad de Buenos Aires

\_\_\_\_\_. Hacia unas ciencias sociales del Sur. Pensar las prácticas autonómicas entre el imperialismo, la dependencia y el colonialismo. **Revista Pensamiento Plural**, Villa Clara, v. 8. p. 11-36, 2011.

\_\_\_\_\_. A modo de epílogo: ¿Por qué una mirada sociológica de los cuerpos y las emociones? In: FIGARI, C.; SCRIBANO, A. (Org.). **Cuerpo(s), Subjetividad(es) y Conflicto(s):** hacia una sociología de los cuerpos y las emociones desde Latinoamérica. Buenos Aires: CICCUS-CLACSO, 2009. p. 141-152.

\_\_\_\_\_. **El proceso de investigación social cualitativo.** Buenos Aires: Prometeo Libros, 2008.

SETTON, M. D. G. J.; SPOSITO, M. P. Como os indivíduos se tornam indivíduos? Entrevista com Danilo Martuccelli. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 247-267, 2013.

SIMMEL, G. **Cultura Femenina.** Buenos Aires: Espasa-Calpe, 1938.

VERGARA, G. Conflicto y emociones: un retrato de la vergüenza en Simmel, Elías y Giddens como excusa para interpretar prácticas en contextos de expulsión. In: SCRIBANO, A.; FIGARI, C. (Org.). **Cuerpo(s), Subjetividad(es) y Conflicto(s):** hacia una sociología de los cuerpos y las emociones desde Latinoamérica. Buenos Aires: CLACSO: CICCUS, 2009. p. 35-52.

ZAVALLO, V. S. El uso del cuerpo en las revistas de moda. **Cuadernos del Centro de Estudios en Diseño y Comunicación:** Ensayos, Buenos Aires, v. 42, p. 193-203, 2012.

ZICAVO, E. El Procesamiento Cultural del Cuerpo en Mujeres Jóvenes de los Sectores Medios de la Ciudad de Buenos Aires. **Última Década**, Santiago, v. 21, n. 39, p. 41-62, 2013.

# O ESSENCIAL É VISÍVEL PARA OS OLHOS: PROCESSOS DE CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE POR MEIO DA TATUAGEM

Beatriz PATRIOTA

## Introdução

A tatuagem contemporânea é uma técnica de modificação corporal<sup>1</sup>, caracterizada pela inserção de pigmentos coloridos na pele a partir da incisão de agulhas com o intuito de incluir uma imagem de forma permanente no corpo. A marca corporal possibilita a criação ou a afirmação de um sentimento identitário ao inscrever momentos, sentimentos e gostos estéticos na pele, que permitem ao sujeito criar uma narrativa biográfica.

Por meio dela, o sujeito conta suas histórias e cria uma percepção de si, em relação com o julgamento dos outros, em que “[...] a interioridade do sujeito é um esforço constante de aparência.” (LE BRETON, 2004, p.21). Como escreveu o poeta Paul Valéry: “o mais profundo é a pele”<sup>2</sup>. A pele demarca a individualidade e delimita o social.

Historicamente, a prática passou por distintos contextos sociais. Apesar do contato com povos que modificavam seus corpos, a tatuagem foi introduzida de modo definitivo no mundo ocidental por viajantes e marinheiros no século XVIII, associada ao “primitivismo” daqueles que a ela recorriam.

Entre o século XIX e no início do século XX, quem fazia e possuía tatuagem eram normalmente sujeitos à margem da sociedade e em busca de um enraizamento identificativo. A visão pejorativa, remetendo a tatuagem para a barbárie e a criminalidade, pesou na sua recepção social, alimentando um estereótipo negativo. A tatuagem foi vista, portanto, como marca de marginalidade e estigma social (GOFFMAN, 1988; BECKER, 2008).

---

<sup>1</sup> O termo modificação corporal refere-se a práticas que alteram a aparência do corpo. No entanto, o campo de ‘*body modification*’ inclui as práticas de tatuagem, *piercing*, escarificação, bifurcação de língua, suspensão e implantes.

<sup>2</sup> Essa frase inspirou o título de minha dissertação: “O mais profundo é a pele: processos de construção de identidade por meio da tatuagem” (PATRIOTA, 2016).

Desde a década de 1970, conforme Featherstone (2003), o interesse por modificações corporais tem ressurgido. Grupos urbanos adotaram a tatuagem como uma marca corporal. Além disso, a *body art*<sup>3</sup> e a *body modification* possibilitaram o descolamento do corpo, deixando-o em evidência como objeto da ação artística.

A difusão social das modificações corporais tornou mais fácil o recurso à tatuagem e possibilitou a eliminação progressiva, mas não definitiva, da ideia de transgressão. O sentido estigmatizador de seu uso começou a mudar a partir dos anos 1980, com sua comercialização, profissionalização, higienização, medicalização e regulamentação, o melhoramento da técnica, a qualidade artística e, sobretudo, as novas formas de conceber o corpo como obra-prima de construção do sujeito e aberto às transformações.

Nesse momento, a tatuagem tornou-se uma das opções estéticas procuradas pelas novas gerações. De prática estigmatizante, passou a ser reivindicada como sendo artística. Sua crescente popularização refletiu na incorporação por sujeitos com diferentes posicionalidades, que concebem a tatuagem de diversas formas.

Ela ganhou cada vez mais legitimidade social quando vista como artística, higiênica e profissional. Os estúdios se tornaram lojas prontas para vender tatuagens e artigos relacionados, inserindo-se dentro de um processo de comercialização e mercantilização, em que os/as tatuadores/as negociam entre as posições de comerciantes e artistas.

Dessa forma, o caráter estigmatizante da tatuagem e o estereótipo negativo ligado à prática vem perdendo espaço. Neste processo, os discursos de legitimação da tatuagem foram construídos a partir da associação da prática aos campos da arte, do comércio e médico, por meio da higienização (COSTA, 2004) e medicalização (BRAZ, 2006).

Um novo cenário sobre a prática foi construído. A tatuagem ganhou destaque enquanto prática artística que possibilita ao sujeito construir e exteriorizar sua identidade, além de marcar o que o identifica. Nesse cenário, diferenças são reiteradas, criadas e mantidas. Entre elas, estão as diferenças de gênero, geração, raça e classe, que se interseccionam.

Ora, na modernidade, o corpo, conforme Pires (2005), deixa de ser uma referência estável e passa a representar um bem que se possui, com a necessidade de destacar-se e expor-se. Registrar no corpo, por meio da tatuagem, um acontecimento é como um registro histórico, que ajuda a construir um

---

<sup>3</sup> Na *body art* o corpo é usado como instrumento artístico. O artista é a própria obra. A ideia geral era a de expor e potencializar o corpo, fazendo dele um instrumento do homem. Não se trata, necessariamente, de uma modificação corporal.

processo identitário, ao dar visibilidade à identidade do sujeito e explicitar suas ideias e seus ideais.

O símbolo pessoal surge, então, segundo Pires (2005), da associação que o sujeito estabelece entre um desenho e um sentimento, uma lembrança ou uma sensação. O sujeito transfere para o corpo uma memória pela tatuagem. Ao mesmo tempo, a marca corporal é negociada no processo de construção identitária; o desenho é uma maneira de escrever no corpo uma biografia: relações amorosas, amizades, gostos, mudança de status e lembranças. Enquanto parte da construção de identidade, ela é significada e interpretada na relação.

Assim, as diferentes posições assumidas pelos sujeitos tatuados atuam na construção de diferenças, hierarquizações e normatividades. Ao modificar seu corpo e afirmar sua singularidade e sua diferença, o sujeito acaba por afirmar sua identidade. Desta forma, a pesquisa objetivou compreender como a tatuagem é negociada no processo de construção de identidade para o/a tatuado/a. Simultaneamente, intenta entender como as tatuagens são significadas e o que estes signos afirmam na construção de uma imagem de si para os sujeitos tatuados. Também pretende analisar como as posicionalidades dos sujeitos (considerando gênero, geração, raça e classe) e a localização e os preços dos estúdios reverberam na escolha dos desenhos e dos locais tatuados.

### **Riscando a pele: o processo de tatuar**

Em São Carlos, quem deseja se tatuar elege os estúdios a partir da localização do estúdio, do preço e da qualidade da tatuagem, do trabalho e do prestígio do/a tatuador/a e/ou da afinidade com a loja. Enquanto isso, os/as tatuadores/as buscam destacar-se em algum estilo, atrair clientes pelo preço e pela localização ou tornar-se figuras públicas, ou seja, ter “nome”. Desta forma, as características de um estúdio acabam por atrair um perfil específico de cliente.

Pensando nesse cenário, a partir da minha imersão no campo da *body modification* e do mapeamento desses espaços, a pesquisa foi desenvolvida pela observação participante em três estúdios com diferentes localidades e preços, além de distintos perfis de tatuadores/as e clientes. Eles são institucionalizados e se incluem dentro de um discurso profissional, higiênico e artístico.

O estúdio A localiza-se na região central da cidade, fundado em 2005, é um dos estúdios mais antigos de São Carlos e é conhecido por ser um estúdio mais tradicional e mais caro. O Estúdio B foi criado em 2011 e

está localizado na rua de cima do Mercado Municipal, no centro comercial da cidade. A loja tem um movimento considerado bastante comercial, com uma clientela “variada”, os/as tatuadores/as se dispõem a fazer o que o cliente deseja, de tatuagens “artísticas” a “comerciais”. O Estúdio C é considerado um estúdio de menor porte, de bairro, e localiza-se defronte a uma escola estadual, em um bairro periférico.

Enquanto nos Estúdios A e C a maioria dos clientes foram do gênero masculino (59% e 54,5%), o Estúdio B apresenta a mesma proporção dos dois (50%). Sobre as idades, os Estúdios A e B apresentam quase três quartos da clientela com idades entre 18 e 30 anos (73% e 75%), ao passo que o Estúdio C é mais distribuído, com menos da metade entre 18 e 30 anos (45,5%) e mais de um quarto com idades de 31 a 40 anos (27%). Em relação à cor/raça, pelos critérios do IBGE e autodeclaração, a maioria dos clientes do Estúdio A eram brancos (68%), enquanto essa proporção diminui no Estúdio B (62,5%) e soma menos da metade no Estúdio C (45,5%). O Estúdio B foi o que apresentou maior diversidade, à medida que quase metade dos clientes do Estúdio C se autodeclararam pardos (45,5%). Já sobre a classe, o Estúdio A apresentou uma pequena porcentagem de clientes na classe B (4,5%) e a maioria na classe C (54,5%), ao mesmo tempo em que o Estúdio B se dividiu entre as classes C e DE (50%) e o Estúdio C revelou a maioria dos clientes da classe DE (73%). Estilos de vida e acesso ao consumo, neste caso, relacionado ao preço da tatuagem, podem marcar as escolhas dos estúdios.

O primeiro passo para quem deseja se tatuar é eleger uma loja. Para os mais engajados no campo da *body modification*, os aspectos técnicos se tornam cruciais na escolha do estúdio e, principalmente, do/a tatuador/a. O traçado, o sombreado, a forma como as cores são introduzidas, quais tintas e agulhas são utilizadas; tudo é verificado na hora de marcar sua tatuagem. Há uma preocupação maior com aspectos higiênicos e artísticos da prática.

Conforme Pérez (2006), para passar de expectativa à realidade, entra em ação a política de “encantamento” com o lugar, as medidas higiênicas, o trabalho profissional do/a tatuador/a e a qualidade artística da tatuagem.

Depois que o estúdio é eleito, ou juntamente com sua escolha, o/a cliente em potencial necessita eleger um/a tatuador/a, quem ele irá confiar para marcá-lo e com o qual ele sente afinidade. Nos estúdios com um/a tatuador/a, essa fase é cumprida na eleição da própria loja. Já nos locais onde há mais de um/a tatuador/a, a escolha é marcada por uma preferência pelo/a tatuador/a principal, particularmente quando são tatuagens grandes, detalhadas ou de um estilo específico.

A escolha do desenho e sua significação é individual e subjetiva. Na maioria das vezes, o sujeito que deseja se tatuar já tem em mente um desenho, uma escrita ou um símbolo. Em alguns casos, o próprio sujeito já pesquisa a imagem ou a fonte que lhe agrada e leva tudo pronto para ser feito. Em outros casos, o cliente em potencial sabe o desenho que quer, mas não tem uma imagem específica e, no próprio estúdio, determina o que irá fazer a partir dos catálogos de tatuagens disponíveis, das fotos de trabalhos feitos pelo/a tatuador/a ou de imagens procuradas na internet junto com o/a tatuador/a.

De outro modo, há aqueles em que a impulsividade é maior e não há tempo anterior para planejar um desenho. Estes costumam pedir uma sugestão do/a tatuador/a. Também há sujeitos que desenharam e ou conhecem alguém que desenha e levam a ilustração pronta. Em outras vezes, sujeitos procuram os/as tatuadores/as para criar um desenho com os elementos que desejam.

Quando o desenho é criado, “[...] o papel do tatuador é o de mediador na interpretação dessa subjetividade que se exterioriza na iconografia da tatuagem” (PÉREZ, 2006, p.185). Nesses casos, o planejamento se torna parte do processo.

A definição do desenho é única, da mesma forma que sua motivação. A tatuagem, independente da forma como a imagem é construída, é resultado de negociações entre o/a tatuador/a e o/a tatuado/a. A bagagem iconográfica e os significados atribuídos são negociados na interação, em que o desenho é capaz de dizer sobre o sujeito, sobre sua interioridade.

Quando ocorre a escolha do desenho também está em negociação o local onde este será realizado: “A escolha é determinada pelo lugar onde a tatuagem pode ser gravada, a necessidade de conservar o controle da sua revelação ou da sua dissimulação.” (LE BRETON, 2004, p.124). A visibilidade da tatuagem, entre o mostrar ou o esconder, é uma das principais preocupações na hora de escolher seu local.

Antes de a prática começar, depois do desenho pronto, os cuidados se iniciam. O corpo deve estar limpo e depilado para se tatuar. Os/as tatuadores/as organizam sua estação de trabalho e se prepararam para tatuar. Primeiro, separam todo o material que será necessário e os instrumentos que serão utilizados, desde a máquina de tatuar, as agulhas, as biqueiras e as tintas, até o borrifador com álcool e com água e sabão.

Eles também tomam o cuidado de embalar com plástico filme a maca, as cadeiras, a mesa de apoio e todos os objetos que não são descartáveis ou esterilizáveis, como os fios da máquina de tatuar. O uso de materiais descartáveis é prioridade. O que não é descartável tem que ser esterilizado em autoclave.

Depois de organizar o material, o/a tatuador/a faz o decalque do desenho na pele de quem será tatuado/a, prática em que se imprime os contornos do desenho à pele, e calibra a máquina de tatuagem para iniciar o processo de tatuar. Com o decalque na pele, o/a cliente tem uma noção mais aproximada de como ficará sua tatuagem. A fixação do desenho é o momento de confirmação da escolha do desenho e do local.

Ao concordar, o/a cliente ajusta seu corpo, facilitando o acesso à parte do corpo que será tatuada. A marca surge definitivamente a partir do momento em que a agulha penetra na pele e a tinta é injetada. Com o tempo, o desenho vai ganhando forma e cor. Os traços são feitos de fora para dentro e de baixo para cima com o intuito de que o decalque se mantenha intacto. A pintura e o colorido só são aplicados depois que o traçado é finalizado. Primeiro, as cores mais escuras, seguida das mais claras, o que evita que as cores mais claras sejam “contaminadas” por pigmentos escuros. O/a tatuador/a necessita dominar diversas técnicas, desde a regulagem da máquina e a preparação das agulhas, até o modo de fazer o decalque e a maneira de segurar a máquina.

Diversas sensações e sentimentos são acionados enquanto a tatuagem é feita. Alguns focam na superação da dor. A dor é menor que o sofrimento. Outros se concentram em observar sua expectativa tornar-se realidade ou refletem sobre a nova marca adquirida. Uma mistura de ansiedade e espera toma conta de quem está tatuando: “Estratégias, subjetivação, enfrentamento da dor, realizações de desejos, a experiência da tatuagem não se faz no simples encontro da agulha com a pele.” (DIAS, 2014, p.12).

Depois de pronta, o processo de cicatrização é rodeado de cuidados. Se o/a profissional usou uma máquina regulada e aplicou a tinta bem, a cicatrização ocorre melhor. Aconselha-se que a pele tatuada esteja sempre limpa. Para tal, os/as tatuadores/as aconselham diversas instruções e técnicas para o/a cliente.

As práticas de modificação corporal incluem técnicas corporais aprendidas por quem as realiza. Os corpos modificados estão sujeitos a uma série de técnicas corporais (MAUSS, 2003) e regras. A partir do momento que uma modificação corporal é executada, diversas técnicas corporais entram em jogo. A tatuagem muda a relação com o corpo e afeta os hábitos cotidianos, como aponta Le Breton (2004).

Novas técnicas corporais são aprendidas e cuidados específicos são acionados. Desde as formas incorporadas para suportar a dor, os cuidados no momento de fazer, a preparação do corpo para receber a modificação até os cuidados no processo de cicatrização e as formas de treinar o corpo para esconder ou mostrar a modificação conforme o contexto. As técnicas corporais são reflexivas.

Ademais, com a tatuagem pronta, o sujeito costuma construir um vínculo entre o desenho, a frase ou o símbolo tatuado e um sentido ou um significado que o justifique. Essa associação revela algo sobre quem a fez, é uma manifestação de si, seus gostos, desejos e paixões.

A escrita no corpo, conforme Le Breton (2004), atua como uma reivindicação de identidade, além de ser uma estética e uma moral da presença. O processo de construção de sentido sobre as imagens é baseado na referência em um patrimônio iconográfico e simbólico comum e na forma como cada sujeito recria e interpreta esse simbolismo.

Descritas por Le Breton (2004) como uma memória à flor da pele, tatuagens são vistas como histórias de si através da pele. Assim, uma das razões para fazer uma tatuagem é de registrar sentimentos, lembranças e sensações, que, conforme Pires (2009), atuam como uma memória. A tatuagem marca acontecimentos, deixando-os sempre presentes. O corpo torna-se um arquivo de si, onde serão recordados situações, pessoas e valores importantes na sua trajetória de vida e, segundo Ferreira (2006), na sua subjetividade.

Berger (2009) destaca que a tatuagem é usada para marcar momentos especiais na biografia do sujeito, como mudanças de faixa etária, ingresso na faculdade e momentos de união ou separação conjugal. Neste caso, Fisher (2002) acredita que a prática assume uma função ritual, vista como uma marca psicológica de um evento significante da vida do/a tatuado/a.

A marca também é vista como uma forma de “[...] homenagear pessoas e/ou animais queridos, de gravar na pele para sempre imagens que as lembrem.” (BERGER, 2009, p.20). As mais comuns são homenagens a pais, filhos, amores e animais de estimação. Alguns também tatuam seu sobrenome, o próprio nome ou suas iniciais: “Uma vez inscritas na pele, elas proclamam a importância de tais pessoas em sua vida. Grava-se e carrega-se nela o que está gravado no coração.” (BERGER, 2009, p.20). Assim, Le Breton defende que “[...] as tatuagem dedicatórias são em princípio pessoais, encarnam uma afirmação de amor e fidelidade.” (LE BRETON, 2004, p.129), são formas de marcar uma paixão.

Alguns procuram “atrair” sentimentos como força, amor e esperança. É “[...] uma forma de pedir, através do próprio corpo, a realização de desejos íntimos.” (BERGER, 2009, p.21). Frases e símbolos que remetem a temas religiosos trazem um sentimento de proteção. Além disso, algumas tatuagens se tornam motivacionais, como a frase “foco, força e fé”. A religião também se torna uma motivação.

Outros se tatuam como uma forma de se sentirem inseridos em um grupo. Marcar o corpo em conjunto, para Le Breton (2004), significa sublinhar a pertença a um grupo e simboliza a aliança deste. Alguns procuram

se tatuar como forma de marcar suas orientações políticas e sociais. Outros buscam trazer no corpo seus filmes e suas músicas favoritas. Representam com imagens e logos das bandas, capas de discos ou frases de músicas. Também fazem cenas de filmes, frases marcantes ou símbolos que remetem ao filme. Outras paixões também motivam a prática da tatuagem. Esportes (como futebol) e hobbies (como culinária ou videogame) são os mais comuns.

Em alguns casos, sujeitos que passaram por algum momento difícil relacionado a problemas de saúde ou a abusos e violências, procuram tatuar as cicatrizes e as marcas que ficaram como forma de esconder e superar o que passaram.

Além disso, a tatuagem também pode assumir uma função decorativa. O campo mostrou que muitos discursos apontavam para uma escolha orientada por critérios estéticos. A escolha do desenho pode ser motivada pela simpatia com um desejo ou com seu significado iconográfico. Independente do estímulo, não podemos nos esquecer de que tatuagens são imagens adicionadas ao corpo por opção estética.

A multiplicidade de significados acompanha a diversidade humana e social. As tatuagens e suas iconografias são construídas nas relações entre tatuados/as e tatuadores/as e, posteriormente, entre tatuados/as e os sujeitos que os cercam. O signo ganha sentido dentro dessas relações.

Os usos e as práticas referentes à tatuagem são múltiplos, em que diversos sentidos são criados pelos sujeitos. Em diálogo com uma iconografia comum, mas apresentando um caráter individual, evidencia a predominância das posições assumidas pelo sujeito e de seu estilo de vida na produção de sentido.

Assim, as diferentes narrativas que incluem as imagens e explicam os motivos e os sentidos dados a elas ajudam a criar uma narrativa identitária para o sujeito, a construir uma biografia. E a construção de uma narrativa, como destaca Teixeira (2006), é realizada em momentos específicos e representa fatos importantes da vida do sujeito. A seleção iconográfica decorre do gosto estético ao mesmo tempo em que evoca um “[...] arsenal metafórico e imaginário que remete para os seus contextos sociais de pertença e de vivência ao longo de uma trajetória de vida.” (FERREIRA, 2006, p.359).

A partir de suas marcas, o sujeito constrói uma narrativa que pode ser uma resposta à crise identitária, enquanto recurso de defesa de uma concepção fragmentada e provisória de si. As tatuagens estão no corpo para lembrar ao sujeito o que ele já foi e quais momentos ele passou. Afinal, os desenhos são subjetivados e a tatuagem é negociada na construção da subjetividade do sujeito.

## **Além do belo**

Le Breton (2004) enfatiza que, ao fazer uma tatuagem, uma estética da presença é fabricada. A primeira motivação para praticar é a convicção da beleza, junto com sua apreciação estética. Para o autor, as tatuagens transformaram-se em acessórios de beleza que contribuem para a afirmação de um sentimento de identidade em que a interioridade do sujeito é um “[...] esforço constante de aparência.” (LE BRETON, 2004, p.21).

O processo de estetização da tatuagem, maneira pela qual a tatuagem perde seu caráter instrumental e se associa aos ideais de beleza, se insere na estetização da vida cotidiana (FEATHERSTONE, 1995). O projeto de transformar a vida numa obra de arte debate o consumo estético e a necessidade de dar à vida uma forma que proporcionasse prazer estético, com o intuito de transformar a existência em uma obra de arte, ligados ao consumo de massa e à busca de novos gostos e sensações. Para Featherstone (1995), há uma predominância intensa das imagens e a destruição de barreiras entre a arte, a sensibilidade estética e a vida cotidiana.

No processo de estetização da vida cotidiana, o campo da arte começa a reconhecer e legitimar outras artes, consideradas de fronteira. A artificialização é o processo que descreve como práticas não artísticas mudaram de estatuto e se tornaram artísticas, “[...] a transformação da não-arte em arte” (SHAPIRO, 2007, p.135). As tatuagens passam pelo processo que provoca uma transubstanciação simbólica no objecto em si, na atividade e nas pessoas que a praticam. Há o reconhecimento da prática como arte e do/a tatuador/a como artista.

A exploração estética das modificações corporais se insere na busca por originalidade, transmutado em valor de singularidade e autenticidade identitária. Isto tudo pode ser associado à obsessão cultural pelo corpo.

O corpo exposto é um referencial. Cada vez mais, o corpo é o espaço de representação da sua identidade e da sua personalidade. A marca corporal é uma maneira de se diferenciar. Enquanto a tatuagem, conforme Le Breton (2004), é uma forma de valorizar o corpo e afirmar a sua presença. O sujeito pretende, por meio dela, mostrar o sinal da sua diferença.

Os padrões estéticos denunciam as posições assumidas pelos sujeitos e seus estilos de vida. Eles são capazes de mostrar como o sujeito quer ser, o que é bonito para ele e com quem quer e pode se relacionar. Mais do que a roupa, é o corpo que está na moda. E as marcas de diferenciação são reproduzidas nos corpos, criando barreiras sociais: “Estilo e aparência ganham função identitária.” (TEIXEIRA, 2006, p.55), em um momento que há uma “[...] crescente proliferação de preocupações e imagens corporais.” (ADELMAN; RUGGI, 2007, p.39).

O corpo configura-se, cada vez mais, como território de construção de identidade. Atenta a isto, Castro (2007) destaca que a preocupação com a apresentação corporal assume centralidade no cotidiano, em que o corpo ocupa um papel central na definição das identidades e as tatuagens contribuem enquanto suportes estéticos.

Na modernidade, o corpo e as modificações corporais se apresentam em constante mudança. Quando o contexto em que a tatuagem foi feita não existe mais ou mudou radicalmente, é necessário cobrir, tirar ou reformar a tatuagem. Com o aprimoramento de técnicas e dos materiais nos últimos anos, as tatuagens feitas tem uma vida útil maior, em que o desenho se mantém brilhante, delineado e bonito, por pelo menos dez anos. Concomitantemente, as técnicas de cobertura, reforma, retoque e retirada foram aperfeiçoadas.

O aprimoramento de técnicas que permitem modificar ou apagar uma tatuagem acaba por criar uma noção de que a modificação corporal é cada vez mais reversível. Perde-se parte da consciência de que se trata de algo permanente. E, talvez, esse aspecto esclareça a impulsividade com que alguns sujeitos se tatuam, principalmente de gerações mais jovens.

Segundo Armstrong e Saunders (2008), a remoção objetiva a dissociação do passado. O arrependimento pode vir do impulso do momento, das circunstâncias da vida ou da diminuição da qualidade da imagem, como aponta Baptista (2010). A aspiração à remoção da tatuagem demonstra uma mudança nas referências do sujeito. Enquanto as reformas são efetuadas em busca de uma maior qualidade artística, as coberturas são justificadas pela falta de identificação com o desenho.

Sweetman (2003) percebeu que, como parte do projeto corporal, a construção de identidades viáveis e visíveis através do corpo envolve um forte “compromisso consigo mesmo”. Apesar da incorporação de formas de modificação corporal dentro da cultura de consumo, as modificações corporais são percebidas e experimentadas como mais do que meros acessórios. A (relativa) permanência da modificação adquirida ancoraria ou estabilizaria um senso de identidade. As tatuagens iriam no sentido contrário da instabilidade identitária, enquanto um projeto de construção corporal e uma busca por uma referência estável.

Diversamente do que Sweetman (2003) observou, aqui, é perceptível que a continuidade da marca não significa a conservação do significado. Essa pode variar conforme as posições assumidas pelos sujeitos, suas identificações e sua biografia, marcando os limites da identificação. Ele/a pode se identificar, mudar o significado da tatuagem ou não a querer mais em seu corpo. O sentido atribuído à tatuagem pode não ser permanente. O

modo como o sujeito significa a sua tatuagem é negociado em um contexto de identidades fluídas. Os signos são caracterizados por uma plasticidade, em que não é possível essencializar ou naturalizar as tatuagens e seus significados iconográficos.

### **A pele pede a palavra: identidade, identificação e diferenças**

Identidade, termo que opera “sob rasura”, é entendida por Hall (2000) como uma construção social produzida no discurso e definida com base em critérios culturais, históricos e institucionais que buscam criar uma imagem do sujeito, pensada como estável. É o ponto entre práticas e discursos (que convocam os sujeitos para que assumam seu lugares como produtos e produtores de discursos) e processos (que produzem subjetividades).

Em extensão, Hall (2000) entende identificação como construída a partir do reconhecimento de alguma origem comum ou de um mesmo ideal atuando junto com o acionamento das diferenças, percebida como um processo em construção e não pode ser completamente determinada (no sentido de que pode ser sustentada ou abandonada). É um processo de articulação de diferenças, que produz “efeitos de fronteiras” (HALL, 2000, p. 106), ao possibilitar que o sujeito se situe dentro ou fora de categorias sociais, como produto de marcação de diferenças e exclusão.

Assim, é a partir dos processos que nos constroem como sujeitos e das identificações nas quais o sujeito se inclui que é possível criar um sentimento de identidade, mesmo que fragmentado ou provisório.

A tatuagem é uma forma de expressão que contribui na construção do “eu”, enquanto tecnologia do eu. As tecnologias do eu, segundo Foucault (1990), são práticas refletidas por meio das quais os sujeitos procuram transformar-se ao modificar-se, fazendo de sua vida uma obra de arte que exhibe valores estéticos.

A constituição do sujeito ocorre dentro de discursos e formas. As tecnologias do eu permitem um processo de subjetivação. Os processos de subjetivação são processos que nos produzem como sujeitos dentro de práticas, discursos, saberes e estratégias de regularização, normalização e controle. As modificações corporais atuam como tecnologias do eu. Quanto um sujeito se modifica, ele age sobre seu corpo, enquanto as tatuagens permitem ao sujeito transformar seu corpo e sua subjetividade, pensando a subjetividade como corporalidade.

Ora, a construção da identidade social é um ato de poder, em que o sujeito é obrigado a assumir posições, segundo Hall (1997a). Os discursos constroem as posições dos sujeitos. Hall (1997b) indica que os sujeitos se

diferenciam e dão significado ao se identificarem com as posições construídas pelo discurso. Os sujeitos se constituem como uma pluralidade de identificações, imbricadas entre si, como raça, gênero, geração e classe. Ao mesmo tempo, os sujeitos fazem aquilo que lhes cabem na posição que ocupam, submetidos às instituições sociais.

Desta forma, a pesquisa realizada propôs observar como as posições de gênero, raça, classe e geração são reiteradas, reafirmadas ou questionadas nos processos de identidade, identificação e diferenças por meio das tatuagens. Considerando que os corpos tatuados são racializados e tem classe, raça, geração e gênero, há uma atuação interseccionada das posições dos sujeitos na transformação de seus corpos.

As modificações corporais, muitas vezes, acabam por reverberar as diferenças sociais estabelecidas. As diversas posições assumidas pelos sujeitos podem influenciar na forma como a tatuagem é feita<sup>4</sup>.

Sujeitos de diferentes gerações podem conceber e fazer as tatuagens de diversas formas. As principais diferenças estão relacionadas com a escolha do desenho e do lugar tatuado. Jovens adultos, entre 18 e 30 anos, costumam tatuar lugares mais visíveis, como braços, pernas e pescoço. Entre as mulheres mais jovens, os antebraços e as costelas<sup>5</sup> são os lugares preferidos.

Com relação à escolha do desenho, a decisão pode ser feita de forma mais impulsiva por sujeitos mais jovens. Muitos só querem ter uma tatuagem, marcar seu corpo a qualquer custo, e não escolhem o desenho antes. Esses procuram adornar seus corpos e expor sua identidade na pele. Este tipo de impulsividade, talvez, está relacionado com a crescente popularização da tatuagem e a noção de que a tatuagem pode atuar como um adereço corporal e uma obra de arte. É uma forma de embelezar o corpo e de se integrar em seu grupo etário. Os jovens, conforme Pais (1990), valorizam diferenciação e inovação. A moda pode ser entendida como uma possibilidade de expressividade, autorrealização e relativa independência de controle social.

Entre as gerações anteriores, a maioria procura um desenho antes, busca os significados da imagem e se representa o que quer mostrar. O local também é escolhido de forma planejada e, normalmente, pensando no vestuário usado em seu trabalho. Assim, costumam tatuar lugares que ficaram cobertos pela roupa durante o trabalho. Ombros, parte de cima do braço, coxa e tronco são os lugares favoritos.

---

<sup>4</sup> Há algumas tendências, que não podem ser tratadas como causalidades, já que existem diferentes formas de conceber seu corpo.

<sup>5</sup> A costela não é um lugar tão visível, elas podem mostrar ou esconder conforme desejar, porém em trajes de banho ficará a mostra. Além de ter uma certa sensualidade.

A escolha é pautada pela forma como a tatuagem será recebida nos diferentes meios em que o sujeito atuará. Além disso, o peso estigmatizante se mantém presente e influencia a forma como a tatuagem é concebida, aumentando consoante com a idade o sujeito tem. Os sujeitos de gerações anteriores costumam ressaltar o caráter negativo associado à prática. Associar a tatuagem à marginalidade e à criminalidade, admitir que isto está mudando e realizar uma vontade recente é parte do discurso deles.

Da mesma forma, diferenças entre os gêneros são reverberadas na hora de fazer uma tatuagem. Uma delas é a localização da tatuagem, associada a partes do corpo consideradas masculinas ou femininas. Outra é o tipo de desenho e o traço realizado, em que desenhos menores e delicados são relacionados à feminilidade enquanto desenhos maiores e com temáticas mais viris revelam uma masculinidade hegemônica.

Em relação aos desenhos escolhidos, geralmente, os sujeitos do gênero feminino fazem desenhos menores e mais delicados, como corações, flores, borboletas e estrelas. Os desenhos remetem a características ditas femininas, como a delicadeza e a ternura. O feminino costuma estar associado a parte de baixo das costas, à costela, ao ombro, ao antebraço, à coxa e ao tornozelo. Adelman e Ruggi (2007) apontam a valorização da aparência e sensualidade. As tatuagens contribuem na construção de um corpo mais sensual, ao embelezá-lo. Já que “[...] o corpo da mulher é construído, assim como sua subjetividade, para um outro a quem deve agradar.” (MISKOLCI, 2006, p.688).

Os sujeitos do gênero masculino tem o hábito de fazer desenhos maiores e vinculados a valores masculinos, como força e agressividade. Os desenhos mais encontrados são de tribais e maoris, caveiras, carpas e dragões orientais. Tatuagens consideradas masculinas podem ser associadas às costas, ao braço e à panturrilha. Elas remetem a temas tidos como predominantemente masculinos. Mesmo assim, quando são desenhos que costumam ser feitos pelos dois gêneros, os sujeitos do gênero masculino fazem desenhos maiores e mais robustos. Miskolci nos alerta para a “[...] conformação dos homens a um modelo de masculinidade dominador, agressivo e disciplinado.” (MISKOLCI, 2006, p.683).

Ora, as diferenças apontadas marcam as formas de ver os corpos e os gêneros. As maneiras como as tatuagens são construídas para cada sujeito mostram uma orientação de padrões de gênero. Os corpos são generificados por meio dos desenhos e dos locais. Ainda que parte do corpo e desenhos sejam escolhas individuais, o sujeito, quando escolhe seu desenho, é “escolhido” por todo um conjunto de representações e práticas reproduzidas pelo estilo de vida no qual está inserido, exprimindo seu gênero, como apontam Luz e Sabino (2006).

O processo de escolha dos desenhos mostra uma prevalência dos padrões de gênero, ligados a comportamentos. As tatuagens reiteram e reproduzem as relações de gênero estabelecidas pela heteronormatividade (BUTLER, 2013, 2014), em que a diferença sexual representa diferenças materiais marcadas e formadas por práticas discursivas.

As escolhas que são feitas em relação ao local da tatuagem e ao desenho estão relacionadas ao problema de gênero e podem ser orientadas por padrões heteronormativos. As tecnologias de modificações corporais podem reificar o binário sexual ou ser um potente dispositivo de problematização desse binário quando discutem a rigidez do sistema sexo-gênero e a dicotomia corpo natural *versus* um corpo social.

Já o conceito raça, pensado “sob rasura”, é entendido como uma construção de uma realidade social do discurso colonial, um aparato de poder se apóia no reconhecimento e repúdio de diferenças raciais/culturais/históricas. “A raça é uma categoria discursiva e não uma categoria biológica.” (HALL, 2001, p.62-63), que atua como um “[...] marcador aparentemente inerradicável de diferença social.” (BRAZ, 2006, p. 331), uma atribuição.

A questão racial está presente e reflete na forma como as cores são encaradas em uma tatuagem. É frequente os/as tatuadores/as aconselharem que “pessoas com pele mais escura não devem fazer tatuagens coloridas” e eles costumam alertar: “em você, acho que ficar melhor sombreado”. Os/as tatuadores/as dizem que como a pele já é escura, cores não “pegam bem” e para que a tatuagem saia boa é preciso que seja feita em tons de preto e, no máximo, vermelho. Em contraste, quanto mais clara a pele, mais elogios são feitos em relação às possibilidades de cores e desenhos. Esse discurso reflete na forma como a tatuagem é concebida por sujeitos negros, que hesitam em se tatuar ou acabam por fazer tatuagens em preto e cinza.

Ao pensar as diferenças de classe, o desenho escolhido reverbera a classe em que o sujeito esta inserido. As classes mais altas procuram tatuagens mais discretas, menores e em lugares que não chamem tanta atenção. Traços mais finos e precisos, cores fortes e desenhos bem delimitados compõe as tatuagens feitas. A elegância e a beleza estão associadas à discricção e à qualidade artística. Se paga mais por um trabalho exclusivo. Ademais, são considerados o profissionalismo do/a tatuador/a e a higiene do estúdio na hora de se tatuar.

Já a classe média urbana, segundo Ferreira (2006), partilha do interesse do/a tatuador/a de criar desenhos únicos e inovadores, resultando em uma elevação da exigência estética do desenho e em uma ênfase na avaliação das competências técnicas do/a tatuador/a. Em oposição, as classes mais baixas preocupam-se mais em fazer a tatuagem do que com sua qualidade artísti-

ca. É o motivo que predomina. Normalmente, as tatuagens costumam ser maiores, com traços mais grossos e menos precisos.

Essas características mostram que o acesso às técnicas e às tecnologias é limitado. Os sujeitos se diferenciam pela tatuagem. De um lado, os que fazem as tatuagens pequenas, discretas e delicadas, pensando em seu caráter artístico; do outro, os que fazem as tatuagens “caseiras”, na “quebrada”, com traços maiores, menos definidos e com desenhos grandes. As diferenças nas formas de praticar a tatuagem são ligadas aos padrões estéticos de cada classe.

Segundo Leite, “[...] o processo de naturalização de diferenças ou igualdades cultural e conceitualmente criadas encobre as relações de poder que organizam estas noções” (LEITE, 2011, p.180), classificando os sujeitos de forma arbitrária. As diferenças de geração, gênero, raça e classe não podem ser tratadas como variáveis independentes. Elas se interseccionam.

Os sujeitos, conforme Aldeman e Ruggi (2007), aprendem e realizam performances relativas às suas posições nas relações e hierarquias de poder. As diversas posições assumidas pelos sujeitos são negociadas na forma como a tatuagem é feita. A tatuagem pode ser vista como reiteração, reprodução ou questionamento de diferenças.

O corpo, para Foucault (1987), é visto como um objeto maleável, produto das relações de poder e das hierarquias sociais. O corpo é constituído pelo discurso e atravessado por instituições, instrumentos, saberes e poderes. O corpo tatuado mostra-se como objeto de conhecimento e alvo de poder.

O corpo é o espaço de formação de subjetividades e identidades, como destacam Adelman e Ruggi (2007), e as fronteiras do corpo constituem os limites identitários. Ele apresenta uma relativa maleabilidade, está disponível para ser modificado na direção de construir uma identidade provisória, local de expressão de si.

Conforme Teixeira (2006), o corpo ganha centralidade e visibilidade na reorganização de narrativas identitárias, em um contexto de subjetividades fragmentadas e fluídas. A tatuagem se insere na busca de significado e de identidades, negociada na construção.

O sujeito, ao mudar o corpo, intenta modificar seu sentimento de identidade. A partir de práticas discursivas, o sujeito é convidado a construir seu corpo e administrá-lo dentro de uma estética. Segundo Pires (2005), o próprio fato de transformar-se esteticamente, conscientemente e de forma planejada, permite ao sujeito desenvolver, fortalecer, atualizar ou reforçar sua identidade. A pele marca as fronteiras da identidade. Mas as identidades que são definidas não são necessariamente permanentes, são criadas por meio de uma narrativa em que as tatuagens são negociadas.

A produção da identidade apresenta um aspecto performativo e a eficácia produtiva desse aspecto depende de sua repetição. Butler (2013), ao pensar as relações de gênero, defende que pela repetição também é possível interromper as identidades hegemônicas e abrir espaço a possibilidades de identidades que não reproduzam as relações de poder.

Vilar (2012) aponta para o caráter subversivo e transformador das práticas: “[...] as modificações [corporais] possibilitam outra maneira de se construir e pensar o corpo, que não é aquela legitimada e reconhecida socialmente” (VILAR, 2012, p.156). O corpo pode tornar-se um espaço de questionamento, quando os sujeitos não fazem as tatuagens esperadas. Como diria Miskolci,

[...] diferenças de classe, raça/etnia, gênero e geração, historicamente criadas, tendem a ser percebidas como naturais, corporalmente visíveis, mas, por isso mesmo, modificáveis por técnicas de adequação corporal. (MISKOLCI, 2006, p.685).

## Conclusão

A tatuagem contemporânea se insere nos processos de: profissionalização, com a criação de uma máquina elétrica mais precisa; comercialização e mercantilização, com o estabelecimento dos estúdios e das lojas; higienização (COSTA, 2004) e medicalização (BRAZ, 2006), em que a preocupação com assepsia se tornou parte do processo; regulamentação e normatização do campo; e artificialização (SHAPIRO, 2007) da prática, que passou a ser concebida como uma forma de arte. Há uma ênfase crescente nos procedimentos de cuidados corporais, médicos, higiênicos e estéticos na tatuagem.

A prática tornou-se uma forma de expressão das identidades dos sujeitos, marcando individualidades e trazendo em si identificações e diferenças. Ao registrar no corpo momentos, lembranças, sentimentos e sensações, atua como uma memória na pele.

Os sujeitos atribuem significados às suas tatuagens, contando uma narrativa biográfica sobre si. Além de marcar ocasiões especiais da biografia do sujeito, as imagens podem homenagear, atrair sentimentos, expressar uma visão de mundo ou o gosto por algo, simbolizar algo que o sujeito se identifique, ser uma forma de se incluir em um determinado grupo ou, exclusivamente, adornar o corpo.

As tatuagens podem ser significadas e ressignificadas conforme o contexto social ou a biografia do sujeito. Entretanto, independente do motivo

e do significado que a imagem carrega, a produção estética persiste, em que as construções corporais e estéticas se tornam expressões de si.

Ora, os sujeitos são corporificados e o corpo é visto enquanto espaço de gestão de identidades. A marca corporal é uma forma de expressão que contribui na construção do eu. A administração do corpo permite a construção de uma identidade, que é exteriorizada e materializada. Modificar o corpo reflete sua autonomia e a expressão do eu.

Entretanto, sujeitos são agentes com escolhas limitadas. Constituídos discursivamente e historicamente, são resultado de um contexto social. Os padrões estéticos denunciam as posições assumidas pelos sujeitos e traduzem sua identidade. Eles mostram como o sujeito quer ser, sua compreensão de beleza e com quem quer e pode se relacionar. A partir da estética, diferenças são acionadas.

As posições geracionais, raciais, de classe e de gênero são reverberadas nos processos de identidade, identificação e diferença por meio das tatuagens. Assim, as diversas posições assumidas pelos sujeitos são negociadas na forma como a tatuagem é feita. Elas podem ser reiteradas e reafirmadas, apesar das possibilidades de questionamento. A forma como a tatuagem é realizada pode ser influenciada pelas posições interseccionadas dos sujeitos.

Na modernidade, quando tudo é transitório, a tatuagem é para a vida. A marca corporal talvez seja uma tentativa de ancorar uma identidade, ao reforçar as posições do sujeito e naturalizar as diferenças. Contudo, a estabilização nunca é completa.

Minha tese é de que a permanência da marca corporal não pode ser associada a um significado fixo. Como demonstrado, o significado pode variar conforme as posições assumidas pelos sujeitos, suas identificações e sua biografia. Da mesma forma que as identidades são fluidas, os significados e a forma como o sujeito significa sua tatuagem podem ser flexíveis.

A tatuagem é negociada na criação de uma imagem de si. Fazer uma tatuagem, como uma forma de modificar o corpo, pode afirmar a apresentação e representação da identidade do sujeito. É a possibilidade de construir um processo identitário que não define necessariamente identidades permanentes, mas permite criar uma narrativa biográfica sobre si mesmo. Já que ao modificar seu corpo e afirmar sua singularidade e sua diferença, o sujeito acaba por afirmar sua identidade, mesmo que de forma fragmentada e provisória.

O processo de construção de identidade, conforme Silva (2000), oscila entre a tendência de fixar identidades e de subvertê-las ou desestabilizá-las. Não é possível afirmar uma identidade de forma essencializada, principalmente a partir de um desenho, considerando que o significado iconográfico

O essencial é visível para os olhos: processos de construção de identidade por meio da tatuagem

é construído na relação. Por mais que a tatuagem seja permanente, não há uma fixação, mas sim uma plasticidade dos significados.

O corpo é negociado na construção e na administração da identidade. A aparência do corpo tornou-se central às noções de identidade, enquanto o “[...] corpo é central para a experiência do eu” (ORTEGA, 2008, p.42). O essencial é visível para os olhos<sup>6</sup>. A tatuagem, como símbolo de identificações e diferenças, é negociada na construção de identidades, atuando como uma das tecnologias do eu (FOUCAULT, 1990).

## REFERÊNCIAS

ADELMAN, M.; RUGGI, L. Corpo, identidade e a política da beleza. **Revista Gênero**, Niterói, v. 7, n. 2, p. 39-63, 2007.

ARMSTRONG, M.; SAUNDERS, J. Motivation for Contemporary Tattoo Removal: a shift in identity. **JAMA Dermatology**, Chicago, v. 144, n. 7, p. 879-884, 2008.

BAPTISTA, R. L. P. **A identidade estampada na pele**: o cotidiano de um estúdio de tatuagem e body-piercing em Lisboa. 2010. 92 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia, Imagem e Comunicação) - Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, 2010.

BECKER, H. S. **Outsiders**: estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BERGER, M. Tatuagem: a memória na pele. **SINAIS: Revista Eletrônica**, Vitória, v. 1, n. 5, p. 65-83, 2009.

BRAZ, C. A. **Além da pele**: um olhar antropológico sobre a body modification em São Paulo. 2006. 181 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

BUTLER, J. Regulações de gênero. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 42, p. 249-274, jan./jun. 2014.

BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

CASTRO, A. L. Culto ao corpo e estilos de vida: o jogo da construção de identidades na cultura contemporânea. **Perspectivas**, São Paulo, v. 31, p. 137-168, 2007.

---

<sup>6</sup> No livro *O pequeno príncipe* de Antoine de Saint-Exupéry, a raposa diz ao príncipe: “O essencial é invisível para os olhos”, ao referir-se aos sentimentos. Aqui, fiz uma brincadeira com a frase, pensando o corpo exposto. As tatuagens deixam visíveis o que o sujeito deseja mostrar de si, negociadas na construção identitária.

- COSTA, Z. **Do porão ao estúdio:** trajetórias e práticas de tatuadores e transformações no universo da tatuagem. 2004. 194 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.
- DIAS, T. M. D. O. **Tinta e dor:** a prática da tatuagem na construção da identidade. 2014. 94 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais e Humanas) - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, 2014.
- FEATHERSTONE, M. Body modification: an introduction. In: FEATHERSTONE, M. (Org.). **Body Modification.** [London]: Sage Publications, 2003. p.1-13.
- FEATHERSTONE, M. **Cultura de consumo e pós-modernismo.** São Paulo: Studio Nobel, 1995.
- FERREIRA, V. S. **Marcas que demarcam:** corpo, tatuagem e body modification em contextos juvenis. 2006. 646 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, Lisboa, 2006.
- FISHER, J. A. **Tattooing the body, marking culture.** Londres: Body & Society, 2002.
- FOUCAULT, M. **Tecnologias del yo y otros textos afines.** Barcelona: Paidós Ibérica, 1990.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir:** história da violência nas prisões. Petrópolis: Vozes, 1987.
- GOFFMAN, E. **Estigma:** notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: LTC, 1988.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- HALL, S. Quem precisa de identidade?. In: SILVA, T. T.; HALL, S.; WOODWARD, K. (Org.). **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 134-164.
- HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade,** Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul./dez. 1997a.
- HALL, S. The work of representation. In: HALL, S. (Org.). **Representation:** cultural representations and signifying practices. London: Sage, 1997b. p. 15-71.
- LE BRETON, D. **Sinais de identidade:** tatuagens, piercings e outras marcas corporais. Lisboa: Mosótis, 2004.
- LEITE, J. J. **Nossos corpos também mudam:** a invenção das categorias 'travesti' e 'transsexual' no discurso científico. São Paulo: AnnaBlume, 2011.

LUZ, M. T.; SABINO, C. Tatuagem, gênero e lógica da diferença. **PHYSIS: Revista Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 251-272, 2006.

MAUSS, M. As técnicas do corpo e uma categoria do espírito humano. In: \_\_\_\_\_. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003. p. 399-421.

MISKOLCI, R. Corpos elétricos: do assujeitamento à estética da existência. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 14, n. 3, p. 681-693, 2006.

ORTEGA, F. **O corpo incerto**: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

PAIS, J. M. A construção sociológica da juventude: alguns contributos. **Análise Social**, Lisboa, v. 25, n. 105-106, p. 139-165, 1990.

PATRIOTA, B. P. **O mais profundo é a pele**: processos de construção de identidade por meio da tatuagem. 2016. 157f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2016.

PÉREZ, A. L. A identidade à flor da pele: etnografia da prática da tatuagem na contemporaneidade. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 179-206, 2006.

PIRES, B. F. **Corpo inciso, vazado, trasmutado**: inscrições e temporalidades. São Paulo: AnnaBlume, 2009.

PIRES, B. F. **O corpo como suporte da arte**: piercing, implante, escarificação, tatuagem. São Paulo: Senac, 2005.

SILVA, T. T. D. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. D.; HALL, S.; WOODWARD, K. (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 73-133.

SHAPIRO, R. Que é artificação?. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 22, n. 1, p. 135-151, 2007.

SWEETMAN, P. Anchoring the (postmodern) self?: Body modification, fashion and identity. In: FEATHERSTONE, M. (Org.). **Body modification**. [London]: Sage Publications, 2003. p. 51-76.

TEIXEIRA, D. P. **Intensidades corporais e subjetividades contemporâneas**: uma reflexão sobre o movimento da body modification. 2006. 148 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Departamento de Psicologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

VILAR, J. Esse corpo me pertence: construção corporal através das técnicas da body Modification. **Vivência**: revista de antropologia, Natal, v. 1, n. 40. p. 151-167, 2012.

# DESCUBRIR COSAS QUE UNA NI SABE QUE TIENE. MICROPOLÍTICAS DE UNA EXPERIENCIA DE TRABAJO CORPORAL CON MUJERES EN EL BARRIO 31, CABA

Lucrecia GRECO

## Presentación y marco teórico metodológico

En el año 2008, en el marco de mi investigación doctoral (GRECO, 2013), comencé a acompañar talleres de danzas y músicas folclóricas en un barrio popular de la ciudad de Buenos Aires, el Barrio Villa 31<sup>1</sup>, Ciudad Autónoma de Buenos Aires. Aunque estos eran abiertos, la mayoría de los asistentes regulares eran niñ@s, algun@s parientes y amig@s, en su mayoría mujeres, acompañaban a l@s niñ@s y acababan participando. En este marco comencé también a co-coordinar, junto con la antropóloga y bailarina Luna de la Cruz, un grupo de expresión corporal y yoga al que asistían algunas de las mujeres adultas. Este espacio se mantuvo durante algunos meses. A través de esta experiencia se gestó un breve taller de tango voluntario que coordinó otra colega antropóloga y bailarina (Karina González Palomino) y un proyecto de trabajo corporal y danza contemporánea coordinado por las artistas de la danza Ana Giura, Carolina Herman y Lucia Russo. Este último taller, “En Movimiento”, se enmarcó en actividades que las artistas venían realizando y obtuvo un ínfimo presupuesto a través de ONGs y del Gobierno de la Ciudad de Buenos Aires. La mayoría de estas experiencias se llevaron adelante entre 2010 y 2013, teniendo como sede principal el centro comunitario El Galpón de Retiro.

Analizaré la experiencia de los talleres enfocándome en la participación de las mujeres vecinas del barrio. Considero que la organización y gestión de los talleres y los entrenamientos allí desarrollados tendieron a generar procesos de subjetivación y relaciones sociales, implicando, en este sentido, el despliegue de micropolíticas específicas (FOUCAULT, 1999). En el análisis asumo que los cuerpos son locus de transformación y de acción,

---

<sup>1</sup> El Barrio 31 es un histórico asentamiento informal de la Ciudad de Buenos Aires, considerado por ello una villa.

enfaticando en la condición corporizada de la subjetividad y en los modos en que las personas elaboran las experiencias de maneras específicas desde sus posiciones socioculturales. Es importante asumir que mi participación fue flexible, desde la observación participante y la participación observante en los talleres hasta el papel de coordinadora de talleres, que me colocó en una posición de investigación vinculada a una antropología aplicada.

La noción de experiencia corporal en la que me baso es aquella sustentada por la corriente del *embodiment*, que reconoce la intersubjetividad, intercorporalidad y por ende comunicabilidad de la misma (MERLEAU-PONTY, 1985; CROSSLEY, 1995; ALCOFF, 1999; JACKSON, 1983, 1989, 1996; DAMASIO, 2008). Al pensar las experiencias refiero a la participación personal en situaciones repetibles, que suponen un estado de cosas que pueden ser repetidas con suficiente uniformidad y pueden transformarse también, precisamente en base a esta habituación (ALVES; RABELO, 2004). Así, esta noción de experiencia es relacional e históricamente situada y se afina con la teoría de la performatividad de Judith Butler (2001). Butler define la performatividad como:

[...] una repetición y un ritual que logra su efecto mediante su naturalización en el contexto de un cuerpo, entendido hasta cierto punto, como una duración temporal sostenida culturalmente. (BUTLER, 2001, p.15).

Pensando a través del género, la autora considera la performatividad como “una explicación de la agencia”:

[...] no hay género sin reproducción de normas que pongan en riesgo el cumplimiento o incumplimiento de esas normas, con lo cual se abre la posibilidad de una reelaboración de la realidad de género por medio de nuevas formas. (BUTLER, 2009, p.322).

Así, en la repetición se encuentra la base de la subversión de las estructuras dominantes.

A pesar de las diferentes nociones de agencia en las teorías del *embodiment* y de la performatividad (centrada una en sujet@s corporizados abiertos al mundo y la otra en sujet@s que se constituyen en la producción y subversión de normas), ambas perspectivas confluyen al considerar a las personas situadas en los contextos sociohistóricos en los que existen (los cuales implican siempre relaciones de desigualdad) y en descentrar a l@s sujet@s de la conciencia individual. Ambas habilitan la pregunta acerca de

cómo las prácticas corporales, performadas en el marco de relaciones sociales y contextos específicos, impactan en la vida social y en la subjetividad, considerando cómo incide en las trayectorias personales, en la percepción de las imágenes corporales propias y ajenas y en la relación consigo mismo (CITRO, 2012).

En este análisis buscaré dar cuenta de la interacción entre experiencias arraigadas en el cotidiano y la emergencia de nuevas experiencias a través de la habituación a la participación en estos talleres que proponían “técnicas extra cotidianas” (BARBA; SAVARESE, 1988) que promoverían el desafío a prácticas habituales, dado que en estos espacios *l@s sujet@s* pueden experimentarse a sí mismos de otras maneras. Este rol constitutivo y transformador de la performance también fue destacado en diversos estudios de la antropología de la danza (SAVIGLIANO, 1993-1994; REED, 1998; FARNELL, 1999; MENDOZA, 1998; WILLIAMS, 2004; CITRO, 2009). Autoras como Islas (1995), señalan explícitamente que las danzas (y podemos agregar las técnicas corporales extracotidianas en general) son prácticas políticas, por el hecho de generar ciertas modalidades de conciencia individual y por su incidencia en las formas de interacción social y en los niveles políticos de la cultura.

Adentrémonos en el análisis a través de la experiencia de los talleres. Modifiqué los nombres de las participantes vecinas del barrio ya que sus testimonios dan cuenta de experiencias personales intensas. La mayoría de las vecinas son inmigrantes de Bolivia y de provincias del interior que residen en el barrio hace más de diez años.

### **ALCO, Kuntur y Tango: combatiendo el “sedentarismo”**

*[...] hay cosas que una va descubriendo que ni una sabe que las tiene [...]* (Sandra).

Me centraré en los “descubrimientos” de las mujeres que participaron en los talleres teniendo en cuenta algunas de sus experiencias previas, así como sus posiciones de género, generación, clase y raza. Un hito crucial para su participación en los talleres fue su integración a través del Grupo Alco de autoayuda para la obesidad. El grupo se había creado en 2009 cuando una vecina del barrio comenzó a participar del programa de televisión “Cuestión de peso”<sup>2</sup>. Mercedes, una de las participantes de los talleres, comenta que

---

<sup>2</sup> Se trata de un programa que se transmitía desde 2006 por canal Trece en Argentina, cuyo objetivo era que participen personas con sobrepeso para bajar de peso en forma

cuando reconoció a la vecina en la televisión, se aproximó a ella y comenzó a involucrarse en su participación en el programa: “[...] como buena cholula [...] dije ‘esta es mía’, por estar cerca de la tele”. En este contexto se emitió un programa desde el barrio. Tras esta visita, Mercedes y su compañera decidieron crear un grupo de ALCO local. Mercedes comenta que la experiencia de ALCO, la “ayudó muchísimo”:

*[...] yo estaba más de 80 kilos, ahora estoy en 75, no es mucho lo que bajé... Pero si yo no hubiera conocido esto yo hoy ya estaría llegando a los 100 kilos... porque yo no tenía conciencia de lo que yo comía, cómo comía, ni del sedentarismo. Y aparte fue como un espejo que empecé a mirarme a mí misma, a conocerme yo, cuando una persona está gorda nunca se da cuenta, sabe que está gorda, pero en mi mente yo me veía como era muchos años antes [...].*

Mercedes considera que con ALCO pudo pensarse de otra manera y reconocer problemas que previamente no registraba. En sus narrativas, resalta sus procesos de transformación y la influencia de ALCO, no sólo por el hecho de comenzar una dieta sino por la posibilidad de relacionarse con otras mujeres, en un espacio orientado a un tipo de reflexividad colectiva:

*[...] Y bueno, toda la tranquilidad y toda esta armonía lo logré también con el grupo de ALCO, lo que nos sentamos a conversar, con lo que hablamos con las chicas, con las experiencias que ellas tienen, con lo que a mí me pasa, el poder hablar, el poder sentir, el poder ser más transparente, todo eso me ayudó mucho, mucho... como que te empezás a conocer a vos misma, a darte cuenta lo tonta que sos en ciertas cosas [...].*

Por su parte Sandra también empezó ALCO para bajar de peso: “[...] pesaba 98 kilos y un día determiné que estaba muy gorda [...] yo soy evangélica y tengo que respetar mi cuerpo. Un día tomé conciencia de que estaba dañando mi templo, con tanto exceso de peso [...]”. Sandra relata que en momentos anteriores de su vida ella había decidido cuidar su cuerpo, y la oportunidad de participar de ALCO era coherente con esa decisión. Ella ya había experimentado intensos procesos de reflexividad sobre su cuerpo, especialmente durante una enfermedad, en los espacios de práctica religiosa y en algunos talleres de expresión corporal. Es interesante tener en cuenta su experiencia

---

“saludable”, mostrando en el programa su proceso y la ayuda del equipo técnico de ALCO para lograrlo.

para entender el modo en que articula en su discurso el entrenamiento en los talleres. Por ejemplo, ella relata su iniciación en la religión evangélica a partir de la recuperación de un dolor de columna que le impedía moverse y da cuenta del registro de un cambio en su experiencia a partir de dicha conversión<sup>3</sup>. Romina al comenzar con el grupo ALCO, también atravesaba un momento en el que consolidaba la separación afectiva de su marido (con quien por circunstancias económicas vive hasta la fecha), se interesaba por el cuidado de su cuerpo e inauguraba espacios propios, como su participación comprometida en el grupo de gimnasia del Barrio 31 “Fitness 31”<sup>4</sup>, el cual coordina en la actualidad.

Las tres vecinas se apropiaron del espacio buscando modificar algunas de sus prácticas habituales. Durante su participación en ALCO, consolidaron una percepción de sí mismas como mujeres con sobrepeso que debían cuidarse. Ese cuidado implicaba movimiento físico, cambios en la alimentación y la contención afectiva del grupo, que fue constituyéndose como un grupo predominantemente femenino. La participación mayoritariamente femenina en este grupo se debe a imperativos de género y clase, pues los hombres del barrio difícilmente se aproximan a espacios de reflexión colectiva sobre la salud y la estética. Al mismo tiempo, si bien es habitual que estos espacios sean femeninos, la oportunidad de generarlos entre mujeres de sectores populares no es tan habitual, por lo cual las mujeres ya estaban produciendo nuevas posiciones para sí mismas.

Mientras participaban de ALCO, Romina, Mercedes y Sandra comenzaron a asistir a las clases de folclore, considerándolas un modo de “combatir el sedentarismo” y bajar de peso. Durante los talleres de folclore, coordinados por un docente y bailarín profesional, las vecinas solían preguntarme cómo realizar los pasos, o elogiaban mis movimientos.

---

<sup>3</sup> “La columna es la que nos sostiene... si te duele algo no te puedes mover, bueno yo estaba así postrada...con un diagnóstico de silla de rueda, que no iba a caminar... yo era hasta ahí católica recalcitrante... Me llevan... el pastor, empieza a orar, y bueno el que tiene un dolor donde le duela se pone la mano, y se puede parar, y yo incrédula, viste. Y yo lo miraba ...¿qué va a hacer este, qué va a hacer? ...y empecé a sentir de acá, algo como un fuego, como una cosa...llevé mi mano acá (se refiere al sacro)...este hombre oraba, oraba... soltaba sanidad y liberación... y bueno, yo sentí ese fuego, y de repente dice ‘todo lo que no podría hacer antes hágalo’... Yo lo que no podía hacer era pararme. ¿Qué hice yo? Me paré, pero como si nada, sin pensarlo...Me volví a sentar rápido, dije me voy a caer, y no me caía porque después me volví a parar y me volví a sentar y me volví a parar. Y después cuando fui a mi casa volví con la silla en la mano... y nunca más me quedo la columna mal, jamás...”.

<sup>4</sup> Disponible en: <<https://www.facebook.com/fitness31>>. Acceso en 13 jan. 2017. Consultado 13 de enero de 2017. Se trata de un grupo de práctica de aerobics, “latino”, kick boxing y diversas técnicas corporales ligadas a la gimnasia aeróbica.

Estos elogios se daban probablemente por ser yo la única mujer joven no vecina que participaba de las clases y porque contaba con un cierto entrenamiento físico en danza. Así, la percepción de sí y de los otros, se veía afectada por percepciones y experiencias ligadas a la experiencia de clase social y generacional.

En noviembre de 2009, Karina se ofreció a dictar talleres de tango, a los que las mujeres asistieron también con el ímpetu de combatir el sedentarismo. Esta experiencia duró sólo dos meses. En estos talleres participaron más mujeres y también niños, y unas pocas veces asistieron hombres. Además de la percepción de sí como mujeres “pesadas” que “combatían el sedentarismo”, las adultas notaron en el tango una posibilidad de tornarse más “elegantes” y “femeninas”. Mercedes señalaba que el tango “te ayuda a tener una postura, una personalidad, algo más femenino”. Como Romina y Sandra, Mercedes consideraba que el tango otorgaba más “elegancia” al andar. En una ocasión Sandra señaló que con el tango ellas podrían caminar por el Parque Thays (ubicado en una zona de la ciudad más rica) con mayor seguridad. Esta representación acerca de la elegancia y la feminidad era también promovida por la profesora, quien sostenía que esta danza requería una actitud elegante, como “colgando de un alambre”, que consistía en 50% técnica y 50% actitud, y marcaba firmemente los roles femeninos y masculinos.

La percepción de sí de las vecinas como menos “femeninas” y elegantes se encontraba signada entonces por una específica autopercepción ligada a la clase y al género, donde ellas se alejarían de la imagen de mujer elegante. El tango es bailado en la actualidad en la Ciudad de Buenos Aires principalmente por sectores medios (CAROZZI, 2009) y no es practicado habitualmente por los vecinos del barrio. Asimismo, por su trayectoria internacional y su espectacularización, el tango también se asocia a representaciones de elegancia y sofisticación producidas desde clases medias y altas.

En los talleres de expresión corporal y En Movimiento se generaron otras experiencias, tal vez porque estos dos talleres tuvieron una continuidad entre sí, contaron con la participación de las vecinas por mayor tiempo, se instituyeron como espacios de mujeres y se proponía la práctica de algunos géneros performáticos con “códigos abiertos”, los cuales son: “[...] flexibles y poco precisos, ponen el acento en las formas de subjetivación y constituyen al individuo como sustancia ética bajo su propio gobierno [...]”. (ISLAS, 1995, p.243), y por tanto diferentes al tango, el folclore o el *fitness*, que serían “códigos cerrados” donde el acento se coloca en la “precisión de la normatividad objetiva” (ISLAS, 1995, p.243). Esta distinción puede traducirse en la experiencia de Romina, quien señala diferencias entre el

trabajo propuesto en los talleres de expresión (que podrían considerarse de código abierto) y el que ella realiza en Fitness 31:

*[...] me di cuenta de algunos movimientos que por ahí en gimnasia es más mecánico digamos, acá es como mover un brazo y saber qué músculo está moviendo, yo que sé, hacer movimientos diferentes que no son los de gimnasia, el desplazamiento es otra cosa, que me gustó también, y me siento más ágil [...]*”.

Esta percepción de la propia experiencia, dada a partir de la práctica de técnicas de códigos abiertos y cerrados, se enmarca también en la tensión contemporánea entre la apropiación del conocimiento del propio cuerpo y los imperativos de “personalización” del cuerpo y el psicologismo, los cuales se constituyen en una norma que estimula la “autorreflexividad” y la reconquista de la “interioridad del cuerpo” (LIPOVETSKY, 2000, p.60 y p.62). Veamos cómo las mujeres comenzaron a atravesar este “propio gobierno” desde sus posiciones.

## Los talleres de expresión

*[...] Es lo que quería hacer, expresarme con el cuerpo [...]*  
(Mercedes)

A lo largo de los encuentros de expresión corporal y yoga que coordiné con Luna de la Cruz y luego sola, las mujeres que participaban de ALCO también se refirieron frecuentemente a los problemas del “sobrepeso”, la “alimentación saludable”, el ejercicio físico, el “sedentarismo” y la “obesidad”. Asimismo, el grupo conocía las dinámicas de charlas en ronda que nosotras proponíamos y tenía algunas expectativas claras acerca del taller: este “liberaría” su “expresión”, las “descargaría” o las “relajaría”. Estas expectativas organizaron gran parte del proceso, pues ellas enmarcaron la práctica de los talleres a partir de dichas experiencias y expectativas.

En el primer encuentro estuvieron presentes Sandra, Mercedes, Romina, María y Marta, alumna del grupo de tejido que funcionaba en el mismo espacio. En esta ocasión realizamos algunas elongaciones y ejercicios de yoga y danza contemporánea, enfocándonos en la columna y los pies, señalando la cantidad de vértebras de la columna y de huesos que existen en el pie, buscando darles movilidad. Luego propusimos un ejercicio de reconocimiento de los huesos y las articulaciones, donde las mujeres tocaban libremente diversas partes de su cuerpo buscando la forma del hueso y su movi-

lidad. Finalmente realizamos una relajación final en el piso, reconociendo los puntos de apoyo. Al finalizar los ejercicios realizamos una ronda de comentarios. En ese momento, Romina identificó algunos de los ejercicios de yoga que habíamos realizado como “*stretching*” (elongación) y comentó que prefería ejercicios más dinámicos. Sandra, al contrario, comentó que los ejercicios propuestos le gustaban más que la “gimnasia” aeróbica, y que prefería esta actividad al taller de tejido (que se dictaba en el mismo lugar) pues como allí está “mucho tiempo sentada, engorda mucho”. Sandra señaló que en el ejercicio de exploración de las articulaciones descubrió que “podía hacer cosas que no se imaginaba”. También comparó el taller con clases de “expresión corporal” que había tomado anteriormente, en las que le hablaban de los “hilos invisibles” y de “seguir a alguien que no estaba”. Ella había tomado esas clases fuera del barrio, por consejo de su kinesiólogo y gracias a eso había “cambiado su forma de caminar que le hacía mal”. Nos aclaró que aquellas clases le encantaban y que las dejó porque no podía pagarlas. María dijo que nunca había prestado atención a los pies de ese modo, que no sabía “que el hueso tenía tantas formas, ni eso de qué partes del cuerpo se apoyaban y cuáles no”. Mercedes señaló que ella era “pesada” y que le faltaba “agilidad” para realizar los ejercicios y sentarse en el piso. Al finalizar el primer encuentro muchas coincidieron en que pudieron tener “la mente en blanco”, “que se olvidaron de todo”.

Este primer encuentro, inauguró para mí una nueva relación con las vecinas. En primer lugar decidimos colectivamente que el espacio sería exclusivamente para mujeres, a diferencia de folclore y de tango. Asimismo, las vecinas se plantearon cuidar el espacio y comprometerse con su implementación. También una de las vecinas, que hasta entonces se mantenía callada y reservada, comenzó a relatarme sus problemas con el marido (alcohólico y violento). Este cambio de actitud da cuenta de la importancia de compartir el trabajo con el cuerpo, pues esta conexión desde el trabajo corporal fue el empuje final para esta apertura de la vecina.

En encuentros siguientes comenzamos a trabajar en pares, masajeando, palpando, moviendo al cuerpo del otro. La primera vez que trabajamos en dúo, Mercedes quiso detenerse en medio de los ejercicios. Como la propuesta era a ojos cerrados, ella dijo que sentía “muchas manos”, que el tacto y la música (disonante) le daban la “sensación de estar en la selva, perseguida”. Le propusimos continuar con ojos abiertos y sentir que no se trataba de una situación de invasión sino de comunicación, ante lo cual logró continuar, aunque con cierta incomodidad. En la ronda final, frente los comentarios positivos de sus compañeras que expresaron haber disfrutado el ejercicio,

ella matizó su sensación, diciendo que el ejercicio “asustaba” porque ese tipo de toque era “nuevo para ella”. Romina señaló que:

*[...] R:- [...] lo que a mí me llamo la atención... cuando viste que hacíamos esos... a ver, que es esa técnica cuando nos acostábamos todas y nos hacíamos como masajitos*

*L:- un principio de contact.*

*R:- bueno, lo de contact a mí me llamó la atención porque imagínate, yo nunca me hice masajes, y menos que me haga nadie, siempre me llamó la atención eso de algún día me voy a hacer un masaje para ver qué se siente. Muy relajante debe ser. Y eso me llamó la atención, porque que te empiecen a tocar, y me re relajaba, era muy relajante, era de las partes que me gustaban de expresión [...].*

Para Romina como para otras participantes, el contacto placentero con otro cuerpo en el marco de un taller de movimiento, inauguraba una nueva experiencia corporal. En lo que respecta a la percepción de Mercedes en ese encuentro, podemos notar el modo en que el discurso de sus compañeras la llevó a matizar y reformular su interpretación de la experiencia. Esta apertura para transitar estas nuevas prácticas influiría en el posterior compromiso de Mercedes con el grupo, en este taller y con En Movimiento.

Los encuentros de expresión corporal se desarrollaron durante dos meses. A lo largo de los encuentros las mujeres sostuvieron que el espacio las hacía olvidar “sus cosas”, las relajaba, las llevaba a “imaginar”. En este proceso debemos situar la apertura del proyecto “En Movimiento”.

## Ojos que ven, cuerpo que siente

*[...] Me encantó, cuando vi lo que hacían porque... lo que a mí me pasa del baile, la danza, todo eso, es que se puede expresar lo que sentís... Y en esa representación que ellas han hecho yo veía muchas cosas que no sé si sería o no sería pero me gustó, me gustó y me encanta ver [...]. (Mercedes, comentario sobre la obra “El borde Silencioso de las cosas”).*

Durante los talleres de expresión fuimos invitadas por un grupo de artistas a ver en el teatro su obra “El borde silencioso de las cosas”. El hecho de “ver” la obra inauguró nuevas experiencias en el trabajo que veníamos llevando adelante con las mujeres. El mismo día que recibimos la invitación nos encontramos en la puerta del teatro Sandra, Mercedes, Graciela, Melisa

(hija de Mercedes), Andrea, participante del grupo de folclore, Dieguito (su hijo que en ese entonces tenía 6 años) y yo. Al entrar a la sala, nos encontramos con una escenografía cargada de objetos amontonados, inspirada en la obra del artista plástico Berni, y un cuerpo desnudo en quietud. Sandra, con incomodidad ante el desnudo, me dijo que ella era muy “pudorosa”. Andrea, con su niño, se enojó, diciendo que si continuaba el desnudo o si la artista bailaba desnuda “la mataba”. Mientras tanto, yo pedía disculpas. En la obra había cinco artistas mujeres en escena y lenguajes derivados de diversas corrientes de la danza contemporánea, *contact*, acrobacia y teatro-danza, trabajando con los objetos de la escenografía, mimetizándose con ellos, arrojándolos, ordenándolos y desordenándolos, apegándose a ellos y soltándolos, a la vez que establecían entre ellas relaciones que se caracterizaban también por la búsqueda y el rechazo del otro alternadamente.

La obra se enmarcaba en un ciclo llamado “Danza y política”, el cual consistía en realizar un debate acerca de las obras tras las performances. Por eso, la propuesta fue que permaneciéramos en la sala en el debate al final. Cuando salieron a saludar y enunciaron su propuesta de “arte y política”, Sandra me dijo que “no le interesaba escuchar hablar de política” y tomó la decisión de volver al barrio. Con ella volvieron el resto de las mujeres, menos Andrea y yo. Andrea quiso quedarse pues encontraba positivo el hecho de transitar espacios diferentes al barrio. Antes de que el resto de las mujeres volvieran al barrio las vecinas señalaron que nunca habían visto “ese tipo de obra”. Mercedes resaltó que le había “impactado, que las artistas “expresan su rabia”, que le gustaba cómo “soltaban”. Sandra comentó que le parecía que era un barco, que había “desorden, problemas de convivencia”. Todas me preguntaban si su interpretación era correcta, describiéndome escenas que yo, con mi escasa atención, había olvidado. Yo no podía darles respuestas acerca de la obra y les señalaba que seguramente no existiría una sola interpretación.

Cuando volvimos con Andrea a la sala, la charla había comenzado y los críticos de arte, público y bailarines hablaban de diversos autores y lenguajes escénicos (Deleuze, Berni, antropología, filosofía etc.), lo cual nos alejaba mucho de la posibilidad de intervenir. Andrea me preguntó si eran todos antropólogos, por el vocabulario tan específico que usaban. Cuando contaban que querían apelar a otro público, popular, decidimos no hablar para no exponernos en una sala tan académica. Tras la conversación oficial nos acercamos a las artistas, quienes nos expresaron sus ganas de ir a visitar el barrio, a las mujeres que vieron la obra, para que les den una “devolución”.

Al día siguiente Sandra quiso hablar conmigo. Me contó que “había llorado toda la mañana”, que la obra la “removió” porque le había recor-

dado el tiempo en que había en el barrio una gran quema de basura, así como tiempos felices con su hermano, cuando de pequeños ambos escribían poesías, antes que él se “metiera en las drogas”, “cuando había árboles” en el barrio y este era un espacio concurrido “para tomar fresco”. Señaló que la obra le hizo volver a sentir que el barrio era “un *ghetto*”, donde reina la pobreza: el “desorden” de la obra le había producido esas sensaciones. Agregó que en la obra también las personas querían “acapararse cosas”, como durante la dictadura militar, cuando los militares echaron a los vecinos del barrio y les tiraron las cosas. Le comenté de la influencia de Berni en la obra y ella coincidió con la apreciación pues conocía la obra del artista. También ese día el cuerpo desnudo que le daba pudor se transformó para Sandra en un cuerpo “artístico”: “nos trajeron al mundo así”, dijo.

Unas semanas después conseguimos acordar una fecha para que las artistas nos visiten. A ese encuentro sólo asistieron Mercedes y Graciela en representación de las mujeres que vieron la obra, y se sumaron Romina, Susana, María y su hija, y una chica de 15 años que asistía a los talleres de expresión hacía menos tiempo. Ellas ya habían escuchado comentar la obra, especialmente el desnudo. Llegaron al barrio Lucía Russo, Carolina Herman, Ana Giura y Natalia Tencer. En el encuentro las artistas pidieron a Mercedes y Graciela que muestren con el cuerpo qué recordaban de la presentación. Después de un silencio corporal, Mercedes reprodujo uno de los movimientos (una agachada), mientras describía los elementos materiales que faltaban que estaban en la obra. Graciela no quiso mostrar nada. Posteriormente conversamos con palabras y el desnudo fue el primer tema. Una de las mujeres, que no había asistido a la obra, comentaba que “hay que tener para mostrar”. Agregó que a ella le gustaría hacer un desnudo, pero que “a lo sumo mostraría las tetas”. Aunque, comentó, muchas veces enojada “mostraría el culo”. Todas coincidían en que si era para el arte y la expresión, el desnudo era correcto. Mercedes quiso contarles a las artistas que le impresionaba “lo que deben haber estudiado para moverse así, para expresar tanto”, como manejaban el “sostener peso y estar livianas”, que le llamo la atención la plasticidad, como “rotaban la cadera e iba la cadera”. También comentó que entendía la obra como una “descarga de rabia” y habló de la interpretación del “desorden del mundo” hecha por Sandra. Estos comentarios son elocuentes en cuanto a la capacidad de observación de las mujeres, la asociación que ellas realizaron con lo trabajado en los talleres y a la importancia dada a la realización de la “expresión”, entendida como un estado interno que puede exteriorizarse, incluso a través de un “culo” desnudo.

Tras la charla, las artistas propusieron a las vecinas comenzar a imitarse entre sí, señalando que ese era uno de los ejercicios que habían utilizado para el montaje escénico. Las mujeres tardaron unos minutos en comenzar a imitarse y sólo se involucraron ante movimientos ruidosos o veloces de las artistas, o ante la insistencia de estas, cuando se paraban enfrente de ellas y las comenzaban a imitar exageradamente. Todas llegaron a entrar por momentos en el ejercicio, sólo la adolescente que no tenía tanta confianza con el grupo se quedó en un costado observando. Susana cantó y bailó mucho. María también bailó y contó que lo que más le gusta a ella es bailar y cantar, que en su casa siempre pone “música movida” para hacerlo. En mi propio caso, me costaba discernir “realidad” de juego y sentía un enorme peso de responsabilidad, pensando si a las mujeres les interesaría o no la propuesta. Al final del trabajo, aunque no habíamos realizado ejercicios focalizados, las mujeres se sentían “más cansadas que en los talleres de expresión y yoga”.

Los acontecimientos de “ir al teatro” y “visita de las artistas”, tuvieron resonancias en un proceso que sedimentaba, trabajando con mujeres que, ya habituadas a crear espacios propios (como el de ALCO, o el taller de expresión corporal), comenzaban a transitar un nuevo tipo de experiencia, más ligado a la expresión y al descubrimiento de las posibilidades del propio cuerpo. Después del encuentro, las mujeres plantearon que querían hacer una obra, para retribuirles a las artistas y a mí por los encuentros. Semanas después, cuando nos juntamos con Romina, Graciela y Mercedes para ver una obra de Carolina, ellas reconocieron diversos elementos trabajados a lo largo de los encuentros de “expresión”, que podrían usar en el futuro trabajo con las artistas. Mercedes, planteaba socarronamente que ya están todas las mujeres preparándose para hacer una obra: ya están “en profesionales, por ser del barrio ya se la creen, se mandan”. También me dijo que ya tenía “en su cabeza” lo que querían bailar. Pero, agregó: “hacerlo es otra cosa”, refiriéndose al entrenamiento de los cuerpos. Sin embargo, el discurso de Mercedes, señalando los límites de los cuerpos, se encarnaba ya en una práctica diferente. En la visión corporizada de las mujeres, ver el producto (una obra) y realizar parte de su proceso de producción en el ejercicio, modificó su autopercepción: sus cuerpos ahora eran capaces de crear una obra y ejecutarla. El cuerpo se abría a un espacio de trabajo expresivo, y encontraba nuevas posibilidades prácticas.

En diciembre de 2009 realizamos un nuevo encuentro con Carolina, donde conversamos acerca de las posibilidades de llevar a la práctica esta idea de las mujeres. La docente les dijo a las vecinas que “sus cuerpos hablaban” y que el grupo de danza “aprendió de ellas” a partir de los

movimientos que habían realizado en el encuentro anterior. Sandra dijo que no sabía que ellas, las mujeres del barrio, “podían enseñarle algo a las bailarinas”. Las mujeres comenzaron a relatar las ideas que tenían para la futura obra y algunas experiencias cotidianas de las que estas emergían, como sus caminatas por la costanera, observando flores o piropeando hombres, su amistad, la violencia en el barrio. Durante el verano, las “ideas” siguieron apareciendo y en 2010 comenzó formalmente en proyecto En Movimiento.

Al inicio de los encuentros, las percepciones de las mujeres adultas sobre sí mismas y sobre las propuestas del trabajo corporal ya se habían modificado. No obstante, la percepción de las mujeres adultas de ALCO como “pesadas” persistió. En las primeras bitácoras del proyecto, las docentes notaron la presencia de la preocupación por el peso:

*[...] En el ejercicio de relajar la espalda de una subida a la espalda de otra, todas disfrutaron mucho, pero también apareció el miedo al peso propio. A mí me tocó levantar a Sandra, que al principio me hacía fuerza por miedo a ser muy pesada para mí. Ahí Carolina le explicó que era una cuestión de los lugares de apoyo, como una mesa, más que de la fuerza. Si decidí entonces llamar al ejercicio de ‘mesa’ [...]. (Lucía, Bitácora de 17 de mayo de 2010).*

Las vecinas adultas también continuaron refiriendo a “descubrimientos” a lo largo de su experiencia en los talleres. Pueden señalarse continuidades entre las narrativas de autoayuda puestas en juego en ALCO y las propuestas de trabajo de los talleres de expresión y En Movimiento, aunque el trabajo desde técnicas corporales de código abierto y los roles de enseñanza aprendizaje propuestos en los talleres operaron como tecnologías de sí (FOUCAULT, 1990; ISLAS, 1995) introduciendo otros modos de experimentar estos cambios o redescubrimientos en las mujeres, relacionados al “autogobierno” promovido por este tipo de códigos. Entre estos factores se encuentra el hecho de entenderse como productoras de movimientos y posicionarse a sí mismas como capaces de “enseñarles a las bailarinas”. Durante los encuentros, las vecinas generaron diversos “materiales” aludiendo a temas que les interesaban o afectaban. Por ejemplo, Mercedes creó un texto en el que relataba el desarrollo de una fiesta patronal boliviana donde describía las escenas de peleas entre borrachos. A partir de este trabajo se improvisaron algunas escenas de peleas, donde experimentamos caídas, arrastres, entrega del peso, gestos de agresión. Por su parte, Sandra trajo la canción “Penélope” (de Juan Manuel Serrat,

en versión de Diego Torres), donde se relata la espera de una mujer por el hombre que ama. Para desarrollar el trabajo se le pidió a Sandra que propusiera movimientos y objetos para trabajar. Así, a partir de ideas de Sandra improvisamos con algunas pelucas para caracterizar personajes y con movimientos fluidos, de apertura de brazos. Mientras tanto Romina proponía usualmente ejercicios ligados a sus clases de fitness, a los cuales les imprimía un sentido de entrenamiento y no de puesta en escena. Así Romina, muchas veces dirigió partes de los entrenamientos. Todas estas escenas y materiales, y otros que fueron surgiendo posteriormente se trabajaron a lo largo del año 2010. Victoria, que entonces tenía 18 años, proponía usualmente intervenciones en espacios públicos, propuesta que fue tomada para la realización de “suspensiones urbanas” (una serie de intervenciones en espacios públicos) que se realizaron posteriormente. De hecho, una de las secuencias utilizadas fue el cruce de una calle, intentando recrear la capa del álbum *Abbey Road* de The Beatles. Graciela, en cambio, solía mostrarse reticente a realizar propuestas.

Pese a la generación de materiales, la práctica en los talleres no fue para las vecinas jóvenes (Victoria y Graciela), un “descubrimiento”. Como comenta Carolina en la bitácora, tras un encuentro en que se trabajaron elongaciones y posteriormente “traducciones” de objetos vistos en el espacio a movimientos:

*[...] Observamos lo que se fue haciendo. Quince minutos antes de terminar les pregunto qué opinan sobre el trabajo de ese día. Romina y Mercedes están muy contentas e interesadas porque descubrieron muchas cosas en el cuerpo y que a partir del calentamiento habían podido moverse de maneras que antes les resultaba muy complicado. Victoria se mueve acrobáticamente. Se sintió más interesada por la segunda parte, con la traducción, porque pudo jugar más con algunas dinámicas. Graciela observa pero se mueve poco. Me pregunta como traduciría yo la escalera [...].*

Este relato de Carolina resume algunas posiciones de Victoria y Graciela. Como he señalado, la primera comentaba que el espacio de En Movimiento la relajaba. Asimismo, ella se mostraba interesada por los ejercicios técnicos, aunque no sentía cambios importantes:

*L:-:En el proyecto con las chicas no notas ningún cambio en tu cuerpo?*

*V:- ¿Sabés que yo no noto? Yo no noté nada, pero no en mi cuerpo, sí que aprendimos algunas cosas, pero no sé si lo noté en mi cuerpo. El otro día*

*Eva<sup>5</sup> me dijo '¿no te das cuenta que avanzaste un montón?' y yo digo, '¿en qué?', y no sé, me dijo que en la forma de mover el cuerpo, no me acuerdo qué, pero no me di cuenta jamás que había avanzado en nada, pero sí por ahí me cuesta menos, al principio me parecía medio más tonto, ahora no me parece tan tonto... pero en mi cuerpo no noto muchas cosas, mucha diferencia, y Eva dice que sí pero yo no creo [...].*

Puede señalarse en este comentario que la experiencia de Victoria, como mujer joven, es diferente a la de las vecinas adultas, pues los cambios en el cuerpo no le parecen tan importantes. Asimismo, podemos notar que Eva, interesada en observar los procesos de las vecinas encontraba cambios que no eran tan significativos para Victoria en esa instancia. No obstante, Victoria señala que algunos ejercicios que le van pareciendo “más fáciles”, lo cual puede asociarse a cambios en sus hábitos corporales. Por otra parte, Victoria valoraba la posibilidad de producción de “material”, especialmente cuando este tomaba una forma más teatral, contando una historia concreta, como el guion de la fiesta de Mercedes o la creación de suspensiones.

En el relato de Carolina, Graciela “observa pero se mueve poco” Generalmente, como Victoria, Graciela se interesaba más en los ejercicios dinámicos y elongaciones. No obstante, a diferencia de Victoria, no aprobaba la realización de ejercicios libres para la producción de material y prefería los movimientos marcados o las técnicas con un “código cerrado” (como el tango o las acrobacias). Por ejemplo, comentaba su interés por el tango porque le “gustaba, sacaba los pasos, no me costaba mucho, yo competía contra ustedes y quería ser más mejor...”. En el caso del tango, la técnica específica para ejecutar un movimiento le permitía tener un parámetro de cuándo se movía mejor o peor. Esto se repetía en los encuentros de “En Movimiento” cuando se practicaba alguna técnica de acrobacia. Graciela cuenta que le gustaban las clases de Ana por este motivo, aunque también las de Carolina, porque con los estiramientos “se relaja” y le “da sueño”.

Retornando al desinterés de Graciela por los ejercicios expresivos propuestos, comentaba que los encuentros orientados por Lucía, basados generalmente en técnicas de improvisación, le gustaban menos, pues eran más “locos”. Por ejemplo, lo que menos le había gustado del “intento de intervención urbana” (las suspensiones) fue estar expuesta: “si me da vergüenza estar entre cuatro paredes, más vergüenza me da estar en la calle,

---

<sup>5</sup> Refiere a Eva Camelli una socióloga y bailarina que acompañó los talleres como participante.

aunque en la calle no te miraban, o sea. No me gustan, ustedes iban a hacer las cosas y yo estaba allá a dos cuadras”. En este comentario, además de expresar su disgusto ante la exposición de la improvisación en los talleres, Graciela sostiene que el trabajo realizado en esas performances no le parece atractivo señalando que nadie se interesaba en observar el trabajo. Sin embargo, comenta que tuvo experiencias de formación escénica en el barrio que sí le interesaron, como un taller de clown donde usaban máscara, con la cual no debía usar la voz y podía hacer “cualquier tontería”.

Puede notarse que, pese a sus diferentes posiciones en lo que refiere a exponerse en público, ambas jóvenes valorizan el material escénico más cercano a la teatralidad y a lo formal, aunque Victoria se interesó por las intervenciones como forma concreta de producción de “material”. Asimismo, a las jóvenes no les interesa tanto el trabajo físico de los talleres aunque reconocen logros, especialmente en la relajación y la disminución del dolor, así como en la realización de ejercicios acrobáticos.

### **Relajación-reflexión final...en el galpón del barrio**

*[...] Yo como que veo dos planos en el proceso de las chicas. Uno, posibilidades del movimiento que va más desde lo anatómico y otro que es la pata creativa. Que yo ahí te juro que me sacó el sombrero porque me parecen re valientes y súper arriesgadas porque improvisar es, es, como yo lo siento un poco como arriesgarte al vacío... nosotros estamos acostumbrados a movernos en estructuras en nuestra vida... que tu formato sea la no estructura o una estructura muy chiquitita como una imagen que te pueden dar para improvisar requiere un nivel de exposición y vulnerabilidad por parte del bailarín que nada, a mí me llevó mucho tiempo animarme... me resulta admirable de ellas la velocidad con la que se apropian de las herramientas creativas [...]. (Eva).*

Eva señala el coraje y entrega de las vecinas en el trabajo que aparecía para ellas como algo novedoso, señalando las propias trabas que ella debió superar. Tal vez resulte paradójico tras escuchar tanto las voces de las vecinas, cerrar este texto con el comentario de Eva, quien, como las artistas y como yo misma, tiene una experiencia de vida diferente, marcada por la clase social, las posibilidades de haber estudiado danza y sociología. No obstante, este comentario sintetiza el proceso de muchas de las vecinas y el modo en que ellas, desde su particular experiencia, crearon otros modos de participar y comprometerse en los talleres.

Una primera consideración es la auto-percepción de Romina, Sandra y Mercedes, en relación a su “experiencia de las precondiciones” (JACKSON, 1989) de clase y género. En lo que respecta a la clase, existe, como señala Bourdieu (1986), una desigual distribución de propiedades corporales entre las clases sociales: la distancia entre el cuerpo real y el legítimo (producto de la lucha entre clases) está presente en la elaboración de la representación subjetiva del propio cuerpo y en la representación del agente por parte de los otros. A la vez, se trata de representaciones hegemónicas que pueden identificarse con lo que Lipovetski (2000) denomina el neonarcisismo, donde la identificación del cuerpo con la persona conlleva el imperativo de juventud y esbeltez. Estas “representaciones”, fruto de la experiencia subjetiva, están encarnadas en la práctica y en la experiencia<sup>6</sup>. En los talleres de folclore las mujeres experimentaban una carencia de “agilidad” y “gracia”, comparándose conmigo, mujer más joven de clase media, con algo de dinero y tiempo libre para realizar clases de técnica de danza. Esta misma percepción se hizo presente en los talleres de tango, donde el parámetro a alcanzar era la “elegancia”. Sin embargo, no podrían subsumirse todas las experiencias de las mujeres del barrio a estas representaciones. De hecho, otras de las participantes del taller de folclore, generalmente más jóvenes y que no pertenecían al grupo ALCO, han participado de grupos de danzas folclóricas argentinas y bolivianas y discutían con el profesor acerca de los estilos y modos de practicar las danzas. Asimismo, en el caso de Graciela, más joven, este tipo de auto percepciones eran bastante diferentes, interesándose más por alcanzar la forma técnica propuesta que por un modelo de cuerpo o movimiento. Estas diversas percepciones de las mujeres más jóvenes pueden deberse a que por su edad, estas experimentan una menor distancia entre el cuerpo real y el legítimo, que es precisamente caracterizado por la juventud y la disposición física (esbeltez). Asimismo, quienes ya habían participado de grupos de danza habrían entrenado anteriormente modos de ser ágiles y “elegantes” por lo cual sus preocupaciones se dirigían más a los modos de desarrollar estos atributos de un modo particular que a incorporarlos. En lo que refiere a la experiencia ligada a la hegemónica estructuración binaria de los géneros (BUTLER, 2001), existe un imperativo, urbano, de belleza femenina (que aquí opera ligada a la delgadez, la delicadeza, la

---

<sup>6</sup> Mientras Bourdieu postula una relación de externalidad, donde “[...] los esquemas de percepción y apreciación en los que un grupo sustenta sus estructuras fundamentales... se interponen desde el principio entre cualquier agente social y su cuerpo [...]” (BOURDIEU, 1986, p.191), enfatizaré aquí en la agencia de los sujet@s que incorporan y reelaboran estos esquemas, construidos intersubjetivamente.

fragilidad), ante el cual las mujeres también notaban un desfase entre su cuerpo real y el legítimo, percibiéndose a sí como “gordas”, “pesadas”, “sin gracia”<sup>7</sup>.

En el caso de los talleres de expresión y En Movimiento podemos pensar que las mujeres se incorporaron en parte por cuestiones de salud física y para acercarse al cuerpo legítimo que mencionamos. En este sentido el taller tiene una función clara, ligada a nociones acerca de la salud y la belleza. Sin embargo, a diferencia de algunos otros talleres corporales del barrio, estos se enfocaban en las posibilidades creativas del cuerpo<sup>8</sup>, pasando a ser percibidos por las vecinas como espacios para sí mismas, en cierto modo terapéuticos, para, como dijo Sandra, “hacer cosas que una ni se imagina que puede hacer”. De hecho el entrenamiento propuesto por las docentes de En Movimiento apuntaba a un proyecto de subjetivación específico: que las personas busquen descubrir y crear posibilidades de movimientos, promoviendo la autopercepción de sí mismas como creadoras. La destreza física no poseía en el espacio una importancia fundamental pues el objetivo era enriquecer los procesos de creación: los cuerpos hegemónicos se contestaban a través de la construcción de cuerpos emotivos y expresivos que pueden crear sin necesitar adecuarse a modelos de cuerpo y entrenamiento clásicos de las danzas académicas. Las coordinadoras docentes de los talleres también promovían este tipo de agenciamiento desde la gestión del proyecto, instando a las participantes a involucrarse con la organización, solicitando la responsabilidad de las mujeres por el mantenimiento del espacio (puntualidad, apertura del salón, búsqueda de materiales alternativos para trabajar) y la rotación de roles: la regla general es que todas pasen por el lugar de *performer* y docente en los encuentros.

Estos otros usos de los talleres como un espacio propio, de mujeres, (porque, como ellas señalan los “hombres tienen su espacio con el fútbol”), presentaron aspectos más conflictivos, ligados a lo que ellas podrían o deberían hacer. Generalmente los maridos solían decidir si ellas podían tomarse ese “tiempo libre” y en muchas ocasiones prohibían a las mujeres asistir, pues no querían que “pierdan el tiempo”. Especialmente en el caso de tango, los maridos tenían “celos” y “temor a la presencia de otros hombres”<sup>9</sup>. En

---

<sup>7</sup> En otra publicación analizo también las percepciones ligadas a los procesos de racialización (GRECO, 2016).

<sup>8</sup> Esto no significa que en prácticas como las danzas folclóricas, o la gimnasia aeróbica no existan experiencias reflexivas, sino que estos talleres se enfocaban en ellas. Al mismo tiempo, las mujeres perciben al taller como perteneciente a otro tipo de espacio social, habitual entre gente “como yo”, o como las artistas.

<sup>9</sup> Puedo arriesgar la hipótesis de que estas prohibiciones se deben a las características de los talleres de tango y expresión: el primero coloca el riesgo de que las mujeres entren en

una ocasión yo misma fui invitada por una vecina a hablar acerca del taller de yoga con el marido, para que me conozca y para que supiera “qué hace una antropóloga”. Ella me hacía señas para que enfatice que al taller solo asistían mujeres. Asimismo, el marido, evangélico, cuestionaba la práctica de yoga, diciendo que sospechaba que con esa técnica se podían dormir a las personas, y controlar los sentimientos. Su mujer lo corrigió y expresó que no son los sentimientos, sino las emociones lo que se controla. Así, agregé que ella antes lloraba por cualquier cosa, y que en ese momento ya lograba controlar más el llanto. Puede notarse aquí que el marido estaba preocupado por qué cosas suceden con ella durante el tiempo libre: la participación de su mujer en otra instancia que pueda afectar a su subjetivación, le provocaba inquietud. Así aparece una comprensión nativa de la construcción de las emociones, donde diversas instituciones (como la iglesia o el yoga) se conciben como herramientas, o tecnologías, que moldean la subjetividad.

Es habitual escuchar entre las participantes del taller que hay mucho “machismo” entre sus maridos y los hombres del barrio en general. Karina escuchó una conversación en que una mujer le dijo a otra “tu marido es bravo”. La mujer la miró a Karina y le dijo “pero no me pega”, lo cual implica que ser golpeada es una posibilidad común. También Mercedes me confesó que las mujeres se habían sorprendido al saber que yo tenía novio, porque no entendían cómo podía entonces tener tanto tiempo para estar con ellas. Puede notarse el fundamental papel de las relaciones de género en los procesos de subjetivación dados en el taller, a partir del hecho de que las dos mujeres adultas del grupo que estaban más comprometidas con el espacio vivían con sus maridos pero habían reformulado la relación de modo tal que casi no interactúan en el cotidiano, “como si (el marido) no estuviera”.

A lo largo del proceso en estos y otros talleres y en sus diversas experiencias en ALCO las vecinas fueron inaugurando una experiencia relativamente novedosa donde una parte de la realidad del cuerpo que se mantenía diariamente fuera del campo de su atención, comenzó a hacerse más presente. Ellas han adoptado varios de los ejercicios realizados en clase para su cotidiano y se han apropiado de la propuesta de tratar al movimiento cotidiano como danza. Así, tanto por causa de los ejercicios

---

contacto con hombres, el otro tiene una función que excede la salud y la estética. Esto en contraste con otros espacios que, quizás por ser más antiguos, son menos cuestionados. Por ejemplo, el espacio de tejido cuenta con mayor cantidad de mujeres y es defendido por sus coordinadoras por ser “productivo”, comparándolo con nuestro espacio, para el cual las participantes de “su” taller “no tendrían tiempo”. Asimismo, Fitness 31 posee una asistencia muy grande pues p el *aerobic* es una técnica más conocida y está claramente ligada al cuidado de la figura.

de movimiento “creativo”, como por los discursos (donde se enfatiza que todos podemos movernos expresivamente) y la organización de la práctica (donde todas participamos de la organización, difusión y sostenimiento del espacio), las mujeres modificaron parte de sus experiencias corporales, transformando poco a poco aquella ausencia del cuerpo que suele caracterizar nuestra experiencia cotidiana (HUGHES; LOCK, 1987; LE BRETON, 1995; JACKSON, 1996). Por un lado, participaron en un nuevo espacio y en un nuevo rol, y lograron realizar movimientos que antes no hacían, tales como equilibrios, elongaciones, sentarse en el piso, mover nuevas articulaciones. Por otro lado, las adultas modificaron en parte su propia percepción corporal como mujeres “pesadas, sin gracia, cansadas”, percepción que controlaba en los primeros encuentros las posibilidades de movimiento, constituyéndose en una precondition que derivaba en una negación a intentar ciertos movimientos, o una frustración anterior a realizar el intento. A partir del entrenamiento, este tipo de situaciones se fue tornado menos frecuente.

En el análisis del proceso no nos encontramos con ideas, discursos y cuerpos por separado sino que buscamos señalar su compleja interacción y mutua implicación. Desde su particular y activa experiencia de las “precondiciones” (la situación de género y clase, principalmente) las participantes del taller crearon lo “cualitativamente nuevo” (JACKSON, 1996), nuevo para y en un determinado contexto sociohistórico. En efecto, debemos tener en cuenta que la posibilidad de acceder a estos cambios se sitúa en un contexto específico, donde existe un imperativo de personalización del cuerpo (LIPOVETSKY, 2000) y proliferan técnicas corporales de código abierto que promueven una cierta reflexividad y el mencionado, lo cual se evidencian en los numerosos talleres que se organizan en el barrio. En este sentido, es interesante situar estos procesos para pensar cómo se dan en estos talleres en barrios populares, donde estos imperativos y estas técnicas suelen ser promovidas generalmente por docentes de sectores medios. Así, en el caso de En movimiento, esta corporalidad más reflexiva es producto tanto del imperativo de personalización y autor reflexividad hegemónico, como de la práctica corporal en sí misma y de los modos de subjetivación que promueve el proyecto, donde además de resaltarse el poder cognitivo y creativo de la experiencia corporal se promueve la horizontalidad en la práctica.

Sin embargo esta horizontalidad de los papeles debe entenderse en la geopolítica de las técnicas corporales: en los talleres de yoga, expresión y en “En Movimiento” se trabajó con técnicas desarrolladas en su mayoría en centros metropolitanos, conocidas por algunos grupos específicos de

sectores medios urbanos de Buenos Aires. Así, en este sentido, las detentoras del conocimiento de la técnica eran las docentes. Sin embargo, las mismas técnicas proponen una búsqueda del propio conocimiento del movimiento y de la capacidad de composición de las personas. Asimismo, las mujeres del barrio se han interesado en explorar estos aspectos e investigarlos, buscando información acerca de las técnicas y manteniendo un diálogo fluido con las docentes<sup>10</sup>. Al pensar las posiciones identitarias de las sujetas, no puede eludirse la asimetría entre las docentes, que han podido transitar la práctica de diversas técnicas corporales desde jóvenes, y la experiencia de las vecinas del barrio, lo que hace que hacia afuera del proyecto sean las docentes las que aparecen como detentoras del conocimiento dancístico.

Teniendo en cuenta estas complejidades, me interesa resaltar finalmente que en un barrio marginalizado de una ciudad como Buenos Aires, y en una época histórica donde se promueve la reflexividad en las prácticas estéticas, las mujeres modificaron parte de sus experiencias corporales a través de la práctica de los movimientos enfocados en las posibilidades creativas del cuerpo, quebrando el hábito cotidiano que separa mente y cuerpo, conciencia y experiencia, al mismo tiempo que ampliaron sus posibilidades de acción, para pasar de ser participantes de un taller a creadoras. La experiencia de las mujeres ilustra a qué nos referimos cuando decimos que la corporalidad se constituye intersubjetivamente. Los “bordes silenciosos de los cuerpos” (parafraseando a la obra) no preexisten, sino que se construyen y se materializan en la interacción social, lo que ellos contienen provisionalmente permanece “generativo, produciendo significados y cuerpos” (HARAWAY, 1991, p.200). En los diversos procesos socio-históricos estos bordes “sedimentan”, se tornan “habituales”, haciendo que algunos sean más difíciles de trascender que otros. Quizás por ello, algunas de las mujeres, a pesar de su entusiasmo inicial, han decidido no seguir participando de los talleres, en parte, por causa de los problemas que esta participación les generaba con sus maridos o por la imposibilidad de dedicar más tiempo a las prácticas.

Explorando nuevos movimientos y viéndolos ejecutarse, las mujeres comenzaron a dejar de buscar “relajarse” o “adelgazar” para, gradualmente,

---

<sup>10</sup> Es interesante una analogía con el trabajo de Cohen Bull (1997), quien señala que en el *contact* el docente actúa más como un guía para tener un tipo de experiencia que como el proveedor de conocimiento en la clase, condición que contribuye al énfasis en la experiencia interna por sobre la apariencia externa. No obstante, también en este caso, al ser los docentes los guías, ellos también pueden ser pensados como los detentores del conocimiento.

Descubrir cosas que una ni sabe que tiene. Micropolíticas de una experiencia de trabajo corporal con mujeres en El Barrio 31, Caba

encarnar la creación expresiva a través del cuerpo. Quienes comenzaron en el taller de folclore percibiéndose como mujeres “pesadas”, se encuentran hoy interesadas en “generar materiales”. Como dijo Mercedes, ella siguió la propuesta del taller “por curiosidad” y en el proceso descubrió que “eso quería, expresarse con el cuerpo”.

## REFERÊNCIAS

ALCOFF, L. M. Merleau-Ponty y la teoría feminista sobre la experiencia. **Revista Mora**, Buenos Aires, n. 5, p. 122-138, 1999.

ALVES, P. C.; RABELO, M. C. Corpo, experiência e cultura. In: LEIBNIG, A. (Org.). **Tecnologias do corpo**. Rio de Janeiro: Nau, 2004. p.175-200 .

BOURDIEU, P. **Materiales de sociología crítica**. Madrid: La Piqueta, 1986.

BARBA, E.; SAVARESE, N. (Org.). **Anatomía del actor**. México: Gaceta/ International School of Theatre Anthropology, 1988.

BULL, C. J. C. Sense, meaning and perception in three dance cultures. In: DESMOND, J. (Org.). **Meaning in motion: new cultural studies of dance**. Durham: Duke University, 1997. p. 269-287.

BUTLER, J. **El género en disputa: el feminismo y la subversión de la identidad**. México: Paidós, 2001.

BUTLER, J. Performatividad, precariedad y políticas sexuales. **Revista de Antropología Iberoamericana**, Madrid, v. 4, n. 3, p. 32-336, 2009.

CAROZZI, M. Una ignorancia sagrada : aprendiendo a no saber bailar tango en Buenos Aires. **Religião e Sociedade**, Buenos Aires, v. 29, n. 1, p. 126-145, 2009.

CITRO, S. Cuando escribimos y bailamos: genealogías y propuestas teórico-metodológicas para una antropología de y desde las danzas. In: CITRO, S.; ASCHIERI, P. (Org.). **Cuerpos en movimiento: antropología de y desde las danzas**. Buenos Aires: Biblos, 2012. p. 17-64.

CITRO, S. **Cuerpos significantes: travesías de una etnografía dialéctica**. Buenos Aires: Biblos, 2009.

CROSSLEY, N. Merleau-Ponty: the elusive body and carnal sociology. **Body & Society**, Londres, v. 1, n. 1, p. 43-63, 1995.

DAMASIO, A. **El error de Descartes**. Buenos Aires: Drakontos, 2008.

FARNELL, B. Moving bodies acting selves. **Annual Review of Anthropology**, Palo Alto, v. 28, p. 341-373, 1999.

FOUCAULT, M. **Estrategias de poder**. Barcelona: Paidós, 1999.

FOUCAULT, M. **Tecnologías del yo y otros textos afines**. Barcelona: Paidós, 1990.

GRECO, L. Negros y marroncitos: una mirada sobre las categorizaciones raciales en dos proyectos artístico-sociales de Río de Janeiro y Buenos Aires. **Revista Publicar**, Buenos Aires, n. 19, p. 55-74, 2016.

GRECO, L. **Políticas culturales y performance en proyectos artístico-sociales: un estudio comparativo entre sectores populares de Buenos Aires y Río de Janeiro**. 2013. 326 f. Tesis (Doctoral en Ciencias Antropológicas) - Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2013.

HARAWAY, D. **Simians, cyborgs and women**. Nova York: Routledge, 1991.

HUGHES, N. S.; LOCK, M. The mindful body: a prolegomenon to future work in medical anthropology. **Medical Anthropology Quarterly**, Malden, v. 1, n. 1, p. 208-225, 1987.

ISLAS, H. **Tecnologías corporales: danza, cuerpo e historia**. Cidade do México: Instituto Nacional de Bellas Artes, 1995.

JACKSON, M. **Things as they are: new directions in phenomenological anthropology**. Bloomington: Indiana University Press, 1996.

JACKSON, M. **Paths towards a clearing**. Bloomington: Indiana University Press, 1989.

JACKSON, M. **Knowledge of the body**. Massey: Massey University, 1983.

LE BRETON, D. **Antropología del cuerpo y modernidad**. Buenos Aires: Nueva Visión, 1995.

LIPOVETSKY, G. **La era del vacío**. Barcelona: Anagrama, 2000.

MENDOZA, Z. Genuine but marginal: exploring and reworking social contradictions through ritual dance performance. **Journal of Latin American Anthropology**, Malden, v. 3, n. 2, p. 86-117, 1998.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenología de la percepción**. Barcelona: Planeta Agostini, 1985.

REED, S. The poets and politics of dance. **Annual Review of Anthropology**, Palo Alto, n. 27, p. 503-532, 1998.

SAVIGLIANO, M. Malévolos, llorones y percantas retobadas: el tango como espectáculo de razas, clases e imperialismo. **Relaciones**, Michoacán, n. 19, p. 79-104, 1993-1994.

WILLIAMS, D. **Anthropology of the dance: ten lectures**. Campaign: University of Illinois Press: 2004.



# LAS TRAVESURAS DE LA REINA

Jimena Inés GARRIDO  
Ana Laura RECHES

## Introducción: sobre este trabajo

El presente trabajo surge del cruce de nuestros derroteros de pesquisa, aún en curso. Mientras Garrido realiza una etnografía en las Temporadas Teatrales en los veranos de Villa Carlos Paz (en adelante: VCP), Reches estudia un circuito de bares y boliches de diversión nocturna en los que no se manifestaba rechazo hacia eróticas no heterosexuales, durante los años ochenta en Córdoba.<sup>1</sup> Marcela regenteaba uno de esos comercios desde la década de 1970. Junto a ella, asistimos a ver el “Show de Lizy Tagliani. La revolución del humor”<sup>2</sup> en VCP, en febrero de 2016, donde se encontraron nuestras interlocutoras.<sup>3</sup>

Como estrategia metodológica para realizar este trabajo, escogimos aquellas problemáticas que percibimos como sobresalientes en la salida compartida al teatro aquella noche. Siguiendo las hebras de estos nudos, rastreamos en diferentes relatos de las entrevistadas los sentidos que ellas construían en torno a estos nudos. Así, priorizando nuestras observaciones y conversaciones en la salida, trabajamos también con entrevistas a estas dos mujeres. En el caso de Marcela, incluimos entrevistas en profundidad, biográficamente centradas; en el caso de Lizy, entrevistas realizadas por periodistas. A partir de estos materiales y del intercambio de nuestras etnografías compartimos impresiones, descripciones e inquietudes que dieron lugar a este escrito.

---

<sup>1</sup> Ambos trabajos se desarrollan en el marco del programa de investigación *Subjetividades y sujeciones contemporáneas: cuerpos, erotismos y performances* (CIFFyH- UNC), dirigido por el Dr. Gustavo Blázquez y la Dra. María Gabriela Lugones.

<sup>2</sup> A lo largo de este trabajo utilizaremos comillas para señalar términos o expresiones de nuestras interlocutoras, así como para referirnos a conceptos o citas bibliográficas, luego de las cuales seguirá la respectiva cita americana. Los corchetes serán empleados por las autoras para realizar aclaraciones en las citas de las entrevistas.

<sup>3</sup> También participaron de la salida Gustavo Blázquez, Ma. Gabriela Lugones y Javier Castellano, con quienes compartimos pareceres de la noche.

Entendiendo las técnicas transcorporales como los materiales y procedimientos para actuar que involucran intercambios e interconexiones entre varias naturalezas corporales, nos preguntamos: ¿Cuáles fueron las técnicas transcorporales que se pusieron en acto en el encuentro entre dos mujeres, una “trans” y otra “travesti”, una artista y la otra espectadora? ¿Cuáles fueron los efectos de estas técnicas en sus corporalidades? Nos proponemos describir y analizar las técnicas transcorporales puestas en acto por dos mujeres en una noche de teatro para dar cuenta de las peculiares maneras de volverse reina, anunciar los huevos y valorar la familia, en los procesos de producción y consumo de mercancías culturales contemporáneas.

### **De las técnicas transcorporales**

En las ciencias sociales aprendemos técnicas para construir relatos, entre ellas nos servimos de categorías teóricas que nos permiten hacer preguntas al conjunto de materiales que nos proponemos abordar. Para que el uso de estas categorías no asfixie la vitalidad de las realidades que delimitamos como nuestros objetos de estudio, es necesario que entre ellas se establezca un diálogo. En el proceso de reflexión de este trabajo comenzamos a preguntarnos por las técnicas corporales puestas en juego por nuestras interlocutoras. El material que ellas nos ofrecían nos llevó a revisar esta categoría y reformularla en términos de técnicas transcorporales. Recuperando algunas de las problematizaciones que el primer concepto abría, esta noción nos ofrece la inclusión de particularidades observadas en los fenómenos “trans”. Al mismo tiempo, nos permite poner mayor atención en la constitución de corporalidades a partir del intercambio permanente de sustancias y del carácter relacional de toda singularidad, siempre atravesada y en travesía. Si bien estas travesías que visitaremos contenían trayectos reconocidos que funcionan como prescripciones, todo viaje envuelve travesuras que alteran los recorridos establecidos. En lo que sigue, especificaremos los procesos de reflexión que incluyeron la recuperación de un concepto de viejo cuño en las ciencias sociales, las técnicas corporales, y las reformulaciones que proponemos en torno a éste en términos de transc corporalidad.

La noción de técnicas corporales desde los inicios de la(s) antropología(s) formó parte de las preocupaciones académicas. Marcel Mauss las definió como actos eficaces tradicionales. El autor estudió cómo las técnicas corporales son transmitidas a través de la imitación de acciones que los sujetos han visto realizar con éxito. Estas técnicas son específicas de cada sociedad que acumula ciertos movimientos como certeros. Allí se imbrican procesos sociales, biológicos y psicológicos, que dan como resultado

movimientos corporales tradicionales, así como formas de (re)creación de relaciones sociales y significados histórico- culturales (MAUSS, 1979). En estudios contemporáneos se ha recuperado la propuesta de Mauss, incorporando nuevas perspectivas a esta noción.

Desde el campo de los Estudios Teatrales, el concepto de técnica corporal, ligado al de técnicas actorales, ha tenido un fuerte desarrollo. Raúl Serrano (2004), interesado en ofrecer herramientas para una actuación que genere sensación de verdad, define a estas técnicas como un conjunto de materiales y procedimientos que, transmitidos como conocimiento acumulado, delimitan los usos del cuerpo del actor, sin por ello restringir apropiaciones singulares de las mismas.

Para estudiar estas técnicas como material acumulado e imitado, podemos pensarlas como **performance** según lo entiende Richard Schechner. Para el autor, la performance es una acción restaurada, realizada por segunda vez, diferente de la acción que copia. En la activación de estas técnicas los actores las repiten, fortalecen y transforman (SCHECHNER, 2000). Esta propuesta nos permitirá adentrarnos en las diferentes citaciones en la presentación de una “mujer trans”, realizada por una artista y una espectadora. Ambas repetían de formas diferentes ciertos gestos, disputando sentidos en torno a los mismos.

Proponemos pensar las técnicas no sólo como performance sino también como performativas, en tanto son capaces de realizar lo que enuncian y de hacer cuerpo la imagen puesta en acto. Esta corporalización se produce mediante los ya mencionados procesos de citación. Judith Butler (2007) piensa en la construcción del sujeto mediante la categoría de performatividad del género; a partir de allí, busca dar cuenta de las formas de subjetivación mediante la repetición iterativa de prácticas sociales, que habilita resignificaciones y desplazamientos, articulando sujeción y resistencia.

En tanto realizativas, las técnicas corporales no intervienen un cuerpo dado, sino que ellas mismas lo fabrican en sucesivas intervenciones. Beatriz Preciado, siguiendo a Michel Foucault, propone estudiar cómo la tecnología, como dispositivo complejo de poder y saber, hace cuerpos siempre de naturaleza prostética, en tanto no se aplica sobre una naturaleza/cuerpo dado, sino que ella misma lo produce (PRECIADO, 2011). En la salida al teatro estas técnicas hacían singulares corporalidades “trans” y “travesti” que aparecían con el uso de procedimientos eficaces, aprendidos, repetidos y desplazados.

Retomando lo anteriormente expuesto y asumiendo a las técnicas corporales como performances performativas, o actos reiterados eficaces, proponemos como herramienta analítica para el presente artículo la categoría

de técnicas transcorporales. Con esta noción queremos referirnos a operaciones sistemáticas, acumuladas, aprendidas e incorporadas, de las cuales se espera un resultado eficaz en base al conocimiento que se dispone de esos procedimientos, de acuerdo a experiencias sociales previas. En lo que sigue, especificaremos cuáles son los aportes que brinda el pensar estas técnicas como transcorporales.

El concepto de transcorporalidad invita a atender los movimientos a través de los cuerpos, los intercambios e interconexiones entre varias naturalezas corporales (humanas y no humanas), sistemas ecológicos, agentes químicos y otros actores. Los cuerpos abiertos son recompuestos por permanentes flujos activos de materiales, sustancias y lugares (ALAIMO, 2010). Estas técnicas atañen al cuerpo con todo aquello que lo atraviesa y excede, es decir, con lo cual se expande y encuentra. Las técnicas transcorporales se construyen ligadas a la noción de poros, concebida como aquel lugar desde el cual un cuerpo se abre al mundo. Mediante esos orificios se activa el intercambio de fluidos y con ello el pasaje entre seres.

La noción de transcorporalidad puede ser usada para estudiar una infinidad de fenómenos, en tanto condición de la existencia. Si bien podemos encontrar estas interconexiones en cualquier situación de vida, las percepciones de estos flujos varían en cada actor o momento. En algunas circunstancias de mayor consciencia sobre el uso de estas técnicas, los sujetos se entrenan en pos de generar determinados intercambios y mutaciones, para provocar su experiencia transcorporal. Por esto, consideramos que las situaciones más propicias para el estudio de la transcorporalidad son aquellas en las cuales las personas involucradas buscan o perciben estas interconexiones y dan cuenta de ellas a través de diferentes narrativas que recrean la experiencia transcorporal.

Por otra parte, la dimensión transcorporal nos permite acceder a los materiales que nos atraviesan, siguen viaje, pero no sin antes dejar una huella en corporalidades injertadas y expandidas. Los resultados pueden ser opresivos y guardar sorpresas. Las técnicas transcorporales atienden travesías y son un instrumento privilegiado para pensar subjetividades femeninas desde el sur del sur. Tengamos en cuenta que, según definiciones canónicas, las travesías son viajes y los seres traviesos son aquellos atravesados, puestos al través o de lado, quienes, al mismo tiempo, viven distraídos en vicios, especialmente en el de la sensualidad.

Para terminar, es oportuno señalar que los procesos de construcción de conceptos incluyen reflexiones y conversaciones informales que muchas veces quedan afuera de los escritos académicos. Consideramos importante explicitar en los relatos (que a fines argumentales presentan una exposición

progresiva) estas irrupciones informales o travesuras en los caminos del conocimiento, para dar cuenta del modo en que las investigadoras conocemos, a través de qué técnicas transcorporales expulsamos palabras como fluidos.

En uno de los chats en el cual las pesquisadoras programábamos un encuentro de trabajo, “Garrido” le escribía a “Reches”: “Holaaa. Podés traer la compu? No tengo la mía. En el hostel hay jaleo. Será una escritura transsss. Transreflexión. T Transespero. Que no es lo mismo que te transpiro. De ahí viene Transilvania? Que no es lo mismo que la trans Silvana.” Los conceptos iluminan en algunos sentidos, a la vez que presentan riesgos de reducciones y abusos. Cuando aparece la pregunta sobre si estamos trabajando con los conceptos más adecuados o más fértiles, proponemos seguir el flujo.

Existe una pluralidad de técnicas superpuestas, enlazadas y en permanente pugna, donde algunas de ellas se imponen sobre otras como dominantes. Ante nuestra pregunta en torno a cuáles fueron las técnicas transcorporales que se pusieron en acto en el encuentro entre dos mujeres, y cuáles fueron los efectos de éstas, nos centraremos en tres que consideramos significativas aquella noche: las técnicas para ser “una reina”, las técnicas para anunciar “los huevos” y las técnicas para valorar “la familia”. Todas ellas aparecían en relación con otras que, si bien no serán abordadas en este escrito, participaban en las luchas por las presentaciones de una “mujer trans”.

## **Del encuentro teatral**

### **Marcela quería conocer a Lizy**

Marcela nació en un barrio histórico y popular de la ciudad de Córdoba, llamado San Vicente. Con una personalidad “muy traviesa, avasallante y adelantada para la época”, desde la década de 1970 regenteaba “Akies”, un espacio de diversión nocturna que no expresaba rechazo hacia eróticas no heterosexuales, ubicado en el mismo barrio que la vio nacer. A los dieciocho años conoció a Luis, quien fue su marido y compañero de vida. Él era soldado y Marcela lo conoció una noche, mientras “loqueaba” en la Plaza San Martín. Al principio, el flirteo consistía en ir a tomar café, y luego “cada uno a su casa”. Sin embargo, el compromiso mutuo fue creciendo y sellado luego de varias décadas con el primer casamiento cordobés bajo la Ley de Matrimonio Igualitario.

Cansada del acoso policial, durante la década de 1980 se mudó a Brasil: vivió en Río de Janeiro, Salvador de Bahía y finalmente en Londrina. En

este último lugar, en un club nocturno llamado “Boate Zafari”, le retuvieron los documentos y fue secuestrada durante ocho meses, porque les interesaba su “presencia” para que baile y “atraiga a los clientes”. En el país vecino adoptó a sus dos hijos, con quienes comparte en la actualidad buena parte de su tiempo.

La primera vez que invitamos a Marcela a pasear, no tuvimos éxito. En diciembre del año pasado habíamos combinado que la buscábamos por su casa para ir a visitar a una amiga suya, pero el día anterior llamó diciendo que no iba a poder porque su hijo y su nuera se habían olvidado el gas de la cocina abierto, y les “agarró Alzheimer”, por lo tanto tenía que cuidarlos. Unos meses después, Marcela comentó que le gustaría ir a ver el show de Lizy Tagliani, a VCP, porque todas las mañanas mira el “programa del Lagarto” por la televisión abierta, donde participa Lizy: “me gusta porque es espontánea y se ríe de sí misma”, argumentó. Aprovechamos la ocasión para fijar el encuentro. Nos pidió que una vez concretada la fecha, le avisáramos con anticipación “porque me tengo que preparar, vos sabes...”, haciendo referencia al tiempo que le insume “producirse”, para lucir como una verdadera reina. Fue así que conciliamos la salida para el día 19 de febrero, fecha en que se produciría el encuentro entre una artista y una reina.

### **Lizy en los escenarios de VCP**

Lizy nació en Chaco, creció en Androgué, Provincia de Buenos Aires. Trabajaba en una peluquería en Lomas de Zamora y, “castigada por quillombero”, la mandaron a una sucursal de Capital. Allí conoció a Alicia Paselli, la mujer del actor Roberto Galán, quien la llevo como peluquera al programa de su marido. Según Lizy cuenta: “Después del cambio de look que le hice a Canosa [conductora televisiva] (de colorada a rubia), mi vida como peluquera cambió. Comencé a ser más respetada” (BRITO, 2013).

Su experiencia en los escenarios comenzó cuando, como espectadora de shows de mujeres trans en un bar al que siempre asistía, participaba opinando, gritando, aplaudiendo y rematando chistes. Un día, cansada, la protagonista del espectáculo le dijo “si sos más graciosa, por qué no subís y hablás vos”, y Lizy agarró el micrófono. Los boliches donde realizaba sus presentaciones fueron el terreno en los que aprendió el arte de los escenarios y el humor desde 2005. Si bien Lizy se introdujo en la farándula como peluquera, empezó a participar con “su lengua ácida” en programas de radio y televisión. Viviana Canosa, a quien peinaba, la invitó a su programa y después la llevó Santiago del Moro, un conductor de programas de chimentos. Lizy se volvió masivamente conocida a partir de su paso por el

*reality show* “Show Match”, emitido por la televisión por aire, en el concurso “Bailando por un sueño”.

Lizy, quien ya había representado obras teatrales en la Ciudad Autónoma de Buenos Aires, en 2015 hizo temporada en VCP como parte del elenco de “Casa Fantasma”, producido por Dabope (sociedad entre productores de “Show Match”). En 2016 “se animó” y arribó a la villa serrana protagonizando un espectáculo propio, autobiográfico, dedicado a sus padres. “El show de Lizy Tagliani. La revolución del humor”, dirigido por el humorista Bicho Gómez y producido por Dabope, contaba los avatares de su vida y las dificultades por las que tuvo que pasar, ante todo, por ser una mujer trans.

### **Técnicas transcorporales para ser una reina: la entronización**

Como señalamos, Marcela deseaba ir a ver a Lizy que estaba actuando en el Complejo Teatros del Sol. En otra sala del mismo complejo, actuaba Florencia de la V, actriz trans que protagonizaba la comedia “Enredos” y se proclamaba la reina de VCP. Esa noche, Marcela llevaba en su bolso de Florianópolis un álbum de fotos que nos mostró en el bar donde tomamos un vino y conversamos esperando que empiece la función. En una de las fotos se las podía ver posando juntas, las dos con largos vestidos. Marcela nos comentó que no quería ir a ver a Florencia y bajó su pulgar, haciendo señas que no le daba su aprobación. Cuando le preguntamos el por qué de su rechazo, nos contó que una vez que le llevó flores a los camarines, la actriz no quiso ver a nadie y Marcela se quedó con las flores en la mano sin poder entregar el presente, lo cual la enfadó. Según nos dijo, Florencia después fue a su casa y le pidió disculpas, sin embargo esto no habría sido suficiente para sopesar el desplante. Además, para Marcela, Flor se arrogaba sin mérito suficiente el título de reina de VCP, y remataba su descrédito con la afirmación: “*la reina soy yo*”.

Para Marcela, Florencia no podía declararse reina por sus “manos gruesas” y su “falta de humildad”. Además, nos recordó que la diva Moria Casán, con su “lengua karateca”, la había mandado “a ponerse los calzoncillos”, renegándole su femineidad. Así, Marcela descreía del reinado de Flor, al no alcanzar lo que declaraba, eran condiciones necesarias para reinar: manos finas, humildad y femineidad indiscutida. Al mismo tiempo ella se arrogaba el título real, que sostenía con atributos conquistados a través de técnicas transcorporales que usaba con eficacia.

Las formas adecuadas para ejercer la realeza era un primer material a transcorporalizar. Su posicionamiento como concedora de estas etiquetas,

su capacidad para explicitarlas y para reconocer si las mismas eran cumplimentadas o no, era una de las primeras técnicas activadas para la coronación. Junto a las apreciaciones realizadas en relación a Flor, otros relatos completaban su manual de comportamientos certeros para una reina, entre ellos estaban: “hablar bien” y “moverse bien”.

Algunas de las partes del *Show* de Lizy con las que Marcela se disgustó tenían que ver con el “arrastrarse” en los movimientos, en tanto una reina debía estar lejos del suelo, y con las “groserías” en el habla. Durante una fiesta en la discoteca “Keops” organizada para homenajear a Marcela, Carmen Barbieri le preguntó “cómo mierda” se hizo “esas tetas”. Ella le respondió: “ay qué mal hablada que sos, comportate que estás acá, estás en esta casa que me están haciendo un homenaje a mí”.

Junto a esta declaración de principios ingeridos y su aplicación en la evaluación de situaciones, Marcela usaba otras técnicas transcorporales para su entronización en VCP. Una reina debía tener el flujo de la historia corriendo tras de sí, y en esa historia era necesario haber ocupado un lugar prestigioso. Este lugar era demostrado por Marcela con aquella fiesta que le brindaron en su homenaje. La sociedad le entregó un reconocimiento, que ella absorbió en la discoteca bailable carlospacense. Este evento le ofrecía un lugar destacado que era reforzado en cuanto le permitía ganar contacto con “famosos”. En aquel homenaje en la villa serrana, Marcela conoció a algunos personajes de la farándula local e internacional, como a “Ney Matogrosso, Pedrito Rico, el Potro Rodrigo y la familia Olave”. Ocupar espacios de autoridad implicaba la transmutación con lugares restringidos, penetrar sitios exclusivos y vincularse con actores distinguidos le posibilitaba la entronización. Con estas relaciones, Marcela transcorporalizaba el brillo de aquellos personajes en su propia corporalidad.

Marcela deseaba conocer personalmente a Lizy y sacarse una foto con ella, ya que según contó: “a mí siempre me atendieron en los camarines”, sala de preparación de los artistas para el espectáculo donde además de maquillarse, vestirse y peinarse, daban entrevistas, recibían regalos como ramos de flores y cartas, colgaban mensajes de sus fans y colocaban amuletos o retratos. La foto imaginada por Marcela documentaba y producía la injerencia en el camarín, a la vez que perpetuaba el encuentro. La técnica de la multiplicación a través de ese registro fue referenciado en aquella fiesta de “Keops”. Decía Marcela: “Me hicieron un homenaje en Keops con una foto en la puerta del tamaño mío, que la tengo en mi casa, una foto tamaño natural”. Conservar documentos que atestigüen, era una tarea necesaria en la lucha por la entronización. El documento se vuelve testimonio performativo, haciendo aparecer aquello que recuerda (SCHENEIDER, 2011).

Aquí vemos cómo se superponían diferentes técnicas transcorporales, la de la penetración en un sitio exclusivo, la de la producción de un archivo real con documentación probatoria, a la vez que la de la multiplicación del yo a través de la foto.

La circulación por espacios de prestigio habilitaba otra técnica que consistía en la apertura de uno de los elementos del organismo humano: la mente. Según nos contó Marcela: “en Carlos Paz conocí a muchas personas famosas [...] Volví a mi negocio, volví ya habiendo visto muchas cosas diferentes y mi mente ya se me abrió, era una mente de emprendedora. Yo quería emprender, yo veía... para mí todo era poco. Quería más, quería más, quería más”. Sólo “con la mente abierta” podían ingresar perspectivas de vida a la altura de la realeza. Marcela, al dejar que estas perspectivas penetraran, ya no se conformaba con lo que tenía, “quería más”, “todo era poco”, y para conseguirlo, se convirtió en “emprendedora”.

Por otro lado, había que demostrar esa apertura mental y capacidad de emprender, colocándose como creadora de alguna innovación corporal que luego se haya vuelto deseable para otras figuras destacadas. Marcela nos contó que la actriz y vedette de extensa trayectoria Carmen Barbieri, la habría apartado en aquella histórica fiesta en “Keops”, para preguntar por sus implantes mamarios que ella “ya” se había realizado: “Y... la Carmen Barbieri me dice a mí... porque yo ya me había puesto las prótesis. Y me dice ‘che loca, quiero hablar con vos, pero acá hay mucha gente. Vamos arriba’ y me lleva al Primer Piso. La Carmen Barbieri te digo”. En aquella charla Marcela se transcorporalizó con Carmen a través de la técnica de copia, ya que allí descubrió que Carmen se le parecía: “era tan espontánea ella, así medio parecida a mi carácter”. Reproducción de carácter que luego se extendió a las prótesis mamarias: “Dice ‘che loca ¿cómo te hiciste esas tetas? Tengo dos huevo fritos yo acá ‘ay, pero Carmen, vos tenés que ponerte una prótesis’, ‘¿y qué es eso? ¿Qué mierda es eso de prótesis?’ [...] Y dice, ‘¿y cómo se compra?’, ‘mirá, a mí me lo hizo el Dr. González’”. Marcela aparecía cuando otros se le parecían, repitiendo el uso de una innovación o un carácter. En estos intercambios Marcela se entronizaba.

La reina con una personalidad “avasallante y adelantada para la época” debía haber trasgredido límites en su trayectoria, inaugurando nuevas posibilidades. Cuenta Marcela: “Hoy, ahora, ya me puedo vestir así, y ya dicen ‘ay qué linda, un travesti sacado de la televisión’. La Florencia de la V que sale en Carlos Paz. Ahora salen en todos lados. Andá a hacer eso antes. Andá a hacer eso antes. Nunca. Pero yo fui. Yo lo hice”.

Junto a estas transgresiones, innovaciones y parecidos, nuestra reina, para asegurar su condición femenina, incorporaba otras sustancias: prótesis

y hormonas, aquellos materiales que luego Carmen le copiara. En el camino hacia “la villa” para ver el show, Marcela contó que las prótesis que usa se las colocó hace más de 50 años. En ese momento, la ingesta de hormonas le disminuía los bellos corporales, le afinaba la voz, le aumentaba los pómulos y la cadera. Tuvo que dejarlas porque le disminuía la potencia sexual, que le imposibilitaba trabajar y “tenía que darle de comer a mis hijos”.

Estos implantes representaban riesgos: no sólo en el momento quirúrgico, sino también en el desarrollo posterior porque podían caerse. Lizy contó a los medios sus padecimientos a causa de un derrumbe mamario: “Cuando era chica me puse muchas prótesis y como no había tomado hormonas ni nada, el tejido de la piel no era elástico y se rompió y se me cayeron los implantes. Fue un proceso largo para reconstruir todo, fue un tratamiento de un año, todas las semanas iba y me tenían que coser y cerrar. Me acuerdo que antes de operarme me hicieron firmar que me ponían pectorales. Quedé bien hasta ahí” (EL DRAMA..., 2014).

Las caídas debían ser evitadas no sólo en el caso de mamas, sino también en el cuerpo entero. Por eso aquella noche Marcela, a consejo de su hijo, descartó aquel calzado de “taco alto, blancos con una flor, preciosos”, “por las dudas que tenga que subir y bajar escaleras”. Cuando pasamos por una vereda que estaba cubierta por las raíces de un árbol, agradeció finalmente haberse puesto unas sandalias negras con plataforma decoradas con tachas, porque el taco alto la hubiera desestabilizado, movimiento no deseado para una reina que debía andar lejos de la actitud de una rastrera.

Además del calzado, otros objetos que la reina incorporaba y con los cuales transmutaba eran pelucas, lentes de sol, bolso y, sobre todo, anillos. Esa noche Marcela tomó la mano de Garrido para observar y comentar el anillo negro de plástico que llevaba puesto, el cual le pareció “muy lindo”. En la conversación donde relató su encuentro con Carmen Barbieri, Marcela también comentó: “‘bueno loca, escuchame’ y Carmen me dice ‘dame una mano. Haceme el favor, dame una mano’, ‘yo te doy las dos’, le digo, ‘pero no me saqués los anillos...’ [Risas] Yo tenía anillos finos de oro yo. Le digo ‘no me saqués los anillos’”. La noche de la salida, acompañaba a los anillos una buena cantidad de pulseras doradas y plateadas, un reloj sin funcionar y varios collares: uno dorado que bordeaba el escote de la remera y otros pegados al cuello de color plateado con mostacillas transparentes.

Las alhajas se complementaban con pelucas. Esa noche por primera vez vimos a Marcela lucir cabello colorado (siempre usaba el color rubio). Ella contó tener dos pelucas con ondas, que formaban un largo hasta la mitad de su espalda y le daban gran volumen. Su cartera era un bolso blanco y negro, con flores y la inscripción “Florianoópolis” bordada. Se lo había regalado su

hijo cuando estuvo en Brasil de vacaciones con la novia. Unos lentes para protección de sol completaban su look la noche de nuestra salida al teatro.

El consumo de plantas y pigmentos eran otros componentes necesarios para ocupar el trono. En el camino hacia VCP, Marcela confesó que para tener la piel suave, es fiel militante del aloe vera. Cuando Reches comentó que tenía una planta, pero no sabía cómo usarla, nuestra reina contó su receta pero pidió que no divulgue “el secreto”. Secreto ya difundido en relatos orales, libros e internet. Marcela se transcorporalizaba en el consumo de esta espinosa planta curativa. La piel también era intervenida con pinturas artificiales. Sus párpados y uñas lucían un sobresaliente negro.

Finalmente, para entronizarse era preciso ser “curioseada”, esto implicaba la posesión y entrega al paisaje de “curiosidades”, rasgos llamadores de atención por poco conocidos, tal cual ella dijo “yo llamé mucho la atención, y me curioseaban”. Las “curiosidades” junto a los “secretos” volvían a la persona distintiva en el entorno, por su capacidad “empresarial” de poseer atributos que otros cuerpos carecían o desconocían. Una reina sabía cómo actualizar estos atractivos para conseguir la mirada constante de las personas mientras avanzaba por la calle. Una reina desapercibida dejaba de ser reina. Durante el paseo por Carlos Paz, el agravio público se expresaba en la mirada de los transeúntes serranos. Marcela preguntó: “¿por qué la gente me mira tanto?”, Reches respondió tratando de no dar crédito a las miradas de desprecio: “porque estás divina”, a lo que ella retrucó: “El día que no me miren más, dejo de salir”.

La penetración del ojo ajeno era un acto imprescindible para entronizarse. El ojo una vez penetrado era digerido en una autoafirmación: mientras caminábamos desde las butacas hacia el pasillo una vez finalizada la obra, nuevamente los espectadores lanzaban miradas de desprecio y Marcela repetía en voz baja: “Sí soy yo, sí soy yo, sí soy yo”. Para sostenerse como reina la persona debía distinguirse entre tanta conectividad con un “yo” firme alimentado por los ojos de rechazo que la reina devoradora había tragado. “La reina soy yo” anunció Marcela. Un “yo” que reinterpretaba la regla de la humildad con que había juzgado a Flor, porque, como Mary Douglas (2007) ya lo mostró, las reglas están en estado de guerra consigo mismas, son usadas y valoradas de acuerdo a cada circunstancia, y una reina sabe cómo transcorporalizarlas.

### **Técnica para no olvidar “los huevos”: el escondite público**

Durante “la temporada 2015”, Tagliani realizó su primera sesión de fotos en malla de dos piezas y dijo a la *Revista Pronto*:

Ya no siento pánico ni temo que suceda lo que algunas personas están esperando que pase: que se me vean los genitales. Porque sobre todo, soy una persona. Es claro, no es que tengo ahí un parlante o un televisor. Tengo lo que tengo que tener. Y punto. La gente no va a encontrar nada que no tenga otra persona. (LIZY, 2015).

En este relato, la artista se liberaba del temor de aquel acontecimiento deseado por observadores curiosos. Al mismo tiempo, asumía su condición de “persona”, pese a ser poseedora de un atributo que, para sus detractores, podía invalidar su derecho a serlo. Aquello que “tiene que tener”, es decir, “los huevos”, fueron objeto de permanente referencia durante el espectáculo esa noche, sea como temor y/o deseo: “casi se me escapa uno”, anunciaba Lizy, y provocaba la carcajada de la tribuna.

La técnica transcorporal activada en el espectáculo consistía en amenazar con el asomo de sorpresas escondidas, intercambiando dinero y carcajadas. Luego que los espectadores abonaban una entrada, exigían diversión. Los artistas sabían qué actuaciones hacían reír al público: traer sorpresa era una de ellas. Lizy debía comunicar que era una mujer con genitales de varón escondidos, y construir la amenaza de que uno de éstos se escape.

Tagliani anunciaba lo que ocultaba, produciendo un escondite público que causaba fascinación. Los espectadores podían ser testigos de la verdad asomada. Se pagaba grandes sumas por esta revelación colectiva. La genitalidad, que no iba a ser mostrada en escena, estaba obligada a ser nombrada de diferentes formas bajo la figura de algo oculto pero a la vez inocultable.<sup>4</sup> “Los huevos” eran un elemento que, aunque no se quisiera mostrar (“prefiero verme desnucada antes que se me vea uno”), amenazaban con escaparse en cualquier momento. Esa advertencia de sorpresa, que debía ser producida, funcionaba como una suerte de confirmación de una norma sexo-genérica de fundamentos biologicistas. Los espectadores estallaban en risa, en tanto aquella mujer trans nunca podría librarse de esta adjetivación.

Al finalizar la obra, Marcela juzgó de mal gusto la insistente referencia de Lizy sobre su (supuesta) anatomía masculina. Marcela, la reina de VCP, conocía las reglas del decoro. Ella contaba con un acervo de técnicas que

---

<sup>4</sup> Michel Foucault en sus estudios sobre sexualidad, escribía refiriéndose a las prácticas paganas y aquellas desarrolladas durante el cristianismo temprano: “La sexualidad está ligada, de manera singular y compleja al mismo tiempo, tanto a la prohibición verbal como a la obligación de decir la verdad; de esconder lo que se hace, como de describir lo que se es.” (FOUCAULT, 1999, p.443). En este caso también se da un juego entre lo que debe esconderse y lo que debe exponerse, pero siguiendo las formas narrativas de Foucault, esta vez deberíamos decir que aquí se tenía la obligación de decir la verdad, anunciar lo que se esconde y describir lo que se es.

le otorgaban conocimiento suficiente para saber que, para pertenecer a la realeza, debía actuar con una feminidad indiscutida. Marcela admitía la enunciación de sus genitales en caso de necesitarlos para trabajar, y así cumplir con sus deberes de madre y alimentar a sus hijos. Podemos pensar que Lizy también los nombraba porque estaba trabajando. Pero esto no era reconocido así por Marcela. Las sustancias con las cuales estas mujeres se transcorporalizaban eran genitales, verdades, escondites, sorpresas, risas y dinero. Mostrar, ocultar, o mostrar ocultando, eran operaciones realizadas o juzgadas de acuerdo a las circunstancias y según un régimen de valores morales, que en el caso de nuestras protagonistas, tenían el respeto a la madre como valor fundamental.

### Técnica para respetar

A lo largo del show Lizy contaba divertidas anécdotas familiares, entre las cuales relataba que su madre, una mujer malvada que iba a tomar sol a la tumba de su esposo, casi mata a su abuela hemipléjica con un palo queriendo salvarla de un electrocutamiento. Hacia el final de la obra, Lizy cambió su vestido de encaje azul por una bata brillante. Una luz tenue se focalizó sobre ella. Con una voz agudizada, la actriz ofrecía un relato en favor de la familia como valor estable fundamental que ordena los sentidos de la existencia, Lizy decía “*amo la familia*”.

La persistencia de la familia como valor primordial se acompañaba por la defensa de un conjunto de prácticas que aparecían al mismo tiempo como ajenas e integradas. Mientras la actriz afirmaba el respeto por este lazo social institucionalizado, también expulsaba otro valor fundamental: el respeto por “la diferencia”, que era encarnada según Lizy por “trans, boliviano, negra, mogólico, fea”. La técnica transcorporal de promover valores, específicamente en defensa de la familia y “la diferencia”, se construía en el uso de otras que consistían en agradecer al padre y amar a la madre, convertirse en esposa sin bendición, cuidar a los niños y educarlos para un mundo inclusivo.

Hacia el final del show la actriz, con voz suave, dijo:

*Yo sé de qué se trata la verdadera discriminación, por eso les agradezco a todos ustedes que hayan venido, fuerte el aplauso de ustedes para ustedes mismos [aplausos]. Que tengan un 2016 fabuloso, lleno de trabajo, de amor, de dinero, de salud [...] Antes de irnos le quiero dedicar este show a mis padres, al hombre más maravilloso de mi vida, un hombre que sin ser mi padre biológico se hizo cargo de mí y de mi mamá, nos enseñó qué*

*significa una familia, nos enseñó lo que significa el amor de un padre. Y a mi mamá, a la mujer más maravillosa de mi vida, como seguramente la de ustedes lo es para ustedes, una madre que ha hecho muchísimos sacrificios por mí. Yo nací en el chaco en los setenta, en una época donde ser madre soltera era muy difícil, donde te hacía abortar o cuando nacía la criatura la regalaban. Y para que eso no suceda, mi mamá, valientemente, con la ayuda de las enfermeras, fue a Resistencia. Se tomó un bondi para empezar una nueva vida en Buenos Aires, lejos de su familia, teniendo que olvidarse de su familia, su historia. Una mamá que me enseñó a sembrar en una tierra muy hostil en aquel entonces, y ahora cuando volví para disfrutar con ella todo lo que había cosechado, ya no estaba. Había partido después de una agonía de cinco meses en los que le dije cuánto la amaba, cuánto estaba orgullosa de ella, le pedí perdón por haber tenido vergüenza por haber sido hija de una mucama [...].*

Siguiendo su relato vemos cómo Lizy iba a ser “regalada”, pero gracias a lo acontecido en Resistencia, permaneció con su madre que nunca pudo ver “los frutos que ella cosechó en tierra hostil”. Además de agradecer los “sacrificios” entregados por sus padres, y en especial de agradecer eternamente a la madre que nos dio la vida, los espectadores se entregaban aplausos a sí mismos de manera colectiva por haber ido a ver a una actriz trans que conocía la “verdadera discriminación”.

Lo que Marcela rescató del show fue el final de reconocimiento y homenaje a los padres. En este sentido, nuestra interlocutora también recordó a sus propios padres durante buena parte de la velada, con orgullo y amor. En una de las entrevistas, emocionada, contó: “Yo cuidaba mucho de mi madre, yo la adoraba a mi madre. Mi madre era todo para mí. Mi madre era todo para mí... [Se larga a llorar] pero el maquillaje, lo estoy cuidando porque se corre... no hablemos porque se corre el maquillaje”.

Marcela llevó aquella noche el álbum fotos de su casamiento. Las cenizas de su difunto marido descansaban arriba de la cómoda de su cuarto, acompañadas por su rosario y un altar, que aquella misma noche nos mostró junto a las gallinas en su patio, cuando regresamos del teatro. Recordó el casamiento con su esposo Luis: “El primer hombre que tuve en mi vida fue Luis. Con él me casé, hice el casamiento, fue un casamiento secreto”. La vida de Marcela guardaba numerosos secretos: el del aloe vera no era el único.

Lizy pensaba en la posibilidad de casarse según dijo en una entrevista. Le gustaría una boda como una princesa de un cuento de hadas y comer choripanes, porque no quería dejar de ser “ella misma”. La princesa, otro

rango de la realeza próximo a la reina, era un lugar casi usurpado frente a la cultura argentina, varonil y popular del choripán. Como es “creyente” le gustaría una bendición de la iglesia, pero no la pediría porque sabía que se la negarían.

Marcela consideró que el show de Lizy no era adecuado para niños. Aquella madre que había llevado en su cartera el álbum familiar con fotos de sus hijos, argumentó que las temáticas abordadas en el espectáculo eran poco apropiadas para menores. Luego de dar vueltas por el suelo, Lizy -haciendo referencia a un niño en la sala- dijo: “qué horror, la pobre criatura traumada”. Cuidar a los niños incluía técnicas como llevar sus fotos, protegerlos de gestos y temas inapropiados para su edad y alimentarlos como actividad prioritaria de una madre. Recordemos que Marcela tuvo que dejar de tomar hormonas porque, además de afinarle la voz, también le disminuía su potencia sexual, lo que le imposibilitaba trabajar.

Lizy defendía una nueva educación más inclusiva, “porque ahora las parejas jóvenes aprendieron a educar a sus chicos en un mundo mucho más inclusivo. Tiene que ver con el respeto a la vida y el respeto por las diferencias del otro”. Para ella antes “era diferente, te decían portate bien o va a venir el boliviano”. Lizy cuenta en el show: “en mi época decíamos mogólico, uno no tenía noción de la barbaridad que estaba diciendo, por suerte es una palabra que salió de circulación y nosotros mismos nos dimos cuenta que es una palabra horrible (...) sin ir más lejos yo soy una mujer trans, blanca [se da un beso en el hombro] con voz de negra, negra, negra, viste esa negra que entra y decís, guardá todo por favor”. Lo que para Marcela era inapropiado para Lizy era educación en buenos valores (inclusivos).

En este apartado pudimos ver cómo las técnicas transcorporales consistían en promover el respeto por la familia y la diferencia, agradecer al padre y amar a la madre que nos dio la vida, casarse como una princesa del choripán sin la cristiana bendición, cuidar a los niños, traumarlos con la diferencia y educarlos en un mundo inclusivo.

## **Cierre: Resistiré**

Luego de contar anécdotas de su vida, el espectáculo de Lizy terminaba con la canción “Resistiré”, un clásico del Dúo Dinámico. Este final subrayaba su lucha y resistencia contra las adversidades en su biografía.

A Marcela le “encantó” esa canción. Nos contó que ese tema musical sonaba para cerrar la noche en su legendario boliche. “Resistiré” reconocía la perseverancia en la lucha que permitieron convertir el drama de la actriz en una comedia pública. Sus últimas palabras en el show fueron: “Los últimos

diez segundos de mi vida serán para pedir: Dios amado perdón por los errores cometidos [Aplausos]”. Lizy, ante la presencia de dios, entrega sus errores a los espectadores que los reciben con aplausos. Comienza a sonar Resistiré:

*Quando sienta miedo del silencio, cuando cueste mantenerse en pie,  
cuando se rebelen los recuerdos y me pongan contra la pared,  
resistiré, erguida frente a todo,  
me volveré de hierro para endurecer la piel  
y aunque los vientos de la vida soplen fuerte  
soy como el junco que se dobla pero siempre sigue en pie  
resistiré, para seguir viviendo  
soportaré los golpes y jamás me rendiré  
y aunque los sueños se me rompan en pedazos, resistiré*

El show alentaba en el público el amor a la madre y la resistencia para sembrar en suelo yermo, aunque las cosechas lleguen tarde o no lleguen por una lluvia de carcajadas que no regó lo suficiente, o no lo hizo en el momento justo. La reina era un ejemplo de persistencia ante el dolor, dolor que ella supo convertir en vistosos vestidos, lucidos en el escenario, en la platea o en el antiguo ropero que Marcela nos abrió aquella noche. Las técnicas transcorporales en nuestra salida hicieron reinas, sorpresas, familias, diferencias, resistencias y algunos secretos que en este escrito serán revelados. Uno de ellos es que durante la función un alacrán injertó su veneno en el cuerpo de una de las pesquisadoras.

## REFERÊNCIAS

ALAIMO, S. **Bodily nature**: science, environment and the material self. Bloomington: Indiana University Press, 2010.

BRITO, A. Del. Lizy Tagliani: “Me discriminan más por fea que por travesti”. **Ciudad.com**, 10 mayo 2013. Disponible en: <<http://www.ciudad.com.ar/bla-bla-bla/105392/lizy-tagliani-me-discriminan-mas-fea-travesti#>>. Acceso en: 20 dic. 2016.

BUTLER, J. **El género en disputa**. Barcelona: Paidós, 2007.

EL DRAMA de Lizzy Tagliani y las cirugías: “Cuando era chica me puse implantes y se me cayeron”. **Infobae**, 17 oct. 2014. Disponible en: <<http://www.infobae.com/2014/10/17/1602492-el-drama-lizzy-tagliani-y-las-cirugias-cuando-era-chica-me-puse-implantes-y-se-me-cayeron>>. Acceso en: 20 dic. 2016.

DOUGLAS, M. **Pureza y peligro**: un análisis de los conceptos de contaminación y tabú. Buenos Aires: Nueva Visión, 2007.

FOUCAULT, M. Las técnicas de sí. In: FOUCAULT, M. **Estética, ética y hermenéutica**. Barcelona: Paidós, 1999. p. 443-474.

LIZY Tagliani superó el tabú y se animó a posar en bikini por primera vez. **TN**, 29 abr. 2015. Disponible en: <[http://tn.com.ar/show/escandalos/lizy-tagliani-supero-el-tabu-y-se-animo-a-posar-en-bikini-por-primera-vez\\_562413](http://tn.com.ar/show/escandalos/lizy-tagliani-supero-el-tabu-y-se-animo-a-posar-en-bikini-por-primera-vez_562413)>. Acceso en: 20 dic. 2016.

MAUSS, M. Las técnicas del cuerpo. In: MAUSS, M. **Sociología y antropología**. Madrid: Tecnos, 1979. p.335-356.

PRECIADO, B. **Manifiesto contrasexual**. Barcelona: Anagrama, 2011.

SCHECHNER, R. **Performance**: teoría & prácticas interculturales. Buenos Aires: Libros del Rojas, 2000.

SCHENEIDER, R. El performance permanece. In: FUENTES, M.; TAYLOR, D. (Org.). **Estudios avanzados de performance**. México: Fondo de la Cultura Económica, 2011. p.215-239.

SERRANO, R. **Nuevas tesis sobre Stanislavski**: fundamento para una teoría pedagógica. Buenos Aires: Atuel, 2004.



# UM OLHAR SOBRE A PRESCRIÇÃO E O USO DE RITALINA<sup>®</sup> POR JOVENS NO CONTEMPORÂNEO: ARTICULAÇÕES SOBRE CORPO, LIBERDADE, PODER E SUBJETIVIDADE

Mário Pereira BORBA

## Introdução

“o que disse dos remédios  
que me fazem andar com retidão  
por essa estrada?”  
Ayam Ubráís (2016).

Procuo lançar neste ensaio, de cunho exploratório, algumas questões em torno da prescrição e uso de Ritalina<sup>®1</sup> por jovens em via de concluir o ciclo escolar<sup>2</sup>, enquanto discuto articulações entre corpo, liberdade, poder e produção de subjetividade, seguindo inspirações na obra de Spinoza e de alguns autores que, de formas diversas, exploram essas articulações. Enveredo por formas de pensar, através dessa revisão bibliográfica, sobre investimentos corporais em torno da juventude, sobre como se constituem as tramas, pretensões e circunstâncias que propõem a prescrição e uso do referido psicoativo. Relacionado a esses investimentos, penso na expectativa de controle (através de fármacos) das fragilidades e potências do corpo, e ideais de ajuste diante da passagem por diferentes regimes produtivos, como os relacionados a uma performance satisfatória na escola.

Diante da realidade sugerida pelos cada vez mais populares diagnósticos de TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade), que culminam na prescrição de Ritalina<sup>®</sup>, procuro também trazer questionamentos sobre esses usos de substâncias em termos de autonomia ou heteronomia, que poderiam sugerir normatividades, liberdades ou uma espécie de governo das condutas. Exploro essas questões em diálogo com

---

<sup>1</sup> Referirei ao longo deste ensaio, o psicoativo cloridrato de metilfenidato por esse nome comercial, através do qual ele é mais conhecido no Brasil.

<sup>2</sup> Discussão que empreendo em minha pesquisa de doutorado, ainda em andamento.

as transformações e ficções farmacopornográficas descritas por Preciado (2008), apontando, na esteira do pensamento de Guattari (1990) e Rolnik (1997, 2011), para uma dimensão (molecular) de sensibilidade e desejo. Ou mesmo para formas de pensar sobre o que se passa nas diferentes instâncias de composições e experimentações em meio a esses investimentos (moleculares).

Tal como também sugerido por Guattari (1990, p.14):

A juventude, embora esmagada nas relações econômicas dominantes que lhe conferem um lugar cada vez mais precário, e mentalmente manipulada pela produção de subjetividade coletiva da mídia, nem por isso deixa de desenvolver suas próprias distâncias de singularização com relação à subjetividade normalizada.

No pensamento desses autores estão sugeridos, de formas diversas, dispositivos de produção de subjetividade; Guattari (1990) vai falar em “usinagens” capitalísticas, Preciado (2008) em uma indústria farmacopornográfica. Recupero aqui essas discussões para pensar sobre a forma como a medicalização de jovens, por exemplo, incide nesse encontro nos corpos em um regime produtivo.

Nessa direção, e inicialmente, vale recuperar a famosa sentença de Foucault (2002, p.29): “[...] alma, prisão do corpo.”, que evidencia esta dimensão imaterial, onde se articulam efeitos de poder. Uma alma sócio-histórica, funcionando enquanto um “[...] elemento prático-discursivo de desenvolvimento e produção de formas que se aglutinam e se inscrevem no corpo, [...] **depositante histórico de verdades** que visam a um acesso direto sobre os corpos.” (FURLAN; SILVEIRA, 2003, p.187, grifo do autor). Apontando ainda para formas de pensar o corpo nos diferentes encontros, Furlan e Silveira (2003) entendem que a corporeidade faz aparecer múltiplos defrontamentos, nas suas variadas conformações, onde registra esses embates; também na antecipação de articulações futuras, de novas disposições dos corpos, em termos de submissão ou resistência.

Assim, podemos pensar a prescrição e o uso de substâncias como a Ritalina® em contextos educacionais como uma entrada para refletir sobre essas novas disposições estratégicas dos corpos e das almas no contemporâneo, inquirindo sobre que corpo é produzido e demandado nesses encontros e embates, diante de um investimento tecnocientífico sobre a plasticidade da subjetividade, conforme veremos. Mas ainda antes de enveredar pela discussão de novas formas de incidência de poder sobre a subjetividade, tendo como foco o corpo enquanto produção ou capital, recupero sin-

teticamente alguns pontos de deslocamento no pensamento de Spinoza (1973), quando pensa sobre o que pode um corpo, tomando-o através do movimento de afetos e encontros. Apresento aqui, abreviadamente, alguns desses deslocamentos (recuperados não só de sua principal obra, a *Ética*, mas por um apanhado de inspirações, notas e correspondências em outros autores que levam adiante esse pensamento, como Michel Foucault, Cláudio Ulpiano, Suely Rolnik, Peter Pál Pelbart e, principalmente, Gilles Deleuze) para recuperá-los mais à frente, procurando formas de investigar (e atualizar) a relação com o próprio corpo como prática de liberdade ou controle (em meio a diferentes incitações e constrangimentos), diante dessa espécie de claustrofobia da subjetividade capitalística ou dos investimentos farmacopornográficos, tal como propostos por Guattari (1990) e Preciado (2008), respectivamente.

### Sobre o corpo em Spinoza

Um corpo, nas proposições de Spinoza (1973), é definido por seu poder de afetar e ser afetado, e por suas relações de repouso e movimento. Explorando essas duas proposições fundamentais, Deleuze (2002) identifica que essa última (proposição cinética) estabelece que um corpo não se define por formas. As formas dependeriam de relações de velocidade e lentidão. A vida, assim, é concebida não a partir de formas, mas do movimento, como relação entre velocidades, “[...] uma composição de velocidades e lentidões num plano de imanência” (DELEUZE, 2002, p.128), através do qual “[...] a gente desliza entre as coisas [...] a gente se conjuga com outra coisa: a gente nunca começa, nunca se recomeça tudo novamente, a gente desliza por entre, se introduz no meio.” (DELEUZE, 2002, p.128).

Essa forma de pensar faz lembrar as alterações de ênfases propostas por Ingold (2012) em torno de sua ideia de *meshwork* (conceito que o autor desenvolve em contraposição a formulação de *network* tal como desenvolvida na chamada teoria ator-rede), especialmente onde este recupera o pintor Paul Klee quando sentencia que a forma é o fim. O autor busca uma ontologia que dê primazia aos processos de formação das coisas e à capacidade geradora da vida ao invés do produto final (a forma), ao sugerir seguir a itinerância nos fluxos e pensar a vida em termos de *ecceidade* (DELEUZE; GUATTARI, 1997) no lugar de esquemáticas interações e abduções de agência que apagariam a vida, e reduziriam as coisas (em aberto, que remetem a movimento e permeabilidade) a objetos (fechado, um fato consumado, que remete a contrastividade). Esse modo de pensar proposto pelo autor sugere uma dimensão de improvisação e criatividade.

Nos percursos terapêuticos de jovens diagnosticados com TDAH, por exemplo, para além do itinerário teleológico entre transtorno e remédio, enquanto formas e objetos, haveria uma itinação (criativa) nos encontros, na composição de improvisações e conjugações entre substâncias, lugares, expectativas, afetos; acontecimentos que se entrelaçam.

Para Spinoza (1973), a velocidade e a lentidão das percepções, ações e reações se entrelaçam para constituir o indivíduo no mundo. Levando adiante essa aproximação, poderíamos pensar – no contexto dessas itinações (cujo movimento traz à tona as coisas) que participam do *meshwork* – no ambiente sem objetos (AsO), tal como descrito por Ingold (2012). Neste AsO, o autor sugere o que seria pensar através da permeabilidade das coisas no lugar da contrastividade dos objetos, inspirado no movimento do pensamento de Heidegger sobre o “acontecer” das coisas, propondo-as como o lugar onde os acontecimentos se entrelaçam, como um parlamento de fios tecidos através do mundo. Seguir antropologicamente essas coisas seria seguir esse acontecer.

De acordo com aquela primeira proposição de Spinoza (1973), não se define um corpo, então, por sua forma, mas por seu poder de afetar e ser afetado, por seus modos (proposição dinâmica). No pensamento do filósofo, não faria sentido pensar em corpo e alma como separados. Deleuze (2002) identifica que uma das teses mais célebres de Spinoza (1973) é conhecida por paralelismo:

[...] ela consiste apenas em negar qualquer ligação de causalidade real entre o espírito e o corpo, mas recusa toda eminência de um sobre outro. Se Spinoza recusa qualquer superioridade da alma sobre o corpo, não é para instaurar uma superioridade do corpo sobre a alma, a qual não seria mais inteligível. A significação prática do paralelismo aparece na inversão do princípio tradicional em que se fundava a Moral como empreendimento de dominação das paixões pela consciência: quando o corpo agia, a alma padecia, dizia-se, e a alma não atuava sem que o corpo padecesse por sua vez [...]. Segundo a **Ética**, ao contrário, o que é ação na alma é também necessariamente ação no corpo, o que é paixão no corpo é por sua vez necessariamente paixão na alma. Nenhuma preeminência, pois, de uma série sobre a outra. (DELEUZE, 2002, p.24, grifo do autor).

Assim, ele é lembrado (e foi excomungado) por romper com a referência a uma alma transcendental ou a um Deus/soberano/juiz/criador. Ele postula que os homens seriam constringidos por forças externas, por encontros e

paixões, e que dependeriam dessas forças externas para agir. A questão do filósofo é investigar as possibilidades de liberdade – grosso modo, a vida sem servidão, ou seja, produzida por si mesma, como causa ativa contra os constrangimentos. Em Spinoza (1973), a natureza seria como a exposição de um plano comum de imanência em que estão todos os corpos, “[...] esse plano de imanência ou de consistência não é um plano no sentido de desígnio no espírito, projeto, programa, é um plano no sentido geométrico, seção, interseção, diagrama.” (DELEUZE, 2002, p.127). O plano de imanência é um plano de composições, que não são pensadas em termos de formas, mas de ritmos; onde, como sugere Deleuze, “[...] não há sujeito, mas apenas estados afetivos individuantes da força anônima.” (DELEUZE, 2002, p.133).

Levando esse pensamento adiante, Deleuze e Guattari propõem pensar o maquinismo de um corpo em um plano de consistência (de agenciamentos infinitos) em termos de longitude e latitude. Dizem eles:

Chama-se longitude de um corpo os conjuntos de partículas que lhe pertencem sob essa ou aquela relação, sendo tais conjuntos eles próprios partes uns dos outros segundo a composição da relação que define o agenciamento individuado desse corpo. (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p.36).

A latitude estaria relacionada aos afetos de que ele é capaz, “[...] a latitude é feita de partes intensivas sob uma capacidade, como a longitude, de partes extensivas sob uma relação.” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p.36). O paralelismo e essa espécie de etologia dos afetos são chaves interessantes por onde pensar a produção de subjetividade nessa articulação com a medicalização, ou com novas tecnologias da alma, conforme veremos.

### **Corpo e subjetividade como capital investido no capitalismo contemporâneo**

Recuperando algumas elaborações sobre transformações contemporâneas do capitalismo, procuro pensar aqui sobre a transformação concomitante das formas de incidência de poder sobre o corpo, tal como sugerido principalmente por Deleuze (2010), Foucault (2010, 2012) e Preciado (2008). Essas transformações sugerem articulações entre novas formas de se relacionar com o corpo e de produção de subjetividade.

A possibilidade de investir nas capacidades do corpo (longitude e latitude) e na sensibilidade, sugere uma maior liberdade individual – se considerarmos o vasto escopo de disposições e investimentos com relação ao corpo,

Um olhar sobre a prescrição e o uso de Ritalina® por jovens no contemporâneo: articulações sobre corpo, liberdade, poder e subjetividade

como no fluxo de imagens e nas ofertas de ajustes farmacológicos de um discurso tecnocientífico. Mas, recuperando um pensamento de Bauman, sobre a elaboração do corpo enquanto potencialidade na sociedade líquido-moderna, poderíamos inicialmente ponderar que essa “[...] impressão de liberdade ampliada seja apenas um polimento no que de fato é um conjunto modificado de necessidades.” (BAUMAN, 2009, p.119).

O uso da Ritalina® no contexto escolar, por exemplo: podemos pensá-lo como uma forma de investir sobre o corpo enquanto filtro da percepção e operador de um ajuste, que sugere uma regulação das formas como as demandas são vivenciadas, ou mesmo uma espécie de governo das condutas, que serviria para afinar a sensibilidade aos regimes de atenção e cognitivos tradicionalmente relacionados ao êxito na escola. Em uma direção parecida, Preciado, em um momento da sua discussão, propõe pensar se:

*[...] lo que queremos es cambiar el mundo para experimentarlo con el mismo sistema sensorial que ya tenemos o si es preciso cambiar el cuerpo como filtro de la percepción a través del que pasa el mundo.* (PRECIADO, 2008, p.159).

Quando Foucault (2002, 2010, 2012) progressivamente observa – comentando sobre as formas do poder atuar sobre os corpos e sobre a sexualidade – operações fundamentais entre poder e saber, ele aponta para uma transformação nos modos de controle sobre o corpo: deixa-se gradativamente de reconhecer variações sobre formas de controlá-lo por via da repressão, mas cada vez mais pela estimulação e pela incitação. Ainda que seja lembrado mais por suas clássicas descrições dos corpos dóceis investidos e produzidos sobre uma tecnologia disciplinar – corpos que rendiam nas esteiras de produção, aplainados em tempo e espaço, arranjos meticulosos que aprisionavam as possibilidades de criação ou de devir, reduzindo-as à repetição e reprodução – o autor aponta para uma sobreposição dessa tecnologia nessa transição. Ele esmiúça essas aterradoras produções (entre poder, corpo e subjetividade) no clássico *Vigiar e punir*: os regimes disciplinares, sob o paradigma do enclausuramento, com suas aparelhagens discursivas e não discursivas, reconhecidas em prisões, escolas, fábricas. Mas observa que:

*[...] depois, a partir dos anos 1960, percebeu-se que esse poder tão rígido não era assim tão indispensável quanto se acreditava, que as sociedades industriais podiam se contentar com um poder muito mais tênue sobre o corpo. Descobriu-se, desde então, que os controles da*

sexualidade podiam se atenuar e tomar outras formas... Resta estudar de que corpo necessita a sociedade atual [...] (FOUCAULT, 2012, p.238).

De que corpo necessita a sociedade atual? Podemos lançar esta pergunta olhando para as tramas que envolvem investimentos sobre os jovens, indagando sobre o que está colocado enquanto expectativa em torno deles (estimulações), sobre modos de se fazer sujeito, sobre o que se espera deles nas formas como seus corpos são mobilizados e, por vezes, medicalizados. Interessa-me aqui lançar questões – a partir da “direção” dessa transição apontada pelo pensamento de Foucault e, de diferentes formas, atualizada por outros autores – sobre o que está em jogo nisso, em termos de investimentos. Entendendo que esses modos de se fazer sujeito são sempre processos sociais e históricos, e que:

[...] não existe sociedade que não seja feita de investimentos de desejo nesta ou naquela direção, com esta ou aquela estratégia e, reciprocamente, não existem investimentos de desejo que não sejam os próprios movimentos de atualização de um certo tipo de prática e discurso, ou seja, atualização de um certo tipo de sociedade. (ROLNIK, 2011, p.58).

Preciado diria, por exemplo, que as torres de vigilância das prisões ou o próprio panóptico seriam substituídos pelos olhos da consumidora dócil de uma pílula anticoncepcional (um panóptico comestível, paradigmático da era farmacopornográfica), “[...] *que sin necesidad de mirada exterior, regula su propia administración siguiendo el calendario espacial propuesto por la plaqueta circular o rectangular.*” (PRECIADO, 2008, p.135). As punições seriam substituídas por promessas de liberdade tais como a emancipação sexual da mulher. Preciado (2008) considera, nesse sentido, que as centenas de milhares de doses de progesterona e estrogêneos administradas como anticoncepcionais às bio-mulheres em idade reprodutiva, os milhões de estômagos de terceira idade recobertos de Omeoprazol®, a candura sintética dos músculos dos fisiculturistas, assim como a orientação internacional da produção, consumo e falsificação de Viagra®:

[...] *puede enseñarnos más sobre la producción de valor excitación-frustración-excitación en la sociedad postfordista que todos los tratados de economía clásica con su hipócrita noción de trabajo como producción mercantil.* (PRECIADO, 2008, p.187).

Em uma direção relativamente parecida (por registrar a articulação da indústria farmacêutica com marcas e valores midiáticos), Carneiro (2008) reflete sobre submissões que ameaçariam a capacidade criativa enquanto questiona sobre a autonomia ou heteronomia na condução de si por meio das auto-medicações da alma:

[...] por um lado, as indústrias farmacêuticas e as corporações médicas, zelosos de suas prerrogativas de quase monopólio sobre a pesquisa, a produção e o uso dos psicofármacos e, por outro lado, coligada a estas últimas, a relação “toxicomaniaca” estabelecida pelo ideal do marketing com todas as suas mercadorias, “fetichizadas” como objetos de aquisição compulsiva e elevadas à condição “totemizada” de marcas cristalizadoras por valores de hiperconsumo emulativo e pletórico. Os modos excessivos e auto-destrutivos de consumos de fármacos [...] nas formas “viciadas”, “aditivas” ou “toxicomaniacas” são apenas modalidades de uma atitude generalizada na época do capitalismo tardio, da reificação ou coisificação humana nos objetos investidos de valores financeiros supremos que demandam compulsivamente a sua adoração como uma imolação sacrificial perdulária no altar do capital. (CARNEIRO, 2008, p.77).

Em face disto, podemos pensar sobre a experimentação no espaço do que está prescrito ou sugerido, como no consumo recreativo (ou para fins não-médicos, por assim dizer) de Ritalina® ou dos hormônios comercializados na forma de medicamentos (tal como desenvolvido por Preciado (2008)). Invisto aqui mais em aprofundar um pouco esse olhar sobre o consumo dessa substância, o qual parece potente para lançar e explorar as questões que vislumbro, em torno do que é vivenciado enquanto investimento diante dos mundos que se apresentam para um jovem no momento em que está por cumprir com o ciclo escolar. Nessa articulação é interessante pensar em uma medicação prescrita para o tratamento de um transtorno ter seu uso intensificado (ou retomado) na véspera de provas ou concursos importantes (como na preparação para o vestibular, por exemplo). Pensando em termos de que agenciamentos e afetos são mobilizados pelos corpos nesses vir a ser, podemos ponderar nessa aproximação (o uso de Ritalina® nessa etologia dos afetos) que esse uso (entre a prescrição e a autonomia na experimentação, nesse encontro com a substância) poderia sugerir a condução do corpo pela insegurança, ou mesmo a canalização de certas formas de subjetividade, a partir de determinados juízos, como sob aspectos das ideias de sucesso, inteligência ou beleza (remetendo também

aqui a usos do medicamento enquanto moderador de apetite<sup>3</sup>). Nesse âmbito o pensamento de Spinoza (1973) também é instigante, uma vez que questiona sobre a liberdade em meio aos constrangimentos e as coações que concebemos enquanto instâncias de juízos.

Vale acrescentar aqui um comentário de Pelbart sobre os fluxos imateriais que incidem sobre a subjetividade no capitalismo atual:

Nunca a obsessão de Guattari de que a subjetividade está no coração da produção capitalística fez mais sentido do que hoje. Com um adendo que Guattari já deixava entrever: não só a subjetividade está nas duas pontas do processo, da produção e do consumo, mas a própria subjetividade tornou-se 'o' capital. [...] vale insistir: quando dizemos que os fluxos imateriais afetam nossa subjetividade, queremos dizer que eles afetam nossas maneiras de ver e sentir, desejar e gozar, pensar e perceber, imaginar, viver, isto é, suas formas de vida. Em outras palavras, esses fluxos imateriais têm por conteúdo formas de vida e nos fazem consumir formas de vida. (PELBART, 2011, p.147).

Preciado (2008) aponta em uma direção parecida para a relação dos investimentos de controle na produção de subjetividade, no que sugere como um novo tipo de capitalismo *caliente, psicotrópico y punk*, destacando transformações de investimentos sobre a sexualidade que evidenciam a articulação de um conjunto de novos dispositivos microprotéticos de controle da subjetividade com novas plataformas técnicas, biomoleculares e midiáticas. O interessante de destacar inicialmente, nessa aproximação, é que ele salienta os investimentos **sobre o corpo** na complexidade dessas produções, dizendo que:

*El cuerpo en la era farmacopornográfica no es una materia pasiva, sino un interfaz tecno-orgánico, un sistema tecno-vivo segmentado y territorializado por diferentes modelos políticos (textuales, informáticos, bioquímicos). No hay aquí sucesión de modelos que serán superados históricamente por otros, ni rupturas, ni discontinuidades radicales, sino simultaneidad inconexa, acción transversal de varios modelos somatopolíticos que operan y constituyen, siguiendo diversas intensidades, diversos índices de penetración, diversos grados de efectividad en la producción de la subjetividad.* (PRECIADO, 2008, p.94).

---

<sup>3</sup> Barros (2009) comenta sobre essa modalidade estética entre os usos não-médicos dessa substância.

Um olhar sobre a prescrição e o uso de Ritalina® por jovens no contemporâneo: articulações sobre corpo, liberdade, poder e subjetividade

Preciado (2008) se aproxima mais da abordagem que vislumbro, ao apontar para transformações do corpo enquanto um capital investido. O corpo aparece, nessa elaboração do autor (utilizo o gênero masculino para referir Preciado aqui, remetendo a Paul, ainda que *Testo Yonqui* seja ainda assinado como Beatriz) como alvo de investimentos e controles em uma espécie de limiar entre o material e o imaterial, como um laboratório. A partir dessa experimentação, o autor projeta questões sobre uma ontologia do corpo, sobre a atualidade e os limites do controle sobre a vida em novas formas de governamentalidade do vivo nessa era farmacopornográfica. Assim como Foucault (2010) – quando ressalta o corpo investido como depositário de verdades, alvo e instrumento de investimentos –, Preciado (2008) também especula sobre tecnologias do poder através de suas transformações. Mas, para ele:

*Ya no se trata ni de castigar las infracciones sexuales de los individuos ni de vigilar y corregir sus desviaciones a través de un código de leyes externas, sino de modificar sus cuerpos en tanto que plataforma viva de órganos, flujos, neurotransmisores y posibilidades de conexión y agenciamiento, haciendo de estos al mismo tiempo el instrumento, el soporte y el efecto de un programa político. Ciertamente, estamos ante una forma de control social, pero de <<control-pop>>, por oposición al control frío y disciplinario que Foucault había caracterizado con el modelo de prisión de Jeremy y Samuel Bentham, el panóptico. (PRECIADO, 2008, p.133).*

Esse “controle pop” confundiria a liberdade com o controle social, como no caso da pílula anticoncepcional enfatizado pelo autor: liberdade ou controle sobre a sexualidade da mulher? Ele esmiúça um novo patamar de intervenções e agenciamentos desse corpo investido, onde a “natureza” está em questão o tempo todo.

## **Práticas ascéticas e novas referências na produção do corpo**

Levando adiante essa questão, podemos pensar um pouco sobre o modo como o corpo é convocado e posicionado nessa elaboração farmacopornográfica diante de práticas (de liberdade, na elaboração de Foucault (2004)) decorrentes das ascetes clássicas (gregas) e da época helenística, que incluíam no trato com o corpo muitas vezes um regime estrito de regamentos e abstinências. As práticas de ascese dão o que pensar nessas transformações corporais, tal como inclusive experienciadas por Preciado (2008), com a ingestão hormonal contínua fazendo explodir os limites do gênero, entre

homem e mulher. Entendo, juntamente com Ortega, que a ascese implica em um processo de subjetivação:

[...] o asceta oscila entre uma identidade a ser recusada e outra a ser alcançada [...] a subjetividade desejada representa para o asceta a verdadeira identidade para a qual se orienta o trabalho ascético. (ORTEGA, 2008, p.20).

O corpo é posicionado entre extremos envolvidos na concepção da ascese, mas, principalmente, sob o viés de uma produção de liberdade a partir da relação consigo, de um cuidado de si (FOUCAULT, 2004) como prática de liberdade.

Esse exercício reflexivo poderá lançar algumas luzes sobre naturalizações e mutações de regimes sobre o corpo e nos modos como ele é situado na experiência de si atualmente. Em sua experimentação solitária com aplicações de TestoGel® (testosterona em gel), Preciado (2008) embarca em um agenciamento que sugere questões sobre identidades mas que não tem um fim estabelecido: do âmagos desses investimentos farmacopornográficos (seria possível pensá-los enquanto forças externas, naquela dinâmica da liberdade tal como explorada por Spinoza, 1973), ele/ela força os limites do corpo, como invenção e experimentação, no sentido de produzir o novo a partir desses fluxos que passam pelo próprio corpo.

Foucault (2004) nos leva a entender o cuidado de si como prática de liberdade muito em virtude de uma atitude autônoma com relação a si mesmo – e aqui o corpo passaria a figurar, de certa forma, como um símbolo de controle sobre si, do poder sobre si mesmo –, como o princípio de um processo de preparação (cabe enfatizar seu aspecto inicialmente solitário) para a vida pública:

[...] parece-me que para os gregos como também para os romanos, a *áskesis*, em razão de seu objetivo final que é a constituição de uma relação de si para consigo plena e independente, tem essencialmente por função, por objetivo primeiro e imediato, a constituição de uma *paraskeuê* (uma preparação, um equipamento). E o que é essa *paraskeuê*? É, creio, a forma que os discursos verdadeiros devem tomar para poderem constituir a matriz dos comportamentos razoáveis. A *paraskeuê* é a estrutura de transformação permanente dos discursos verdadeiros – ancorados no sujeito – em princípios de comportamento moralmente aceitáveis. (FOUCAULT, 2004, p.394).

O exercício de uma relação consigo que aponta para os discursos de verdade enquanto matriz dos comportamentos e de independência: estaria aí algo que poderíamos chamar, com Foucault (2004), de liberdade. A liberdade, nos gregos, estaria estritamente vinculada a um cuidado de si, a essa relação com o corpo como um campo de batalha. Essa produção da liberdade na existência, recuperada nos gregos, apontaria para uma estética da existência, na produção da própria vida. E esse cuidado de si como prática de liberdade apontaria então para a imanência (tal como proposta por Deleuze e Guattari (1992)), possibilidades de movimentos e intensidades, ou seja, para transformações, devires, outros mundos e encontros possíveis.

Investindo nessa aproximação, entendo que a experimentação realizada no próprio corpo de Preciado (2008) remete às possibilidades de liberdade e a uma dimensão de autonomia. O autor, forçando alguns panoramas (como o das inscrições de gênero), leva-nos a pensar sobre o que poderíamos chamar, hoje em dia, de discursos de verdade, e como poderíamos supô-los, experimentá-los e vivê-los. E sobre a dinâmica entre as formas como um cuidado de si pode ser cooptado e canalizado (pela indústria farmacopornográfica, por exemplo) ou uma dimensão de liberdade e resistência (nas possibilidades em meio a ela). Em última instância, poderíamos pensar ainda naquelas questões sobre “o que pode um corpo?” ou, “de que corpo precisa a sociedade atual?”; quando, por exemplo, ele destaca a intensidade dos fluxos (farmacopornográficos) que nos açoitam ao mesmo tempo em que especula sobre uma *potentia gaudendi* em meio a eles, que seria um ponto de contato do corpo como uma plataforma política viva (relacionada ao prazer), ativada a serviço do capital, conforme veremos. Preciado (2008) aponta para os fluxos semiótico-técnicos que, sob o modelo farmacológico e pornográfico, atravessam as formas de viver no contemporâneo, investindo sobre o corpo. Nessa articulação, o corpo é investido a partir de referências múltiplas (hormônios, aprendizado, saúde, mulher, homem) que não cessam de se reinventar, através de convocações diversas. Ao lado do Viagra® ou da pílula anticoncepcional (paradigmática da dimensão fármaco das transformações apontadas pelo autor) aparece, nessa elaboração, a revista *Playboy* e o enxameamento dos fluxos imagéticos em torno desses investimentos pornográficos: o tratamento informático de signos e de transmissão numérica de comunicação que faz funcionar essa indústria.

Carneiro (2008) observa que as ciências modernas passaram a romper com um modelo de subjetividade voltado a essas ascèses clássicas, para além do modelo pedagógico e das técnicas relacionadas ao cuidado de si nos gregos, tal como comentadas por Foucault (2004), constituindo um novo sujeito. Observa que:

[...] no âmbito médico, entretanto, perdeu-se o significado da terapia como uma reflexão filosófica no exercício de se auto-conhecer, e delegou-se, cada vez mais, a um corpo de especialistas com um saber técnico inacessível, o poder de decidir sobre as dietas da alma na busca de uma vida feliz. (CARNEIRO, 2008, p.68).

O autor recupera a discussão de Sibilia (2004) sobre a possibilidade das “tecnologias da alma” criarem possibilidades tecno-demiúrgicas de produção de si mesmo, observando sua capacidade de ampliar por meios químicos a manipulação dos estados de ânimo e consciência, das capacidades cognitivas e afetivas. Nesse sentido, observa ainda que:

Os seus usos serão tão múltiplos como são variadas as idiosincrasias subjetivas numa gama que abrangerá sempre formas excessivas e carências abstinentes, numa dialética entre a pleonexia (consumo pletórico) e a anorexia. O que resta a debater é como administrar o arsenal de substâncias, o inventário de moléculas, a quem cabendo a determinação de prescrições e proscricões. (CARNEIRO, 2008, p.76).

Foucault (2004), tratando das tecnologias de si, propõe que há quatro grupos principais de “tecnologias”, cada um deles matriz de razão prática:

(1) tecnologias de produção, que permitem produzir, transformar ou manipular as coisas; (2) tecnologias dos sistemas de signos, que permitem utilizar signos, sentidos, símbolos ou significação; (3) tecnologias de poder, que determinam a conduta dos indivíduos e os submetem a certos fins ou dominação, objetivando o sujeito; (4) tecnologias de si, que permitem ao sujeito efetuar com seus próprios meios ou com a ajuda de outros, um certo número de operações em seus próprios corpos, almas, pensamentos, conduta e modo de ser, de modo a transformá-los com o objetivo de alcançar um certo estado de felicidade, pureza, sabedoria, perfeição ou imortalidade. (FOUCAULT, 2004, p.324).

O próprio autor salienta que esses quatro tipos de tecnologia dificilmente operam separadamente, e Carneiro conclui, com perspicácia, que no caso das tecnologias de intervenção na consciência ou no humor (destaco aqui especialmente a Ritalina®), imbricam-se as quatro tecnologias (de produção das coisas, linguagens ou signos, do poder e de si), afinal: “[...] drogas são formas de conhecimento e controle de si, autônomas ou heterônomas, com sistemas próprios de utilização na forma de signos, ritos e estilos e

Um olhar sobre a prescrição e o uso de Ritalina® por jovens no contemporâneo: articulações sobre corpo, liberdade, poder e subjetividade

são também moléculas físicas produtos de laboratórios e instrumentos.” (CARNEIRO, 2008, p.82).

### **Uma expectativa de microafinação tecnocientífica: a plasticidade da subjetividade espelhada em meios técnicos**

Voltando um pouco para as questões em torno dos investimentos corporais na juventude: quando remeto à escola (com seus projetos e margens) enquanto cenário de investimentos, pretendo também evidenciar e explorar as formas como ela, por assim dizer, interage ou conjuga investimentos e orientações entre processos de subjetivação contemporâneos. No complicado jogo travado, por exemplo, entre lógicas em torno da concentração (no que é colocado por ela), e entre exterioridades, encontros e descentramentos (com relação a ela enquanto espaço de preparação e aprendizagem). Cabe indagar sobre como a escola se situa, então, na produção de tipos de investimentos corporais sobre as formas de estar no mundo que configuram a complexa elaboração da saída da escola, sob diferentes fronteiras e juízos que a perspectiva dessa passagem possa envolver. Considerando que as escolas podem, em suas diferentes propostas, conceber de formas distintas a performance, o enaltecimento ou não do protagonismo, formas de conceber, valorizar e exercer a criatividade, por exemplo, não cabe homogeneizar a experiência escolar. Seria o caso de averiguar como diferentes valorizações ganham espessura em cada realidade empírica, em cada história, em cada escola. Procuo apenas destacar aqui, em uma elucubração mais ampla e genérica sobre transformações na experiência escolar, o tipo de transformação ou conflito entre valorizações e formas de produção de subjetividade. Para mencionar um exemplo:

Às vezes, diante de uma nota ruim obtida numa prova, os alunos procuram explicar ao professor o que realmente queriam expressar, algo que não teria sido corretamente compreendido pelo docente em sua leitura. Esse tipo de atitude também revela a mudança de estatuto da leitura e da escrita, já que o autor do texto não consegue se distanciar da palavra inscrita no papel, precisando interceder com o corpo e com a fala para respaldar o sentido do que tentou assentar por escrito. Isso também parece remeter a mudanças importantes na constituição da subjetividade. A era contemporânea estimula modos **performáticos** de ser e estar no mundo mais aptos a agir ante o olhar do outro, ou mesmo diante da lente de uma câmera (o reluzente universo da imagem), do que a se retraírem na sua própria interioridade

(o mais antiquado império da palavra). Assim, costuma ser mais fácil e eficaz pôr o corpo em cena para falar ou atuar, inclusive numa tela, ao passo que ler e escrever são tarefas tão solitárias quanto silenciosas. [...] Nessa divergência aloja-se também o problema da timidez como uma “falha” cada vez mais intolerável, que chegou a ser catalogada como uma patologia passível de tratamento neuroquímico. (SIBILIA, 2012, p.73, grifo do autor).

Nisso podemos pensar sobre essa expectativa de microafinação tecnocientífica, com tecnologias de controle das formas de ser e estar, como proposto no uso da Ritalina® diante das demandas por uma preparação e adequação com as formas de ser e estar na escola. E, a partir dela, questionar sobre esses modos performáticos, e sobre o investimento sobre a normalidade em torno do que é ser jovem, do que é a escola, e dos modos como diferentes demandas convergem no corpo enquanto plataforma.

Carneiro, discutindo certa plasticidade psíquica, diria sobre o uso de drogas psicoativas, por exemplo, que este evoca significados mais profundos do que simplesmente um hedonismo químico ou um uso como remédio psicoterapêutico,

[...] mas remete a uma crescente plasticidade da subjetividade humana que se espelha em diversos meios técnicos para buscar a alteração de si, dos estados de consciência, cognição, afetividade e humor. (CARNEIRO, 2008, p.77).

Se o consumo de Ritalina® envolve um fato psíquico, um déficit de atenção (TDAH), um excesso de introspecção ou de atividade, esse agenciamento provém e dá vazão a novas formas de expressão de si. Como sugere Guattari, há um espécie de encenação disposicional em torno disso:

A apreensão de um fato psíquico é inseparável do agenciamento de enunciação que lhe faz tomar corpo, como fato e como processo expressivo. Uma espécie de relação de incerteza se estabelece entre a apreensão do objeto e a apreensão do sujeito, a qual, para articulá-los, impõe que não se possa prescindir de um desvio **pseudonarrativo**, por intermédio de mitos de referência, de rituais de toda natureza, de descrições com pretensão científica, que terão como finalidade circunscrever uma encenação **disposicional**, um dar a existir, autorizando em “segundo” lugar uma inteligibilidade discursiva. (GUATTARI, 1990, p.19, grifo do autor).

Cabe lembrar da quantidade de termos oriundos da prática e dos manuais de transtornos psíquicos que aparecem em narrativas cotidianas, participando do que constitui a normalidade esperada de um regime escolar. Fala-se cotidianamente em transtornos de atenção, dislexias, bipolaridades, ansiedades, e essa casualidade, de formas diversas, circunscreve afetos. No dar a existir o TDAH com os seus tratamentos prescritos, haveria um investimento discursivo que permitiria encenar e articular as pretensões, falhas, correções e desejos. Preciado diria que a ciência é a nova religião da modernidade, “[...] *porque tiene la capacidad de crear, y no simplemente de describir, la realidad.*” (PRECIADO, 2008, p.33). Nessa direção podemos problematizar a manutenção do uso de substâncias pelos saberes-poderes psiquiátricos e médicos, que detém – dentro dos discursos sobre o tema das patologias, diagnósticos e tratamentos – a autoridade para prescrever, proscriver, positivar ou negatizar seus usos<sup>4</sup>.

Essas prescrições dialogam com uma espécie de “mito cientificista” que promete resolver de imediato, ou num futuro próximo, quase todos os nossos problemas. Sibilia comenta esse cientificismo, quando diz: “[...] sonhamos resolver tecnicamente todos os conflitos e ambicionamos tudo manter sob controle, graças aos feitiços – cada vez mais mágicos – da tecnociência.” (SIBILIA, 2011, p.640). Diante desse assédio, a arbitrariedade do acaso nos restaria perturbadora, já que: “[...] há – ou deveria haver, ponderamos – soluções técnicas para todos os nossos problemas, inclusive, para aqueles que ainda não se manifestaram, embora já latejem no imenso campo das virtualidades (SIBILIA, 2011, p.641).

Já Guattari, descrevendo a subjetividade capitalística, diz que tal como é engendrada por operadores de qualquer natureza, ela está manufaturada “[...] de modo a premunir a existência contra toda intrusão de acontecimentos suscetíveis de atrapalhar e perturbar a opinião.” (GUATARRI, 1990, p.34), e que:

Para esse tipo de subjetividade, toda singularidade deveria ou ser evitada, ou passar pelo crivo de aparelhos e quadros de referência especializados. Assim, a subjetividade capitalística se esforça pra gerar o mundo da infância, do amor, da arte, bem como tudo o que é da ordem da angústia, da loucura, da dor, da morte, do sentimento de estar perdido no cosmos... É a partir dos dados existenciais mais

---

<sup>4</sup> Fiore (2008, p.147) diria que “[...] os saberes médicos perpetuam uma de suas características principais que é a normatização dos comportamentos humanos, através da qual se estabelece uma linha divisória, nem sempre clara, entre a normalidade e a patologia.”

peçoais – deveríamos dizer mesmo infra-peçoais – que o CMI [capitalismo mundial integrado] constitui seus agregados subjetivos maciços, agarrados à raça, à nação, ao corpo profissional, à competição esportiva, à virilidade dominadora, à *star* da mídia... Assegurando-se do poder sobre o máximo de ritornelos existenciais para controlá-los e neutralizá-los, a subjetividade capitalística se enebria, se anestesia a si mesma, num sentimento coletivo de pseudo-eteridade. (GUATTARI, 1990, p.34).

Essas considerações de Guattari são instigantes para pensar sobre a incidência desse crivo de aparelhos e quadros de referência na escola (e para além da escola) no encontro da juventude com esses mundos e agregados subjetivos maciços convergindo em prescrições padronizadas contra existências e comportamentos (acontecimentos) passíveis de perturbações. A Ritalina® aparece, assim, como um agente de adequação nesse encontro, referendado por discursos de verdade (poderíamos pensar com Foucault (2010)) ou por quadros de referência especializados para um cuidado de si que incide sobre o corpo nos moldes do contemporâneo. Nesse sentido vale a pena mencionar o belo artigo de Vargas (2008) que propõe uma genealogia das drogas e que serve também como uma espécie de genealogia da compreensão (e concomitante naturalização e normatização) de um padrão (ou denominador) por onde pensar a relação dos corpos com a doenças e operá-las por intervenções químicas.

Sibilia (2004) aponta para certo impulso virtualizante característico e incitado pela tecnociência contemporânea, com sua pretensão de ultrapassar os limites materiais do corpo. Naquele imenso campo das virtualidades (dos problemas que ainda não se manifestaram) podemos reconhecer um deslocamento na medicalização: da doença ou transtorno que causariam alguma disfunção corporal para o medo de falhar ou a vontade de ultrapassar os limites, levando ao consumo de Viagra® ou Ritalina®, por exemplo. A autora indica que essa tendência, esse impulso virtualizante, sugere uma essência do corpo como pertencendo a uma dimensão informacional. Poderíamos pensar então no investimento sobre verdades do corpo, informações passíveis de serem decodificadas e controladas, como os níveis hormonais ou a química cerebral, para o humor, excitação, concentração e aprendizado.

### **Um corpo *prêt-à-porter***

Preciado levanta ainda a hipótese de que:

Um olhar sobre a prescrição e o uso de Ritalina® por jovens no contemporâneo: articulações sobre corpo, liberdade, poder e subjetividade

[...] *las verdaderas materias primas del proceso productivo actual son la excitación, la erección, la eyaculación, el placer y el sentimiento de auto-complacencia y de control omnipotente. El verdadero motor del capitalismo actual es el control farmacopornográfico de la subjetividad, cuyos productos son la serotonina, la testosterona, los antiácidos, la cortisona, los antibióticos, el estradiol, el alcohol y el tabaco, la morfina, la insulina, la cocaína, el citrato de sildenafil (Viagra) y todo aquel complejo material-virtual que puede ayudar a la producción de estados mentales y psicossomáticos de excitación, relajación y descarga, de omnipotencia y de total control. Aquí, incluso el dinero se vuelve un significante abstracto psicotrópico. El cuerpo adicto y sexual, el sexo y todos sus derivados semiótico-técnicos son hoy el principal recurso del capitalismo postfordista.* (PRECIADO, 2008, p.37).

O autor situa assim o corpo não apenas como lugar de intervenção ou como território de alguma verdade, mas como a própria produção atualizada no encontro com diferentes fluxos; ele chega a desdobrar o reconhecimento do corpo em ontologias escópicas ou imateriais. Estabelecer a assinatura de gênero de uma criança, por exemplo, depende de modelos de reconhecimento visual que se pretendem empíricos, onde significantes como cromossomos e genitálias aparecem como verdades científicas; uma ontologia escópica então, onde o real é o visível. O suporte de sentimentos “interiores” sobre ser homem ou mulher pertence a modelos radicalmente invisíveis, a uma ontologia imaterial, onde o real escapa a uma decodificação sensível, aos sentidos. Preciado nos coloca que:

*Si estos dos modelos pueden funcionar juntos es gracias a un bioplatonismo común que les sujeta, como tirando de ellos desde arriba. Habría de imaginar los ideales biopolíticos de la masculinidad y la femeneidad como esencias transcendentales elevadas desde las que cuelgan, en suspensión, estéticas de género, códigos normativos de reconocimiento visual, invisibles convicciones psicológicas que conducen al sujeto a afirmarse como masculino o femenino, como hombre o mujer, como heterosexual u homosexual, como bio- o trans-. Ni los criterios visuales que rigen la asignación de sexo en el nacimiento, ni los criterios psicológicos que hacen que alguien se considere <<interiormente>> como hombre o mujer tienen realidad material. Ambos son ideales reguladores, ficciones políticas que encuentran en la biosubjetividad individual su soporte somático.* (PRECIADO, 2008, p.85).

O investimento sobre a potência do corpo sob ideais reguladores remete a sua importância nessa ontologia escópica e imaterial, como um entre-

to visível entre aspirações e frustrações, em meio a essas ficções políticas que canalizam a produção de subjetividade e o cuidado com o corpo por meio de fármacos (a ideia de performance, virilidade, felicidade, diante da Ritalina®, Viagra® e Prozac®, por exemplo). Aparece aqui, em uma dimensão informacional, a convergência no corpo desses códigos normativos de reconhecimento visual, na produção de subjetividade, sugerida nessa complexa trama das ficções, como quando o autor especula sobre o corpo na pornografia, dizendo que seu valor masturbatório é diretamente proporcional a sua capacidade de comportar-se como uma fiascante fantasia abstrata. Consideração que faz lembrar o momento em que o cartógrafo-personagem (personagem conceitual cuja expedição cartográfica guia as investigações) de Rolnik descobre junto com um personagem de Hitchcock a experiência crucial de sua época: “[...] a simulação é a própria condição da vida.” (ROLNIK, 2011, p.100). O cartógrafo-personagem observa a violência com que as pessoas são expostas às maquinações do desejo, ao caráter de simulação das linguagens e à ambiguidade dessa simulação – onde a força de desterritorialização rapidamente conduz e culmina em uma intenção de se fazer reconhecer em uma nova hierarquia de sentidos e valores.

Nos termos de Rolnik (2011, 1997), nesses deslocamentos, que sugerem uma incidência do princípio identitário sobre os processos de subjetivação, haveria uma lógica de apropriação e desapropriação constante, característica das construções fugazes e necessariamente efêmeras das imagens. Seria possível pensar então em tramas e vertigens relacionadas à apreensão de não participar da construção da existência enquanto identidades *prêt-à-porter*, tal como sugeridas e estudadas por Rolnik (1997), isto é: identidades produzidas que flutuam ao sabor do mercado, na busca paradoxal de identificação e estabilização em algum modelo existencial e, ao mesmo tempo, de uma flexibilidade que permita orbitar o dinâmico mercado e evitar a exclusão; na busca de afinar o próprio corpo com os imperativos e ritmos do contemporâneo.

Assim, um corpo controlado, (leia-se) atento às diretrizes do gênero, comportamento, saúde, felicidade, sucesso, com todas as discrepâncias e contradições que podem circular em prescrições relacionadas a isso; um corpo empoderado na ascensão de um regime qualquer é o emblema de uma espécie de segurança. O corpo, assim, consome e é consumido (como já discuti em Borba, 2014); e Preciado (2008) magistralmente aponta para uma monstruosa núpcia entre a intensidade das imagens para consumos (sob a lógica e intensidade da pornografia) e a indústria farmacêutica. Ele vai dizer que a indústria pornográfica é para a indústria cultural e do espetáculo o mesmo que a indústria do tráfico de drogas ilegais é para a

Um olhar sobre a prescrição e o uso de Ritalina® por jovens no contemporâneo: articulações sobre corpo, liberdade, poder e subjetividade

indústria farmacêutica, seriam dois motores ocultos e marginais do capitalismo contemporâneo:

*El objetivo de estas tecnologías farmacopornográficas es la producción de una prótesis política viva: un cuerpo suficientemente dócil como para poner su **potencia gaudendi**, su capacidad total y abstracta de crear placer, al servicio de la producción de capital. (PRECIADO, 2008, p.90, grifo do autor).*

Preciado (2008) lança assim esse foco sobre a excitabilidade como potência de vida canalizada pelos estímulos, uma canalização imagética e técnica do desejo. É instigante o caminho de pensar esse trânsito de imagens canalizando processos de singularização ou subjetivação, através dessa chave de transformações corporais, como o consumo de próteses e remédios. Como sugere ainda o autor:

*[...] el éxito de la tecnociencia contemporánea es transformar nuestra depresión en Prozac, nuestra masculinidad en testosterona, nuestra erección en Viagra, nuestra fertilidad/esterilidad en píldora, nuestro SIDA en triterapia. Sin que sea posible saber quién viene antes, si la depresión o el Prozac, si el Viagra o la erección, si la testosterona o la masculinidad, si la triterapia o el SIDA. Esta producción en auto-feedback es la propia del poder farmacopornográfico. (PRECIADO, 2008, p.33).*

### **Considerações finais: sobre pensar através das coisas**

Percorrendo essas elaborações sobre transformações e investimentos da tecnociência no capitalismo contemporâneo percebemos a importância do corpo, em diferentes dimensões de práticas, relações e tecnologias, como procurei desenvolver ao longo desse ensaio. Pensando sobre a produção de subjetividade na articulação de fármacos como a Ritalina® com a produção e rendimento do corpo na escola, sugeri alguns deslocamentos que participam da encenação disposicional – como dizia Guattari (1990) – que dá a existir essas tramas de transtornos e remédios. Cabe observar que não pretendo negar a realidade do TDAH, mas sim aguçar a perspectiva sobre a complexidade desse fenômeno (medicalização na escola) para além da pragmática em que ele opera; pensar sobre os modos como comunica, por exemplo, com a expectativa de produção de um determinado resultado, de uma adequação, e projetar implicações nesse movimento de dar

forma a tudo isso. Essa complexidade aponta para transformações ainda por serem percebidas e elaboradas, e fica sugerida a potência de pensar a Ritalina® nesse *feedback*, percorrendo através dela, antropológicamente, as questões filosóficas lançadas ao longo desse ensaio: que corpo pede a sociedade atual?

Sugiro então a Ritalina® como uma questão e um ponto de partida, para seguir em torno dela os acontecimentos que se entrelaçam, como uma forma de lançar essas e novas interrogações sobre a produção do corpo na escola, sobre dispositivos de produção de subjetividade, autonomia e heteronomia, submissão ou resistências, experimentações e pretensões tecnocientíficas. Para propor essas questões, atentando para as implicações dessa proposta, convém recuperar ainda algumas considerações metodológicas de Henare, Holbraad e Wastell (2007). Podemos projetar então, pela chave das coisas que compõem os investimentos em práticas juvenis, uma forma de olhar sobre os encontros que participam da produção de subjetividade na escola.

Pensar através das coisas, como nas diferentes próteses e contenções ou estimulações químicas, implicaria, da perspectiva de Latour (2012), por exemplo, um foco na agência distribuída (entendendo que objetos têm agência), ou pensar sobre a proliferação de híbridos. Entre diversos atores humanos e não-humanos (para além daquele que detém o saber-poder oficial de diagnosticar e prescrever) seríamos capazes de traçar uma rede, sob o percurso sugerido pela teoria ator-rede, perguntando: o que age quando a Ritalina® é prescrita para um jovem diante de um diagnóstico relacionado a sua adaptação à escola?

Contudo Henare, Holbraad e Wastell (2007) entendem que a sugestão de pensar através das coisas deve ser principalmente metodológica, uma inclinação para investigar como as coisas emergem nos arranjos etnográficos, e não encará-las como uma fonte de dados e de controvérsias a serem multiplicadas através desses caminhos, como sugeridos na aplicação de uma teoria como a teoria ator-rede:

*For at the end of the day, Latour offers a new meta-theory whereby the inclusion of non-human/human hybrids portrays everything as a network of entities that breach the object/subject divide. We want to propose a methodology where the 'things' themselves may dictate a **plurality** of ontologies. Where he presents us with unifying, revisionist theory of things, we advocate a methodology that might generate a multiplicity of theories. It may be the case that not everything works like a network of hybrids. (HENARE; HOLBRAAD; WASTELL, 2007, p.7, grifo do autor).*

Um olhar sobre a prescrição e o uso de Ritalina® por jovens no contemporâneo: articulações sobre corpo, liberdade, poder e subjetividade

Os autores sugerem assim que as coisas ditem os termos de sua própria análise; e também, discernindo entre uma dimensão analítica e uma dimensão heurística, explorar em campo as coisas,

*Rather than going into the field armed with a set of pre-determined theoretical criteria against which to measure the 'things' one already anticipates might be encountered, it is proposed that the 'things' that present themselves be allowed to serve as a heuristic with which a particular field of phenomena can be identified, which **only then** engender theory. So, the difference between an analytic and a heuristic use of the term 'things' is that while the former implies a classificatory repertoire intended for refinement and expansion, the latter serves to carve out things (as an appropriately empty synonym for 'objects' or 'artefacts') as the field from which such repertoires might emerge. Analytics parse, heuristics merely locate. (HENARE; HOLBRAAD; WASTELL, 2007, p.5, grifo do autor).*

Considero que essas provocações são pertinentes enquanto uma ponderação final nesta articulação que procurei estabelecer aqui, no sentido também da possibilidade de abertura de questões nesse campo problemático. Reconhecer essas “coisas” (como medicamentos, por exemplo) em termos heurísticos implica não assumir a pretensão de autoridade para explicar conexões em uma experiência de campo, mas aceitar a existência dessas coisas e partir delas para lidar com as implicações teóricas desse engajamento proposto; e, a partir disso, eventualmente repensar fundamentos do nosso pensamento, como as dicotomias corpo e alma, interioridade e exterioridade, doenças e remédios. Ou seja, os esquemas de classificação que ordenam e operam sobre essas questões não seriam a pré-condição para analisar o que é percebido em campo, mas seriam produto desse encontro.

O pensamento de filósofos como Deleuze e Spinoza não foi convocado aqui para estabelecer um quadro prévio para organização dos arranjos desses processos de produção de subjetividade e investimentos sobre o corpo, mas para revolver fundamentos das formas de pensar, para situar e apontar uma dimensão de sensibilidade em meio a isso, que permita conceber esse engajamento e lançar novas questões. Sugiro assim que essas prescrições e usos podem ser pensados e seguidos em seus agenciamentos e itinerários, não cabendo pensá-los apenas sob formas estabilizadas que abreviem modos de produção de pretensões e desejos.

## REFERÊNCIAS

- BARROS, D. **Aprimoramento cognitivo farmacológico**: grupos focais com universitários. 2009. 120 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) - Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.
- BAUMAN, Z. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- BORBA, M. **Superfícies subjetivas**: proposições do corpo para consumos no discurso publicitário. 2014. 104 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.
- CARNEIRO, H. Autonomia e heteronomia nos estados alterados de consciência. In: LABATE, B.; et al. (Org.). **Drogas e cultura**: novas perspectivas. Salvador: Ed. da UFBA, 2008. p. 65-89.
- DELEUZE, G. **Conversações**. São Paulo: 34, 2010.
- DELEUZE, G. **Spinoza**: filosofia prática. São Paulo: Escuta, 2002.
- DELEUZE, G.; GUATARRI, F. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: 34, 1997. v. 4.
- DELEUZE, G.; GUATARRI, F. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: 34, 1992.
- FIORI, M. Prazer e risco: uma discussão a respeito dos saberes médicos sobre uso de drogas. In: LABATE, B.; et al. (Org.). **Drogas e cultura**: novas perspectivas. Salvador: Ed. da UFBA, 2008. p. 141-153.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2012.
- FOUCAULT, M. **A história da sexualidade**. São Paulo: Graal, 2010. (A vontade de saber ; v. 1).
- FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito**: curso dado no Collège de France (1981-1982). São Paulo: Martin Fontes, 2004.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- FURLAN, R.; SILVEIRA, F. Corpo e alma em Foucault: postulados para uma metodologia da psicologia. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 14, n. 3, p. 171-194, 2003.
- GUATTARI, F. **As três ecologias**. Campinas: Papirus, 1990.
- HENARE, A.; HOLBRAAD, M.; WASTELL, S. Introduction. In: HENARE, A.; HOLBRAAD, M.; WASTELL, S. (Org.). **Thinking through things**: theorising artifacts ethnographically. London: Routledge, 2007. p. 1-31.
- INGOLD, T. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 18, n. 37, p. 25-44, 2012.

Um olhar sobre a prescrição e o uso de Ritalina® por jovens no contemporâneo: articulações sobre corpo, liberdade, poder e subjetividade

LATOURE, B. **Reagregando o social**: uma introdução à teoria do ator-rede. Salvador: EDUFBA, 2012.

ORTEGA, F. **O corpo incerto**: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

PELBART, P. P. **Vida capital**: ensaios de biopolítica. São Paulo: Iluminuras, 2011.

PRECIADO, B. **Testo Yonqui**. Madrid: Espasa Calpe, 2008.

ROLNIK, S. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina ; Ed. da UFRGS, 2011.

ROLNIK, S. Toxicômanos de identidade: subjetividade em tempo de globalização. In: LINS, D. **Cultura e subjetividade**: saberes nômades. Campinas: Papyrus, 1997. p. 19-24.

SIBILIA, P. **Redes ou paredes**: a escola em tempos de dispersão. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SIBILIA, P. A técnica contra o acaso: os corpos inter-hiperativos da contemporaneidade. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 18, n. 3, p. 638-656, 2011.

SIBILIA, P. O pavor da carne: riscos da pureza e do sacrifício no corpo-imagem contemporâneo. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 1, n. 25, p. 68-84, 2004.

SPINOZA, B. D. **Ética**. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

VARGAS, E. V. Fármacos e outros objetos sócio-técnicos: notas para uma genealogia das drogas. In: LABATE, B.; et al. (Org.). **Drogas e cultura**: novas perspectivas. Salvador: Ed. da UFBA, 2008. p.41-65.

UBRÁIS, A. O vôo. In: UBRÁIS, A. **Partir o mar em banda**. Gravadora Ayam Ubrais Barco. Vagalume, fev. 2016. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/ayam-ubrais-barco/o-voo.html>>. Acesso em: 21 dez. 2016.

# CORPORALIDADES NÃO-HEGEMÔNICAS EM INTERSECÇÃO: A EXPERIÊNCIA DA TEORIA *CRIP*

Felipe MOREIRA

## Introdução

Os estudos interseccionais nos levaram a repensar as formas de análise que propomos em nossos trabalhos, principalmente aqueles que buscam compreender as relações de grupos e/ou indivíduos em situações de risco, vulnerabilidade e opressão. Desde a crítica do feminismo negro as categorias de identidade têm sido objeto de reflexão contínua acerca da dinâmica que operam e de seu funcionamento. Não só os marcadores sociais que atribuímos pararam de ser vistos sob uma ótica hierarquizante ou acumulativa, mas tem havido um esforço para se pensar suas relações de forma dinâmica, contextual, sócio-histórica e fluida. Inclusive a perspectiva das relações de poder mudou significativamente através das reflexões interseccionais. Não mais têm se olhado para supostos grupos e/ou pessoas como ‘vulneráveis’ ou ‘minorias’ mas buscado compreender como agem dentro de determinado contexto, mesmo em um contexto de opressão, ou seja, se resistem e como resistem mesmo em um cenário que pode ser lido como opressivo ou totalitário, subjetivo e/ou objetivamente repressor.

Em “*Mapping the Margins*”, Crenshaw vê a interseccionalidade como:

*[...] a way of framing the various interactions of race and gender in the context of violence against women of color. Yet intersectionality might be more broadly useful as a way of mediating the tension between assertions of multiple identity and the ongoing necessity of group politics. It is helpful in this regard to distinguish intersectionality from the closely related perspective of antiessentialism [...]. (CRENSHAW, 1991, p.1296).*

A atenção se vira para as interações sociais e seus marcadores para além da rasa constatação que uma única categoria é “responsável” pela violência

sistêmica que recai sobre estas pessoas, vistas como sempre carentes de auxílio e intervenção para viverem vidas ‘dignas’. Intervenções e políticas públicas são necessárias em muitos casos, mas elas precisam também de um aporte teórico mais comprometido com a realidade das pessoas e não de um senso de ‘justiça’ apurado e ingênuo quanto às relações sociais concretas. Não só a vulnerabilidade intrínseca aos grupos ‘minoritários’ foi relativizada, mas a própria noção de poder. Hooks (1984) critica a noção ingênua de que o empoderamento, por si só, é algo que traria significativa melhoria para alguma comunidade que estivesse nas margens do ou privado de poder. Ela acredita que a verdadeira reconstrução social igualitária deve necessariamente rejeitar a noção atual de poder que estamos subjugados, seja como oprimidos ou como opressores. Tal o é também porque a agenda de “empoderamento” pode terminar ingênuo ao pressupor que as mulheres não possuem poder algum. Para hooks<sup>1</sup>, até as mais oprimidas, ou percebidas como tal, exercitam algum nível de poder. Por fim, há uma perspectiva sexista na assertiva do empoderamento das mulheres, que vê nestas como sendo precursoras da mudança social: “*The idea of woman power rooted in the exercise of power to end domination is most often discussed in a sentimental context wherein the image of woman as life affirming nurturer is extolled.*” (HOOKS, 1984, p.89).

A discussão de hooks sobre como a ideia de empoderamento pode no fundo estar escondendo preceitos normatizadores é cara para a discussão neste artigo, pois faz paralelo com a forma assistencialista com que as políticas públicas e instituições trabalham a questão da deficiência corporal percebida. As políticas de inclusão, mobilidade e acesso pecam em perceber as dinâmicas mais complexas das relações, sem questionar a própria noção de poder que ainda permeia suas políticas. Depois me atenho nesta questão comparando a crítica ao patriarcado, feito pelo feminismo, com o paternalismo, referente às corporalidades não hegemônicas<sup>2</sup>. Cabe antes uma pequena discussão sobre os chamados corpos ‘deficientes’, para então tentar fazer a ponte entre a discussão interseccional dentro da perspectiva dos *‘disability studies’*.

---

<sup>1</sup> Referencio hooks com minúsculo pelo próprio desejo da autora. Disponível em: <[http://www.nytimes.com/2006/09/28/books/28chic.html?\\_r=0](http://www.nytimes.com/2006/09/28/books/28chic.html?_r=0)>. Acesso em: 16 nov. 2016.

<sup>2</sup> Termo que utilizo em minha dissertação de mestrado, referenciada posteriormente durante este ensaio.

## A paródia do corpo não-fissurado

Mas por que este desfile lúgubre de corpos costurados, vitrificados, cata-tonizados, aspirados, posto que o CsO é também pleno de alegria, de êxtase, de dança? Então, por que estes exemplos? Por que é necessário passar por eles? Corpos esvaziados em lugar de plenos. Que aconteceu? Você agiu com a prudência necessária? [...] O corpo é tão-somente um conjunto de válvulas, represas, comportas, taças ou vasos comunicantes: um nome próprio para cada um, povoamento do CsO, Metrôpoles, que é preciso manejar com o chicote. O que povoa, o que passa e o que bloqueia? (DELEUZE; GUATARRI, 1996, p.10-12).

Apesar de antropologia buscar desconstruir a perspectiva da corporalidade como *canvas* de códigos sociais acríticos, creio ainda pairar no senso comum uma noção cartesiana e estagnada do corpo como executor e não criador das identidades. Para Lambek:

[...] *desde la perspectiva de la mente, cuerpo y mente son incommensurables, desde la perspectiva del cuerpo están integralmente relacionados. [...] Como Meyer Fortes ya argumentaba, tener una identidad social requiere corporizarla em acciones, poner el cuerpo\*, para decirlo de algún modo.* (LAMBEK, 2010, p.116).

O que povoa, passa e o que bloqueia nossas constituições corporais? Ou mais, o que passa pela nossa própria construção do que é um corpo ou mesmo como constituí-lo como tal? Seguindo tal lógica, quando nos é impossível agregar as 'partes' necessárias para o nosso projeto ideal de corpo (influenciado pela coletividade)? Como suprir a percepção da falta? Como conviver com a incompletude? Somos tanto assombrados pelo espectro cartesiano da separação mente e corpo quanto arrebatados pela aparente contradição desta separação já que mesmo em um contexto que privilegia a mente, a falta da outra parte binária, o corpo, ainda acarreta em frustração e políticas de reabilitação (social e corporal)<sup>3</sup>. Diniz (2007) e McRuer (2006) veem a gênese da noção de 'deficiência' presente nos corpos assim percebidos como parte de uma perspectiva produtivista de organização social. Encontram respaldo na máxima lockeana de que os

---

<sup>3</sup> Imaginemos então como expandir esta reflexão para pessoas cuja vivência corporal esbarra na 'falta' destes dois binômios, como pessoas com síndrome de down ou alguma outra característica corporal-genética que lhes recai tanto no corpo quanto na mente, se nos é possível fazer tal separação?

direitos vêm para os que ‘trabalham’ para conquistá-los. Assim, nos diz Diniz que:

Se para o modelo médico o problema estava na lesão, para o modelo social, a deficiência era o resultado do ordenamento político e econômico capitalista, que pressupunha um tipo ideal de sujeito produtivo. (DINIZ, 2007, p.24).

Apesar de discordar (e a própria Diniz desenvolve isto posteriormente) que o problema do modelo médico era apenas a lesão, ainda vejo que, no modelo social, o ordenamento de atributos corporais vai em direção a uma perspectiva lockeana pautada no trabalho social como reivindicador. Claro, é uma análise conjectural de ambas as autoras, pois tanto McRuer quanto Diniz concordam que, em miúdos, esta seria uma desculpa estrutural que disfarçaria uma série de variáveis presentes na significação do corpo deficiente. Até mesmo escondendo o binômio eficiência/deficiência, nunca salientando a construção social do corpo “eficiente”. Não relativizar a própria noção de eficiência ou corpo “normal” incorre em uma estratégia para manter certo poder sobre tais categorias. Para Méndez e Villena:

*Las sociedades occidentales cristianas se han servido de los monstruosos para la construcción del orden y sus estructuras de control sociales, coercitivas, para trazar también una serie de líneas que separan lo normal de lo amenzante por su diferencia [...] Si nos fijamos en el término: ‘Monstruos’, partiendo de la raíz griega de la palabra, teras, significa lo intermedio, lo mezclado, lo ambivalente. El monstruo se interpreta necesariamente como horrible y fascinante a la vez, objeto de aberración y de adoración al mismo tiempo. (MÉNDEZ; VILLENA, 2012, p.129).*

Esta ideia de um corpo monstruoso não só serve para traçar uma linha segmentada da normalidade, como as autoras pensam, mas também traça paralelos com as noções de produtividade de McRuer e Diniz já que o “monstro” foi sempre pensado como aquele que está fora do projeto de civilização (ou foi expulso de seus muros). Na Roma antiga eram os bárbaros, hoje nossos monstros são os ditos assassinos, ladrões, marginais etc., que contrapõe o nosso projeto de “cidadão do bem”, exemplar clássico de nossa sociedade funcional. Não é irônico que haja tal ambiguidade na interpretação das origens da palavra “monstro”. A ideia de aberração e adoração faz sentido se pensarmos nas contribuições de Mary Douglas ao pensar no papel social que atribuímos para o sagrado e impuro, para a

pureza e o perigo. Douglas acredita que na discordância, nomeamos pela inteligibilidade justamente para não aceitarmos-la em nossa concepção do que é lógico e válido. Ou seja, tendo um nome, mesmo que impronunciável, e longe do nosso léxico comum aceito e benquistado coletivamente, podemos conclamar estes monstros para longe de nossas vidas, por mais que, de fato, estejamos cercados por eles (ao olhar no espelho, por exemplo). Acerca das criaturas e coisas monstruosas: “Nomeando-as, modificamos a nossa maneira de percebê-las no futuro, pois, se as nomeamos, arrumamo-las mais rapidamente nos seus compartimentos.” (DOUGLAS, 1991, p.31).

Mas não nos deixam de causar fascínio, afinal, se as esquecermos completamente, corremos o risco de esquecer também a nossa normalidade. Monstros devem surgir esporadicamente para nos lembrar de nossa (elusiva) devoção à pureza. Seja nas histórias infantis, nos livros de detetive e mitologia ou nas clínicas de reabilitação, os contos monstruosos sempre reaparecem, mesmo que seu fim seja o mesmo: esquecimento ou morte. A perspectiva da cura e/ou da reabilitação serve como aporte para jogarmos ao esquecimento as assombrações da ‘deficiência’. É uma constante lembrança de que, por pior que seja o que nos acometerá, há salvação. É criticando esta perspectiva da reabilitação que McRuer diz que precisamos conceber uma ‘*disability to come*’ ou, me arriscando uma tradução simbólica, um devir-deficiente. Sua proposta é de fato controversa, ponto que irei desenvolver a frente, mas traz uma importante quebra de perspectiva pois engloba tanto uma crítica ferrenha ao modelo capitalista desenvolvimentista quanto sua suposta eficácia.

Após traçar estas percepções sobre a noção de deficiência, normalidade e eficácia, gostaria de trazer as ideias da teoria *crip* e algumas outras contribuições para repensarmos o espectro inverso do constatado até então: como ver estas corporalidades para além do *doppelganger* vítima ou monstro, este eu-duplo da corporalidade normativa? E como fazer isto em conjunto com uma perspectiva interseccional, sem incorrer em generalizações abstratas ou politizações ingênuas que ignorem a dor e alegria efetiva destas pessoas? É um terreno arenoso pensar o espectro da deficiência pela perspectiva da autonomia, mas ao mesmo tempo não devemos ignorar as restrições e constrangimentos a que as pessoas fora de uma corporalidade normativizada são submetidas, tanto física quanto subjetivamente. Apesar de fazer minhas críticas a respeito das propostas empoderadoras frente à deficiência e do cuidado que devemos ter para tais abstrações não mascararem a dimensão real que alguma ‘deficiência’ pode ter nas pessoas, é imprescindível pensar para além da ideia de sofrimento. Para Martins:

A angústia da transgressão corporal refere-se à vulnerabilidade na existência dada por um corpo que nos falha, que transgride as nossas referências na existência, as nossas referências no modo de ser/estar-no-mundo. Assim entendida, a angústia da transgressão corporal concita-nos a reconhecer dimensões de dor, sofrimento e ansiedade existencial em que, contra sedimentada negligência, o corpo vivido e as emoções adquirem estatuto nobre nas reflexões antropológicas e sociológicas. (MARTINS, 2005, p.5).

Muito já se pensa e se estigmatiza a respeito das vivências e corporalidades não-hegemônicas pela noção da falta, sofrimento, incapacidade etc. Se ocupar de pensar o outro lado da moeda (que é de fato a mesma moeda, mas vista por outro ângulo), como têm se feito através dos ‘*disability studies*’, pode ser um exercício interessante para trazer novas perspectivas sobre o tema, especialmente em conjectura com a perspectiva interseccional.

### **Teoria-crip e o devir-deficiente**

Em *Crip Theory: Cultural Signs of Queerness and Disability*, McRuer nos convida a pensar pontes entre o movimento *queer* e o que ele denomina ‘teoria *crip*’. O que ele busca trazer de interessante da teoria *queer* é sua posição de enfrentamento frente às dissidências sociais, da apropriação que faz do cenário social do “estranho” (tradução possível para *queer*, em inglês) de forma positiva. Não só através da reapropriação, mas também da extrapolação que se faz do “anormal”. Se o estigma já existe, por que não explorar seu potencial e brincar com as normas, testar as restrições sociais e pavonear pelas linhas do absurdo? Fugir da sombra da vitimização e resignificar os significados, corpos, códigos, símbolos, performances, relações *queerificadas*, anormais, repensar os limites da normalidade é o que liga a perspectiva ‘crip’ ao ‘*queer*’ de McRuer. Afinal, como ele mesmo traz, citando Norah Vincent (McRUER, 2006, p.7): “[...] *if it’s hard to deny that something called normalcy exists, it’s even harder to pinpoint what that something is.*”. Assim, não só há um movimento de reapropriação do espectro do estigma (como algo negativo), mas também uma afirmação, um processo de empoderamento que contesta o próprio status da anormalidade. Na mesma medida em que não se nega a anormalidade, mas se ressignifica seu status inferior, questiona-se porque o status de “normal” foi sempre o lado positivo da balança, o topo da pirâmide social. Podemos ver então o porquê de McRuer acreditar nas pontes possíveis entre os estudos *queer* e os *disability studies*:

*Tiene razón Robert McRuer cuando afirma que existe un paralelismo fundamental entre heterosexismo obligatorio y la opresión por discapacidad que él ha denominado compulsory-ablebodiedness<sup>9</sup>. Por integridad corporal obligatoria entiende Robert McRuer el cuerpo común de significados que a través del habla y las prácticas institucionales generan la expectativa de normalidad constitutiva y sancionan de forma más o menos obscena las desviaciones de esta corporalidad canónica. Señala el autor que las semejanzas entre la integridad corporal obligatoria y el heterosexismo provienen de su condición de tecnologías disciplinarias que (nos) exigen adiestrar nuestras funciones corporales para ajustarlas a la expectativa social. Homosexuales y discapacitados estamos sometidos a «un determinado tipo de fijaciones» o de dominación que ‘constituyen la objetivación del sujeto y determinan su conducta’. (MOSCOSO, 2009, p.63).*

Um ponto interessante que McRuer traz, mas não explicita, é como que apesar da tímida conexão sendo traçada entre a heteronormatividade (em sua abordagem crítica pela teoria *queer*) e as identidades abilitistas (ele chama de *able-bodied identities*), ainda não se crítica o status naturalizado do corpo normativo. Ainda se vê o corpo “normal”, em um sentido não deficiente, como uma não identidade, como algo que não foi construído pela história contextual em cada situação temporal específica. Ao mesmo tempo, é interessante refletirmos sobre a também não identidade dos corpos “deficientes”<sup>4</sup>. Não digo em um sentido político, pois tirando o caso das pessoas não videntes<sup>5</sup>, há mobilizações em prol de melhorias no sistema de saúde, políticas de acesso e mobilidade, centros de reabilitação mais bem preparados, assistência psicossocial para pessoas com necessidades especiais<sup>6</sup> e, por mais que grande parte destes grupos conte com o auxílio de pessoas “não deficientes”, se reúnem e buscam o atendimento de suas demandas. Mas, para além de uma perspectiva funcional ou estatal, é irônico pensar como há tanta baixa expectativa em relação às corporalidades não hegemônicas que mesmo que a noção de contágio exista como realidade para estas pessoas, como discutido com Mary Douglas (1991), a de perigo é quase

---

<sup>4</sup> Não incluindo as pessoas Surdas pois há tempos eles já reivindicam a despatologização da surdez em prol da Surdez (com ‘S’ maiúsculo) enquanto cultura. Inclusive advogam contra as cirurgias e tratamentos de reabilitação, como o implante coclear.

<sup>5</sup> Para Deshen (1992, p.127), por exemplo, a questão da classe social é muito mais marcadora da sociabilidade entre as pessoas cegas do que a própria não-vidência (constatação contextual de seu campo, claro), impedindo a formulação de uma política identitária ao redor da não-vidência.

<sup>6</sup> Apesar de não concordar com o termo, o uso pois se trata do discurso médico-reabilitativo comum nos centros de saúde atualmente.

inexistente. É preciso que a ideia da anormalidade e monstrosidade exista, que a noção de contágio seja eficaz. Mas todas estas ideias só servem para reafirmar a hegemonia da normalidade. Em momento algum, creio eu, há uma luta em iguais termos. Não se enxerga na deficiência um perigo real, eminente e influente para o chamado “imperativo normal” que Moscoso (2009, p.61) nomeia referente ao:

[...] *conjunto de dispositivos socioculturales que inducen a la población a ajustarse a ciertos patrones de funcionalidad y apariencia, y que al amparo del discurso biomédico y bajo el pretexto de la salud, cuando no de la felicidad o de la autorrealización, informan prácticas institucionales y proyectos de vida.* (MOSCOSO, 2009, p.61).

Neste sentido que concordo com a perspectiva da *‘disability to come’* de McRuer. Armar os corpos não normativos (e não normativizáveis), simbólica e epistemologicamente, é reverter o estigma da inabilidade para a habilidade de subversão. O primeiro passo já foi dado, de fato pela timidez e pouca difusão dos *disability studies* ainda se é difícil pensar cenários efetivos onde estes corpos confrontam o imperativo normal em par de igualdades. McRuer traz exemplos em seus livros de performances, especialmente feitas por um BDSM<sup>7</sup> com fibrose cística, chamado Bob Flanagan que não só explora os limites da dor e da corporalidade mas extrapola a perspectiva da doença degenerativa que possui pois em suas performances, trazendo o terrorismo poético da morbidez, conclamando que “já deveria estar morto”. Foge às expectativas regulares de sua condição genético-corporal na medida em que a sua sobrevivência já é uma subversão dentro das expectativas que lhe foram impostas.

Dentro da noção de eficácia e desenvolvimentismo, há uma interligação conjectural entre as diferentes instituições sociais que promovem esta perspectiva de produtividade. McRuer (2006, p.4) escolhe como alvo de análise as instituições doméstico-familiares, legal (legislativo-estatais), religiosas e reabilitativas (a perspectiva da “cura” e ascese cristã ligada à reabilitação) e instituições educacionais, midiáticas e financeiras. Tais instituições, nos diz Althusser (1980), funcionam pela ideologia e não pela repressão mesmo que apelam para a repressão física e/ou ostracismo/prisão quando ameaçadas. Apesar de compartimentalizadas, como pensa o autor, tecem uma linha subjetivamente coesa, pretensamente holística - no caso da análise

---

<sup>7</sup> Alguém que vivencia e/ou prática a Dominação, Bondage, Sadismo e Masoquismos - BDSM em inglês.

althusseriana, o fio condutor das especializações é o Estado como ideologia-mor das diversas partes. Porém, há diversos movimentos contemporâneos que desafiam estas diversas instituições, tanto escolares quanto religiosas e que ou as reapropriam de forma a desafiar este fio condutor ou até mesmo as subvertem do seu interior para fora. Estes movimentos são interessantes de pensarmos sob a luz da teoria *crip* pois, mesmo indiretamente, desafiam conceitos de normatividade corporal presentes em suas propostas. Podemos citar, por exemplo, o manifesto ‘*slow science*’ que está na contramão do suposto desenvolvimentismo neoliberal criticado por McRuer e que entende que o trabalho, no caso, acadêmico/intelectual, prescinde de uma lógica de acúmulo e condena um viés temporal de produção. O manifesto de 2010 preconiza

*We do need time to think. We do need time to digest. We do need time to misunderstand each other, especially when fostering lost dialogue between humanities and natural sciences. We cannot continuously tell you what our science means; what it will be good for; because we simply don't know yet. Science needs time*<sup>8</sup>.

“Precisamos de tempo para incompreender uns aos outros” faz em sintonia com a teoria *crip* e *queer*, o incentivo ao desencontro se faz presente, se abrir ao desconhecido e ao anormal como fonte de conhecimento. Há uma crítica infável e perspicaz à racionalidade lógica presente nas entrelinhas das nossas concepções sobre normalidade, sobre um “corpo sadio e uma mente sã”. Nem todas as pessoas pensam de modo igual, mas somos forçados pelas instituições escolares a ter uma presteza de raciocínio que raramente se afina com nosso próprio desenvolvimento. Inúmeros poderiam ser os exemplos que poderíamos citar a respeito das críticas ao “imperativo normal” que os estudos sobre a deficiência: os movimentos contemporâneos de evasão dos centros urbanos para a criação de ecovilas<sup>9</sup> sustentáveis, fugindo à lógica normativa de tempo e produção cidadina; escolas com horários flexíveis, currículos alternativos e abertos (como na escola da Ponte)<sup>10</sup> ou

---

<sup>8</sup> Disponível em: <<http://slow-science.org/slow-science-manifesto.pdf>>. Acesso em: 16 nov. 2016.

<sup>9</sup> Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Ecovila>>. Acesso em: 16 nov. 2016.

<sup>10</sup> Onde os currículos são pensados individualmente para cada aluno e aluna, de acordo com suas especificidades. Ler mais em: <<http://educacaointegral.org.br/experiencias-internacionais/escola-da-ponte-radicaliza-ideia-de-autonomia-dos-estudantes/>>. Acesso em: 16 nov. 2016.

até mesmo o *'home schooling'*<sup>11</sup> já sancionados por leis em alguns países. Juntamente com a ideia da *slow science*, tem surgido pequenos manifestos em meios midiáticos propagando uma 'desaceleração' no mundo dos negócios<sup>12</sup> e na vida em geral<sup>13</sup>; o debate sobre gordofobia propagado pelo feminismo, contra uma perspectiva normativa sobre os corpos e contra a definição dos termos de atração ou repulsão dos corpos enquanto objetos de desejo<sup>14</sup>, o em total uníssonos com a crítica *crip* sobre os monstros que a normatividade corporal cria, entre outras experimentações que poderiam ser citados em paralelo com as discussões sobre corporalidade e deficiências.

Trouxe estes exemplos para pensarmos como é válida esta inversão de perspectiva que McRuer e demais pensadores e pensadoras buscam trazer para os estudos sobre corpos não hegemônicos. Como é possível pensar o espectro da deficiência não como um receptáculo das penitências sociais ou um desafortunado indelével, mas sim como experiências concretas que não se podem prever como negativas, positivas ou o quê for. Podemos sim compreender como as pessoas convivem com suas especificidades, sem julgamentos morais ou prescrições salvadoras. Ao mesmo tempo o próprio McRuer (2006, p.31-32) percebe que este movimento de transformar a ideia da deficiência em algo positivo, por assim dizer, não pode incorrer em uma ingenuidade metodológica:

*I do not mean to deny the materiality of queer/disabled bodies, as it is precisely those material bodies that have populated the movements and brought about the changes I discuss throughout. Rather, I argue that critical queerness and severe disability are about collectively transforming (in ways that cannot necessarily be predicted in advance)—about crippling—the substantive, material uses to which queer/disabled existence has been put by a system of compulsory able-bodiedness, about insisting that such a system is never as good as it gets, and about imagining bodies and desires otherwise.*

E, de fato, mesmo com esta cautela metodológica, ou mesmo etnográfica, ainda acredito ser muito difícil conseguir ser tão auto-esclarecido na

---

<sup>11</sup> Onde a escolarização das crianças é responsabilidade dos pais, apesar de haver fiscalização dos órgãos educacionais governamentais sobre a família.

<sup>12</sup> Sobre o chamado *'slow business'*: <<http://www.mnn.com/money/sustainable-business-practices/stories/slow-business-a-manifesto-for-reclaiming-our-lives>>. Acesso em: 16 nov. 2016.

<sup>13</sup> A revista 'Vida Simples' (<http://vidasimples.uol.com.br/>) reúne esta perspectiva de 'desaceleração' e maior contemplação nas nossas vivências.

<sup>14</sup> Ler mais em: <<http://www.geledes.org.br/gordofobia-um-assunto-serio-por-jarid-arraes/>>. Acesso em: 16 nov. 2016.

hora de falar sobre a deficiência enquanto uma epistemologia crítica para compreender não só a deficiência, mas também nossas relações sociais em si. Estudos nesta direção ainda estão engatinhando e ainda assim já nos leva a pensar a necessidade de uma ‘guinada’ na contramão do assistencialismo. A perspectiva de imaginar estes corpos e desejos além da fragilidade faz paralelo com a luta feminista contra a ideia do patriarcado enquanto organizador das relações familiares com seus reflexos na vida pública. Poderíamos até pensar no termo paternalismo em paralelo com patriarcalismo para pensar na organização compulsória (estatal e ideológica, como discutido através de Althusser, 1980) das corporalidades não hegemônicas. Este termo, tanto quanto o conceito de patriarcado devem ser precisados e não usados de forma genérica, como nos alerta Mohanty:

*[...] conceptos tales como la reproducción, la división sexual del trabajo, la familia, el matrimonio, el hogar, el patriarcado, etc. se usan a menudo sin especificarlos en contextos culturales e históricos locales. Las feministas usan estos conceptos para proporcionar explicaciones sobre la subordinación de las mujeres, aparentemente dando por sentada su aplicabilidad universal.* (MOHANTY, 2008, p.14).

Mas nos serve, ao menos, para traçar alianças políticas, como a própria autora acredita que seja um dos objetivos destas generalizações. Pensar este conjunto de normatividades que buscam doutrinar os corpos de forma a extirpá-los de suas potencialidades, através do discurso da assistência e da cura/reabilitação, nos ajuda a dar nome e, conseqüentemente, pensar alternativas a tal cenário. Alternativas e estratégias para repensar a atuação do poder nestas instâncias:

*For me, critical pedagogy (expressed in writings, teaching, and habits of being) is fundamentally linked to a concern with creating strategies that will enable colonized folks to decolonize their minds and actions, thereby promoting the insurrection of subjugated knowledge.* (HOOKS, 1990, p.8).

A ‘radicalização’ do pensamento *crip* é mais do que necessário, se buscamos contestar como temos organizado nossos pensamentos e ações em torno da ideia da corporalidade não hegemônica como falha e/ou incapaz. É mister fazer um parênteses para pensar a questão do assistencialismo pois acredito sim que a égide da ‘recuperação’ e reabilitação, esconde um projeto colonizador das corporalidades *crip* mas não podemos ignorar que políticas

de saúde, assistência social ou reabilitação/reintegração social podem ter um papel importante na vida das pessoas que passaram por algum trauma que tenha infligido alguma característica corporal diferente de sua habitual. Ao pensar a perspectiva da interseccionalidade voltada para políticas públicas de saúde para pessoas trans, Gonçalves e Mello acreditam que esta pressão social ao poder público é interessante já que desafia preceitos normativos e coloca em cheque privilégios do *status quo*, abrindo possível caminho para empoderamento de identidades invisibilizadas e/ou marginalizadas:

[...] tais reivindicações políticas têm sido apresentadas como caminho possível para enfrentar as exclusões decorrentes de um viés universalista que, em nome de uma igualdade fantasmática, continua assegurando privilégios aos grupos dominantes históricos nas sociedades capitalistas: homens, brancos, heterossexuais, cristãos, escolarizados, ricos/classe média etc. (GONÇALVES; MELLO, 2010, p.171).

Concordo com tal premissa, mas o que acredito que a teoria *crip* e demais estudos *disability* nos convidam a pensar é: como criar não só incentivos a políticas públicas, mas criar formas de empoderamento subjetivos e mesmo epistemológicos, no sentido de mudar o foco da desapropriação cultural, intelectual e subjetiva que a normatividade corporal impôs sobre as diferentes configurações corporais não normatizadas? Como exemplos destas micropolíticas do social, esquecidas nas grandes narrativas médicas estatais, pensemos as reflexões de Ang-Lygate (2012) a respeito da necessidade que as mulheres imigrantes asiáticas sentiam em se policiar a respeito de suas atitudes corporais, maneirismos, jeitos e estilos. Como se sentiam impelidas a ajustarem-se às normas sociais encarnando papéis que entendiam ser os de mãe, filhas, esposas etc. Viam nisto uma forma de sobrevivência, silenciando suas características identitárias que brotavam “naturalmente” no período da pré-imigração. Em meu trabalho de dissertação (MOREIRA, 2014), estas adaptações (ou coerções) surgiam nas falas de estudantes cegos que passaram pelo Instituto São Rafael, uma escola pública destinada ao apoio educacional de estudantes cego da cidade de Belo Horizonte. Havia aulas de etiqueta e comportamento corporal, onde os alunos e alunas eram instruídos a manter certa pose corporal para não criar “atritos” com as pessoas videntes. Por exemplo, durante a conversa, eram instruídos a deixar a cabeça inclinada de frente para a pessoa com que se fala, por mais que isto não faça o menor sentido para uma pessoa cega, que, neste caso, utiliza apenas sua audição. Sobre esta necessidade assimilativa (interior e exterior, em constante conflito), a autora diz:

*La asimilación basada en el passing no es sólo una experiencia muy costosa a nivel físico sino también una experiencia agotadora puesto que depende de la constante negociación de qué respuesta se necesita, averiguando lo que es apropiado y reprimiendo lo inapropiado. Tanto si se practica conscientemente como si no, la asimilación basada en el passing es una experiencia de la diáspora que aún queda por explorar desde una perspectiva feminista. (ANG-LYGATE, 2012, p.311).*

Longe de comparar as políticas subjetividades da corporalidade normativa com a experiência da diáspora, busco apenas trazer aproximações para pensarmos os *disability studies* juntamente com o que tem se discutido na perspectiva interseccional. O que se pode argumentar, timidamente, é como a experiência dos estudos descoloniais ou a chamada intelectualidade diaspórica tem repensado a autonomia dos chamados ‘grupos oprimidos’, para além das restrições econômicas, políticas e sociais que são lhes impostam exteriormente. Pensar as resistências e criatividade de vivências em contextos desiguais é um exercício importante também para as corporalidades não normativas. Justamente por serem pensadas pelo emblema da necessidade de assistência, suas resistências são reduzidas ao clamor por serviços de reabilitação ou acesso facilitado a serviços psico-médicos providos pelo Estado.

### **Diferença ou deficiência?**

Avtar Brah (2006) trabalha a noção de diferença pela perspectiva da comparação não hierárquica da experiência social em suas múltiplas dimensões. Busca pensar as vivências e histórias das pessoas através de suas experiências, das suas relações sociais em suas subjetividades e em suas políticas de identidade. Tais dimensões não se reduzem nem se pensam por sobre gradações de importância maior ou menor, melhor, pior, mais impactante ou menos impactante. A grande questão é pensar como se definem, como surgem, como são pensadas pelas pessoas em suas experiências concretas e qual eco isto têm na estrutura social que estão submetidas e transitam. Busca também ressignificar as relações sobre outros termos:

[...] diferença não é sempre um marcador de hierarquia e opressão.  
[...] uma questão contextualmente contingente saber se a diferença resulta em desigualdade, exploração e opressão ou em igualitarismo, diversidade e formas democráticas de agência política. (BRAH, 2006, p.374).

Por mais que em muitos casos diferença signifique opressão, dominação ou mesmo o paternalismo do qual abordei, é interessante pensar as resistências e possibilidades para além da fragilidade hierárquica. O título do trabalho de Brah é “Diferença: qual diferença?” - o mesmo pode-se perguntar da deficiência. Deficiência? Qual deficiência? Se algo ficou claro durante minha exposição é que todas e todos nós somos deficientes em relação a algo, seja um contexto maior baseado em uma série de expectativas ou mesmo nas microrrelações diárias e mesmo em relação às expectativas que criamos para nossas próprias vivências.

A autora discute como a diferença enquanto experiência pode ser pensada, em como a experiência é um processo constante que culmina, mas nunca termina na noção de “realidade”, sendo uma prática de atribuição simbólica e discursiva das pessoas. Neste mesmo sentido, a deficiência é também este processo e luta constante, a experiência extrapola a norma/a deficiência extrapola a norma. Scully (2012) busca pensar como a própria noção de deficiência pode ser performada pelas pessoas assim denominadas, seja para obterem algo em vista ou por desejo de aceitação social momentânea. Assim, Brah (2006) propõe pensar a experiência como contestação, um lugar onde as subjetividades estão em conflito, nunca sujeitas. Brah pensa as relações sociais em função das trajetórias que os grupos têm e que influenciam na definição de sua identidade, que é preciso pensar tais trajetórias no atrito das resistências e opressões. Como tais categorias identitárias foram se formando, como resistiram, se em algum momento se renderam ou fizeram concessões e para qual fim? Ela busca, com essa guinada, repensar o papel da estrutura social opressora como monolítica na formação sócio-pessoal das identidades. Isto é extremamente interessante para repensarmos a deficiência, afinal, a estrutura simbólica da noção de “corpo sadio” é justamente o que nos informa acerca de nossas percepções sobre a deficiência. Como dito antes, seria possível formular a pergunta “Você não gostaria de ser normal?” onde não há substância que sustente o conceito de normalidade?

Por fim, ela discute a diferença enquanto subjetividade e enquanto identidade. Para a autora, a subjetividade tem ganhado mais espaço nas análises sociais devido ao fato de haver um maior reconhecimento que o poder das emoções, desejos, sentimentos e fantasias têm para além da coercitividade das instituições sociais. Já as identidades têm sido pensadas não só enquanto enunciações de um “eu” fixo, mas sim relacional e múltiplo e que este “eu” pode ser dissoluto politicamente em uma identidade de fortes ecos na individualidade de cada pessoa. A perspectiva da subjetividade em termos da deficiência é uma junção interessante para se pensar as corporalidades não normativas, já que o senso comum tende a relegar sua suposta

condição física ou mental a todo e qualquer aspecto de sua vida. É como se sua deficiência percebida fosse o norte de toda sua experiência, dominando suas perspectivas sobre si e o mundo. Em relação à identidade, eis um terreno ardiloso para se estudar já que, como dito, a luta política em prol das corporalidades não hegemônicas tem pautado mais reformas estruturais do que propriamente uma tentativa de ressignificar a cosmologia abilitista. Podemos nos perguntar que outras mudanças, estruturais ou não, poderiam ser conclamadas quando expusermos a cortina da acessibilidade ingênua e quais outras camadas paternalistas iríamos encontrar.

Brah e outras autoras com perspectivas interseccionais têm aberto muitas pontes entre diversas áreas de estudo às análises dos *disability studies*, criando uma interessante inversão epistêmica que busca ver na diferença/deficiência um marcador relacional e não um buraco negro que sugaria todas as experiências sociais para o seu centro, indistintamente:

[...] é uma questão contextualmente contingente saber se a diferença resulta em desigualdade, exploração e opressão ou em igualitarismo, diversidade e formas democráticas de agência política. (BRAH, 2006, p.374).

É preciso ir também além destes conceitos de igualitarismo ou democracia, claro, pois escondem projetos ulteriores. No caso das corporalidades não hegemônicas, mas não somente, é preciso pensá-las contextualmente e como certo contexto nos informa sobre nossas próprias “deficiências” e/ou privilégios, e como nossas ações e percepções de mundo são informadas (e informam) por uma estrutura abilitista, machista, especista, transfóbica, racista, classista etc. Quando o próprio eixo da normalidade é deslocado, quais das nossas fragilidades ficam à deriva? Quais processos relacionais simbólicos e subjetivos tomam forma?

## Apontamentos finais

Apesar do medo do contágio ilustrado por Mary Douglas (1991), normalmente há somente um “medo” momentâneo da proximidade com pessoas tidas como deficientes, gerando um tabu e um pré-conceito que dificilmente abala algum ditame imperativo abilitista. McRuer (2006, p.8), citando Bérubé, discute como a perspectiva da reabilitação é prontamente seguida da perspectiva de sofrimento. Bérubé era constantemente questionado sobre sua opinião a respeito do filho com síndrome de *down*, sempre lhe perguntavam “mas se você pudesse fazer algo a respeito, não gostaria que

seu filho fosse normal?”. Parecia uma necessidade que Bérubé confortasse as pessoas de que compartilhavam deste desejo - do desejo de “consertar” a corporalidade/mentalidade falha de seu filho. A baixa expectativa em relação às corporalidades não hegemônicas está presente nestas indagações, porque, claro, ninguém ousaria inverter a pergunta e pensar “Será que eu sou tão feliz sendo normal assim?” ou pensar em deslocar sua própria cosmologia ao olhar para as demais de uma forma menos paternalista. O fato é que tal pergunta “você não gostaria que ele/ela/eles/elas/aquelas pessoas fossem normais?” só pode ser formulado em uma sociedade abilitista, já que centra as potencialidades humanas em ideais de raciocínio, velocidade, presteza, clareza, desenvolvimento, produtividade etc.

Um devir deficiente, o tal *'disability to come'*, se precavido o suficiente, através das contribuições dos estudos interseccionais para que não caia na essencialização das identidades deficiente<sup>15</sup>, contesta a noção de eficácia, lógica, atenção afinada, necessidade de aprimoramento corporal constante, borra as fronteiras das exigências naturalizadas do corpo, das intervenções na natureza e dessa constante expectativa do corpo como artefato 'culturalizador', sempre a inferir no meio desígnios pré-localizados de adaptação um afrontamento à uma espécie de 'toyotismo da vida social', que McRuer crítica em seu livro, onde se espera máxima adaptação, capacidade de inovação porém sempre em uma ótica de desenvolvimento para fora e nunca em um meio que permite a livre expansão das diversas corporalidades.

Perdemos um potencial desconstrutivista e analítico muito feroz quando focamos apenas na noção de cura, reabilitação e/ou acessibilidade ingênua. O que é doença, de fato? Nosso ritmo frenético e objetivos auto impostos de querer melhorar/consertar tudo, até nós mesmos, não constitui uma patologia? Quais os limites para esta constante normatização das habilidades corpóreo sociais em nossas vidas? Patologias somadas se tornam aceitáveis ou é o movimento oposto? E como olharíamos para nossas vidas e nossas relações sociais, nossas relações com nosso entorno (e como este entorno se relacionaria conosco?) e quais perspectivas e percepções criaríamos em um mundo onde não nos compadecemos automaticamente de uma corporalidade que não espelhasse a nossa, mas sim nos perguntássemos, como McRuer, quais significados brotariam em um mundo que abraçasse um devir deficiente?

---

<sup>15</sup> Trago aqui o contraponto da identidade Surda, pois apesar de não haver tal essencialização, de fato a comunidade Surda reivindicou a perspectiva da Surdez como uma identidade que une a experiência corporal das pessoas não ouvintes, por mais que isto não signifique homogeneização de tais experiências.

## REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, L. Aparelhos Ideológicos de Estado. In: ALTHUSSER, L. **Posições II**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1980. p.47-101.
- ANG-LYGATE, M. Trazar los espacios de la deslocalización: de la teorización de la diáspora. In: JABARDO, M. (Org.). **Feminismos negros: una antología**. Madrid: Traficante de sueños, 2012. p.291-314.
- BRAH, A. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu**, Campinas, n.26, p.239-276, 2006.
- CRENSHAW, K. Mapping the margins: intersectionality identity politics, and violence against women of color. **Stanford Law Review**, Stanford, v.43, n.6, p.1241-1299, 1991.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996. v.3.
- DESHEN, S. **Blind people: the private and public life of sightless israelis**. Albany, NY: SUNY Press, 1992.
- DINIZ, D. **O que é deficiência**. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- DOUGLAS, M. **Pureza e perigo**. Lisboa: Edições 70, 1991.
- GONÇALVES, E.; MELLO, L. Diferença e interseccionalidade: notas para pensar práticas de saúde. **Cronos**, Natal, RN, v.11, n.2, p.163-173, 2010.
- HOOKS, B. **Yearning: race, gender and cultural politics**. Boston: South End Press, 1990.
- HOOKS, B. **Feminist theory: from margin to center**. Boston: South End Press, 1984.
- LAMBEK, M. Cuerpo y mente en la mente, cuerpo y mente en el cuerpo. In: CITRO, S. (Org.). **Cuerpos plurales**. Buenos Aires: Biblos, 2010. p.105-125.
- MARTINS, B. S. A angústia da transgressão corporal: a deficiência assim pensada. **Oficina do CES**, Coimbra, n. 237, p.1-14, out. 2005. Disponível em: <<http://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/237/237.pdf>>. Acesso em: 17 nov. 2016.
- McRUER, R. **Crip Theory: Cultural Signs of Queerness and Disability**. New York; London: New York University Press, 2006. (Cultural Front Series).
- MOHANTY, C. Bajo los ojos de occidente: feminismo académico y discursos coloniales. In: NAVAZ, L. S.; CASTILLO, R. A. H. (Org.). **Descolonizando el feminismo: teorías y prácticas desde los márgenes**. Madrid: Ediciones Cátedra, 2008, p.112-163.
- MOREIRA, F. **Só se dança no escuro: reflexões sobre a não-vidência a partir do espetáculo Desassossego em branco**. 2014. 109f. Dissertação (Mestrado em

Antropologia) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

MOSCOSO, M. La normalidad y sus territorios liberados. **Dilemata**, Madrid, v.1, n.1, p.57-70, 2009.

MÉNDEZ, R. P.; VILLENA, M. R. De la parade de los monstruos a los monstruos de lo cotidiano: la diversidad funcional y sexualidad no normativa. **Feminismo/s**, Salvador, n.19, p.127-142, 2012.

SCULLY, J. L. Hidden labor: disabled/nondisabled encounters, agency, and autonomy. **International Journal of Feminist Approaches to Bioethics**, Toronto, v.3, n.2, p.22-45, 2010.

# CÓMO ENSEÑAR *ENTRE* PRÁCTICAS: REFLEXIÓN PARA PENSAR LA EDUCACIÓN DEL CUERPO Y LA CONSTRUCCIÓN DE SUBJETIVIDAD

Carolina ESCUDERO  
Daniela YUTZIS

## Introducción

Comenzaremos este artículo elaborando una pregunta que lo organice de modo que nos permita desandar qué saber es posible ofrecer desde la danza y la sensopercepción, y qué implicancias tiene para la Educación Física nuestra propuesta de enseñanza; todo esto a partir de reconocer y describir qué espacio se discrimina **entre** ambos territorios para pensar la educación del cuerpo y la formación de profesores. ¿Cómo establecer qué saberes tienen que ser enseñados en la formación de profesores y licenciados en Educación Física? ¿Cómo enseñar saberes no establecidos? Esta pregunta de carácter curricular se suele responder a partir del entrelazamiento de diversos factores históricos, disciplinares, políticos e institucionales. Así, se determina y constituye la especificidad y la identidad de la Educación Física como campo de saber cuyo objeto específico es la educación del cuerpo. De manera sintética y simplificadora podemos decir que, la Educación Física tiene como objeto de saber, y por lo tanto de su enseñanza, ciertas configuraciones de movimiento significativas para nuestra cultura al tiempo que las interpreta para transformarlas en contenidos educativos. Sabemos que en su devenir, ha escogido unas formas de saber sobre el cuerpo excluyendo de su territorio y de su campo de acción otras configuraciones de movimiento, de pensamiento y acción.

Sobre este diagnóstico entendemos que el diálogo reflexivo que ciertos saberes extraterritoriales a la Educación Física, pero que sin embargo se ocupan del cuerpo y lo toman como objeto, generan un efecto de apertura, espacios para nuevas identificaciones respecto del saber y las acciones de enseñanza que la misma utiliza. Se producen zonas de intercambio en las

cuáles es posible establecer articulaciones con efectos de saber novedosos para pensar la educación del cuerpo y la formación de profesores.

### **Cómo pensar la enseñanza de saberes menores**

Nuestra apuesta es pensar y problematizar analíticamente esta zona de intercambio, esta interterritorialidad de saberes sobre el cuerpo que se produce en los espacios concretos de enseñanza. Para ello la categoría de **entre** (Arendt) nos habilita a pensar qué hacer con esta diferencia de territorios de saber, o cómo construir un saber sobre el cuerpo incluyendo lo diverso. Esta brecha, por su misma tensión, organiza y mantiene en actividad aquello que separa, constituyendo una intensidad; produce un *entre* que genera en sí dicha tensión y se traduce en reflexión; pone en jaque los postulados básicos de nuestros territorios, para revisar esas preguntas tan obvias, que ya casi ni abordamos y nos habilita a abordar respuestas no cerradas como verdades únicas. El *entre* no da lugar a la fijación sino que, potencia la novedad a partir de la diferencia. Nos permite recuperar cierta inquietud crítica sobre aquellos elementos mínimos y naturalizados que constituyen nuestra práctica. Poner la atención en la actividad que promueve a partir de la separación, distancia o diferencia de territorios y elementos, produce un modo interesante de acceder a las preguntas que el discurso hegemónico va obturando, y, en la cuales, el saber se aliena en forma de conocimiento estabilizado (de objeto a ser consumido en lugar de objeto a ser producido). Insistir en habilitar la posición del *entre* como lugar desde el cual problematizar nuestro saber y nuestra enseñanza, posibilita volver a hacer esenciales aquellas preguntas dejadas de lado.

El espacio conceptual y político, el eje desde el cual se establecen nexos y puntos de diálogo entre los saberes que la Educación Física fundó como tradicionales, y los que quedaron fuera de su territorio, se organiza en torno a la preocupación y la pregunta por la educación del cuerpo. Cuando corremos la mirada respecto de la especificidad de las configuraciones de movimiento para pensarlas en su relación con la educación del cuerpo en las sociedades modernas y contemporáneas, surge la posibilidad de diálogo y entrecruzamiento. La experticia, el saber específico respecto de las prácticas corporales, se modula en función de volver al cuerpo objeto de su pensamiento y acción.

Nuestra propuesta se orienta a pensar las prácticas como aquello que nos constituye, que nos obliga a hacer, pensar y decir de un modo y no de otro. Las prácticas nos son sólo aquello que hacemos, sino fundamentalmente, aquello que nos hace ser. En tanto racionalidades que organizan nuestra

conducta, es decir, en tanto pensamiento que nos piensa, las prácticas revisiten un componente tecnológico –aquello sobre lo cual no podemos operar y que define los límites de su sentido– y un aspecto estratégico, que indica el margen de interpretación dentro de los cuales podemos operar con y sobre los límites que la práctica nos impone, describe los grados de libertad con los que el hacer se apropia de la práctica. Esto lleva a reflexionar la práctica en el orden de la acción, de aquello que tiene un principio pero luego deviene un recorrido inesperado, que irrumpe o puede irrumpir en esas cadenas constantes de movimientos que sólo se copian a sí mismas. La acción es aquello que interrumpe la continuidad de lo cotidiano; en la medida en que supone la pluralidad, sus consecuencias escapan a los designios de sus protagonistas y resultan inesperadas e impredecibles. Es mediante el discurso y la acción que se puede revelar la cualidad de ser distinto. Es con palabra y acto como nos insertamos en el mundo humano y, en términos de Arendt: “[...] esta inserción es como un segundo nacimiento, en el que confirmamos y asumimos el hecho desnudo de nuestra original apariencia física.” (ARENDR, 2013, p.201).

En este doble registro, de lo que significa educar el cuerpo y hacerlo por medio de prácticas corporales entendidas en el registro de la acción, sostenemos que educar el cuerpo implica comprenderlo como el resultado de la práctica que lo orienta, que lo ordena, que lo hace hacer, y no asumirlo como dado; es pensar en las acciones que lo forman, que lo instruyen. Pensar el pensamiento del cuerpo, el discurso que lo orienta, los dispositivos en que se inserta y la racionalidad que lo produce, que lo hace hacer y moverse. Educar un cuerpo implica entenderlo como un cuerpo de la acción que se constituye en la esfera de un hacer que no reenvía de la labor (*labor-arbeit*) que tiene su condición en la vida biológica, es cíclica y da cuenta de la reproducción de la vida: mantener vivo al organismo humano y a la especie, sus productos se consumen, son efímeros, es el ciclo repetitivo de la vida biológica (*Zoë*). Tampoco a la dimensión del intercambio productivo del trabajo (*work-herstulen*), que dentro de una temporalidad lineal (medio-fin) produce objetos durables con un resultado previsible y reversible. La fabricación multiplica, nos permite producir una variedad de objetos en el mundo en que vivimos. Si la labor pertenece al espacio privado, el trabajo al trabajo público pero en tanto espacio social. Sino que nos que nos articula a la dimensión del intercambio simbólico, de la acción (*action-handlung*) que pertenece al espacio público del orden de lo político y donde los márgenes de interpretación equívocos son constitutivos, lo cual nos obliga a asumir la tarea constante de la reflexión analítica y crítica para constituirse en tanto cuerpo.

## El espacio que abre la Educación Corporal

¿Cómo podemos pensar o qué suponemos que es educar un cuerpo? Los recientes desarrollos en torno a una teoría o programa de investigación en Educación Corporal nos ofrecen algunos elementos, criterios y conceptos para pensar y trabajar sobre la cuestión. La entrada Educación Corporal del *Diccionario Crítico de Educación Física Académica* (CRISORIO, 2015) es un texto programático, que nos orienta al menos en cuatro elementos: 1) la educación del cuerpo tendría que replegar el organismo al cuerpo, ya que justamente, la única posibilidad de **educar** un cuerpo es entenderlo como forma de vida calificada. Si entendemos que el cuerpo con el que nos encontramos es puro organismo, la idea misma de educación pierde sentido. Ahora bien, si entendemos que nuestras acciones en el ámbito de la enseñanza se orientan a un cuerpo que es efecto, resultado o producto de la cultura, no sólo que la acción de educarlo adquiere sentido, sino que adquiere una relevancia sustantiva; 2) el objeto de la Educación Corporal es educar el cuerpo a través de la enseñanza de prácticas corporales, éstas se entienden como formas organizadas de conducta que toman por objeto al cuerpo. Las prácticas corporales no son los actos del cuerpo, sino todas las formas de hacer, pensar y decir que lo toman por objeto, lo circunscriben y por lo tanto lo crean. La idea de práctica corporal es así más amplia pero también más específica si la comparamos con la de actividad física, porque no reduce el cuerpo a su acción biomecánica (e indiferenciada respecto de las distintas configuraciones de movimiento). Supone a su vez que la racionalidad, la generalidad y la homogeneidad que le son constitutivas impactan en el hacer del cuerpo registrando o comprendiendo su historicidad y su materialidad discursiva; 3) el gesto y la acción de educar un cuerpo implica a su otro constitutivo (el cuerpo siempre ha tenido a su otro: el alma, el espíritu, la mente, la conciencia, el sujeto), por lo cual educar el cuerpo nos pone en el lugar de pensar el efecto de constitución subjetiva que nuestra práctica de enseñanza tiene apostando de manera específica a hacer del cuerpo un lugar para la subjetivación; y por último 4) la Educación Corporal propone la no-correspondencia entre enseñanza y aprendizaje como constitutivas del acto educativo, lo que implica entre otras cosas hacer eje en el saber para pensar la educación y suponer que no todo lo que se enseña es aprendido ni todo lo que se aprende es enseñado, esto se desprende de pensar a la enseñanza como un acto de palabra y reconocer el equívoco como constitutivo de la relación dialógica. Una vez más pensado en términos de acción (ARENDDT, 2013) esto implica reconocer la imprevisibilidad en la respuesta, en este caso de los estudiantes, la irreversibilidad de la connota-

ción del habla y esa producción de historias que se van encadenando más allá de la **intención** del docente que **inicia** el diálogo.

## Cuerpo, subjetividad y ética de la enseñanza

El texto de Dardot y Laval (2013) presenta con claridad la construcción del modelo del sujeto neoliberal, esta forma actual de existencia, correlato de un dispositivo de rendimiento y goce donde el cuerpo se expone como claro paradigma para pensar este modelo empresarial de auto-construcción del individuo sostenido por los discursos hegemónicos. Propiciar que cada quién logre el máximo rendimiento de sí mismo garantiza en el imaginario de la condición subjetiva un goce sin obstáculos. Para esto los parámetros numéricos de evaluación y medición permanente más la constante de la auto-examinación y competición hacen de la actividad física un mundo numérico: medidas cuantitativas registrables (días de entrenamiento, gastos de calorías, pulsaciones, ácido láctico etc.), Ya no es la búsqueda de un equilibrio sino la superación de las propias marcas en una intensificación del dominio del sujeto en un exceso de tensión del deber del rendimiento por el poder del goce. Lograr **ese cuerpo** quedaría del lado de lograr mayor éxito en el ámbito social, en la sexualidad en este nuevo poder de la voluntad en este nuevo sujeto unitario, sujeto de la implicación total de sí.

Cuando la educación del cuerpo funciona al servicio de la forma empresa, la racionalidad neoliberal construye una subjetividad emprendedora de sí, autónoma y autosuficiente que supone al sujeto como equivalente al individuo productor y responsable de sí, desimplicando al saber puesto en juego y la función del maestro en relación al cuerpo que se produce por la práctica, como también del lugar de la enseñanza en la construcción de una ética de la subjetividad.

El texto citado plantea la posibilidad de proponer formas alternativas de subjetivación a este modelo de la empresa de sí, situación que sólo puede ser pensada en pequeños gestos, actos. Siguiendo esta línea de pensamiento podemos hacer de la enseñanza de la danza y la sensopercepción en tanto saberes menores respecto de la Educación Física tradicional, un espacio de prácticas orientadas a generar al menos **en algunos estudiantes, en algunos momentos**, otra posibilidad de pensar el cuerpo, la producción del cuerpo y la forma de saber que es oportuno poner en juego para pensar alternativamente. Para esto es central el concepto de práctica y el pensarnos no como entrenadores de cuerpos medibles, sino como educadores, dispuestos a ofrecer saber con el interés de producir un espacio de subjetivación posi-

tivo, no ligado a la objetivación del sujeto, sino a su configuración positiva como sujeto ético.

Y si no estamos de acuerdo en ofrecer una moral del maestro, un manual de los pasos a seguir, si creemos que estas formas parten del supuesto de un sujeto universal, contra lo cual va la educación corporal y nuestra propuesta específica, sin embargo no por eso consideramos que no sea necesario explicitar algunas consideraciones respecto de “cómo conducirse” en los límites lógicos que supone esta apuesta. Estas consideraciones respecto de cómo conducirse no responden a una moral o deber ser, responden a una “lógica” de construcción del sentido y del sujeto puesto en juego –¿en acto?– en la enseñanza.

Enseñar implica entonces entender que el sujeto del aprendizaje –y también el de la enseñanza– es siempre particular, es parte de una relación. El sujeto que no puede entenderse en términos de individuo o persona, sino en términos de “insistencia significativa”, es una forma atrapada en operaciones significantes. ¿Cómo hacer para enseñar allí? ¿Cómo des-articular un locus significativo operativo en la construcción de un sujeto y proponer otros? En primer lugar se puede pensar la propuesta significativa en términos del contenido, si el contenido es universal, podemos arriesgar a abrir nuevos lugares de insistencia al ofrecer ese contenido de otro modo, con otra forma. En segundo lugar, atendiendo a la particularidad del sujeto. La ética está ligada al acto, a la acción.

La referencia que elegimos tomar es la foucaultiana, quien entiende a la ética en términos de una práctica ascética, de un “ejercicio del yo sobre sí mismo, por el que trata de descubrir y transformar el propio yo y alcanzar cierto modo del ser” (FOUCAULT, 2003, p. 145). La reflexión sobre la ética es para este autor, una manera particular de abordar la relación sujeto-verdad ya que el comportamiento ético es para Foucault un efecto de la práctica del cuidado de sí<sup>1</sup>, y es en ese sentido “[...] el conocimiento de ciertas reglas de conducta o principios que son al mismo tiempo, verdades y normas. Cuidar de sí es dotar al propio yo de esas verdades. Allí es dónde la ética se vincula con el juego de la verdad” (FOUCAULT, 2003, p. 149).

Ahora bien, además de esta relación con la verdad, la ética tiene una relación con los juegos de poder<sup>2</sup> y es constitutiva de las relaciones de poder, en la medida en que remite a una relación del sujeto consigo mismo, pero

---

<sup>1</sup> El cuidado de sí como diferente del conocimiento de sí. Foucault hace una genealogía de estas prácticas y muestra cómo con el cristianismo el cuidado toma la forma del conocimiento o el conocimiento que era un elemento necesario del cuidado pasa a ser el único dimensionado en la práctica.

<sup>2</sup> Poder como distinto de dominación, como elemento necesario a la libertad y su ejercicio.

también a la relación del sujeto con los otros. Si hay constitución ética de la subjetividad, no puede haber una relación de cuidado con los otros, ni puede haber ejercicio del gobierno, ni puede tener un lugar en lo público.

De estos dos registros, de la relación ética-verdad y ética-poder vale la pena retener algunos elementos: a) por un lado la idea de que la ética es un modo de conducirse, un ethos en el sentido que los antiguos le daban al término; b) por otro lado la idea de sujeto ético se constituye para sí y para otros y c) que se constituye en relación a un saber (o saberes). Resaltar estos tres elementos nos permite pensar, por un lado que el recurso foucaultiano a la expresión “yo”, es de carácter operativo y que no está pensando en la constitución de un yo idéntico a sí mismo, soberano e interior<sup>3</sup> y por otro lado que la ética es un dominio bisagra que articula lo general con lo particular, que es siempre un modo de conducirse resultado de una elección particular –de constitución de un sujeto- pero que se inscribe en un juego de verdades determinado y opera en un conjunto de relaciones de poder -o políticas<sup>4</sup>.

Podemos sostener entonces que educar el cuerpo implica en primer término, comprenderlo como el resultado de la práctica que lo orienta, que lo ordena, que lo hace hacer y no asumirlo como dado. Educar un cuerpo implica por ejemplo asignarle adjetivos y accionar en función ellos. En segundo lugar, educar un cuerpo implica pensar en las acciones que lo forman, que lo instruyen y a partir de qué recursos discursivos y/o materiales. Pensar el pensamiento del cuerpo, el discurso que lo orienta, los dispositivos en que se inserta y la racionalidad que lo produce, que lo hace hacer y moverse. Educar un cuerpo implica entenderlo como un cuerpo de la acción que se constituye en la esfera de un hacer que no reenvía a la dimensión de intercambio productivo (del trabajo) ni de intercambio simbiótico (biológico), sino del intercambio simbólico donde los márgenes de interpretación, equívoco y ambivalencia son constitutivos, lo cual nos obliga a asumir la tarea constante de la reflexión analítica y crítica para constituirse en tanto cuerpo. En nuestro caso, la danza y la senso percepción implican una historia, un conjunto de definiciones, que las ubican dentro de un sistema de prácticas identificables a un dominio estético pero también profesional. Implican un conjunto de técnicas y habilidades posible de ser adquiridas y entrenadas, implica a la generación de material de movimiento,

---

<sup>3</sup> Una genealogía de las tecnologías de la constitución del yo debería mostrar que el yo no siempre fue equivalente a lo que entendemos hoy por “sujeto moderno”, ni siquiera a lo que entendemos hoy por “yo”. Las tecnologías del yo articulan a menudo técnicas invisibles con técnicas para la conducción de otros. Ver “Del yo clásico al sujeto moderno”.

<sup>4</sup> Lo que puede entenderse en términos de orden simbólico.

la técnica de improvisación y la composición de modos de elaborar secuencias de movimiento significativas, ya sea en función de un objeto artístico o de la construcción de movimientos cotidianos o gestos deportivos.

La educación del cuerpo tendría que contemplar una doble dimensión, de un lado prepararlo para el conjunto de acciones que requiere una práctica específica, incluirlo en ese conjunto práctico de manera reflexiva, al situarlo como el objeto de saber a partir del cual el sistema de la práctica se hace inteligible. En este sentido tenemos que considerar al conjunto práctico que toma por objeto al cuerpo en función de las características mencionadas arriba de: a) homogeneidad, en la medida en que funciona como regularidades y racionalidades que organizan la conducta, tal como pueden ser un código de movimientos determinado o el lenguaje y el conjunto de metáforas que una técnica específica desarrolla a los efectos de su conservación; b) su sistematicidad, en la medida en que el análisis de un dominio de prácticas supone poner atención en los ejes del saber, del poder y de la ética, sobre los que se puede tener registro a partir del acceso y el análisis de las teorías y el pensamiento de una práctica específica; c) su generalidad, entendida como recurrencia de un hacer en nuestra cultura, lo que permite investigarla en sus especificidades a la vez que plantear problemas generales (FOUCAULT, 1999).

Educar el cuerpo supone también educarlo para un uso que puede trascender la lógica del conjunto práctico en el que se instituye como objeto. Esta dimensión del uso supone en cierto sentido la posibilidad de amplificar el sentido de las acciones que una práctica específica supone, ya que permite incluirlo en el registro de la cultura una época en función de los modos en que la misma interpela al cuerpo y aquí, apostar a que el cuerpo pueda usarse más allá de los límites que nos impone un sistema práctico no requiere de ningún modo abandonar la práctica, sino operar desplazamientos con el saber que una práctica nos ofrece para hacer significativo un sentido del cuerpo empujando los límites de una racionalidad específica.

Así, la educación del cuerpo, en función de suponer que el objeto de la educación son las prácticas y no las actividades habilita a nuestro entender, no sólo la formación de expertos, sino la formación de cuerpos para un uso. Donde el uso del cuerpo remite a la posibilidad de una problematización de las conductas de ese mismo cuerpo dentro de los límites de la práctica, cuando se abren intersticios o espacios en los que no hay interdictos explícitos ni códigos de comportamiento rígidos. El uso del cuerpo supone la reflexión, en los límites de la práctica, de lo que podemos hacer con lo aprendido, con su racionalidad, con su dimensión de saber, de acción con los otros y uno mismo. El uso supone la reflexión

porque es el resultado en la acción de la pregunta por el hacer, cuando no está especificada la forma.

### **Para concluir: ¿qué ofrecemos?**

Ahora bien, ¿cómo se arma y qué ocurre en la inter-territorialidad que se da y que efectivamente promovemos entre los saberes tradicionales de la Educación Física y los saberes que no están incluidos en su currícula? ¿En torno a qué especificidades esa educación del cuerpo hace ancla para ofrecer un saber **externo** la disciplina pero significativa? ¿Cómo ofrecemos lógicas de comprensión, análisis y ejecución del movimiento que puedan interpretarse y usarse por un profesor de Educación Física aunque no sea un saber de su **competencia**? ¿Para qué le sirve o, mejor dicho, cómo le sirve? En este punto nos interesa ir a lo microfísico, a lo que pasa cuando en el marco de la clase, los estudiantes prueban, experimentan cuestiones vinculadas al trabajo con el acento puesto en focos o miradas tan diferentes que algo comienza a retomar un nuevo sentido. El uso técnico de lenguaje es uno de esos ejemplos. Se propone un uso más específico (unas veces más apegado al nombre técnico del gesto y otras veces más próximo a la metáfora en el ámbito de la danza). En este caso sale a la luz en la reflexión el exceso del uso de la copia del modelo en la Educación Física tradicional, descuidando unas veces la inmensa potencialidad de la palabra y por otro lado el uso reiterado de algunos términos provenientes de la antigua didáctica escolarizada (patada de caballito, conejito etc.). Resultan también significativos los aportes vinculados al **espacio**, el volumen, el diseño, la proyección, la dirección, el recorrido, su relación con el peso y la velocidad en la configuración de la forma coreográfica y la dinámica del movimiento, los **planos y ejes** de colocación y organización del movimiento, en tanto criterios de organización espacial, sí, pero sobre todo, en tanto **locus** de la relación cuerpo-espacio y el **tiempo** en tanto variable que impacta en la calidad de movimiento y por lo tanto en el cuerpo, que se organiza de manera distintiva. El trabajo sobre las diferentes gradaciones del tono muscular, la economía del movimiento y en relación a esto el estudio del movimiento descentrado del eje del trabajo muscular que es pensado unas veces a partir de otros disparadores como las articulaciones, los huesos, el contacto y el uso y traslado del peso del cuerpo en relación al piso que suele ser de tanto interés. Frente al recurso orientado a poner la mirada principalmente en las extremidades, estas técnicas proponen también llevar la atención hacia la columna vertebral y hacia la pelvis, tal vez, no tan nombrada en las enseñanzas tradicionales de algunas prácticas.

Pensamos la práctica en el orden de la acción y entendemos que siempre en la acción al mismo tiempo algo se crea y algo se destruye, un objeto se selecciona y otro se descarta. Ahora bien, el problema no estaría puesto en esta selección **necesaria** para recortar una práctica, sino en la **creencia racional** que sostiene desde un discurso legitimador y dominante que todo aquello seleccionado es la pura verdad, es **El** modo correcto de hacer las cosas, en este caso tal o cual gesto o movimiento. Hay un clásico ejemplo de Marcel Mauss (1991, p.338) que resulta significativo en este orden: el relato del hábito de nadar dejando entrar el agua en la boca para luego expulsarla en la pileta.

Retomando las preguntas esbozadas al inicio del trabajo, lo cual de ningún modo implica cerrar las respuestas de manera taxativa, entendemos que construir un espacio inter-territorial, dejar que la brecha se habite y devenga un espacio **entre** distintas prácticas corporales -cada una con sus constructos, sus saberes y sus recorridos políticos e históricos- es una potencia que posibilita poner la mirada sobre aquello tan obvio que ya casi dejamos de observar. Retomar las preguntas sobre lo mínimo, lo primordial, lo que ya ni siquiera se pregunta es un gesto que propicia retomar estos saberes y resignificar la propia práctica que se reconfigura una vez más ampliando los márgenes propios de acción, de reflexión sobre el cuerpo y la educación.

## REFERÊNCIAS

ARENDDT, H. **La condición humana**. Buenos Aires: Paidós, 2013.

CRISORIO, R. Educación corporal. In: CARBALLO, C. (Org.). **Diccionario crítico de la Educación Física Académica**: rastreo y análisis de los debates y tensiones del campo académico de la Educación Física en Argentina. Buenos Aires: Prometeo, 2015. p. 145-149.

DARDOT, P.; LAVAL, C. **La nueva razón del mundo**: ensayo sobre la sociedad neoliberal. Barcelona: Gedisa, 2013.

FOUCAULT, M. La ética del cuidado de sí como práctica de la libertad. In: FOUCAULT, M. **El yo minimalista y otras conversaciones**. Buenos Aires: La Marca, Biblioteca de la Mirada, 2003. p. 144-170.

FOUCAULT, M. Qué es la Ilustración. In: FOUCAULT, M. **Obras esenciales**. v.3. Barcelona: Paidós, 1999. p. 335-352.

MAUSS, M. Técnicas y movimientos corporales. In: MAUSS, M. **Sociología y antropología**. Madrid: Tecnos, 1991. p.337-356.

# LA IRRUPCIÓN DEL CUERPO TEATRAL

Nicolás PERRONE

## Introducción: necesidad del cuerpo teatral

Podría parecer una verdad de perogrullo decir que el cuerpo es un elemento esencial del arte teatral. Pero si tenemos en cuenta la consideración vulgar del teatro como la fusión de diversas artes, y las consecuencias ulteriores que esa concepción ha tenido, veremos que la afirmación inicial cobra gran importancia y exige una necesaria reflexión al respecto.

En primera instancia, entendemos que la preeminencia de la palabra en la escena ha devenido en una suerte de olvido del cuerpo teatral. Esto quiere decir que la significatividad que adquiere una representación teatral está acaparada por la palabra, la cual se vuelve objeto de una interpretación emotivo-psicológica que pretende ser una emulación de la realidad, es decir, representar miméticamente el mundo, representar el texto teatral como un modo de exponer el sentido previamente concebido en él. Pues bien, consideramos que esta concepción representativa clausura de algún modo el cuerpo. La interpretación realista del texto teatral es **acorporal** debido a que es excesivamente logocéntrica. Este logocentrismo no está referido a una anulación de la emoción como canal de expresión en virtud de un mero racionalismo, sino que, lo que intentamos referir es que hay un predominio del **logos** en tanto instancia ordenadora de todos los elementos de la escena teatral. Esta estructuración supone un sentido *a priori* que sería el que se intenta representar o reproducir. Estamos, por lo tanto, en presencia de una lógica de la identidad, que se vuelve rectora del arte teatral. La posibilidades de interpretación (tanto del espectador como del actor), así, están previamente enmarcadas en un horizonte de posibilidad que termina siendo unívoco. La actuación realista deja el cuerpo de lado, en el sentido de que construye la acción teatral a partir de la necesidad de reproducir emociones psicológicas. Éstas no revisten un carácter irracional, sino totalmente logocéntrico. Desde nuestro punto de vista, no son la expresión de algún desconocido elemento inconsciente, sino la reproducción de la cotidianeidad del sentido. Así pues, el cuerpo no es tenido como

el punto de partida del trabajo teatral, ni tampoco está por encima de los otros elementos de una escena (escenografía, maquillaje etc.); es, más bien, tan funcional como cualquiera de estos elementos que sirven a la expresión de la idea contenida en el texto. Esto es así porque no se considera al cuerpo como productor del sentido.

Esta crítica del realismo puede parecer apresurada y reduccionista, y, sin dudas, exige un mayor análisis y desarrollo; pero lo que intentamos poner de manifiesto, a grandes rasgos, es el peligro de volver estéril el núcleo que hace del teatro un arte. Gilles Deleuze y Félix Guattari expresan, con gran lucidez, que el acto creativo es siempre inventivo; creador de conceptos. Por ello afirman, en las primeras páginas de su introducción a *¿Qué es la Filosofía?*, que las disciplinas capaces de inventar o crear conceptos son la Filosofía, la Ciencia y el Arte (DELEUZE; GUATARRI, 2001, p.11). Por supuesto que estamos de acuerdo con esta idea y nos interesa pensar especialmente al arte como productor de verdades. Las posibilidades de construcción del sentido en el arte son infinitas, ya que él tiene la alternativa de moverse por canales marginales a la realidad cotidiana, que se encuentra absolutamente sedimentada de significaciones. El arte puede introducir el caos para crear nuevos lenguajes, y producir nuevas ideas, nuevas interpretaciones y nuevas verdades. En el caso del teatro, esta tarea se puede llevar a cabo haciendo reflotar el cuerpo como un espacio de producción no subsumido a otra instancia extra corporal.

Consideramos que esta recuperación del cuerpo en el teatro está presente en el trabajo de muchos maestros teatrales del siglo XX. Antes que nada, aclaramos brevemente que no desconocemos la gran cantidad de rupturas producidas, también, en la dramaturgia durante el siglo XX; pero lo que nos interesa es el **hecho teatral** en sí mismo, esto es, la relación actor-espectador, no el dominio que hasta entonces existía del texto dramático por sobre ese hecho teatral. Esa primacía del texto se tornaba la creadora y rectora de toda la representación, la cual pretendía reproducir miméticamente el contenido de dicho texto. El trabajo de los maestros teatrales, tales como Stanislavski, Meyerhold, Grotowski, entre otros, pone el eje de la cuestión teatral en el actor y su trabajo, liberando al teatro de la subsunción a la literatura teatral, bajo la cual se encontraba reducido. Esto no significa que se elimine el texto como elemento de la puesta en escena, sino que se reflexiona sobre la verdadera esencia del teatro, puesta, ahora, en la figura del actor.

Aclarado este punto, nos resulta de particular interés la labor llevada a cabo por Jerzy Grotowski, quien es uno de los que con mayor lucidez y profundidad ha estudiado y reflexionado sobre la naturaleza del teatro y la

actuación, no desde una mera especulación teórica, sino desde la práctica teatral misma, desde la experimentación actoral, en lo que llamaba el laboratorio teatral. Lo que resaltaremos de Grotowski es el desprendimiento que realiza de la concepción vulgar del teatro que mencionamos al comenzar este escrito: el teatro no es una mera sumatoria o fusión no orgánica de distintos elementos o diversas artes o disciplinas. Por el contrario, el teatro puede prescindir absolutamente de todos esos elementos y seguir siendo un arte peculiar; esto significa que, sin escenografía, vestuario, maquillaje, luces e, incluso, texto, el teatro como arte podría subsistir sin ninguna dificultad. No obstante, el arte teatral desaparecería si la escena prescindiera del actor. En consecuencia, el núcleo final que da verdadera forma a este arte es el actor y su cuerpo, pues: “[...] el aspecto medular del arte teatral es la técnica escénica y personal del actor.” (GROTOWSKI, 2006, p.9). Así, el cuerpo del artista se vuelve todo su teatro.

De acuerdo con lo expuesto, nos interesa reflexionar en este escrito, a manera aproximativa y no exhaustiva, acerca del teatro experimental como una práctica de recuperación e irrupción del cuerpo, entendido como condición de posibilidad *sine qua non* de este tipo de arte. Para ello, emplearemos una metodología de hermenéutica crítica, dentro de la cual estableceremos un cruce de algunas categorías filosóficas que, creemos, pueden ser muy útiles para pensar esta relación. Estos conceptos son los de **performatividad** de Judith Butler y **ser singular plural** de Jean-Luc Nancy. Asimismo, aclaramos que nuestra reflexión sobre el cuerpo teatral está alineada con las filosofías de la diferencia, las cuales no desarrollaremos en este artículo, pero a partir de ellas hacemos eco en nuestras propias conceptualizaciones.

## **Performatividad del cuerpo teatral**

Judith Butler despliega una conceptualización interesante de la categoría de performatividad ligada a la noción de género. Afirma que lo performativo:

[...] debe entenderse, no como un “acto” singular y deliberado, sino, antes bien, como la práctica reiterativa y referencial mediante la cual el discurso produce los efectos que nombra. (BUTLER, 2002, p.18).

Lo que la filósofa intenta poner de manifiesto es que las prácticas cotidianas de los cuerpos son absolutamente reguladoras y normativas, al punto de ser las que materializan la diferencia sexual. Esta materialidad no es una

mera entidad que se encuentra **ahí** como una identidad fáctica, sino que se trata de una subjetivación sedimentada de significatividad en la que el cuerpo aparece como la materialización de diversas posibilidades. Ahora bien, al estar performativizado, las posibilidades del cuerpo se ven dominadas por cierto imperativo normalizador. En el caso de Butler, cuyo interés es la diferencia sexual, este es el imperativo heterosexual que se consolida como el punto referencial en la materialización de los cuerpos. Con respecto a esto, ella concluye que “[...] lo que constituye el carácter fijo del cuerpo, sus contornos, sus movimientos, será plenamente material, pero la materialidad deberá reconcebirse como el efecto del poder.” (BUTLER, 2002, p.18). Estas consideraciones son muy importantes porque Judith Butler está tratando de pensar el género más allá del concepto de construcción cultural, está excavando más profundo para mostrar que no hay meros cuerpos fácticos estáticos, sobre los cuales se imprima determinada normatividad, sino que los cuerpos son la materialidad normativa y discursiva misma.

Ahora bien, ¿por qué nos detenemos en estas conceptualizaciones que, aparentemente, nada tienen que ver con lo teatral? Sencillamente porque consideramos enteramente viable emplear estas categorías para pensar el cuerpo teatral. En efecto, afirmamos que dicho cuerpo se encuentra performativizado, que su materialización en la escena es, precisamente, la de una norma predominante que solidifica lo que debe ser un cuerpo y que, de esa manera, impide que el arte teatral produzca sentidos nuevos y originarios a través del vehículo del cuerpo del actor. Esa norma está encarnada por el discurso del texto que se pretende reproducir y por las técnicas específicas para llevarlo a cabo.

Recordamos, nuevamente, que lo nuclear del teatro es el actor. Pues bien, su cuerpo no es una especie de bloque de mármol sobre el cual se esculpe una forma a partir de una idea rectora. El cuerpo mismo es la materialización de ciertos imperativos normativos que regulan lo que la actuación del actor debe ser. Estas regulaciones están determinadas por la figura de la representación en tanto mimesis. Aclaremos un poco estas ideas. Si la producción teatral se encuentra abocada a la reproducción realista del mundo y a la reproducción naturalista de la psiquis humana, entonces dicha producción artística se limita a la reproductibilidad del sentido suscitado en las relaciones cotidianas del hombre y el mundo; en consecuencia, la creación misma se encuentra reducida a una suerte de imagen especular de la realidad. En consonancia con esto, el cuerpo adquiere la misma materialidad que las relaciones de poder le hicieron adquirir en el mundo y, al mismo tiempo, este cuerpo se encuentra inhibido en su potencia, es decir, en su fuerza creadora de significación. Tal cuerpo teatral es un cuerpo especular,

es decir, un cuerpo que refleja las mismas regulaciones de la realidad. Por ello, consideramos que el cuerpo mimético carece de corporalidad.

Teniendo en cuenta estas ideas, ¿cómo es posible pensar y producir un cuerpo teatral que supere esa performatividad inherente al teatro de representación mimética? ¿Puede el cuerpo del actor materializarse de otra forma que no sea la producida por la normatividad del mundo exterior y del discurso del texto dramático? Evidentemente, habría que pensar el teatro desde otra perspectiva, para poder dar respuesta a estos interrogantes. En el caso del teatro experimental, se produce una deconstrucción del cuerpo cotidiano en virtud de conseguir una corporalidad diferente, extra cotidiana. La propuesta de Grotowski se dirige a una nueva educación del actor, profunda, originaria y auténtica, a través de lo que él llama *vía negativa*. En efecto, el ejercicio actoral tiene como objetivo la descomposición y destrucción de las resistencias del cuerpo performativizado. Con respecto a esto, dice Grotowski:

Educar a un actor en nuestro teatro no significa enseñarle algo; tratamos de eliminar la resistencia que su organismo opone a los procesos psíquicos. El resultado es una liberación que se produce en el paso del impulso interior a la reacción externa, de tal modo que el impulso se convierte en reacción externa (GROTOWSKI, 2006, p.10-11).

La búsqueda del maestro, entonces, se encamina al dominio de una técnica que no es una receta preestablecida ni un conjunto de pasos a seguir en virtud de una teleología de la forma teatral, sino, más bien, es una técnica singular, experimental, que permita al cuerpo reconocerse como tal y liberar los impulsos dominados por la psiquis o por las convenciones. De esta manera, la mera ejercitación física se convierte en el eje de la labor actoral, proponiendo una serie de obstáculos físicos que obliguen al cuerpo a suspender las innumerables significaciones que lo atraviesan. En esta suerte de **epojé**, el cuerpo se espacia en tanto cuerpo, esto es, su forma se materializa de manera singular y peculiar, alejada de la conducta natural que tenía en tanto performativización de sí mismo. Como explica Judith Butler respecto de esta última categoría, “[...] la performatividad no es pues un “acto” singular, porque siempre es la reiteración de una norma o conjunto de normas y [...] oculta y disimula las convenciones de que es una repetición.” (BUTLER, 2002, p.34). Extrapolando esta idea a la corporalidad del actor, éste no puede ser ya la reproducción de las convenciones que forman su cuerpo, sino que tiene que asumir esa corporalidad en la construcción de un cuerpo originario.

## El cuerpo singular plural del actor

La materialización de un cuerpo originario propio del actor tiene lugar como acontecimiento que suprime la unicidad y multiplica la diferencia. Para fundamentar esto, emplearemos algunas categorías de Jean-Luc Nancy que resultan de particular utilidad para iluminar estas ideas.

En la conferencia titulada *Del alma*, Nancy (2003) introduce una distinción interesante entre cuerpo y masa, que permite discriminar lo abierto de lo cerrado. La masa es lo cerrado en sí mismo y lo completamente impenetrable, al modo de la sustancia aristotélica. Esta concepción es para Nancy insuficiente para pensar el cuerpo, ya que no revela lo que es y, en realidad, lo anula como tal. El cuerpo es apertura; por lo tanto, no es posible reducirlo a una identidad, a alguna especie de sustrato primigenio tal como, a grandes rasgos, Aristóteles entiende el *hypokéimenon*. Por ello, afirma que no puede haber una primacía ontológica del *cogito* como sustancia separada que no toca la extensión del cuerpo. En este sentido, explica:

Lo que no es cuerpo es la masa, o la sustancia en el sentido de masa, sin extensión, sin exposición, un punto. Y a eso se lo puede igualmente llamar el espíritu mismo, el espíritu pensado como la concentración en sí. (NANCY, 2003, p.87).

Nancy indica en este fragmento la clásica subsunción de lo corporal a lo espiritual, de lo extenso al *cogito*. Dicha subsunción impide la apertura del ser hacia lo otro distinto de sí, pues es una identidad entendida como mismidad, que no puede salir de sí. El autor se esfuerza en destacar esto para rescatar la multiplicidad propia del cuerpo, la multiplicidad de cuerpos, su materialidad o extensión. No hay una identidad unívoca, sino pura diferencia y apertura cuando se trata del cuerpo. La masa es esa concentración impenetrable que refiere el filósofo, pero el cuerpo necesita articularse consigo mismo, y para ello requiere la posibilidad de ponerse fuera de sí. De acuerdo con esto, lo corporal es en tanto que puede exponerse. Nancy, entonces, reconceptualiza la idea de alma. Para él, el alma es este fuera de sí, que permite que el cuerpo se articule, se exponga, se abra como cuerpo dejando de ser masa: “El alma es la diferencia del cuerpo consigo mismo, la relación exterior que un cuerpo es para sí mismo” (NANCY, 2003, p.90). Así, pues, el cuerpo puede exponerse como exterioridad irreductible a la unidad teleológica de un todo. El cuerpo es fragmentación, diferencia y alteridad. Por lo tanto, el alma es simplemente “[...] un nombre para la experiencia que el cuerpo es. [...]

¿Experiencia de qué? Experiencia de ‘sentirse’, de tocarse a sí mismo.” (NANCY, 2003, p.99).

Como consecuencia de lo expuesto, es necesario pensar el cuerpo como ser singular plural para devolverle la dignidad de la multiplicidad y la diferencia. En efecto, el cuerpo no puede reducirse a una mónada sin ventanas, sino que se fragmenta para poder tocarse a sí mismo desde fuera. En rigor, la extensión del cuerpo es un espaciamiento, un extenderse y exponerse **ahí**. Esa exposición es siempre singular, pero, al mismo tiempo, plural. No hay un cuerpo como universal, sino cuerpos, multiplicidad de ellos. Las singularidades están articuladas en tanto pluralidad. Por ello, Nancy dice que este singular plural forma: “[...] la constitución de esencia del ser: una constitución que deshace o que disloca, en consecuencia, toda esencia única y sustancial del ser mismo.” (NANCY, 2006, p.44). Los cuerpos son singularidades expuestas en el mundo, el cual no es algo distinto de ellos, sino una forma de densidad en el espaciamiento. En otras palabras, ese mundo de los cuerpos es el lugar propio del ser singular plural, donde acontece la extensión y la existencia. Así, Nancy agrega que “[...] el hombre es el exponente del mundo, no es su fin ni su fondo —el mundo es lo expuesto del hombre, no es ni su medio ni su representación.” (NANCY, 2006, p.34). De esta forma, la categoría de lugar es elevada al nivel de una importancia ineludible: es la propiedad del cuerpo.

Ahora bien, esta concepción del cuerpo es fundamental para pensar la corporalidad del actor como sitio donde acontece el teatro. En primera instancia, hay que referir que el cuerpo del actor no preexiste a la materialización de la escena teatral; es decir, que el actor no se sube al escenario con un cuerpo ya formado sobre el cual se imprimirán una serie de acciones que terminen conformando la representación. Esto es primordial para poder superar la performativización del cuerpo teatral. Por el contrario, el cuerpo del actor se funda en el acontecimiento de la escena, esto es, tiene su origen **cada vez**, se refunda cada vez como multiplicidad que materializa una escena. Dicha materialización es absolutamente fragmentaria, es diferencia que no se puede unificar en la estructura de algo inmutable. Justamente por ello, una escena semejante es abierta, pues el cuerpo que la constituye es apertura, es línea de fuga hacia la diversidad misma. Un cuerpo de esta envergadura es enteramente creativo, porque le da efectividad a una corporalidad nueva y extra cotidiana. El cuerpo singular plural del actor se compone y descompone constantemente dando lugar a un nuevo origen de sí, también constante y múltiple; este origen de sí no es más que la creación de existencia inherente a la materialización del cuerpo del teatro, en cada ejercicio de espaciamiento que define la escena. El arte teatral, en definitiva,

es la creación de una corporalidad peculiar, que aniquila cualquier identificación mimética con el mundo prefigurado hegemónicamente, y que produce una multiplicación de la diferencia permitiendo la apertura hacia formas auténticas e innovadoras.

Por otra parte, en el caso del cuerpo del actor, es por demás evidente que la superación de la mimesis y la recuperación originaria de la corporalidad teatral acontece en la apropiación de la pluralidad del cuerpo mismo. La producción de fracturas y quiebres, que permiten que se cuelen elementos inusitados, es el principio (no fundante) de la materialización del cuerpo actoral. Aclaramos que esta materialización no tiene un fundamento primordial, al modo de fundamento último, sino que es la materialización fragmentaria misma la que es el origen del cuerpo **cada vez**. Podríamos decir que el cuerpo, en esta producción artística, es rizomático en el más pleno sentido deleuziano; es una ramificación sin principio, compuesta de conexiones incesantes. Por lo tanto, el sentido que produce el cuerpo teatral no es *a priori* ni unívoco, sino que es la producción misma de multiplicidad, la multiplicación de la pluralidad material. Como dice Nancy:

[...] el cuerpo del sentido no es para nada la encarnación de la idealidad del 'sentido': al contrario, es el fin de esta idealidad, el fin del sentido, por consiguiente, en cuanto que cesa de remitir-se y de referir-se a sí. (NANCY, 2003, p.22).

Es necesario, por ello, suspender el sentido o la pretensión de universalizar las producciones significativas que emanan de la labor del arte del actor. Así como Nancy explica que el cuerpo es exposición, el cuerpo teatral es exposición de una multiplicidad fragmentaria que comunica la fragmentación del sentido al espectador. Éste último es el elemento que consume el hecho teatral; pero al presentársele una escena fruto de una materialización de lo diferente, este espectador es tocado de manera originaria por lo teatral y, en consecuencia, se vuelve partícipe de la arquitectura del sentido nacida de la escena. En efecto, el actor no entrega al espectador una suerte de mensaje que él debe decodificar o incorporar pasivamente, sino que ambos coparticipan en la producción del sentido de lo que se manifiesta en el escenario.

No obstante, aquí se presenta una interesante paradoja: esta coparticipación del sentido, no es el compartir una significación común entre el actor y el espectador. En realidad, lo que se coparticipa es la arquitectura de tal sentido, pero el espaciamiento de los cuerpos es singular y diferenciado, por lo cual, cada cuerpo está participando conjuntamente en la construcción

de un sentido, que es inaprehensible para ambos en tanto amalgama de los significados. Lo que se imprime en cada cuerpo es, precisamente, la diferencia; cada cual asume las significaciones plurales producidas en el hecho teatral y las inscribe de manera singular. Tocar el sentido es tocar la ausencia de un único sentido. Nancy muestra que el ser-con no es un ser en común:

*Con* es la participación del espacio-tiempo, es lo al-mismo-tiempo-en-el-mismo-lugar en tanto que él mismo, en sí mismo, distanciado. [...]

*Con* no indica tanto la participación de una situación común como la yuxtaposición de puras exterioridades. (NANCY, 2006, p.51).

En consecuencia, este efecto del *con* mantiene las multiplicidades y el teatro, así, produce un pensamiento que pesa en cada una de ellas. El arte teatral que estamos entendiendo se inscribe en cada cuerpo como el peso de un pensamiento singular: “Un pensamiento no dice *hoc est*, sino que un pensamiento es *hoc est*, posición sin presuposición, exposición.” (NANCY, 2003, p.78). El cuerpo se expone y el pensamiento no es un saber sobre éste, ni la presentación de un saber acabado, sino que es cada cuerpo, en tanto experiencia y peso singular. Por lo tanto, el teatro permite la emergencia de pensamientos, de conexiones de sentido diversas. El cuerpo del actor está atravesado por gran cantidad de inscripciones, que son las que constituyen, en última instancia, su arte. El texto es una de esas tantas inscripciones, que se encuentra a la par de las técnicas vocales, físicas, gestuales, de la mirada. Todas ellas se elaboran como disociaciones, como trabajos particulares que luego se articulan como yuxtaposiciones. Por ello, el actor no representa un texto ni imita una psicología predeterminada del personaje; por el contrario, el texto se hace cuerpo-texto, se superpone al trabajo corporal y se incorpora orgánicamente a él. De esta manera, el espectador se topa con una actuación construida desde la fragmentación, y la escena es la fragmentación misma que materializa un cuerpo nuevo. Así, lo que el espectador interpreta es lo que él reconstruye, y la interpretación del actor se da en ese mismo hecho teatral; es decir, que la interpretación del actor no es algo *a priori*, sino el *a posteriori* del acontecimiento teatral. Es la incorporación misma de la experiencia de la representación (no mimética, por supuesto) ante un espectador, y no la independencia de tal experiencia. El sentido, de esta manera, surge en esa coparticipación de un espectador emancipado de la pasividad de interpretar lo dado unilateralmente y un actor que ha creado un cuerpo superador de la performativización. Ese sentido se distribuye como producción singular plural de los cuerpos, espaciados en la escena y la platea y, finalmente, le devuelve al arte teatral

toda su potencia creadora, liberadora y originadora, que hace que sea arte en su plena dignidad.

## Conclusión

Las reflexiones que hemos llevado a cabo, nos han mostrado que no es lícito tomarse a la ligera el lugar que ocupa el cuerpo en el arte teatral, pues darlo simplemente por supuesto, sin desentrañar las dificultades que están contenidas en la construcción de la corporalidad teatral, puede llevar a un descuido que culmine en la anulación de la auténtica corporalidad en el teatro y, por consiguiente, volver estéril la potencia creadora de este arte. Por lo tanto, es menester repensar el cuerpo para refundarlo. Ahora bien, la refundación del cuerpo en el teatro no significa encontrar un principio unificador del mismo, sino simplemente volver a pensarlo como el elemento esencial del arte teatral que despliega la diferencia misma y la imposibilidad de unificación.

De acuerdo con este objetivo, podemos concluir en la necesidad de la experimentación como experiencia auténtica de la corporalidad en el teatro. Vimos que la propuesta teatral de Grotowski, uno de los más importantes maestros del siglo XX, que se preocupó por reflexionar acerca de la práctica teatral en sí misma y la formación del actor, desemboca en la apertura de muchísimas posibilidades para este arte. No es lícito ya considerar el teatro como una mera síntesis de diversas artes, lo cual no quiere decir en absoluto que otras disciplinas no participen o puedan participar en él; pero lo que hace de este arte un arte peculiar, es el cuerpo del actor. Grotowski deja bien en claro que, haciendo una supresión de aquellos elementos de los cuales podría prescindir el teatro y seguir subsistiendo como tal, arribamos a uno irreductible: el actor. Sin éste último, este arte sería imposible. Por lo tanto, el maestro polaco concluye en el concepto de “teatro pobre”, esto es, un teatro que no requiere de artilugios técnicos ni escénicos ajenos al cuerpo del actor. Este teatro es rico, pues multiplica las experiencias al liberar la corporalidad de la subsunción a otros elementos. El espacio en el que teatro experimenta todas sus posibilidades es el laboratorio, donde el actor, en conjunto con el director, exploran e investigan los alcances del cuerpo; y esto tiene su corolario en el hecho teatral, es decir, en la exposición del trabajo actoral frente a un espectador. Este acontecimiento es el que produce el sentido como experiencia.

Asimismo, consideramos que el teatro experimental es necesario en tanto instancia que permite superar la representación mimética. En este sentido, pensamos que la actuación realista clausura el cuerpo, pues repro-

duce los caracteres psicológicos del personaje, como una imitación de lo que en el mundo cotidiano se manifiesta en forma de emociones, comportamientos, etc. Esta conclusión se apoya en el análisis de la categoría de performatividad de Judith Butler. Consideramos que la actuación realista está performativizada, pues reproduce en la escena la norma externa que regula los cuerpos. El teatro experimental, en cambio, indaga la actuación a partir del cuerpo mismo, deconstruyendo su forma cotidiana y explorando las posibilidades de materializar una nueva corporalidad, a través de la superposición de ejercicios, elaborados disociadamente, con cada uno de los elementos corporales, como la voz, la mirada, el rostro, las extremidades, etc. Creemos que el cuerpo que se materializa con esta forma supera la performativización y la reproducción mimética.

Por otro lado, llegamos a la conclusión de la multiplicidad que suscita la corporalidad teatral, a través del análisis del cuerpo que aporta Jean-Luc Nancy. Hemos visto que el cuerpo del actor es singular plural, y que la materialidad que nace sobre el escenario multiplica las diferencias. Esto es fundamental para entender la potencia creadora del teatro. Cuando el actor compone y descompone su cuerpo, está materializando una escena de la diferencia, lo cual se traduce en una suerte de producto artístico absolutamente fragmentario. El espectador se hace copartícipe de la arquitectura del sentido de la escena, pues debe involucrar su propia subjetividad para reconstruir por sí mismo lo que está viendo. Por lo tanto, las significaciones en el teatro son siempre una experiencia singular de los cuerpos que se involucran para tocar un nuevo pensamiento. El hecho teatral es el productor *a posteriori* de verdades, que son, en definitiva, experiencias corporales. El actor no interpreta nada *a priori*, sino que lo que puede interpretar es la carga de experiencia que supone la escenificación de su cuerpo. El pensamiento que se suscita en un escenario, no es de ninguna manera una representación intelectual. Es, más bien, el peso de los cuerpos que se espacian. Tanto el actor como el espectador (componentes del hecho teatral), se espacian en el escenario y platea, dando lugar al surgimiento del sentido como coparticipación singular plural. Ese sentido se inscribe en cada cuerpo y, por eso, decimos que el pensamiento que nace del arte teatral es el peso corporal que adquiere como inscripción originaria en cada una de estas singularidades exteriores. Así, pues, la escena misma es plural y su sentido es múltiple, nacido de la fragmentación misma que se expone y extiende sobre el escenario.

Finalmente, tenemos conciencia de que se abren muchos interrogantes a partir de estas reflexiones. ¿Cómo juega, por ejemplo, la performativización del cuerpo del espectador en el hecho teatral? ¿Cómo reconstruye

éste su corporalidad ante una obra de arte teatral? ¿Qué rol desempeñan las resistencias grabadas a fuego en el cuerpo de cada uno? Por otro lado, dado que el trabajo actoral es de una construcción minuciosa, no está sujeto a lo azaroso de la improvisación, en el sentido de que ésta sea el régimen que determine la escena. Pero entonces, ¿cómo entender la técnica de la improvisación más allá de los lugares comunes en los que se la tiene? ¿Puede haber una improvisación liberada de las regulaciones corporales? Y teniendo en cuenta el trabajo milimétrico del cuerpo en el laboratorio teatral, ¿cómo podemos pensar la repetición en el teatro? ¿Cómo retorna la diferencia en esa repetición? ¿Es tan sencillo superar la identidad o permanece de manera fantasmática circundando el cuerpo del actor? Asimismo, si este tipo de teatro recupera la corporalidad y nos independiza de ciertas condiciones totalizantes, representativas y reproductivas, ¿es posible pensar una función social del arte teatral que no devenga en una instrumentalización del teatro? ¿Cómo se puede pensar tal empresa? ¿Cuál es el límite revolucionario del teatro? En fin, esta conclusión se vuelve una simple inconclusión, que expone la necesidad de seguir pensando en la complejidad del arte teatral a partir de su corporalidad. Queda abierta la inquietud filosófica para futuros desarrollos.

## REFERENCIAS

BUTLER, J. **Cuerpos que importan**: sobre los límites materiales y discursivos del sexo. Buenos Aires: Paidós, 2002.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **¿Qué es la filosofía?**. Barcelona: Anagrama, 2001.

GROTOWSKI, J. **Hacia un teatro pobre**. México: Siglo XXI, 2006.

NANCY, J. L. **Ser singular plural**. Madrid: Arena Libros, 2006.

NANCY, J. L. **Corpus**. Madrid: Arena Libros, 2003.

## Sobre os autores e organizadores

**Ana Lúcia de Castro:** Doutora em Ciências Sociais (IFCH/UNICAMP). Realizou estágio pós-doutoral na Nottingham Trent University. É professora do Departamento de Antropologia, Política e Filosofia da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp, campus Araraquara. Tem experiência na área de Antropologia, com ênfase em Antropologia Urbana, atuando principalmente nos seguintes temas: consumo, mídia, corpo e sociedade, processos de subjetivação, identidades e sociabilidade urbana. Publicou, dentre outros, *Culto ao corpo e sociedade: mídia, estilos de vida e cultura de consumo*, em co-edição AnnaBlume e FAPESP. É co-coordenadora do GEPAC – Grupo de Estudos em Antropologia contemporânea, credenciado no diretório de grupos de pesquisa do CNPQ. E-mail: castroanalucia75@gmail.com

**Beatriz Sumaya Malavasi Haddad:** Historiadora, é doutoranda no Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara/UNESP e mestra pelo mesmo Programa. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Antropologia Contemporânea (GEPAC/UNESP). Docente no Centro Paula Souza, com experiência nos componentes de história, sociologia, história da moda e indumentária. Possui como principais temas de estudo: Moda, Consumo, Estilos de vida, Subjetividade e Identidade. E-mail: biasumaya@yahoo.com.br

**Silvia Alejandra Tapia:** doctoranda de la Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Buenos Aires (UBA). Ha obtenido los títulos de Licenciada en Sociología y Magíster en Políticas Sociales en dicha casa de estudios. Becaria doctoral del Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET) con sede en el Instituto de Investigaciones Gino Germani, UBA. Docente

en seminario de la orientación salud de la Carrera de Sociología, UBA. Realiza tareas de investigación en torno a las temáticas de juventudes, movilidades, cuerpos, emociones y subjetividades. E-mail: silviaatap@hotmail.com

**Lucrecia Raquel Greco:** doctora, licenciada y profesora en ciencias antropológicas por la Universidad de Buenos Aires. A lo largo de su carrera ha trabajado en el área de antropología del cuerpo, enfocándose en las técnicas corporales en proyectos sociales en Brasil y Argentina, principalmente en técnicas de raíz afrobrasileña (capoeira y jongo) aunque también ha incluido otras técnicas indígenas, “criollas” y de la danza experimental. Ha trabajado temas de raza, clase, nación y género en sus interfases con la corporalidad y la política. Actualmente es becaria posdoctoral estudiando la implementación de proyectos culturales entre pueblos indígenas del noreste argentino. Ha trabajado en el área de patrimonio inmaterial en la amazonia brasileña. Frecuentemente se ha comprometido en investigaciones comprometidas, recurriendo también a la experimentación con técnicas corporales. Es autora de varios artículos sobre los temas arriba mencionados y ha dirigido y dirige tesis relacionadas. E-mail: lucregre@yahoo.com.ar

**Felipe Moreira:** doutorando em antropologia social pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Tem trabalhado com questões de gênero, sexualidade e corporalidades não-hegemônicas (disability studies). Pesquisador do Núcleo de Estudos de Corpo e Gênero (NeCGen – UFF) e atualmente desenvolvendo sua pesquisa sobre cegueira e interseccionalidade. E-mail: pileef@gmail.com

**Beatriz Patriota Pereira:** Socióloga, antropóloga e doutoranda em Sociologia na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Obteve os títulos de bacharel em Sociologia e Antropologia e de mestre em Sociologia na universidade citada. Atua nas áreas de Sociologia do Corpo, das Diferenças e da Arte. Manteve como tema de pesquisa central a tatuagem e suas diversas dimensões. Desenvolve, atualmente, uma investigação que questiona o processo de artificação da tatuagem.

No Mestrado, pesquisou a dimensão identitária da marca corporal.  
E-mail: bia.patriota@hotmail.com

**Nicolás Perrone:** es Profesor de Filosofía por la Universidad Nacional de Cuyo (UNCuyo). Se desempeña en docencia en niveles medio y superior, en las cátedras de Introducción a la Filosofía e Historia de la Cultura en la Universidad de Congreso (UC). Desarrolla actividades de investigación sobre temas de Filosofía Contemporánea, Estética y Filosofía del teatro, y es autor de artículos y capítulos referidos a esas áreas. Participa como actor de la Compañía de Teatro Experimental Los Toritos (Mendoza), con la cual realiza laboratorios de investigación teatral, y ha desarrollado actividades artísticas de extensión y gestión de espacios culturales independientes. Ha puesto en escena numerosas obras de teatro, colaborado en producciones audiovisuales, en performances y recibido distinciones grupales e individuales. E-mail: luisnicolasperrone@gmail.com

**Nancy Schmitt:** Socióloga orientada en Sociología Económica, egresada de la Universidad de Buenos Aires, Magíster en Metodología de la Investigación especializada en Análisis de Discurso aplicado a los discursos de los medios de comunicación. Actualmente se desempeña como docente e investigadora de la Universidad Nacional de Lanús y como tutora de tesis de Maestría de Políticas Públicas y Gobierno. Ha actuado como asesora y coordinadora de proyectos de investigación vinculados a la Democracia y la Desigualdad así como de proyectos asociados al Ministerio de Seguridad a fin de analizar las Políticas de Seguridad desde 1880 hasta la actualidad. Co-directora y actualmente directora de proyectos de investigación vinculados a la gubernamentalidad, la biopolítica neoliberal y la construcción de subjetividad; así como al rol de los medios de comunicación en tanto actores políticos que persiguen la construcción de una hegemonía vinculada a las elites dominantes.

**Augusto Ferreira Dantas Júnior:** Psicólogo, Mestre em antropologia pela Universidade Federal do Piauí, com pesquisa desenvolvida sobre moda e subjetividades. Atua como Técnico do Serviço Social

na Prefeitura Municipal de Teresina (Centro de Referência em Assistência Social). Docente da disciplina Psicologia Organizacional I e supervisor de estágio em Psicologia comunitária, na FAESPI. Possui como principais temas de estudo: Moda, Psicologia, História e Cultura, sobre os quais ministra cursos e palestras. E-mail: meaugustodantasjr@gmail.com

**Mário Pereira Borba:** Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense (PPGA/UFF). Mestre em Psicologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGPSI/UFRGS), tendo defendido a dissertação intitulada Superfícies subjetivas: proposições do corpo para consumos no discurso publicitário. Atualmente pesquisa nas áreas de Antropologia da Saúde e Antropologia das Drogas. Tem experiência nos seguintes temas: corpo, subjetividade, consumo e poder. E-mail: borba.mp@gmail.com

**Ana Laura Reches** es doctoranda en Ciencias Antropológicas y Licenciada en Historia, ambas por la FFyH de la UNC. Actualmente integra la cátedra Teoría Antropológica III (Departamento de Antropología, FFyH, UNC). Su trayecto doctoral se encuentra avalado por una beca del CONICET, con espacio de trabajo en el Centro de Investigaciones de la FFyH (CIFyH, UNC). Sus intereses de investigación giran en torno a prácticas de (homo)sociabilidad en espacios mercantilizados desde la década de 1970 en la ciudad de Córdoba, siendo autora de artículos académicos que problematizan estas cuestiones. E-mail: laureches@hotmail.com

**Jimena Inés Garrido,** egresada como Profesora en Historia en la Universidad Nacional de Córdoba (UNC), ejerce como docente en la ESCMB en dicha universidad, donde está a cargo de los Talleres en Ciencias Sociales, en Antropología y de Historia de la Cultura Argentina. Actualmente lleva adelante un proyecto doctoral en Ciencias Antropológicas, también en la UNC, el cual contó con beca de CONICET. En su proyecto analiza Temporadas Teatrales

en los veranos de Villa Carlos Paz, Argentina. Sus indagaciones ponen en diálogo problemáticas abiertas desde los Estudios de la Performance y Antropologías de los Cuerpos con el propósito de desmontar ficciones crónicas. Forma parte desde el 2005 del equipo de Investigación en Subjetividades Contemporáneas del Ciffyh-UNC. Sus pesquisas académicas se combinan con exploraciones en el campo del arte. Como performer participó en festivales internacionales. Además trabaja como leedora, ecoterrorista y agitadora cultural. E-mail: jimegarrido@hotmail.com

**Juliana Loureiro:** doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. É bacharela em Comunicação Social – Jornalismo e mestra em Antropologia Social pela mesma universidade. Integrante do Núcleo de Pesquisa em Antropologia do Corpo e da Saúde e do Grupo de Pesquisa “Ciências na vida: produção de conhecimento e articulações heterogêneas” (PPGAS/UFRGS). Atua nas interfaces das antropologias do corpo e da saúde, da ciência e das relações de gênero e sexualidade, com ênfase em temáticas como corpo, subjetividade e diferença. E-mail: jloureiro23@gmail.com

**María Inés Landa:** Profesora Universitaria en Educación Física por la Universidad Nacional de La Plata. Máster en Literatura Comparada y Estudios Culturales y Doctora en Teoría de la Literatura y Literatura Comparada, ambos títulos otorgados por la Universidad Autónoma de Barcelona. Actualmente es Investigadora en el Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET) con lugar de trabajo en el Centro de Estudios e Investigaciones en Cultura y Sociedad (CIECS-CONICET y UNC). Investiga prácticas, performances y artefactos culturales en los que el cuerpo es objeto de gestiones, negociaciones y apropiaciones diversas. Algunos de sus últimos escritos son: “Fitness-management: el conflictivo devenir de una cultura empresarial” (2016) en Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE) y “La sonrisa del éxito: figuraciones de una subjetividad exigida” (2014) en Arxius de Ciències Socials. Además es docente de cursos de posgrado y en seminarios de

grado en la Universidad Nacional de Córdoba sobre biopolítica, gubernamentalidad, dispositivos de gestión corporal, prácticas corporales y procesos de subjetivación en la cultura contemporánea. Y coordina grupos de investigación sobre temáticas vinculadas a los estudios culturales sobre/del cuerpo en la Universidad Nacional de Córdoba. E-mail: landa.mi@gmail.com

**Maria Carolina Escudero:** Licenciada en Sociología, Magíster en Educación Corporal y doctoranda en Ciencias Sociales, se dedica a la docencia e investigación en áreas vinculadas a la educación del cuerpo en general, articulando esta problemática a la formación de subjetividad en las sociedades contemporáneas. De manera específica trabaja sobre la enseñanza de la danza como herramienta para la educación del cuerpo. Participa de manera regular en encuentros, jornadas y congresos vinculados a estas temáticas y ha publicado diversos artículos y capítulos de libro difundiendo los resultados alcanzados en su trabajo. Se forma en danza contemporánea y en improvisación de manera regular e independiente desde el año 2000. E-mail: carolinaescu@yahoo.com.ar

**Carolina Castelliti** – Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro e mestre pela mesma Universidade. Publicou, dentre outros, “Una ‘individualidad forzada’: experiencias conyugales de mujeres separadas con hijos”, na Revista Cadernos de Campo. Seus temas de interesse giram em torno das questões de gênero, corporalidades e poder. E-mail: carocastellitti@yahoo.com.ar

**Daniela Yutzis:** Egresada de la Maestría en Educación Corporal de La Plata y cursa el Doctorado en Ciencias Sociales en la U.B.A. Trabaja en educación del movimiento desde hace veinte años. Su tesis de Maestría se centra en el estudio del cuerpo en el siglo XVIII en particular en relación al inicio de la ortopedia infantil. Su tesis doctoral también se centra en el cuerpo en el siglo XVIII pero en relación al judaísmo, en particular al movimiento jasídico. Participa de Centro de Investigación Cuerpo Educación y Sociedad y en el grupo de lectura

de Walter Benjamin de la cátedra de Filosofía Contemporánea. Es docente en la U.N.L.P. Participa regularmente en congresos, jornadas y publicación de artículos. E-mail: [danielayutzis@gmail.com](mailto:danielayutzis@gmail.com)



## SOBRE O VOLUME

Série Temas em Sociologia nº 10

Formato: 14 x 21 cm

Mancha: 10,4 x 17,4 cm

Tipologia: Garamond 10/12 pt

Papel do miolo: Polen bold 90 g/m<sup>2</sup>

Papel da capa: Cartão supremo 250 g/m<sup>2</sup>

Primeira edição: 2017

Para adquirir esta obra:

STAEPE – Seção Técnica de Apoio ao Ensino, Pesquisa e Extensão  
Laboratório Editorial  
Rodovia Araraquara-Jaú, km 01  
14800-901 – Araraquara  
Fone: (16) 3334-6275 ou 3334-6234  
E-mail: [laboratorioeditorial@fclar.unesp.br](mailto:laboratorioeditorial@fclar.unesp.br)  
Site: <http://www.fclar.unesp.br/laboratorioeditorial>

